

Como nos enraizar no cuidado e dançar



a revolução?

Liderado por:



Começo, fio, início do caminho

Tatiana Margarita Cordero Velásquez (descanse em paz) B'atz': Nahual de seu nascimento.
Calendário Maya Cholq'ij

Coordenação global

Lau Mar Carvajal Echeverry
Lucía Nader

Apoio à coordenação global

Tania Correa Bohórquez

Equipe de Coordenação Regional - Fundos de Ação Urgente

Tatiana Cordero (descanse em paz), Lau Mar Carvajal, Luz Stella Ospina, Sara Munárriz-Awad - Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe de língua espanhola. Jebli Shrestha- Urgent Action Fund- Asia & The Pacific. Masa Amir y Jean Kemitare- Urgent Action Fund- África. Raisa Borshchigova y Shalini Eddens- Urgent Action Fund for Women's Human Rights

Pesquisadoras regionais

Lucía Nader e Tania Correa Bohórquez - Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe de língua espanhola. Jebli Shrestha- Urgent Action Fund- Asia and the Pacific. Codou Bop, Nancy Raouf, Rudo Chigudu- Urgent Action Fund - Africa Adela Nieves, Eden Wondmeneh, Gistam Sakaeva, Maya El Helou, Raísa Borshchigova - Urgent Action Fund for Women's Human Rights.

Codificação global de entrevistas

Lucia Nader, Tania Correa Bohórquez, Nancy Raouf, Laura Chaustre

Redação

Lucía Nader, Tania Correa Bohórquez, Tatiana Cordero (descanse em paz), Lau Mar Carvajal Echeverry, Luz Stella Ospina Murillo, Sara Munárriz-Awad, Daniela Rosero Contreras, Jebli Shrestha, Masa Amir, Raisa Borshchigova

Edição

Tatiana Cordero (descanse em paz), Lau Mar Carvajal Echeverry, Luz Stella Ospina Murillo, Sara Munárriz-Awad, Cristina Mancero, Jebli Shrestha, Masa Amir, Raisa Borshchigova

Revisão em espanhol

Cristina Mancero

Tradução para português

Tlatolli Ollin, Words in Movement, Translation and Interpretation Services - Gabriel Bennemann
Revisão em português
Alice Fonseca Nunes e Sarah Reimann, Urgas Tradutoras

Coordenação editorial

Alejandra Henríquez Cuervo, Anaiz Zamora Márquez - Área de Comunicações Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe de língua espanhola

Design e layout

Fósforo fsfr.mx

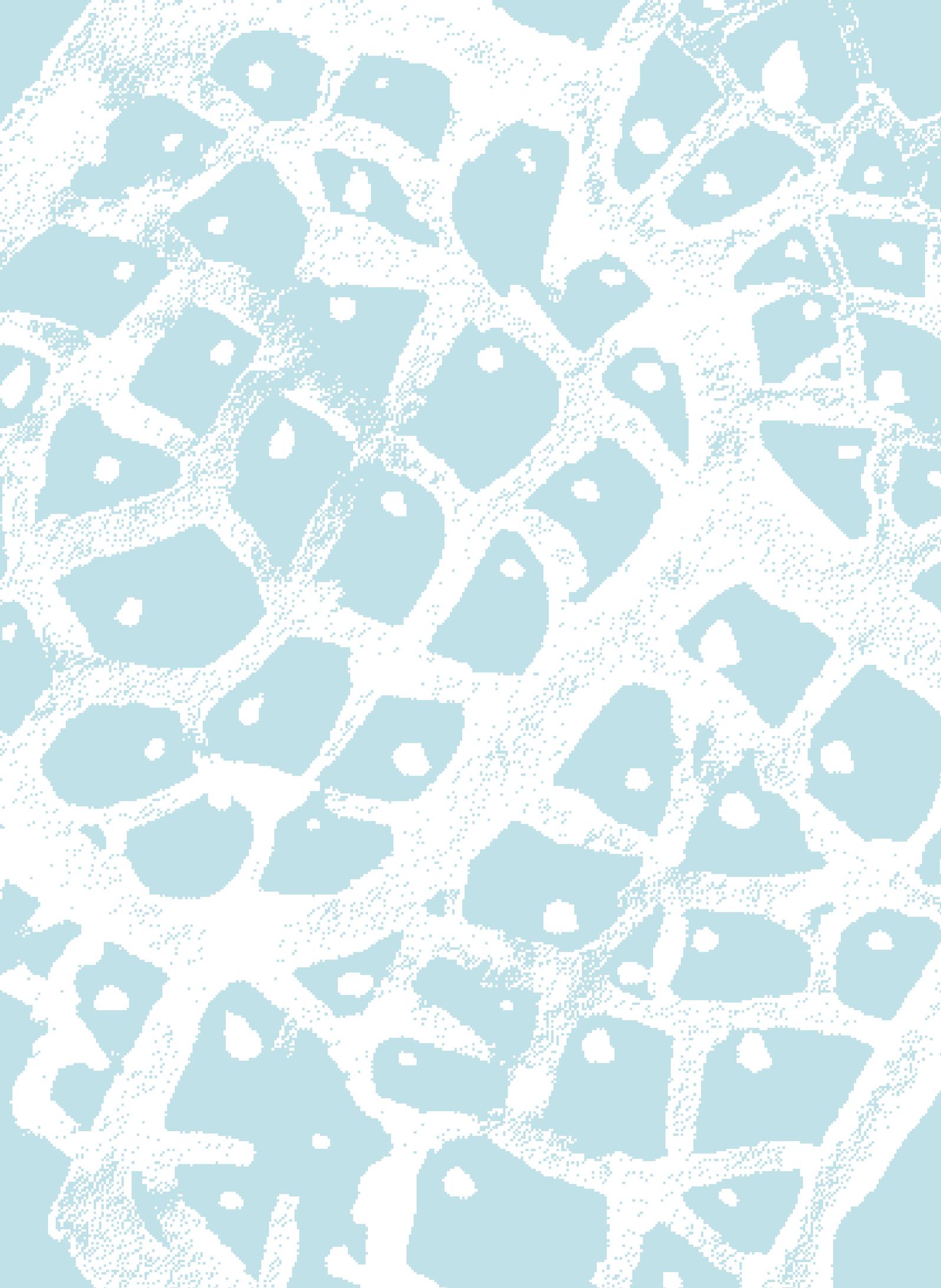
Ilustrações

Citlalli Dunne - Fósforo fsfr.mx

Impressões

Green Print. Imprenta Ecológica- México

País e data: Colômbia, 2021





Dedicamos esta publicação à memória de Tatiana Margarita Cordero Velásquez (descanse em paz), Diretora Executiva do Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe - FAU-AL, no período de maio de 2013 a abril de 2021.

Ela foi a semente, inspiração, início e principal guia desta pesquisa.

Tatiana veio ao FAU-AL seduzida pelo **chamado da concha**¹ para o Ativismo Sustentável, e durante esses anos, ela foi a chama que manteve o fogo aceso e alimentou as raízes do Fundo.

Em cada espaço que habitou, ela fez do cuidado uma ação diária, uma forma de entender e estar no mundo, um compromisso político, tanto para a proteção da vida digna, da natureza e dos territórios, quanto para a equipe de trabalho do FAU-AL e do Consórcio de Fundos de Ação Urgente.

Ela sempre nos convidou a ter calma diante da urgência, a nos olharmos nos olhos, a falar as palavras certas, a nos transformarmos, a reconhecer nossa própria vulnerabilidade e a nos ouvirmos ativamente para nos abraçarmos de forma compassiva. Ela nos chamou a acender nosso fogo interior e a reunir nossos poderes.

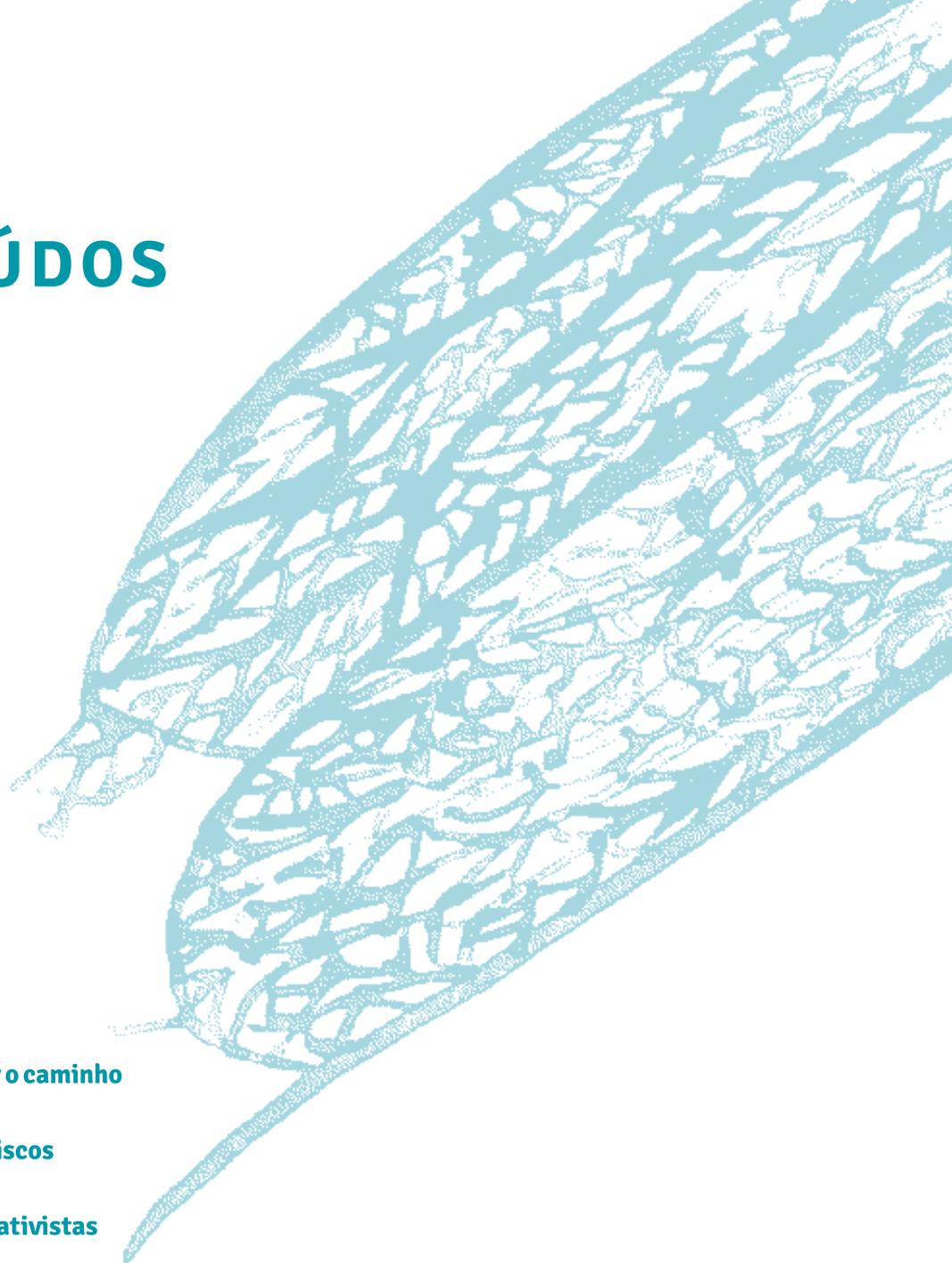
A ela oferecemos este **presente**, o que somos hoje depois de sua partida.

Tati: você continuará sendo uma inspiração para ativistas, organizações, pessoas e comunidades com as quais você compartilhou sua vida, emoções e palavras. Nós lhe dizemos obrigada! Três vezes obrigada! Com a certeza de que você ilumina nas estrelas esta utopia coletiva para uma **sociedade do cuidado**.

¹ *Sonidos de Caracola* é o nome da convocatória que o FAU-AL, desde 2012, tem feito para alcançar os corações de defensoras e pessoas ativistas da América Latina para contribuir para um ativismo mais sustentável.

TABELA DE CONTEÚDOS

11	Carta para quem lê
12	Agradecimentos
20	1. Homenagear o caminho
38	2. Assumir os riscos
70	3. Conhecer es ativistas
96	4. Conversar
128	5. Compartilhar práticas
156	6. Transformar juntas o financiamento
184	7. Enraizar o ativismo futuro
194	8. Perspectivas, trajetórias e práticas de cuidado do Consórcio de Fundos de Ação Urgente
214	9. Visões de contextos regionais do Consórcio de Fundos de Ação Urgente



¡Hola!

Olá

ПРИВЕТ

Hi!

नमस्ते

Bula!

مرحبا

Bonjour

안녕하세요

你好



Como você está?

Como está se sentindo hoje?



**Você veio aqui procurando a resposta
para a pergunta no título?**

Surpresa!

Não há uma resposta única. Há muitas respostas e ainda mais perguntas que gostaríamos de provocar. Algumas delas são novas, algumas sempre estiveram lá, outras talvez você já tenha se perguntado, outras talvez você tenha deixado de lado ou não tenha tido tempo de descobrir. E essa é exatamente a nossa intenção com este livro: abrir mais conversas. Este **“como?”** oferece uma constelação de histórias, vozes e experiências diversas de ativistas em torno dos cuidados e da proteção.

Em 2017, empreendemos **no Sul** este processo de pesquisa coletiva, atravessado por uma pandemia, um percurso que nos levou a aprofundar nossa compreensão do cuidado como um ato político para nossa vida e para a vida com outras pessoas, seres e espécies.

Não somos as mesmas pessoas e esse tempo nos permitiu abordar de forma mais consciente a incerteza, o significado da vida e da morte. Ao mesmo tempo, foi uma oportunidade para aprender sobre a imensa capacidade criativa e transformadora que existe dentro de cada pessoa, dos coletivos, comunidades, organizações, famílias (escolhidas ou não), dentro das redes de apoio.

Esta experiência de pesquisa coletiva foi tecida entre as equipes dos quatro Fundos de Ação Urgente, sediados na América Latina e Caribe, Ásia e Pacífico, África e América do Norte, uma equipe diversificada de pesquisadoras e coordenadoras, ativistas não binárias e trans, mulheres defensoras e um Grupo Consultivo.² Foi uma jornada enriquecedora, árdua e gratificante.

Esperamos que as histórias e experiências compiladas aqui inspirem você e os processos dos quais você faz parte para continuar construindo juntas um mundo que **coloque o cuidado no foco**.

E para você, o que significa se enraizar no cuidado?

² Este grupo foi constituído por ativistas, acompanhantes, curadoras e pessoas que apoiaram mulheres defensoras, pessoas trans e não binárias em seus caminhos de cuidado, proteção e sanção com diversas práticas, conhecimentos e origens.

AGRADECIMENTOS

Há inúmeras palavras e expressões em todo o mundo para agradecer. Sem tentar coletá-las todas, gostaríamos de deixar aqui nossos sinceros agradecimentos: **obrigada**, thank you, 谢谢 (xiè xiè), धन्यवाद (dhanyavaad), grazie, merci, شُكراً (šukran), Спасибо (spasibo), gracias, थाशुक्यु (thänk ju), danke, ありがとう (Arigatou), 고맙습니다 (Go-map-seum-ni-da), dankie, благодаря (blagodaria), ευχαριστώ (ef-hah-rees-TOH), mahalo (ma-HA-lo), teşekkür ederim (teh shek uer eh der eem), kop khun, ngiyabonga.

insira aqui a palavra ou expressão de sua língua materna.

A gratidão é uma linguagem do coração, uma possibilidade de comemorar a viagem. Portanto, começamos homenageando esta jornada juntas, agradecendo a todas as pessoas que contribuíram de tantas maneiras para tornar esta publicação uma realidade.

Agradecemos às Diretoras e Codiretoras dos Fundos de Ação Urgente que promoveram a proposta feita por Tatiana Cordero em 2016, exercendo sua vontade política de colocar o cuidado no centro e ampliar sua reflexão para as transformações necessárias que nós, como movimentos sociais e humanidade, precisamos. Agradecemos a Kate Kroeger (Executive Director UAF-WHR); Ndana Tawamba (CEO & Executive Director UAF-Africa); Virisila Buadromo (Co-Lead, Partnerships and Resource Mobilisation UAF-A&P) e Mary Jane Real (ex Co-Lead UAF A&P). Na mesma linha, gostaríamos de agradecer às pessoas dentro das equipes de trabalho dos Fundos que desempenharam um papel fundamental na coordenação do trabalho. Agradecemos a Jebli Shrestha (Nepal), Masa Amir (Egito), Shalini Eddens (Estados Unidos), Raisa Borshchigova (Rússia) e Jean Kemitare (Uganda); e no desenvolvimento dos processos de comunicação Keishla Gonzalez-Quile (USA), Deepthy Menon (Índia - Camboja), Onyinyenchi Okechukwu (Nigéria); ou como parte de algumas reuniões, coordenação, relatorias e diálogos: a Nancy Chitiza (Zimbábue), Rosette Nanyonjo (Uganda), Olivia Trabysh (Estados Unidos) e Ava Danlog (Filipinas - Austrália). Esta jornada significou para as equipes do Fundo de Ação Urgente estar mais próximas na distância, apoiar-se mutuamente e acompanhar umas às outras nas transformações vivenciadas.

Durante três anos consecutivos, 2017, 2018 e 2019, compartilhamos reuniões, pensamentos e sentimentos que se materializaram nesta pesquisa. A rede de acompanhamento e apoio que foi formada com o Grupo Consultivo nos permitiu aprofundar nossas reflexões sobre cuidados e proteção, reconhecendo nesta caminhada as diversas perspectivas e as múltiplas formas de habitar e agir sobre ela como ativistas ou praticantes (acompanhando outras mulheres e pessoas). Agradecemos a este grupo que contribuiu para levantar questões, para lembrar o percurso de nossos movimentos e as práticas de cuidado, assim como para manter a chama desta pesquisa durante cada reunião. Elas contribuíram com seus conhecimentos e experiências durante as entrevistas, outras contribuíram como pesquisadoras dos fundos ou organizaram reuniões bilaterais com a equipe do FAU-AL para enviar comentários. Agradecemos a Rosa Posa (Paraguai), Monica Enriquez (Colômbia – Estados Unidos), Ledys San Juan (Colômbia), Cara Page (Estados Unidos), Marusia Lopez (México), Itzel Guzman (México), Verónica Vidal (México), Ana María Hernandez (México), Awino Okech (Quênia), Rosa Chavez (Guatemala), Ruby Johnson (Austrália), Jelena Dordevic (Sérvia - Brasil), Rudo Chigudu

(Zimbábue), Sandra Ljubinkovic (Sérvia), Shawna Wakefield (Estados Unidos), Carmen Sánchez (Espanha), Daniela Fonkatz (Argentina) e Flor de María Álvarez Medrano (Guatemala). Com vocês nos sentimos acompanhadas neste sonho de mundo, na possibilidade de uma sociedade que coloque o cuidado da vida, de ativistas, movimentos, relacionamentos, processos no foco e que as mulheres e dissidentes tenham concretizado ações cotidianas, na linha de frente, nos diferentes lugares onde estão e de diversas maneiras; vocês são um exemplo disso ♥

Conheça os agradecimentos da Equipe Consultiva, durante a última reunião presencial sobre a pesquisa de 2019. Visite: rootingcare.org

Foram vários meses em que corações, mentes, sentimentos e ações se encontraram em tempos espirais, não símeis, para conformar as entrevistas, compilá-las, planejar as primeiras estruturas do texto e acompanhar o FAU-AL nesta pesquisa. Agradecemos a equipe de pesquisadoras-consultoras que contribuíram com seus conhecimentos e mergulharam nas histórias de vida compartilhadas aqui: a Lucia Nader (Brasil - Reino Unido), Tania Correa (Colômbia), Eden Wondmeneh (Estados Unidos), Maya El Elhou (Líbano), Nancy Raoof (Egito), Gistam Sakaeva (Chechênia), Adela Nieves (Estados Unidos), Codou Bop (Senegal), Rudo Chigudu (Zimbábue); e também a Paola Mosso (Chile), que elaborou as recomendações e diretrizes para sustentar o cuidado digital neste processo e todos os aspectos relacionados ao armazenamento e uso virtual das informações coletadas de diferentes lugares.

Da mesma forma, as reuniões não teriam sido tão especiais sem as facilitadoras convidadas. Em 2017 com María del Rosario Mina (Colômbia) em Palomino-Colômbia; 2018 com Jeannette del Carmen Tineo (República Dominicana) nas Islas del Rosario-Colômbia, e em 2019 com Gioconda Herrera (Equador) em Tepoztlán-México; assim como o trabalho de outras consultoras para a elaboração de memórias, codificação e transcrição de entrevistas e processos de consulta com as pessoas entrevistadas: María Isabel Casas (Colômbia), Hanin El Mir (Líbano), Sahana Mehta (Estados Unidos), Laura Chaustre (Colômbia), Alba Patricia Hernández (México) e Edna Mayorga (Colômbia). Os encontros tiveram um coração unindo o centro da terra e do céu, e somos profundamente gratas à Flor de María Álvarez Medrano (Guatemala), que guiou e alimentou nossos espíritos durante o processo, pelo acompanhamento permanente a partir de sua espiritualidade e cosmovisão maia.

Agradecemos às pessoas que traduziram, interpretaram e transcreveram: Beatriz Canal (Colômbia), Anette Shorr (Colômbia), Diana Jacobson (Colômbia), Maria Cristina Dangong (Colômbia), Fabiola Garces (Colômbia), Rima El Khatib (Líbano), Aina Idrisova (Rússia), Helen Zho (Canadá); elas materializaram a

justiça da linguagem e a política de interpretação em vários idiomas durante as reuniões e a elaboração desta publicação. Gostaríamos também de lembrar e agradecer às mulheres que apoiaram a logística e a produção dos eventos: Patricia Lucero (Colômbia), Yanina Flores (México) e Karina Avendaño (Colômbia), que sempre garantiram espaços cheios de detalhes e cuidados para todas as participantes. E temos que mencionar as lentes cúmplices de Tatiana Maecha (Colômbia) e Greta Rico (México), que capturaram nossas danças e sorrisos com seu belo trabalho fotográfico!

A todes nós como equipe do FAU-AL e especialmente as integrantes (atuais e antigas) que estiveram envolvidas nas diferentes etapas deste processo com diferentes funções, na redação, coordenação logística, coordenação do trabalho, comunicação, editorial, entre outros processos: Tatiana Cordero, descanse em paz (Equador), Laura Mar Carvajal (Colômbia), Luz Stella Ospina (Colômbia), Sara Munárriz-Awad (Colômbia), Luz Adriana Sanchez (Colômbia), Paola Adarve (Colômbia), Daniela Rosero (Equador), Alejandra Henríquez (Colômbia), Anaiz Zamora (México), Laura Aristizabal (Colômbia), Gina Rodriguez (Colômbia), Fátima Valdivia (Peru) e Beatriz Puerta (Espanha-Colômbia).

Gostaríamos de agradecer a todas as organizações e pessoas aliadas. A confiança e o compromisso des doadories que nos apoiaram e participaram ativamente como pessoas entrevistadas. Agradecemos todo o amor, flexibilidade e abertura de Mónica Enríquez (Colômbia-Estados Unidos), parte da Fundação para uma Sociedade Justa (Foundation for a Just Society), que desde 2018 disponibilizou não apenas recursos financeiros, mas também seu acompanhamento e feedback durante o processo, conduziu entrevistas com colegas de outras fundações, e também à Maitri Morarji, que também se comprometeu a contribuir financeiramente para o desenvolvimento da estratégia de comunicação. Da comunidade de doadories, agradecemos a Nevin Oztop, Radha Wickremasinghe, Katrin Wilde, Jesenia Santana, Lesley Carson, Joy Chia, Mónica Aleman e Jon McPherdan Waitzer, que também compartilharam suas perspectivas e experiências em torno dos cuidados.

Finalmente, às e aos ativistas que não são apenas o foco de nossa pesquisa, mas também de nosso trabalho como Fundos Irmãos de Ação Urgente. Agradecemos sua confiança e disposição para compartilhar suas experiências de vida na defesa dos direitos humanos e da natureza, suas reflexões, perguntas, emoções, aprendizados e diversas anedotas que deram vida a esta publicação, o que nos permitiu reconhecer o que foi alcançado e identificar as mudanças que ocorreram ou não durante estes últimos 11 anos em torno da proteção e do cuidado nos movimentos de mulheres, feministas e transfeministas. Agradecemos a:

Celeste Mayorga. *RUDA mujeres+territorio Iximulew* | Guatemala.

Miluska Luzquiños. *Diretora Executiva da Organización Feminista por los DDHH de las personas Trans* | Peru.

María Teresa Blandón Gadea. *Movimiento Feminista de Nicaragua* | Nicarágua-América Central.

Rosanna Marzan. *Diversidad Dominicana.* República Dominicana.

Lana Souza. *Coletivo Papo Reto.* Brasil.

Luna Irazábal. *Colectivo Ovejas Negras* | Uruguai.

Jelena Dordevic. *Coletivo Feminista de Autocuidado e Cuidado entre Defensoras de Direitos Humanos.* | Sérvia/Brasil.

Pramada Menon. *Queer Feminist* | Índia.

Carolin Lizardo. *Colectiva Mujer y Salud* | República Dominicana.

Rosa Posa Guínea. *Akahatá, equipe de trabalho em sexualidades e gêneros (internacional). Aireana, grupo por los derechos de las lesbianas.* Assunção | Paraguai.

Tef Piñeros. *Colectiva Yerbateras* | Colômbia.

Marusia López Cruz. *JASS/IM-Defensoras* | México - Estado Espanhol.

Flor de María Álvarez Medrano | Guatemala.

Maureen Kademaunga | Zimbábue.

Lakshmi N. Moore. *Integrante do Liberia Feminist Forum. Diretora Nacional da ActionAid* | Libéria.

Fahima Hashim. *Salmmah Women's Centre.* Sudão | Sede no Canadá.

Yuli Rustinawati. *Arus Pelangi* | Indonésia.

Dra. Njoki Ngumi. *The Nest Collective* | Quênia.

Verónica Vidal Degiorgis. *Subdiretora - Proyecto de Derechos Económicos, Sociales y Culturales (ProDESC)* | Uruguai-México.

Georgia Haddad Nicolau.

Instituto Procomum | Brasil.

Senda Ben Jebara. *Mawjoudin* | Tunísia.

Yara Sallam | Egito.

Fatoumata Sangare. *ONG AMSOPT* | Mali.

Ayat Osman. *Ganoubia hora* | Aswan. Egito.

Fatna Elbouih. *Morocco Association Relais Prison/société* | Marrocos.

Massan d'ALMEIDA. *Présidente de XOESE, Le Fonds pour les Femmes Francophones* | Togo.

Itzel Guzmán. *Consortio para el Diálogo Parlamentario y la Equidad Oaxaca A.C.* | Oaxaca, México.

Brenda Kugonza. *Women Human Rights Defenders Network* | Uganda.

Xiaopei He. *Pink space* | China.

Sarala Emmanuel. *Batticaloa* | Sri Lanka.

Emma V. Ricaforte. *Human rights advocates/defenders* | Filipinas.

M/s Wangu Kanja. *Fundadora/Diretora Executiva Wangu Kanja Foundation Convenor - The Survivors of Sexual Violence in Kenya Network* | Nairobi, Quênia.

Amal Elmohandes | Egito.

Renée Nwoes. *Women in front line* | Camarões.

Ana María Hernández Cárdenas. *Consortio Oaxaca e IM-Defensoras* | México.

Ada Osorio Pasta. *Organización de mujeres indígenas Miskitas Ignika Kumsa* | Honduras.

Djingarey Ibrahim Maïga. *Diretora Executiva de Femmes et Droits Humains* | Mali.

Elvira Meliksetian | Armênia.

Lilit Martirosyan. *ONG Right Side Human Rights Defender* | Armênia.

Salome Chagelishvili. *Women's Fund in Georgia* | Geórgia.

Zana Hoxha. *Artpolis-Art and Community Center* | República de Kosovo.

Ruth Alipaz Cuqui. *CONTIOCAP* | Bolívia.

Sandra Ljubinkovic | Sérvia/Países Baixos.

Emb. Daintowon Domah Pay-Bayee. *Coordenadora do Young Women Leadership and Knowledge Institute Liberia (YOWLI) e*

Secretária Geral do Departamento de Assuntos Políticos da Coalition of Political Parties Women in Liberia (COPPWIL) | Libéria.

Claudia Rodríguez. *Fondo Alquimia* | Chile.

Hope Chigudu | Zimbábue/Uganda.

Amparo Peñaherrera Sandoval.

Federación de Mujeres de Sucumbíos | Equador.

Comfort Mussa. *Sisterspeak237* | Camarões.

Elsa Saade. *Urgent Action Fund-WHR* | Líbano.

Phumi Mtetwa. *Just Associates (JASS), Feminista Internacional* | África do Sul

Lin Chew. *Institute for Women's Empowerment (IWE)* | Jakarta, Indonésia.

Jing Xiong. *Feminist Voices* | China.

Loan Tran | Estados Unidos.

Devi Peacock. *Peacock Rebellion* | Estados Unidos.

Renu Adhikari. *Ativista fundadora da WOREC Nepal, presidente fundadora da National Alliance of Women Human Right Defenders* | Nepal.

Dra. Aida Seif El-Dawla. *Cofundadora do El Nadim Center against torture and violence* | Egito.

FC | Tunísia.

Grace Kabera Amani. *LUCHA* | República Democrática do Congo.

Farah Shash.

Shawna Wakefield. *Root.Rise.Pollinate!* | Estados Unidos.

Grace Ruvimbo Chirenje | Zimbábue.

Erica Woodland. *National Queer and Trans Therapists of Color Network* | Estados Unidos.

Julienne Lusenge.

Aizhan Kadralieva. *LGBT activists, anteriormente trabalhou no "Labrys"* | Quirguistão.

María Pierna Sabei – Pipi | Argentina.

Olga Karatch | Bielorrússia.

Credo Ahodi | Benin.

Fershira | Brasil.

Maria Lucia da Silva | Brasil.

Kunthea Chan | Camboja.

Pisey Ly | Camboja.

Milana Bakhaeva | Chechênia/Rússia.

Millaray Carillo | Chile.

Danelly Estupiñán Valencia | Colômbia.

Diana Pulido | Colômbia.

Ledys San Juan | Colômbia.

Marcela Bohórquez | Colômbia.

Antonia Fuentes | Colômbia.

Gegê Katana | República Democrática do Congo.

Jelene Postic | Croácia.

Gloria Uchiva | Equador.

Shamima Ali | Ilhas Fiji.

Jasmine Kaur | Ilhas Fiji.

Jessica Horn | Uganda/Inglaterra.

Meena Seshu | Índia.

Pédan Marthe Coulibaly | Côte d'Ivoire.

Peninah Wanchikomongi | Quênia.

Ikal Ang'elei | Quênia.

Ukei Muratalieva | Quirguistão.

Naomi Tulay-Solanke | Libéria.

Yah Parwon | Libéria.

Lucía Lagunes Huertas | México.

Ariana MacGuire | Nicarágua.

Angelique Abboud | Palestina.

Alibel Pizarro | Panamá.

Lilly Be' Soer | Papua-Nova Guiné.

Selene Yang | Paraguai.

María Témpora | Peru.

Geri Cerillo | Filipinas.

Khwezilomso Mbandazayo | África do Sul.

Rosanna Flamer-Caldera | Sri Lanka.

Matcha Phorn-in | Tailândia.

Nadia Benzertini | Tunísia.

Samar Tilili | Tunísia.

Yana Tsiferblat | Ucrânia.

Sonali Sadequee | Estados Unidos.

Cara Page | Estados Unidos.

Yelis Vegonza | Venezuela.





Finalmente, somos gratas pela jornada de cada corpo e espírito que veio ler estas páginas. Esta é uma desculpa para tomar consciência de nossa interdependência com tudo o que está ao nosso redor e honrar a rede de vida da qual fazemos parte.

Palomino, julho de 2021

CAPÍTULO 1

Homenagear o caminho



**Vamos dançar e ver onde a
dança nos leva.**

*Assim termina o livro *Que sentido tem
a revolução se não podemos dançar?**

**E foi aqui que a dança
nos trouxe.**



A SEMENTE

“(...) Somos um sonho da terra, um sonho de nossa mãe. Tudo o que existe e faz parte de nossa vida também vem de um sonho: as plantas, os animais, as pedras, os rios, os morros, toda a natureza e todas as pessoas, Você e Eu, fizemos parte de um sonho e hoje estamos aqui, somos reais”.

Adaptado do conto *Venimos de un sueño antiguo* do Guillermo Ojeda Jayariyuu

Pintor e pesquisador do povo Wayuu, Guajira - Colômbia.

O Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe (FAU-AL) nasceu em 2009, sendo o terceiro de quatro Fundos de Ação Urgente formado no mundo: Fundo de Ação Urgente para os Direitos Humanos das Mulheres UAF-WHR (1997), UAF-África (2004) e UAF-Ásia e Pacífico (2017). Juntas, somos um consórcio global de fundos feministas que apoiam ativistas mulheres, trans e não binárias/dissidentes de gênero, suas organizações e movimentos, para promover seus direitos e seu poder transformador, e contribuir para sua proteção holística e sustentabilidade. Somos organizações autônomas e interdependentes e compartilhamos um modelo único de financiamento que responde às necessidades e contextos de cada região onde trabalhamos.

O cuidado é nosso coração e a base de nossa identidade como FAU-AL. Para nós, o cuidado é uma forma de ver o mundo, de vivê-lo e de transformá-lo. É uma ação e uma perspectiva que articula sustentabilidade, o **melhor-estar**, a empatia, a corresponsabilidade e o prazer, que orientam nosso trabalho institucional dentro e fora, não como um **dever-ser**, mas como um compromisso diário, em construção permanente. É por isso que afirmamos que o cuidado é o nosso compromisso ético-político. Além disso, o cuidado é um fio que tece nossos princípios de filantropia e dá sentido a nossas práticas dentro do Consórcio de Fundos de Ação Urgente.

Em 2007, *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?*, escrito por Jane Berry e Jelena Dordevic e publicado pelo Fundo de Ação Urgente para os Direitos Humanos das Mulheres (UAF-WHR), tornou-se um marco nos movimentos feministas e de mulheres em todo o mundo. Isso nos deu uma visão profunda da situação das mulheres defensoras dos direitos humanos, como elas se sentiam, como estavam sendo afetadas e como enfrentavam os riscos a que estavam expostas por causa de seu trabalho. Em 2017, Tatiana Cordero (descanse em paz), Diretora Executiva do FAU-AL, propôs realizar uma nova pesquisa, desta vez global e a partir do Sul, orientada pela questão:

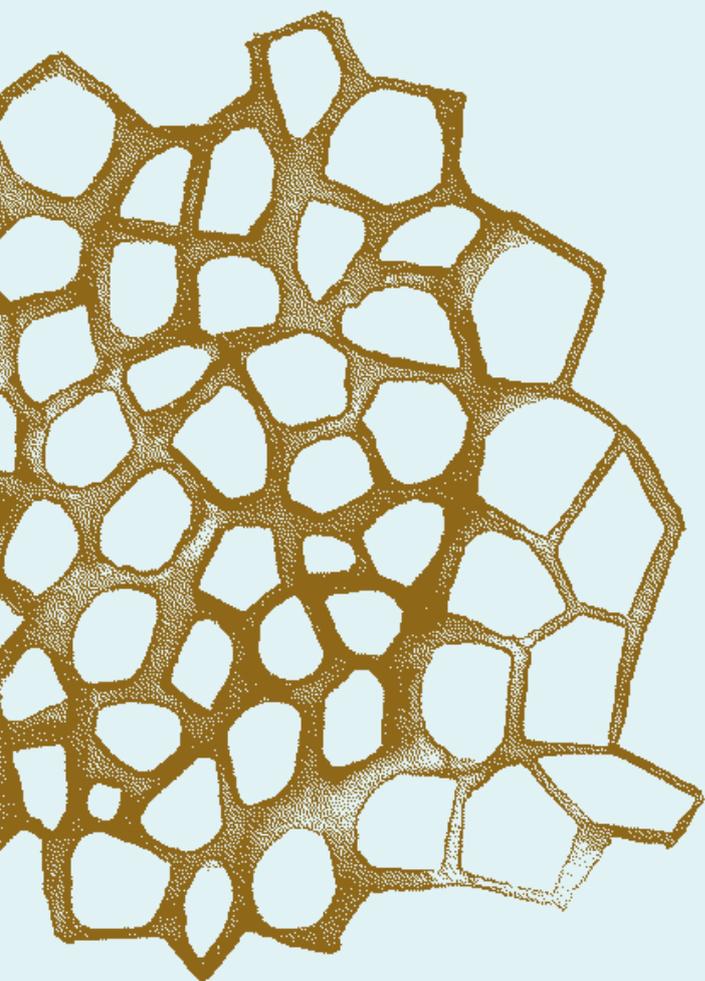


O que aconteceu com o cuidado e a proteção *des*³ ativistas mulheres, *trans* e não binárias no mundo durante esses anos?

³ Neste livro usaremos o “e” neutro e o sistema “elu” para abranger de forma inclusiva a diversidade de identidades e formas de autonomia das pessoas que participaram deste processo: ativistas mulheres, trans e não binárias e dissidentes sexuais/de gênero.

Esta pesquisa global foi liderada pelo FAU-AL como um processo colaborativo do Consórcio de Fundos de Ação Urgente e a contribuição do Grupo Consultivo. Tem sido um diálogo profundo entre diferentes perspectivas, contextos, identidades e histórias de vida. Neste sentido, não procuramos fazer uma revisão do primeiro livro, um estudo comparativo, nem avaliar as práticas e abordagens existentes.

Os múltiplos sistemas de opressão que atravessam a vida e o trabalho des ativistas se aprofundaram. Globalmente, as violações que enfrentam até assumiram novas formas; por exemplo, no contexto da pandemia da Covid-19, os impactos físicos, emocionais, psicológicos e socioeconômicos em seus corpos e vidas se intensificaram. O aumento do fundamentalismo político e religioso, do autoritarismo, da misoginia, do racismo, da xenofobia, do ódio pelas dissidências sexuais e de gênero, os impactos do modelo capitalista-extrativista, entre outros, marcam os múltiplos desafios que as ativistas enfrentam diariamente, dependendo de seu contexto. Ao mesmo tempo, as lutas feministas, das mulheres e das pessoas trans, as resistências que buscam outros mundos possíveis, floresceram e se expandiram com múltiplas formas e seres que as impulsionam.



A INTENÇÃO

“Queremos que esta história seja alimento para o coração”

—*Memórias do Encontro em Palomino, Colômbia, 2017*

Paralelamente a estas mudanças de contexto, as paisagens de cuidado e proteção também mudaram. As práticas e reflexões existentes foram recuperadas, transformadas ou questionadas. Por esta razão, este esforço investigativo levou à descoberta do que é novo e do que permanece, do que é comum e do que é diverso, com base nas experiências des ativistas e suas acompanhantes.

A construção coletiva do conhecimento nos ajuda a homenagear e lembrar, a encontrar novos significados e a mobilizar mudanças em nosso presente e futuro, como pessoas, ativistas, como fundos feministas e doadorias. Assim, nossos objetivos com esta pesquisa são:



Contribuir para que ativistas, suas organizações, movimentos e doadorias incorporem práticas e reflexões em torno do cuidado e da proteção integral. Fortalecer as redes de solidariedade entre ativistas, através da coletivização e visibilização de suas experiências a fim de que seus movimentos se tornem cada vez mais sustentáveis.

Por outro lado, este processo tem sido um convite feito a partir do Sul, entendido como o lugar político onde nos situamos. É uma perspectiva de ação e análise que questiona o olhar colonial, focaliza as experiências e histórias das periferias, promove a liderança do Sul Global e a Justiça da Linguagem. Ela se move para outros ritmos e temporalidades, e incorpora a ancestralidade e a espiritualidade como partes que constituem o ser e o fazer.

ABORDAGENS E PERSPECTIVAS

Ao longo dos anos, como FAU-AL, cultivamos um entendimento do **cuidado como a raiz que sustenta a vida**. Esta compreensão emerge da conversa entre nossas histórias pessoais e coletivas, nossas cosmovisões e um acúmulo de reflexões e experiências ao lado dos ativistas dos direitos humanos, do território e da natureza na América Latina e no Caribe.

Enraizar-nos no cuidado para nós é, portanto, conectar nosso ser com aquilo que sustenta a vida em todas as suas dimensões. É justamente para tomar consciência de que nossas raízes são tecidas em uma rede de vida, entre pessoas e seres interdependentes. É uma decisão e um compromisso de colocar o cuidado no centro de nossa ação. E ao som deste ritmo, continuar dançando nossas revoluções.

Nossos pontos de partida para esta pesquisa são:

- ✦ A existência de **diversos conceitos** de cuidado e proteção, que são estabelecidos de acordo com as condições particulares em **cada contexto** e as experiências pessoais
- ✦ Uma **abordagem holística** que leva em conta as dimensões física, emocional, espiritual, psicológica e digital do cuidado e da proteção. Por sua vez, tratando delas em suas esferas **pessoal e coletiva**, reconhecendo não apenas os riscos que são desencadeados por fatores externos, mas também aqueles gerados por **fatores internos** ligados às relações e dinâmicas dentro das organizações e movimentos
- ✦ Uma abordagem **interseccional**, que nos permite compreender a complexidade de cada experiência, moldada por diversas formas de injustiça, discriminação e desigualdade, baseadas no gênero, nas classes sociais, nos rótulos étnico-raciais, nas idades, origens geográficas e capacidades
- ✦ Uma abordagem **intercultural**, envolvendo um diálogo respeitoso e interações entre diversas culturas, celebrando a sabedoria e a memória de todos os povos que habitam e moldaram a história e as lutas sociais ao redor do mundo

- ✦ O **feminismo** como uma forma específica de entender e nos posicionar diante da realidade social, e como uma força criativa e mobilizadora no âmbito pessoal e coletivo. A partir desta posição, relacionamo-nos com ativistas que reconhecem sua autonomia e seu caráter como sujeitos políticos. E isso envolve praticar a autocrítica e reaprender de forma permanente.



A JUNTANÇA QUE DEU FORMA A ESTE SONHO

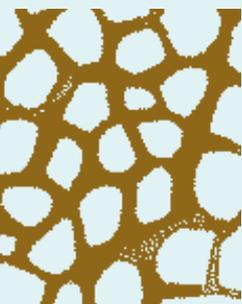
As questões, objetivos e metodologia desta pesquisa foram acordadas em três reuniões⁴ entre o Consórcio de Fundos de Ação Urgente e o Grupo Consultivo, formado por organizações e pessoas próximas a nós que se dedicaram a refletir e acompanhar processos de cuidado e proteção em diferentes regiões do mundo.

2017, primeiro encontro

O município de Palomino, localizado em La Guajira, Colômbia, nos acolheu para este primeiro encontro, permitindo nos conhecermos e reconhecermos nossas trajetórias, tanto individual como coletivamente, a fim de **construir uma linha do tempo com os marcos deste caminho de cuidado e proteção. A partir daí, surgiram os eixos preliminares desta busca:**

- ✦ **Autocuidado e cuidado coletivo**
- ✦ **O Espírito**
- ✦ **O poder**
- ✦ **A política do cuidado/ Politics of care**

Em torno destes eixos, delineamos questões-chave que depois formaram a base para as entrevistas realizadas. Algumas delas foram:



O que significa pensar no autocuidado em nossos contextos atuais, à luz de nossas múltiplas identidades?

Como praticamos o autocuidado e o cuidado coletivo internamente nas organizações?

⁴ Neste link você pode encontrar as memórias completas de cada reunião: <https://fondoaccionurgente.org.co/es/recursos/>.

Quais são as práticas e formas de autocuidado das pessoas jovens ativistas (on-line e off-line)?

Como é entendido o significado político do cuidado?

Durante esta reunião fortalecemos as relações entre os Fundos de Ação Urgente e reiteramos nosso compromisso de compartilhar, documentar e aprofundar o trabalho e as experiências em torno do cuidado coletivo, para aprender juntas sobre as práticas desenvolvidas dentro de cada Fundo. Além disso, cada uma das organizações e pessoas que participaram de forma independente também disponibilizaram uma documentação específica e apoio para a continuidade deste processo.

2018, segundo encontro

Desta vez fomos recebidas nas Islas del Rosario, Colômbia, para retomar as questões e aprofundar os eixos temáticos definidos no primeiro encontro. Destas conversas surgiram também novas questões, entre elas:

Como es doadories entendem o cuidado e qual é sua responsabilidade em relação à sustentabilidade dos movimentos?

Como manter o fogo para que o ativismo não acabe nos queimando?

Como descolonizamos as memórias do bem-estar?

Aí propusemos que a pesquisa estivesse focada na dimensão coletiva do cuidado e do poder, validamos os objetivos e construímos os critérios éticos e metodológicos, bem como o primeiro esboço de suposições.

2019, terceiro encontro

“Sustentando o Fogo e as Raíces” foi o convite para nos encontrarmos em Tepoztlán, México. Além do Consórcio de Fundos de Ação Urgente e do Grupo Consultivo, participaram as pesquisadoras. Após conduzir entrevistas e uma análise preliminar por região, reunimo-nos para compartilhar, analisar e dar feedback dos resultados preliminares do processo, incluindo a perspectiva des doadories sobre seu papel neste campo, bem como os desafios

metodológicos, conceituais e práticos deste processo global e multilíngue. Finalmente, imaginamos possíveis produtos e estratégias para a divulgação dos resultados.

Este encontro foi uma oportunidade para celebrar nossas próprias histórias, para reconhecer aquelas pessoas que abriram o caminho há doze anos e aquelas que nos guiaram no caminho do cuidado e da proteção.



A QUESTÃO CENTRAL

Para responder ao nosso propósito, a principal pergunta da pesquisa foi:

Como as ativistas mulheres, trans e não binárias de todo o mundo atualmente experimentam e visualizam o cuidado e a proteção, tanto individual quanto organizacionalmente, levando em conta o contexto, a(s) identidade(s), particularidade(s), trajetórias e histórias de cada uma?





TÓPICOS E HIPÓTESES

Com base nos resultados das reuniões, definimos seis temas, com suposições iniciais que orientaram a metodologia e as perguntas feitas às pessoas entrevistadas:

- ✦ **Tópico 1. Trajetória pessoal, particularidades e sentimentos de cada defensorie:** cada ativista mulher, trans ou não binária tem uma história, trajetória, identidade(s) e condições particulares que influenciam suas experiências, perspectivas e práticas de cuidado e proteção;
- ✦ **Tópico 2. Desafios do ativismo, ameaças e riscos:** Os desafios e riscos são influenciados pelos contextos e particularidades de cada ativista. Gênero, raça, idade, orientação sexual, múltiplas capacidades, corpodiversidade e condições socioeconômicas, entre outras, influenciam seu ativismo e os riscos aos quais estão expostos;
- ✦ **Tópico 3. Práticas pessoais de cuidado e proteção:** as ativistas desenvolveram (ou buscam desenvolver) práticas pessoais que sustentam e fortalecem o ativismo cotidiano e de longo prazo, conferindo poder, autonomia, prazer e sentimentos de proteção;
- ✦ **Tópico 4. Práticas coletivas de cuidado e proteção:** as organizações têm (ou poderiam ter) práticas de cuidado e proteção, e há motivações e desafios para fortalecê-las;
- ✦ **Tópico 5. O papel dos doadores:** os doadores desempenham um papel na promoção e existência de práticas de cuidado e proteção para as ativistas mulheres, trans e não binárias;
- ✦ **Tópico 6. O cuidado e a proteção como conceitos – diversidade e aspectos políticos:** sob certas condições, o cuidado e a proteção podem desafiar as estruturas de poder existentes e/ou as opressões e discriminações nas nossas sociedades e entre nós. Há uma diversidade de conceitos de cuidado e proteção.

PRINCÍPIOS ÉTICOS DE CUIDADO E PROTEÇÃO

Para o FAU-AL e os Fundos de Ação Urgente, colocar o **cuidado no centro** é um princípio ético que orienta cada uma de nossas ações, incluindo a construção coletiva do conhecimento. Portanto, a pesquisa sobre o cuidado no mundo do ativismo é algo que nos atravessa, nos transforma e nos afeta de diferentes maneiras. Sendo cientes disso, criamos um conjunto de princípios éticos que guiaram o processo de pesquisa:

Garantir uma abordagem feminista baseada na confiança e na relação sujeito-sujeito, evitando uma lógica extrativa. Isso implica compartilhar objetivos, metodologias, detalhes e conclusões do processo com todas as pessoas envolvidas. Em relação às entrevistas, visamos uma comunicação bidirecional, evitando uma lógica de “coleta de dados” e assegurando:

- ✦ A perspectiva da pessoa entrevistada no centro;
- ✦ A criação de um espaço horizontal de diálogo, estando ciente da relação de poder entre quem entrevistou e quem foi entrevistado;
- ✦ Flexibilidade para adaptar o ritmo, formato e conteúdo das perguntas, dependendo do contexto, características, solicitações e/ou preocupações da pessoa entrevistada;
- ✦ Uma prática reflexiva que leva em conta a subjetividade, os contextos, as condições e as experiências das pesquisadoras;
- ✦ Um ambiente acolhedor e seguro, e uma escuta atenta, que evite interrupções e gere empatia.

Aplicar o termo de consentimento livre e esclarecido, e garantir a confidencialidade das informações e identidade dos participantes. Para este fim, cada entrevistado assinou um formulário antes da entrevista e um formulário depois, aprovando a aparição de suas citações na publicação final;

Apoiar as necessidades emocionais tanto das pessoas entrevistadas quanto das pesquisadoras, disponibilizando recursos e parcerias com organizações ou pessoas, se necessário, para fornecer tal apoio. Além disso, os materiais recebidos por cada pesquisadora incluíam sugestões e

considerações destinadas a apoiá-las durante e após as entrevistas, a fim de abordar preocupações e sentimentos;⁵

Cuidado digital e proteção de dados, tomando as medidas necessárias para uma comunicação segura entre pesquisadoras, Fundos de Ação Urgente, participantes e entrevistades, e para compartilhar e armazenar informações de forma segura. Neste sentido, contratamos uma consultora para nos ajudar a identificar as ferramentas necessárias para mitigar os riscos.



⁵ Algumas destas práticas e considerações incluíram: considerar o número de entrevistas por dia e a hora do dia apropriados para cada pesquisadora, a preparação para a entrevista pode ajudar a evitar o estresse excessivo, a pessoa entrevistada “não é heroína nem vítima”, a pesquisadora não é responsável pela qualidade das respostas nem pela busca da verdade, respirar e fazer uma pausa antes, durante e depois da entrevista - pausar e expressar seus sentimentos durante a entrevista pode ajudar a evitar ficar sobrecarregado e a construir um relacionamento mais próximo, manter um diário de pesquisa onde seja possível reconhecer e respeitar seus sentimentos, e contar com a equipe de pesquisa como uma rede de apoio para pedir e fornecer ajuda.

ENTREVISTAS E ANÁLISES

Desenvolvemos uma metodologia qualitativa com uma perspectiva narrativa, ou seja, as histórias pessoais dos ativistas, em suas próprias palavras, são o foco do processo e o fio condutor desta publicação. Para isso, foi essencial criar um espaço íntimo, confiável, solidário e seguro para as entrevistas.

Concordamos coletivamente sobre os critérios de escolha das pessoas que gostaríamos de convidar para participar com suas histórias, a fim de garantir a diversidade de contextos, experiências e perspectivas, sem tentar cobrir tudo:

- ✦ **Diversidade geográfica:** seguindo nosso compromisso de pesquisa **a partir do Sul**, decidimos assegurar a participação de ativistas de todas as regiões onde trabalham os Fundos de Ação Urgente;
- ✦ **Diversidade de causas e temas:** buscamos a participação de ativistas que trabalham em causas múltiplas, com diversas formações e formas organizacionais em suas lutas;
- ✦ **Diversidade de identidade:** reunimos ativistas que se identificam de diferentes maneiras, em relação ao gênero, orientação sexual, capacidades ou deficiências, idade, origem étnica, diversidade corporal, entre outras;
- ✦ **Diversidade de perfis, papéis e trajetórias:** além dos ativistas, cada Fundo de Ação Urgente entrevistou de 5 a 10 pessoas dedicadas a acompanhar ativistas; algumas delas também se identificam como ativistas, curandeiras, terapeutas, entre outras. Nós chamamos estas pessoas de **praticantes**. Além disso, a fim de ter a perspectiva específica dos **doadores**, decidimos incluir 9 pessoas ligadas a organizações filantrópicas que são próximas ao Consórcio de Fundos de Ação Urgente.

No total, realizamos **141 entrevistas em 63 países**, distribuídas da seguinte forma:

- ✦ 97 entrevistas com ativistas mulheres, trans e não binárias;
- ✦ 21 entrevistas com “praticantes”;
- ✦ 9 entrevistas com doadoras;
- ✦ 8 entrevistas com integrantes da equipe do FAU-AL;
- ✦ 4 entrevistas com pesquisadoras regionais;
- ✦ 2 entrevistas com as autoras do livro *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?*.

As entrevistas foram realizadas por **10 pesquisadoras diferentes**, de 9 países, em mais de 7 idiomas (árabe, inglês, francês, nepalês, português, russo, espanhol e dialetos locais em alguns casos).

Após a transcrição e tradução das entrevistas para o espanhol, inglês, português e francês, construímos um sistema de **codificação** e organizamos, em um software seguro, uma grade de análise para as histórias de acordo com tópicos e categorias. Em seguida, com base em um guia comum, nove pesquisadoras conduziram uma análise inicial para encontrar resultados por região. Finalmente, fizemos uma codificação e a análise final global.

Além das entrevistas, fizemos cinco exercícios presenciais e virtuais com ativistas de **escrita de cartas**, as quais foram endereçadas a elas mesmas ou a qualquer outra pessoa que elas escolhessem, e nas quais elas compartilharam suas experiências em torno do cuidado. Estas cartas são um recurso disponível virtualmente para motivar mais conversas e inspirar outras reflexões pessoais e coletivas.

A narrativa desta publicação reúne as contribuições do Grupo Consultivo durante as três reuniões, a análise das pesquisadoras sobre as anedotas e histórias des ativistas participantes e vários momentos de reflexão e escrita dos Fundos de Ação Urgente.

CAPÍTULO 2

Situar os riscos

Você já imaginou seu ativismo em outro contexto?

Se você tivesse nascido em outro tempo ou lugar, ao que você acredita que se dedicaria?



Vivemos em um tempo e espaço definidos, com condições estáveis que nos permitem agir; mas que, ao mesmo tempo, mudam. **Situar-se no mundo também é situar-se em movimento**, em um contexto de mudança no qual o ativismo persiste como uma força contínua para sociedades mais justas.

O sofrimento continua ali, mas houve muitos momentos de felicidade. Tenho visto mudanças desde que comecei até agora, pessoas com quem tenho trabalhado, pessoas que nasceram depois de mim, pessoas que eu cuidei. Eu as vejo mudando, as vejo abraçando os direitos das mulheres. Também vejo o mundo mudar muito, está ficando pior em certas áreas, mas já houve muitas mudanças. Há mais organizações de mulheres. Há fundos de mulheres no continente, estudos de gênero em várias universidades. Este não era o caso quando começamos, ou quando eu entrei.

— **Hope Chigudu**. Zimbábue/Uganda.

Aqui e agora existem riscos. Pensar nos riscos é tomar consciência da probabilidade de que algo ou alguém possa nos prejudicar, inclusive nossas próprias práticas e ações. O risco depende de cada situação, de cada país, de cada ativista, de cada momento, de cada experiência, etc. O nível de risco, por outro lado, depende de múltiplos fatores, por exemplo, as condições que geram vulnerabilidade e as capacidades que temos para responder às ameaças. Entretanto, apesar das especificidades, compartilhamos um momento histórico e um contexto global onde existem semelhanças que transcendem as fronteiras.

Os riscos estão situados nas especificidades: não é a mesma coisa ser lésbica em um país onde isso é criminalizado, e ser lésbica em um país onde a adoção é legal para casais do mesmo sexo. No entanto, há elementos e tendências no contexto que compartilhamos. A globalização expressa nos mercados, no extrativismo, na mudança climática, nas crises geradas pela pandemia da Covid-19 nos lembra que estamos interligadas. **Embora tenhamos riscos particulares, vivemos em sociedades que hierarquizam pessoas em sistemas de classe, raça, sexo e gênero, e que também são excludentes e discriminatórias com base na idade, capacidades ou deficiências, orientação de gênero, status migratório, dentre outras variáveis.**

Há alguns desafios contextuais como o que estou contando em relação [à] Nicarágua, mas há outros desafios globais que estão quase efetivamente nos colocando de volta no que enfrentávamos há trinta anos. Vou colocar, por exemplo, o desafio representado por este aumento da violência. Da violência machista, da violência de gênero

em todas as suas formas. Abuso sexual, estupros, assédio, feminicídio... aliás, falando de feminicídio, o assassinato de mulheres é ainda mais sangrento do que víamos trinta anos atrás.

—**María Teresa Blandón Gadea.** *Movimiento Feminista de Nicaragua.* Nicarágua.

De forma a situá-les, vamos nos concentrar nos riscos globais, aqueles que estão em tendência em muitos dos países onde atuam os Fundos de Ação Urgente.

A VIDA E A INTEGRIDADE EM RISCO

Ativistas em todo o mundo enfrentam desafios, riscos e ameaças relacionados ao seu trabalho. As histórias que ouvimos com frequência incluem relatos de violência, ameaças às suas vidas e às de suas famílias, e obstáculos ao exercício da defesa dos direitos.

A violência pode tomar a forma de **intimidação, vigilância, perseguição ou assédio**, seja diretamente ou através da intimidação de pessoas da família.

As ativistas mulheres em particular, assim como algumas ativistas feministas, enfrentam um perigo físico. E há outras coisas como ser seguida na rua, ser seguida até a sua casa, não se sentir segura ou suas filhas não estarem seguras. Os sistemas familiares são alvo de ataques, as pessoas vêm dizer à sua família que você tem que deixar essa merda quieta. Tudo isso acontece com diferentes pessoas, então esse é o nível de segurança.

—**Dra. Njoki Ngumi.** *The Nest Collective.* Quênia.

A violência também toma a forma de **agressão física**.

Nos últimos dois meses eu estava andando pela rua e uma pessoa que eu não conheço parou seu carro e começou a me bater de forma extremamente agressiva e disse: “eu trabalho para a segurança”. A

peessoa continuou me batendo por pelo menos 5 minutos sem parar... batia no meu rosto e em todo o corpo. Depois disso, consegui anotar a placa quando ela foi embora dirigindo e meu advogado denunciou o carro à polícia. A polícia respondeu que não conseguiu obter nenhuma informação sobre aquele carro. Não é comum que a polícia responda isso, eles geralmente podem conseguir essas coisas.

—**F.C.** Túnez.

Ou **atentados contra a vida...**

Tenho sofrido muitas tentativas de assassinato. Houve muita agonia quando estava sendo perseguida por paramilitares, e com armas (...) sei que quando eles ameaçam, eles vão cumprir.

—**Anônima.** América Latina.

E agora eles querem me matar também, porque sou uma ativista dos direitos humanos, porque quero falar sobre os problemas relativos à questão transgênero. Sempre que falo abertamente sobre isso, eles querem me matar, querem matar meus pais, mas eu não quero ser refugiada na Europa, quero ficar na Armênia e continuar meu trabalho porque sinto que sou uma ativista, vou ajudar outras pessoas, não quero pegar minhas malas e ir morar na Europa.

—**Lilit Martirosyan.** Ativista trans, ONG Right Side Human Rights Defender. Armênia



A reação violenta ao ativismo de mulheres, pessoas *trans*⁶ e não binárias procura limitar suas ações, silenciar suas vozes, impedir que a mensagem se espalhe, paralisar. A ameaça de violência contra elas ou contra suas famílias é uma manifestação de poder por parte daqueles cujos interesses são afetados.

A ameaça tem uma ideia de controle tanto emocional quanto físico, uma ameaça não é uma simples ameaça (...) Além de ser um risco preventivo, é um risco que manipula você, que controla psicologicamente. Porque

⁶ Usamos o asterisco para nos referirmos a pessoas que se identificam de diferentes maneiras dentro do amplo espectro dos trânsitos de sexo/gênero, incluindo pessoas não binárias e agênero.

você começa a dizer: “Tá bom, não saio, não falo, não digo”. “Cale a boca!”: afinal, esta é a mensagem que está por trás. Em outras palavras, eu não vou calar você a chicotadas, mas eu vou calar você ameaçando a sua vida, com a morte de sua filha, com o que quer que seja, e “eu controlo sua vida, eu controlo você psicologicamente porque eu posso”

—**Danelly Estupiñán Valencia.** Colômbia.

DE ONDE VÊM OS RISCOS E COMO ELES SÃO CONFIGURADOS?

Investigando as situações que ocasionam riscos, descobrimos que há sociedades marcadas pela violência estrutural, governos repressivos ou regimes autoritários, nos quais prevalece um senso generalizado de perigo. Por outro lado, há pessoas, entidades e grupos que têm como alvo ativistas, de forma individual e coletiva. Dependendo de seu contexto, identidade, histórico político, rede de apoio e resposta individual ou organizacional, o risco pode aumentar ou diminuir. O desafio é entender como esses elementos se manifestam para cada ativista em seu contexto.

Es ativistas podem enfrentar riscos maiores em certos períodos históricos ou ciclos de violência que resgatam momentos de repressão de outras épocas. Por exemplo, no Egito, em 2013, durante a presidência de Mohamed Morsi, protestos em massa irromperam contra sua tentativa de aprovar uma Constituição com tendência islâmica e a emissão de um decreto presidencial temporário para levar seu poder de decisão além da revisão judicial. Morsi foi derrubado por um golpe liderado pelo Ministro Geral da Defesa Abdel Fattah El-Sisi (que se tornou presidente do Egito mais tarde, em 2014).

Após o golpe, as forças de segurança egípcias e o exército, sob o comando do General Abdel Fattah El-Sisi, atacaram dois locais no Cairo contra os partidários do Presidente Mohamed Morsi: o primeiro local, a Praça Al-Nahda, e o segundo e maior, a Praça Rabaa Al-Adawiya. *Human Rights Watch* descreveu as incursões como crimes contra a humanidade e um dos

maiores massacres de manifestantes da história recente. Uma ativista no Egito o recorda como um dos piores momentos que ela viveu:

2013 foi um período assustador e alarmante, não apenas porque o exército estava no comando e nós estávamos sob uma ditadura, e a corrupção e a injustiça e tudo o que você pode imaginar era predominante, mas também por causa da forma como este sistema foi capaz de revelar o pior das pessoas. A revolução de 2011 mostrou a beleza e a esperança das pessoas (lágrimas), mas Sisi evidenciou o pior das pessoas (...) De 2013 a 2015 foram os piores momentos. Especialmente em 2014, o massacre de Rabaa foi horrível, depois o incidente da mesquita Fatah e, antes disso, o incidente do guarda republicano... Os massacres eram coisas sobre as quais você lia nos livros de história, você pensava que aconteciam, mas não podia imaginá-los completamente. Sim, esse foi o pior momento; isso e a reação das pessoas a estes incidentes, sua irracionalidade diante do ódio e da violência. Eu estava furiosa e deprimida.

—Dra Aida Seif el Dawla, cofundadora do Centro El Nadim contra a Tortura e a Violência. Egito.

Para muitas, as violências contra ativistas vêm do **Estado e de suas múltiplas faces**. Elas provêm de atores concretos: os militares, a polícia, figuras políticas, funcionários do governo e pessoas que criam leis. É o Estado que reprime, criminaliza, estigmatiza e censura por meios legais e ilegais.

Uma primeira barreira para o exercício do ativismo são as **leis**; leis **que discriminam, criminalizam populações** historicamente marginalizadas e contribuem para a reprodução da desigualdade. Em países onde diversas orientações sexuais e de gênero são criminalizadas, a ameaça vem do Estado restringindo direitos e liberdades. Por sua vez, a legalidade da norma fomenta outras violências na sociedade, tais como a discriminação contra pessoas LGBTIQ+ que coloca as ativistas em risco por questionar a ordem estabelecida.

Nós também copatrocínamos quase todos os grupos em nosso país. Como o país criminaliza o trabalho sexual, embora não seja explícito, as relações LGBT são criminalizadas; eles tendem a expandir o Código Penal para criminalizar ainda mais as pessoas LGBT... para criminalizar as relações entre pessoas do mesmo sexo com o termo de sodomia; isso está descrito na Constituição. Portanto, meu trabalho enfrenta este risco a maior parte do tempo.

—Anônima. África.

No Togo encontramos um exemplo evidente de como este risco específico para as lésbicas é configurado em contextos em que não é sequer possível reagir, pois, como a homossexualidade é criminalizada, ela silencia o ativismo e torna “criminosa” alguém cujo direito à orientação sexual livre está sendo violado.

Pessoalmente, não estou muito estressada, mas há lugares [nos quais] quando você chega, há ataques verbais que você não pode responder, porque se responder, corre o risco de ser atacada fisicamente. Eles dizem “olhe para as lésbicas, lá estão elas, lá estão elas...”. Você ouve isto e depois tem que sair de lá sem poder reagir, porque você conhece o Código Penal e o Artigo 393, que criminaliza as relações entre pessoas do mesmo sexo, que nosso Código Penal considera como atos contranatura.

—**Nika**, África.

As leis também são utilizadas para **o fechamento dos espaços da sociedade civil**. A regulamentação de organizações que leva a fechamentos arbitrários ou exigências excessivas para seu funcionamento que as impedem de conseguir sua existência legal; sem dúvida limitam o acesso ao financiamento e dificultam o trabalho des ativistas.

Elus [as/os legisladores] vão usar o espaço cívico que está se tornando cada vez menor. Por exemplo, Uganda introduziu muitas leis que estão reduzindo o direito de operar [das] organizações da sociedade civil, ativistas de direitos humanos, inclusive mulheres defensoras dos direitos humanos. Portanto, nesse sentido, o ambiente externo vai afetar nosso trabalho.

—**Brenda Kugonza**, Women Human Rights Defenders Network. Uganda.

Outro elemento importante é o financiamento. Há dois anos que a China tem uma lei de regulamentação de ONGs. Es doadorias do exterior que desejam operar na China devem se registrar no Ministério de Segurança Pública e, se não o fizerem, o trabalho será ilegal para elus ou para qualquer uma de suas atividades na China. Este não é apenas o caso das ONGs estrangeiras, mas também das ONGs locais e de base. Não podemos trabalhar com ONGs estrangeiras que não possuem um registro local na China. Isto é muito difícil para as organizações feministas que também estão fazendo incidência. É completamente impossível para nós obter financiamento do governo. De acordo com o governo, o feminismo é uma questão muito sensível. Não é algo que o governo financia. É por estas razões que trabalhamos com doadorias do exterior.

—**Jing Xiong**, Feminist Voices. China.

Outra ameaça **vem dos discursos de pessoas em posições de poder dentro da política formal**. O Estado, corporizado na figura de representantes do governo, origina discursos discriminatórios que, quando pronunciados a partir desta posição, resultam na legitimação social da violência simbólica; sendo esta última a base que permite outros tipos de violência. A linguagem neste cenário, além das palavras, tem um poder performativo que produz consequências na vida das mulheres, das pessoas *trans** e não binárias, especialmente aquelas com uma orientação sexual não hegemônica.

Penso, em geral, que nosso líder político é homofóbico. Este é, portanto, um dos principais desafios. Quando seu primeiro-ministro faz comentários antigay em público, você certamente terá um problema. E então toda a comunidade se mobiliza violentamente para apoiá-lo e defendê-lo. Esse é um grande desafio.

—**Jasmine Kaur**. Fiji.

Se você realmente quiser conhecer um político, basta perguntar sobre os direitos das mulheres. Eles dizem coisas horríveis, é incrível como eles reagem. Na melhor das hipóteses, eles dizem que não são feministas. Na pior das hipóteses, falam que as mulheres não podem ser ativas, não podem ser jornalistas, por causa da bíblia ou algo assim. É inacreditável. Até me lembro da discussão em 2015; as pessoas discutiam muito ativamente nas redes sociais se uma mulher podia ser presidente da Bielorrússia porque tinham “dias femininos”, e durante esses dias elas são muito emotivas, e o presidente da Bielorrússia precisa participar todos os dias do processo de tomada de decisão. Você pode imaginar?

—**Olga Karatch**. Bielorrússia.

A estigmatização por parte do governo procura desacreditar o ativismo a fim de criar uma opinião pública desfavorável sobre a defesa dos direitos humanos e, especificamente, sobre os direitos das mulheres, das pessoas LGBTIQ+ e aqueles relacionados à terra, ao território e à natureza. O discurso das personalidades políticas é reforçado mutuamente pelos estereótipos e imaginários promovidos pela mídia, e se torna uma ideia repetida no cotidiano, o que desestimula o fortalecimento dos movimentos.

Acontece que os governos, os poderes, querem desacreditar e começam a dizer que você é o problema, que você como defensora é o problema, que você como defensora é o problema que impede o desenvolvimento,

que você é um obstáculo ao desenvolvimento, e começam a estigmatizar assim, onde todes começam a ver você como tal.

—Ruth Alipaz Cuqui, *mulher indígena uchupiamona da Bolívia. Defensora dos direitos indígenas, dos direitos humanos e da natureza. Membro da Mancomunidade de Comunidades Indígenas de los Ríos Beni, Tuichi y Quiquibey e Coordenadora Geral da CONTIOCAP na Bolívia.*

Depois da estigmatização, ou como uma das suas formas, vem **a criminalização**. Em todas as regiões houve relatos de judicialização, detenções arbitrárias ou ameaças de processo penal como uma maneira de limitar as ações des ativistas.

E neste clima de liberdade de expressão no Golfo e a criminalização, a criminalização brutal de pessoas que estão denunciando ou expressando uma opinião diferente, eu tenho que ter mais cuidado com meu trabalho para não me colocar em risco nem arriscar a minha família ou amigos por causa do que estou fazendo.

—Anônima.

Como ativista social e defensora dos direitos humanos, é fácil se sentir intimidada. Você pode ser classificada como terrorista, agressora ou destruidora cultural (...) Não temos ajuda jurídica acessível e não podemos ter acesso a advogados. Também não temos juízes ou promotores que sejam completamente independentes. Se você enfrenta um problema ou uma acusação, onde pode ir?

—Pisey LY. Camboja.

Outra face da repressão estatal são os **abusos e a violência por parte das autoridades policiais e das agências de segurança do Estado**.

Tive uma situação muito difícil neste ano por conta de problemas de segurança que começaram no dia 8 de março. Fui atacada porque participei da World March [Marcha Mundial]. As ameaças e os ataques duraram mais de dois meses. Todas as garotas de nossa organização que participaram da marcha tiveram os mesmos problemas, inclusive eu. Houve perseguição por parte da polícia e de homens desconhecidos.

—Ukei Muratalieva. Quirguistão.

Em outubro de 2018, a greve das trabalhadoras da SUMIFRU foi

brutalmente dispersada pelos militares. Duas pessoas organizadoras foram presas. Eu negocieei a liberação de ambas. É uma felicidade quando você consegue salvar vidas e libertar pessoas.

—**Anônima.** Mindanao, Filipinas.

Fomos destituídas de nossa identidade como mulheres durante o período de desaparecimento forçado. No início fui sequestrada por sete meses pelo Estado e ninguém sabia onde nós estávamos durante todo o período antes de aparecer na prisão.

—**Fatna Elbouih,** defensora dos direitos humanos na Association Relais Prison/société. Marrocos.

Os ataques do Estado colocam as ativistas em uma situação de extrema vulnerabilidade, pois limitam os casos em que elas podem exigir justiça, o que, por sua vez, favorece **a impunidade** e aumenta o risco para sua vida e integridade.

As ameaças do Estado são paralisantes, porque provêm da estrutura que deveria nos proteger e garantir nossos direitos. Se fosse a máfia, você poderia chamar a polícia. Mas quem é que você chama quando é o governo que está atrás de você?

—**Anônima.** Sri Lanka.

Em outros casos, **a violência do Estado mistura-se com a violência paramilitar e são formados diferentes tipos de relações, incluindo conluio expresso em alianças e acordos entre forças armadas legais e grupos armados fora da lei.** Em países com conflitos armados e naqueles com presença de atores armados, a fonte das ameaças pode ser grupos paramilitares, grupos ligados a economias ilegais ou poderes que agem nas sombras, e possuem um peso muito específico no território.

Na verdade, os contextos são totalmente desfavoráveis à nossa luta. As pessoas pensam que estamos querendo a morte, e nós estamos lutando pela vida, ou seja, eu luto pela vida, eu amo a vida. Mas as pessoas imaginam que estou procurando a morte, visto que aqueles que nos atacam são expressões de morte. Estou falando de estruturas militares, paramilitares, traficantes de drogas, gangues. Portanto, as pessoas, minha família, estão quase sempre com medo, com medo de que um dia vão me matar.

—**Anônima.** América Latina.

Vamos dizer que uma das maiores preocupações é a perseguição que nós, mulheres defensoras dos direitos humanos, estamos vivenciando na Colômbia. Independentemente do lugar de enunciação, há uma acusação, uma acusação que vem de... bem, do do poder estabelecido, certo? Do governo. E você sabe que aqui na Colômbia existe o paramilitarismo (...) Sentimos a perseguição, sentimos que o ativismo é muito mais controlado, é claro que há violência contra aqueles de nós que querem outros mundos possíveis, aqueles de nós que querem outras formas de viver em sociedade.

—**Tef Piñeros, Colectiva Yerbateras.** Colômbia.



A violência usada em resposta a ativistas que procuram e lutam para **construir outros mundos possíveis** ocorre quando seu ativismo toca em interesses econômicos ou questiona o *statu quo*, ou a ideologia dominante. Outros mundos implicam outros modelos econômicos, outros modos de vida e outras formas de relação entre os seres humanos e a natureza, que vão contra os que estão no poder hoje. Para aqueles que defendem o território, o meio ambiente e a natureza, esta relação entre o desafio do poder corporativo e o risco potencial ao qual se expõem é bem evidente.

Então, temos as pessoas que estão lidando com questões ambientais e, mais uma vez, não se trata do meio ambiente, trata-se de negócios. É sobre o negócio que está sendo desafiado quando as pessoas fazem incidência ambiental. É o poder corporativo que realmente está colocando estas pessoas em risco.

—**Jessica Horn.** Uganda/Inglaterra.

Várias ativistas sofreram ameaças após sua **oposição a projetos de mineração e hidrocarbonetos, obras de infraestrutura** como barragens e portos, monoculturas e empresas madeireiras. Na América Latina, 9 das 25 pessoas entrevistadas relataram ataques contra elas devido ao seu ativismo por territórios. Por exemplo, uma ativista no Peru disse que a perseguição começou depois que ela liderou uma ação que afetou os interesses de uma empresa madeireira.

Quando tomei providências para parar todo esse desmatamento que estava matando nossa natureza; e é claro que eu estava sozinha, tinha meus filhos pequenos (...) interfeiri, trouxe [a] polícia e impedimos tudo,

e você não pode imaginar a quantidade de carvão que estava nessas carretas; nós paramos os caminhões, impedimos tudo. Mas qual foi a resposta desta empresa? Eles queriam matar a mim e aos meus filhos.

—**María Témpora Pintado**. Peru.

Estes riscos foram gerais em todas as regiões, embora haja algumas diferenças entre as respostas priorizadas pelas ativistas por região. As regiões que mais relataram repressão estatal ou ameaças do governo e instituições de segurança foram a África do Norte, o Sudeste Asiático e a Ásia Ocidental. A região que relatou mais assédio e censura on-line foi a Ásia Ocidental. As regiões que mais relataram violência física ou ameaças de violência foram a África Oriental, África Central, África do Norte e América do Sul.

Independentemente do contexto em que se encontrem, **a precariedade generalizada** das condições em que muitas ativistas ao redor do mundo vivem e trabalham é uma realidade comum, o que aprofunda os riscos que enfrentam. Isto está relacionado às desigualdades estruturais, ao financiamento que enfatiza a valorização do trabalho apenas com base nos resultados, e não prioriza o cuidado das ativistas e a sustentabilidade de seus movimentos. Es ativistas frequentemente fazem seu trabalho de forma voluntária e devem buscar outros empregos remunerados para se sustentarem. Isto reduz sua capacidade de responder a situações de emergência e de lidar com os impactos pessoais e coletivos de seu trabalho.

Se você olhar para muitas mulheres defensoras dos direitos humanos que estão aí no mundo, inclusive no Quênia, a maioria delas não tem um projeto de subsistência ou um programa do qual obtêm seu sustento diário. Portanto, também temos que considerar como ajudar as mulheres defensoras dos direitos humanos a se sustentarem para que não se distraiam e façam outras coisas. Por exemplo, se eu estou trabalhando com violência sexual e não sou capaz de pagar minhas despesas diárias, então isso significa que terei que procurar um emprego bem remunerado, pois o ativismo não está colocando comida na mesa para mim.

—**Wangu Kanja**, Wangu Kanja Foundation-The Survivors of Sexual Violence in Kenya Network. Quênia.

Como ser humano, às vezes me sinto mal, especialmente quando os recursos financeiros são baixos e os ataques aos direitos humanos são altos.

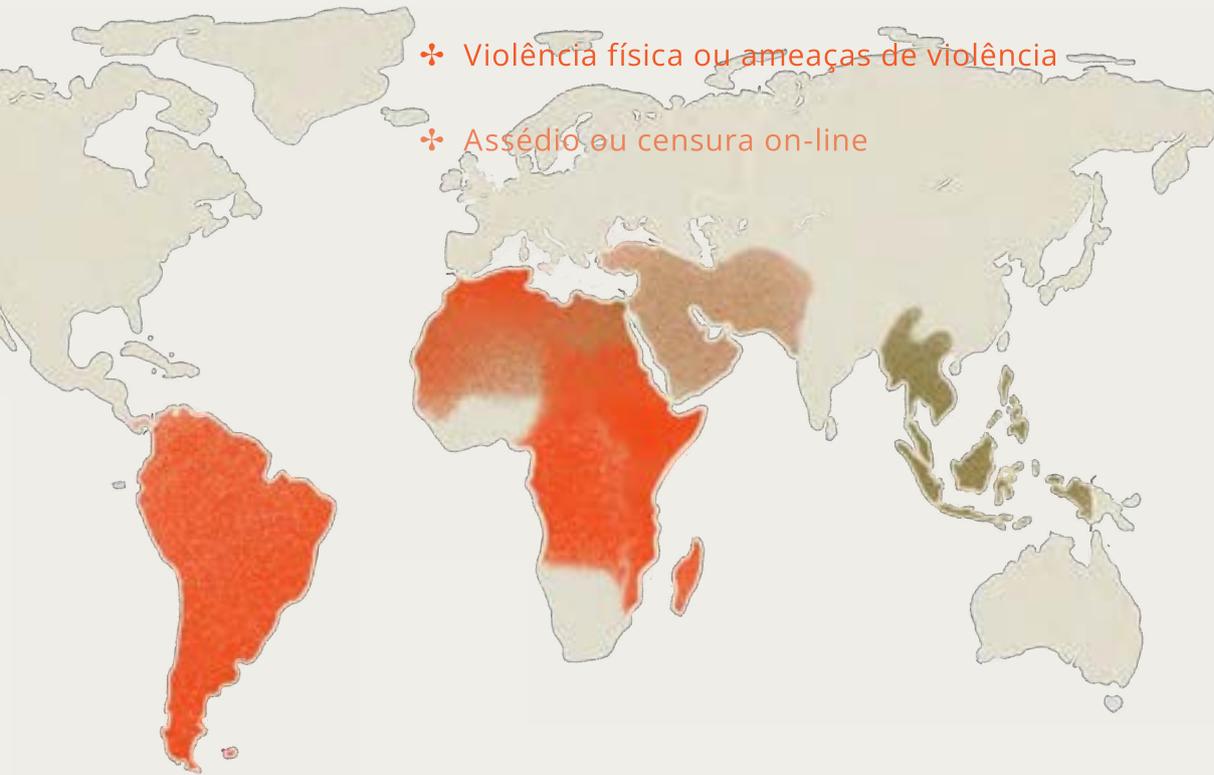
—**Emma, Mindanao**. Organização da sociedade civil, com foco no setor trabalhista. Mindanao.



✦ Repressão estatal, ameaças do governo ou instituições de segurança

✦ Violência física ou ameaças de violência

✦ Assédio ou censura on-line



Os riscos que encontramos em todas as regiões também são encontrados em outras épocas: os ciclos de violência se repetem. A mobilização social enfrentou a repressão do Estado e de outros atores durante muitos anos. Então, o que mudou nos últimos dez anos?

OS RISCOS ANTIGOS SÃO RENOVADOS EM SUAS FORMAS

Es ativistas percebem um **ressurgimento de fundamentalismos que procuram impor sua visão do mundo e excluir visões diferentes da sua**. Os riscos atuais parecem familiares porque aludem a valores conservadores, a tradições de outras épocas e porque procuram retornar a um estado anterior; marcado, entre outras coisas, pela ausência da separação entre Estado e religião, a preponderância da instituição do casamento sobre outras formas de associação, estereótipos de gênero e uma abordagem familiarista⁷ de políticas públicas.

Eu definitivamente penso que estamos diante de um ressurgimento do fascismo global (...). O fundamentalismo religioso está alimentando um enorme movimento de [grupos que afirmam a existência da] ideologia de gênero, [que] estão fechando a discussão sobre gênero e estão gerando medo de um espectro de gênero que obviamente entende que o gênero é fluido e poderoso por direito próprio. E isso está sendo descartado, apagado e ameaçado

—**Cara Page**. Estados Unidos.

Nosso **contexto global está virando à direita** e na direção de posições cada vez mais conservadoras, independentemente da afiliação ideológica do governo de onde elas vêm. Eleições recentes mostraram que pessoas com discursos abertamente discriminatórios podem chegar ao poder através de canais democráticos. Isto fortaleceu grupos fundamentalistas que têm estratégias cada vez mais complexas e de maior escopo para posicionar seus discursos em vários meios de comunicação, a fim de reavivar discussões que pareciam ter sido superadas, tais como de gênero e orientação sexual. Em resumo, es ativistas estão enfrentando as ideias fundamentalistas existentes, que agora estão se expandindo e se manifestando de novas formas.

⁷ Esta abordagem utilizada pelas instituições do Estado coloca os interesses da família, a partir de seu conceito tradicional de família, antes dos direitos das pessoas que a conformam, especialmente os direitos das mulheres e das pessoas LGBTQ+.

Sim, eu acho que a direita ultraconservadora fundamentalista, antidireitos, evangélica, católica, etc... todas essas pessoas avançaram muito em relação a doze anos atrás; estão muito melhor posicionadas, inventaram muitas coisas, também reagiram muito virulentamente aos nossos avanços, tornaram-se muito mais audaciosas (...) Em outras palavras, inventaram uma nova ordem de direitos, inventaram que a liberdade de expressão pode incluir lesbofobia, homofobia, misoginia; que os direitos não são universais, que os direitos das crianças estão subordinados às ideias de seus pais e mães. Ou seja, estão mudando... tentando mudar a ordem das coisas.

—**Rosa Posa Guinea.** Paraguai.

ESPAÇO VIRTUAL E COMUNICAÇÃO ON-LINE

Vivemos na era da conectividade e da virtualidade. Hoje, as relações pessoais, comunitárias, de trabalho e comerciais são mantidas através da Internet e das mídias sociais. O contexto gerado pela pandemia da Covid-19 fez com que várias atividades sociais, até então presenciais, se tornassem interações inteiramente virtuais, exacerbando as desigualdades em tempos de crise, dado que a virtualidade é um cenário que reproduz e pode enfatizar a violência e as desigualdades. Por exemplo, apenas uma porcentagem muito pequena da população pôde acessar serviços médicos remotos durante a emergência sanitária, pois isso requer uma infraestrutura de conexão em casa e educação digital, entre outras coisas. Além disso, muitas mulheres tiveram que adaptar seus lares, sem nenhum reconhecimento de seus esforços, para responder ao mesmo tempo a seus trabalhos e tarefas de cuidado designados de acordo com os papéis tradicionais de gênero.

Neste contexto, um dos riscos que se destacaram como novos em comparação com a década anterior foi a violência através das tecnologias⁸, que aumentou à medida que a Internet permitiu o acesso à informação e fortaleceu seu papel como espaço de expressão, denúncia e mobilização social. Nesta situação, o **anonimato** não representa um risco em si

mesmo e, de fato, em alguns casos, tornou-se uma estratégia de proteção para ativistas que não têm garantias para se expressarem livremente ou com segurança, especialmente em contextos repressivos. Por um lado, o anonimato é profundamente estigmatizado quando é exercido por ativistas ou pessoas que denunciam a violência e, por outro lado, torna-se um fator de risco quando atores que veem seus interesses ameaçados o utilizam para atacar ativistas, abusando dos contextos de impunidade que muitas vezes cercam este tipo de violência.

Um dos elementos que os ativistas associaram ao risco no espaço virtual é a exposição ou comercialização de dados privados ou pessoais, utilizados pelos Estados, empresas e terceiros para criminalizar, assediar, sinalizar e silenciar suas vozes ou dificultar suas ações tanto em redes digitais quanto em ambientes presenciais.

Eu estava ajudando uma amiga a preencher sua solicitação de visto, e uma das perguntas, que suponho que vinte anos atrás não era uma pergunta, dizia: "Você tem um perfil on-line?" Agora esses Estados também estão tentando nos monitorar; eles sabem que as plataformas digitais são espaços onde as pessoas estão fazendo ativismo e isso é um risco. Os empregadores vão aos seus espaços on-line e veem suas opiniões, verificam como é sua vida para ver se você constitui uma "ameaça". Isto significa que o risco de aumento da visibilidade está definitivamente crescendo.

—Khwezilomso Mbandazayo. África do Sul.

O perfil criado nos espaços virtuais tornou-se para algumas ativistas uma parte importante de sua projeção de identidade. A autorrepresentação, as interações com outras pessoas e o espaço para comunicar pensamentos ocupam uma parte importante do dia e nele são depositadas as emoções e os afetos.

[Houve] um momento em que alguém ficou obcecado com a página de fãs [propriedade da coletiva a qual pertence], e começou a denunciá-la de forma sistemática, até que foi fechada. E com o fechamento da página

⁸ Com isto, referimo-nos a todas as agressões perpetradas através de qualquer dispositivo, ferramenta ou tecnologia, com o objetivo de dificultar o trabalho da defesa dos direitos humanos. Esta violência pode incluir: ataques nas redes sociais, roubo de dados e equipamentos, uso de tecnologias de vigilância, censura de conteúdo, hackeamento de sites ou perfis, entre outros.

de fãs, meu perfil foi fechado. E para mim foi muito doloroso, porque minha primeira reação foi: sinto que eles me mataram, sinto que eles me mataram virtualmente. Como se eu tivesse desaparecido

—**Diana Pulido**, Colômbia.

A compreensão dos efeitos e riscos particulares que existem neste cenário virtual expande as dimensões do cuidado, permitindo-nos situar o **corpo digital**⁹ como um de nossos territórios de cuidado e proteção, porque o que acontece on-line tem implicações reais.

Você percebe que [a Internet] é um dispositivo que gera ansiedade. Além disso, as próprias redes sociais e a forma como elas estão sendo utilizadas. Você descobre que tem um discurso de ódio muito forte, porque as pessoas estão se escondendo atrás da tela. Portanto, há violência e há uma escalada muito forte entre [ambos] os lados. E é algo que acontece em razão destas questões de identidade muito fortes. Não é apenas uma questão de política que eu vejo desde fora, porque também atravessa quem eu sou, identidade de gênero, preferência sexual, questão racial, onde eu estou no mundo.

—**Fernanda Shirakawa**. Brasil.

Uma ativista também mencionou o risco de compartilhar informações pessoais com empresas ao aceitar termos e condições de aplicativos “gratuitos”, onde nossas informações, hábitos, gostos e histórias são “legalmente” comercializados. Outro elemento identificado por ativistas como um novo risco é a ansiedade produzida pela hiperconectividade que está aumentando à medida que incorporamos cada vez mais os telefones celulares em nossas atividades diárias.

Eu fiquei pensando e falando muito sobre isso. Sobre como era uma expressão do nosso corpo, porque o celular está ali nas nossas mãos,

⁹ O corpo digital é uma categoria desenvolvida pelo FAU-AL em diálogo com ativistas da região. Esta categoria é entendida como o conjunto da memória e informações sobre nós mesmos ou sobre as coletividades das quais fazemos parte, que criamos para ter uma presença no espaço virtual, em estreita conexão com o nosso corpo físico e com a noção de território-corpo-terra, presente em muitas culturas latino-americanas. O corpo digital está interligado com os diferentes corpos e territórios que habitamos e que são, por um lado, vulneráveis a riscos e, ao mesmo tempo, cenários de proteção, cuidado e resistência.

recebendo notificações o tempo todo e é um objeto que significa muito, não é? Não se trata apenas de um dispositivo. Ali estão nossos amigos, minha família, meu entretenimento, aonde eu vou para desligar minha cabeça, também aonde vou para procurar informações. Então vemos que é um dispositivo que gera ansiedade, e depois existem as próprias redes sociais e a maneira como elas estão sendo usadas.

—**Fernanda Shirakawa**. Brasil.

Entre os riscos associados ao espaço virtual está o assédio, que inclui mensagens agressivas, ameaças, ataques, divulgação de informações falsas com o objetivo de difamação, e outras práticas que pretendem dificultar o trabalho dos ativistas e de suas organizações. Socialmente, tais ameaças tendem a ser subestimadas e os procedimentos de denúncia e investigação são precários ou inexistentes em muitos países. Os ativistas nos lembram que o fato de ser virtual não o torna menos real; pelo contrário, pode exacerbar a situação.

É toda uma nova agenda de agressões na esfera virtual (...) quando é denunciada, por exemplo, as autoridades dizem que “isto não é uma ameaça”, não é porque não é... porque é virtual. Também foi um processo para as mulheres defensoras dos direitos humanos assumirem que estes ataques são violência e acho que estamos agora num ponto em que fizemos um trabalho importante de reconhecer que isto também nos afeta. Mesmo sem receber uma carta, é como se você recebesse uma carta em casa com a ameaça só por vê-la no computador.

—**Verónica Vidal Degiorgis**. Uruguaí-México.

Já vi irmãs e camaradas que tiveram que ser hospitalizadas devido ao que as pessoas disseram sobre elas no Facebook.

—**Phumi Mtetwa**, *Just Associates-JASS*. África do Sul.

A repressão e a criminalização também se manifestam no mundo virtual através da vigilância, controle e censura. As tecnologias fornecem ferramentas para que os governos controlem e monitorem ativistas que desafiam e resistem contra suas decisões ou denunciam suas alianças com empresas privadas que ameaçam territórios e bens comuns.

Minhas cinco amigas próximas e colegas de trabalho foram presas por 37 dias. Depois disso, muitas organizações foram fechadas e começaram a trabalhar clandestinamente (...) Sim, depois de 2015 muitas das atividades

off-line foram canceladas ou eram muito pouco visíveis. Estávamos trabalhando muito on-line, ativismo on-line, mobilização on-line. Mas então, no ano passado, eles fecharam nossas contas. As ameaças on-line... basicamente a mais crucial é a censura, não só para nós, mas para qualquer pessoa na China. Quando você diz algo que é considerado certo ou errado... torna-se muito complicado quando você não sabe o que pode dizer e é presa pela polícia. É um pouco absurdo. O governo quer controlar tudo on-line. As contas de nossa organização foram fechadas e isso tornou tudo mais difícil para nós. A censura complicou.

—**Jing Xiong**, *Feminist Voices*. China.

A conectividade também traz novas oportunidades. **O espaço virtual pode ser um espaço de solidariedade, mobilização, amizade, acompanhamento, formação de redes e cuidados.** Às vezes torna-se a única maneira de comunicar o que está acontecendo em áreas rurais, em regiões remotas ou em países com forte controle das telecomunicações; ou é simplesmente uma ferramenta para se conectar com outros, trocar conhecimentos e dar apoio mútuo, além das distâncias e das fronteiras físicas.

Penso nas pessoas que estão apoiando este trabalho, no ativismo e nos movimentos, e no ritmo da violência e da interconectividade em comparação com vinte anos atrás. Estamos muito mais conscientes do que acontece em lugares diferentes do que provavelmente estávamos há vinte anos. Ao mesmo tempo, ainda estamos olhando para o nosso umbigo em nosso contexto também. Penso que passamos por um período de maior consciência do que está acontecendo em outros contextos, e agora, por causa da opressão que acontece em diferentes contextos territoriais, as pessoas estão voltando para o espaço local; que é algo necessário para construir solidariedade e confiança, e também devido à urgência.

—**Shawna Wakefield**, *Root.Rise.Pollinate!* Estados Unidos.

O outro lado da moeda disso [ameaças on-line] é a solidariedade on-line, especialmente com outras ativistas fora de Camarões, porque não esqueçam que temos uma crise. Eu contei para você que temos uma crise há três anos e há momentos em que não temos Internet, às vezes cortam a Internet por mais de trinta dias e quando isso acontece e temos histórias e precisamos de ajuda para que as pessoas saibam e esse tipo de coisas, é a solidariedade de nossas irmãs fora de Camarões que nos faz seguir em frente.

—**Comfort Mussa**, *Sisterspeak237*. Camarões

A Internet também mudou a maneira como as pessoas chegam ao feminismo. A geração mais jovem, que cresceu com a Internet, encontra nela um espaço de socialização com pessoas diversas, um espaço atravessado pela afinidade de ideias que de outra forma não conheceriam. Uma ativista panamenha, que começou no feminismo nos anos 90, conta como ela estava inicialmente relacionada ao movimento estudantil, onde conheceu mulheres feministas. Mais tarde, trabalhando em uma ONG, ela fez formações sobre gênero, em contraste com jovens feministas que seguem outros caminhos.

Não é como antes, quando as mulheres jovens vinham de nossas ONGs, de nossas organizações (...) Há muitas mulheres jovens que se tornaram feministas através da Internet. E então elas se aproximaram do que encontraram como um movimento no Panamá. Mas eu acho que muitas delas são feministas da Internet, e eu digo isso de forma positiva, ou seja, elas sabem o que está acontecendo em outros lugares, estão ouvindo coisas de outros lugares (...) E me faz sorrir quando vejo que há muitas delas (...) que estão no teatro, aquelas que fazem [eventos de] microfone aberto, aquelas que têm uma loja de arte, que fazem feiras de livros e conversam no contexto da feira do livro e são poetisas feministas, ah, isso me dá um prazer tremendo.

—**Alibel Pizarro**. Panamá.

RISCOS E EXPERIÊNCIAS SITUADAS

Dependendo das identidades e condições específicas em que vivemos, as mesmas ameaças são vivenciadas de formas diferentes. Situar riscos e ameaças envolve reconhecer que uma condição pode ser um fator de risco (aumenta a probabilidade de sofrer danos) ou um fator de proteção (diminui a probabilidade de sofrer danos) dependendo do contexto.

Ser uma pessoa ativista sempre traz riscos. **Ser ativista mulher, trans***

ou não binária implica transgredir os papéis de gênero estabelecidos pela sociedade patriarcal e, portanto, os ataques contra elus são de natureza sexista.

Penso que o fato de eu ser mulher é a razão pela qual, em primeiro lugar, vivenciei essas ameaças... porque tenho outros colegas homens que, quando escrevem sobre certos assuntos que as pessoas não gostam, ninguém vai dizer: "Ah, você não é um bom líder porque não é casado", por exemplo. O que ser casada ou não tem a ver com uma opinião profissional, não é?

—Comfort Mussa, Sisterspeak237. Camarões

Um risco crescente para as mulheres ativistas é a **violência sexual**. As ameaças que recebem, seja por meios virtuais ou físicos, muitas vezes incluem a sexualização de seus corpos ou a ameaça de agressão sexual.

Entendemos que quando somos presas, quando mulheres defensoras dos direitos humanos são presas, não é apenas uma tortura física, emocional, mas a violência sexual também é usada como forma de tortura. Portanto, estamos absolutamente cientes desses tipos de ameaças. Até nossas consultoras jurídicas estão recebendo ameaças on-line: "Tenha cuidado quando estiver na rua porque vamos estuprá-la!" Coisas deste tipo, comentários de natureza sexual (...) Então, nos sentimos mais vulneráveis especificamente como mulheres neste clima político.

—Ativista. Filipinas.

Sexualmente, estou em risco a qualquer momento, não importa o quanto eu seja resiliente. Mas o que podemos fazer? Esta é a realidade. O estupro corretivo é usado contra mim para me assediar, para me intimidar e para deter meu ativismo. Como ativista, ainda tenho um medo extremo deste contexto.

—Ativista. Camboja.

Outra característica das ameaças contra as mulheres e as ativistas feministas é que elas **se estendem às suas famílias**. Referências sobre a função reprodutiva, ameaças a crianças ou outros integrantes da família, ou até mesmo mensagens ameaçadoras através de parentes, reforçam a ideia de punição por transgredir o papel de gênero tradicionalmente imposto às mulheres.

Em geral, os defensores masculinos enfrentam problemas, mas eles são os alvos. Às vezes suas famílias são alvo, mas com as mulheres é diferente,

porque querem mostrar a elas que são mulheres, que não são mais do que mulheres, então por que se envolver em debates desse tipo.

—Djingarey Ibrahim Maiga, *Femmes et Droits Humains.* Mali.

Falando de repressão contra os homens (...) quase nunca há ataques pessoais, não há ataques pessoais contra a família, não há ataques pessoais contra as crianças (...) Não há a tentativa de destruir a vida social ou a personalidade dos homens. Falando de mulheres, se falarmos de mulheres defensoras dos direitos humanos, é muito importante levar tudo isso em conta, todos os ataques pessoais; isso é tudo para destruir a personalidade da mulher e isso é algo contra sua vida privada e contra sua sexualidade, contra suas filhas e filhos, contra sua família, contra você, contra sua vida social, contra sua reputação etc. Isto é uma diferença muito grande.

—Olga Karatch. Bielorrússia.

As ameaças afetam as relações familiares e a situação pode chegar ao ponto em que sua parceira ou parceiro, sua mãe ou seu pai são quem pressionam e questionam seu trabalho. Várias ativistas nos disseram que enfrentaram incompreensões de seu compromisso com uma questão específica ou críticas a seu ativismo, porque é percebido como uma decisão com consequências perigosas.

[Falando das tensões entre organizações quanto a sua denúncia de grilagem de terras em território indígena] Mas eles me denunciaram à Promotoria Geral, fizeram uma campanha de difamação terrível (...) até meus pais choravam me perguntando por que eu estava lutando por coisas que não eram minhas e por que eu as denunciava, por que não procurava um trabalho normal (...) Porque foram assustá-los, os obrigaram a ir a uma reunião, a uma assembleia, e lhes questionaram se não “tinham aconselhado sua filha, sua filha que era tão gente fina, porque ela não sabia no que estava metida e até eles poderiam sair prejudicados” E então começaram a influenciar a minha mãe e o meu pai para que eles pudessem me controlar.

—Opasta. Honduras.

Eu recebia chamadas no meio da noite me ameaçando para retirar os casos [em que eu estava trabalhando] ou eles iriam sequestrar minha filha. Estas coisas me estressavam muito. Além disso, meu marido costumava dizer: “Quem está ligando para você à noite? Por que eles

estão ligando? Por que você está fazendo esse tipo de trabalho?”. Isto criou um ambiente muito difícil. Eu digo que eu investi muito em minha filha. Se ela chega um pouco mais tarde da escola, meu nível de estresse aumenta. Meu marido me estressa, os traficantes me ameaçam, há muito tempo que eu estou lutando com esta situação.

—Renu Adhikari, ativista. *National Alliance of Women Human Rights Defenders*. Nepal.

Os riscos específicos são **mais evidentes para pessoas com orientações sexuais, identidades ou expressões de gênero diversas**. As barreiras legais para acessar seus direitos limitam a livre mobilidade, e quando o ativismo aumenta a visibilidade de uma mulher trans*, lésbica, bissexual, uma pessoa queer ou de gênero fluido, a possibilidade dela ser agredida por esta identidade aumenta.

Nunca tive nenhum problema, mas ainda sou uma mulher queer do Norte da África. Francamente, quando eu me mudei para cá, uma das coisas nas quais eu pensava com frequência, porque agora sou casada [com uma mulher]... no meu caso, penso, uma das coisas que mais me assusta é o que aconteceria se eu voltasse e eles soubessem que sou casada. Eles poderiam me prender facilmente.

—Anônima.

O direito à cidade e a ocupar livremente os espaços públicos é violado, especialmente para as pessoas trans* ou para aquelas que têm uma expressão de gênero não hegemônica.

(...) Na periferia, poderia se dizer que estamos mais em risco porque enfrentamos ser travestis durante o dia. Agora há lugares muito mais seguros, como o centro da cidade, por exemplo. O centro de Santiago é seguro porque há uma diversidade de pessoas, e de certa forma a diversidade de pessoas protege.

—Claudia Rodríguez, *Fondo Alquimia*. Chile.

Acho que o número de vezes que sou fisicamente prejudicada depende da minha expressão de gênero nesse momento (...) Os tiroteios são muito comuns no meu bairro! (...) Eu penso: “É só questão de tempo” e eu tento ver tudo assim, como: “Vou ser racional quanto a isso”. Vou apenas viver minha vida, vou ficar alerta, você sabe (...). Quer dizer, quase sempre falo para as pessoas que vou a algum lugar e elas dizem “não” (...) Na verdade,

tenho um certo medo legítimo [do que pode acontecer]. E eu posso senti-lo. Eu posso senti-lo nesses lugares do meu corpo, eu posso senti-lo.

—Anônima.

Os estereótipos podem se manifestar em agressões, abusos policiais ou culpabilização por parte de funcionáries do setor público quando es ativistas tentam denunciar uma agressão.

[Imitando o policial]

—Mas com certeza fez alguma coisa.

—Senhor, nós trabalhamos com direitos humanos, todas elas têm uma vida privada, não sei se são trabalhadoras do sexo ou não, mas estamos denunciando o que aconteceu com uma colega no espaço de trabalho.

—Tá, mas fez alguma coisa.

Quando C. foi morta, [eles assumem que foi porque] ela fez alguma coisa. Quando espancaram J. e bateram nela até sangrar, [eles assumem que foi porque] ela fez alguma coisa. Quando fui denunciar o roubo, chegou o especialista:

—Mas como foi que isso aconteceu? Com quem você estava?

—Senhor, assaltaram a minha casa, por favor...

Então, há sempre essa culpa e eu sei que é porque sou trans

—Miluska Luzquiños, *Trans Organización Feminista por los DDHH de las Personas Trans. Peru.*



Os riscos aos quais es ativistas estão expostos e os desafios que estes riscos envolvem são atravessados pelos contextos em que vivem e pelas especificidades de cada indivíduo: sexo, raça, classe social, idade, capacidades e deficiências, entre outros. Não se trata de pensar nas identidades como filtros que são acrescentados à pessoa, mas de compreender sua complexidade e nos situarmos naquele lugar particular e interseccional a fim de abordar suas realidades e compreendê-las no seu contexto.

É importante pensar em como os **estereótipos em torno das capacidades e deficiências, e gênero** influenciam a forma como as pessoas muitas vezes entendem os riscos enfrentados por ativistas com deficiência. Na pesquisa, es ativistas com deficiência se referiram a percepções generalizadas da deficiência que as colocam antes de todas as

outras condições e invisibilizam situações de risco, sejam elas decorrentes de ativismo, outras identidades, orientação sexual, ou da maternidade.

Muitos programas estão sendo desenvolvidos para mulheres líderes com deficiências que trabalham no Quirguistão. Estes programas estão relacionados ao trabalho que você tem que fazer, mas não se entende que você também precisa de programas de proteção.

—**Ukei Muratalieva**, Quirguistão.

Por exemplo, as pessoas vêm e me empurram na cadeira de rodas sem pedir licença, que é algo que acontece com todos nós, mas eu vejo que com as mulheres acontece mais, porque nos identificam como alguém que precisa de ajuda e é mais fraca (...) Então, em relação, por exemplo, à orientação sexual (...) existe a suposição de que as pessoas são heterossexuais. Com uma deficiência: mais ainda. Como se você tivesse que ser heterossexual e, na medida do possível, não ter relações sexuais. Acho que essa é a ideia, não é?

—**Luna Irazábal**, Colectivo Ovejas Negras, Uruguai.

Es ativistas também salientaram as implicações da luta para assegurar que todos os direitos humanos sejam efetivamente garantidos às **peçoas com deficiências**.

Os direitos das pessoas com deficiência são direitos humanos fundamentais. Agora eu amadureci (...) pratico incidência em muitas áreas, [com] mulheres, jovens, crianças, com ou sem deficiência, porque tudo o que precisam é do que nós também precisamos (...) Por exemplo, a deficiência tem várias categorias, então falando de educação, que é um direito humano fundamental, para garantir o acesso a este direito, as pessoas que educam devem ser treinadas em linguagem de sinais. (...) Quanto à construção de infraestrutura viária ou outras estradas, é necessário que sejam acessíveis para que eu possa viajar nelas. Quando se trata de agricultura, precisamos ser capazes de realizar atividades agrícolas. Em todo o sistema de justiça precisamos que nossos advogades e juízies entendam a linguagem de sinais (...) Portanto, nosso trabalho de incidência é completamente transversal, basta garantir que tudo esteja assegurado para que ninguém seja deixado para trás. Eis a questão.

—**Emb. Daintowon Domah Pay-Bayee**, Coordenadora do Young Women Leadership and Knowledge Institute Liberia -YOWLI e Secretary General for the Political Affairs Department of the Coalition of Political Parties Women in Liberia - COPPWIL. Libéria.

Um outro desafio é compreender o que significa **ter uma identidade étnica e como ela se cruza com outras identidades construídas a partir da coletividade e da individualidade**. Algumas das pessoas entrevistadas afirmaram pertencer a um grupo étnico como uma identidade coletiva, destacaram uma “forma de ser” característica, enquanto narravam experiências específicas, inclusive conflitos pessoais com outras dimensões de sua identidade, dependendo do espaço ou em outros grupos de pertencimento não relacionados à etnicidade. Por exemplo, uma ativista da Tailândia alegou que não há espaços para refletir sobre as condições específicas das lésbicas indígenas, e como a experiência coletiva da colonização molda uma realidade diferente para elas.

Em primeiro lugar, pertencer a uma minoria étnica já é um risco porque temos sido oprimidas pela sociedade, economia e cultura. A maioria detém o poder e nunca reconhece que as culturas e as estruturas sociais não nos protegem (...). É com isto que você se depara todos os dias, sendo indígena ou de uma minoria étnica. Existe também a colonização interna (...). Como estamos cercadas de feministas que não são lésbicas, não nos é permitida a narrativa de sermos lésbicas e lutar pela igualdade de gênero e também pela orientação e justiça ambiental. E não temos espaços para falar sobre isso com profundidade, sobre orientação sexual... e as lésbicas oprimidas, como eu, nossos problemas não são tratados da mesma forma que outros. Há barreiras de que ainda precisamos falar (...). Se você não tem espaço para falar sobre isso, como vai resolver o problema?

—**Matcha Phorn-in**. Tailândia.

RISCOS INTERNOS E CONVERSAS PENDENTES

Até agora, tem sido feita referência às ameaças (externas), mas também é necessário abordar situações dentro das **organizações e movimentos** que possam **constituir um risco**. Os distúrbios ou dificuldades que não são tratados de forma propícia podem danificar a integridade individual e coletiva, e enfraquecer os movimentos. Por isso é tão importante enfrentar tanto as ameaças quanto este tipo de situações dentro dos espaços organizacionais.

O ataque contra as organizações da sociedade civil está afetando as pessoas. Assim, nossas interações diárias estão começando a se tornar desagradáveis. Existe essa atmosfera de que você não está lidando apenas com o governo ou com o fato de ser um alvo, mas está lidando também com as discussões/ conflitos e dinâmicas dentro da organização ou com outras organizações, e isso se torna preocupante. Você começa a pensar: “Por que estou fazendo isso, se não somos capazes de resolver nossos problemas, como vamos gerar qualquer tipo de mudança?” A sensação de desesperança nos acomete.

—Anônima.

Uma primeira questão são **as relações de poder e as hierarquias** - o quanto isso está sendo discutido dentro das organizações? Estamos questionando a forma como abordamos o poder e a liderança? E que desafios particulares as organizações feministas enfrentam em relação à liderança e ao poder?

A primeira vez que ouvi uma jovem feminista foi quando falávamos de liderança, entre outras coisas, nas organizações, e ela disse que muitas organizações de mulheres eram dirigidas como famílias, a mesma família que estamos questionando (...) Portanto, penso que há muitas coisas que levam à insatisfação, que levam à desigualdade; não somos capazes de falar sobre isso e não o fazemos. Muitas vezes o poder pode corromper totalmente. E não abrimos esses espaços para conversas porque temos pavor do que está acontecendo.

—Pramada Menon. Índia.

O movimento simula ser aberto e horizontal, que não tem estrutura, mas tem uma estrutura que não é falada e que é normalizada.

—Anônima.

A conversa é importante, porque apela à transformação interior que o feminismo sempre preconizou. **É uma oportunidade de transformação** profunda das práticas cotidianas não apenas para fora, mas também para dentro dos espaços feministas.

Mesmo nos movimentos feministas você vai ter que enfrentar o mesmo poder, dinâmica e hierarquias desiguais que você enfrenta na sociedade em geral e não existe nenhum tipo de utopia neste sentido. É muito importante que todas trabalhem juntas para tentar criar esta utopia porque, na verdade, temos que criá-la ativamente.

—Jessica Horn. Uganda/Inglaterra.

Felizmente, o movimento não é estático e cada vez mais organizações estão propondo **outras formas de se relacionar e organizar o trabalho**. Algumas optam pela tomada de decisão coletiva, outras têm estruturas horizontais na divisão do trabalho. O trabalho remoto e virtual também é mencionado como uma estratégia de flexibilização, assim como os esforços para rever a dinâmica de trabalho, incluindo, por exemplo, a redução das horas de serviço.

A estrutura de nossa organização é muito horizontal, não há absolutamente nada vertical para que a pessoa que lidera se comporte como um chefe e o resto obedeça em tudo. Temos uma espécie de comitê consultivo onde discutimos juntas nossos problemas e buscamos estratégias para resolvê-los.

—**Milana Bakhaeva**. Chechênia/Rússia.

Outro ponto que surgiu durante o processo foi como as ativistas se posicionaram em relação às **diferentes formas de viver e compreender o ativismo**. Neste sentido, temas como **a adicção ao trabalho, viver o ativismo como um sacrifício, a culpa, as expectativas internas sobre como ser uma “boa ativista ou feminista” foram repetidos durante as entrevistas**.

Somos movimentos e estamos tentando transgredir certas posições conservadoras, tradicionais, hegemônicas, mas ainda continuamos operando nelas. Por exemplo, continuamos operando com base na culpa e não com base na responsabilidade ou na responsabilidade compartilhada. Continuamos trabalhando (...) em torno de sermos sempre mártires da causa.

—**Selene Yang**. Paraguai.

Nas conversas com ativistas, elas identificaram estas práticas a partir de uma perspectiva organizacional e pessoal, crítica e autocrítica. Várias relataram momentos de desilusão devido à constante comparação ou desacordos internos que terminam em tensões; algumas descreveram rupturas nos coletivos e buscas pessoais por outras formas de fazer ativismo, já que, em sua maioria, observam que raramente há um compromisso com soluções coletivas.

A verdade é que estamos constantemente dizendo, bem, “você não é liberal o suficiente, você não é queer o suficiente, você não é alguma coisa; você não é mulher o suficiente”. Portanto, se pudéssemos parar com isso e conversar entre nós.

—**Pramada Menon**. Índia.

Finalmente, os relatos des ativistas estiveram marcados por referências a impactos na sua saúde geral, bem-estar e vida, **traumas, doenças, momentos de instabilidade emocional, estresse e fadiga**. Es ativistas compartilharam que são afeições e impactos gerados por episódios traumáticos, relacionados aos riscos e ameaças que enfrentam, por sua vez, com algumas de suas práticas: pouco descanso, ansiedade, altos níveis de estresse, longas jornadas de trabalho, longas viagens, exigências físicas, alimentação fora de horário, etc. Es ativistas mencionaram todos estes efeitos que não estão limitados a riscos internos.

É muito difícil para as ativistas manter uma mentalidade positiva quando estão sob ataque ou sob pressão. Elas experimentam muitas dificuldades mentais; torna-se tão difícil que acabam ficando deprimidas.

—Jing Xiong, Feminist Voices. China.

Então, na semana passada, foi assim que eu me senti, como se estivesse muito mal, senti que precisava processar tudo e isso leva tempo. E eu tinha medo [que] esses traumas, essa coisa do joelho, não me parece que seja por acaso: “Ah, tá, eu machuquei meu joelho, que coincidência”. Acho que é uma consequência de todas essas coisas, desses nós não resolvidos dentro de mim, na minha vida; há coisas que não estou aceitando, talvez a questão do joelho. Eu penso que tem uma origem.

—Anônima.

Embora, como mencionado, existam especificidades em relação aos riscos (externos e internos) de acordo com os contextos, podemos encontrar certos problemas internos que são compartilhados por região. Por exemplo, as ativistas na África do Norte e na América do Sul mencionaram de forma frequente conflitos entre diferentes perspectivas ou feminismos. A região que mais relatou discriminação dentro dos movimentos foi a América do Sul, e a região que mais fez referência às relações e hierarquias de poder foi a Ásia Ocidental.

O ato de situar os riscos nos leva a pensar no aspecto pessoal, no coletivo, no âmbito local, regional e global. Ao lembrar que os riscos dependem do contexto e da experiência particular de cada ativista, podemos evitar homogeneizar suas experiências ou os desafios que enfrentam, bem como suas práticas de cuidado. Por outra parte, perceber a conexão que temos como movimento e a interconectividade com o mundo ao nosso redor nos lembra que não estamos sós; ela ativa nossa empatia, nossa solidariedade. Isso também impulsiona nossa força para continuar construindo outros mundos possíveis. Precisamos fortalecer estas conexões, continuar tecendo nossas experiências para continuarmos transformando, tanto a parte externa como interna de nossos movimentos.

CONVITE

Inspiração transfronteiriça

Escolha uma das citações que incluímos no capítulo de um país que você não conheça; um país que não consiga localizar nitidamente em um mapa ou de cuja história você não saiba quase nada. Descubra um pouco sobre esse lugar e sobre os movimentos feministas, de mulheres, trans e não binários.

O que você aprendeu lendo sobre a experiência delus?

Convidamos você a escrever uma mensagem de solidariedade para as ativistas daquele país, compartilhando sua experiência quando enfrentou riscos semelhantes.



CAPÍTULO 3

Conhecer es ativistas

Quem é você?

Como você se descreve?



Para conhecer es ativistas que participaram deste processo, não basta colorir os países nem classificá-les de acordo com os direitos que defendem. Experiência e subjetividade são fundamentais. Em outras palavras, es ativistas são muito mais do que a caracterização de seus dados demográficos. Es ativistas são suas experiências, suas memórias e suas subjetividades, contadas em suas próprias vozes.

Quem são as pessoas que falam?

Foram entrevistadas **7 pessoas que foram vítimas de deslocamento forçado** ou que estão no exílio e **3 mulheres com deficiências**.

IDADE:

36% das pessoas entrevistadas tinham entre **30 e 39 anos**

19% entre **20 e 29**

16,1% entre **40 e 49**

14,4% entre **50 e 59**

5,1% entre **60 e 69**

1,7% entre **70 e 79** anos de idade

¹⁰ Esta questão foi colocada de forma aberta, sem classificação predeterminada. As informações que compartilhamos refletem as respostas que recebemos. Muitas das pessoas entrevistadas não responderam de forma alguma, pois não se autoidentificaram. Nesta seção, apresentamos algumas de suas reflexões sobre classificações arbitrárias e como elas as interpretam no seu contexto.

Autoidentificação relacionada à **ETNICIDADE**¹⁰:

27,1% das pessoas entrevistadas não responderam esta pergunta

9,3% como indígenas

4,2% como árabes

26,3% das pessoas se identificaram como afro/negras

8,5% como mestiças

5,9% se identificaram como outras

7,5% como asiáticas

10,2% como brancas

0,8% como norte-africanas

GÊNERO:

89,8% das pessoas entrevistadas se identificaram como mulheres cisgênero

2,5% como mulheres trans

0,8% responderam nenhuma das opções.

4,2% como pessoa de gênero não binário;

2,5% como homens trans ou pessoas trans que preferem ser tratadas no masculino

ORIENTAÇÃO SEXUAL¹¹:

45,8% não responderam a esta pergunta

9,8% como queer

22% se identificaram como heterossexuais

5,1% como bissexuais

13,6% como lésbicas

3,4% se identificaram de outras formas

¹¹ Assim como na categoria de etnia/raça, muitas pessoas entrevistadas preferiram não se identificar de nenhuma forma em relação à sua orientação sexual.

✦ São **118** ativistas e “praticantes”.

IDENTIDADE NO ATIVISMO:

16,1% são ativistas de direitos LGBTQ+

14,4% são ativistas para eliminar as violências contra as mulheres e VbG

11% são ativistas dos direitos da mulher em geral

7,6% defendem os direitos territoriais, ambientais e da natureza

7,6% são ativistas do cuidado ou praticantes

5,1% são ativistas dos direitos sexuais e reprodutivos

1,7% são artistas;

1,7% são ativistas digitais e defendem os direitos digitais;

1,7% são jornalistas e 32,2% têm outras especificidades.

62,7% vivem em áreas urbanas

12,7% vivem em áreas rurais

2,5% se deslocam entre as áreas urbanas e rurais

para os **22%** restantes não há informações disponíveis.

37,3% possuem companheire fixe

2,5% possuem múltiplos companheiros

44,1% estão sem companheire

16,1% não responderam a esta pergunta

38,1% têm filhas

51,7% não têm filhas

uma entrevistada estava grávida no momento da entrevista

9,3% não responderam.

REGIÕES:

19,1% das pessoas entrevistadas eram da América do Sul

10,2% da América Central

1,2% do Caribe

5,1% da América do Norte

9,3% do norte da África

4,1% da África Central

6,8% da África Oriental

9,3% da África Ocidental

1,7% do Sul da África

10,2% da Ásia Ocidental

5,9% do Sudeste Asiático

4,2% do Sul da Ásia

2,5% da Ásia Central

1,7% da Ásia Oriental.

2,5% da Melanésia

2,5% do Sul da Europa

2,5% da Europa Oriental

Es ativistas desta pesquisa são **mulheres, pessoas trans* e não binárias envolvidas** na defesa dos direitos humanos das mulheres, pessoas LGBTQI+ e do território. Algumes delus mencionaram sua profissão, atividade econômica ou área de trabalho: jornalismo, arte, assistência social, psicologia, antropologia, sociologia, astrologia, reiki, terapia para acompanhar processos. A maioria enfatizou seu ativismo, seja de forma geral (“Sou defensora dos direitos humanos”) ou de forma particular (“Sou defensora dos direitos das trabalhadoras do sexo”, “Sou defensora do território”, “Sou ativista principalmente dos direitos de lésbicas, bissexuais e transexuais”). A maioria delus falou de sua organização e reconheceu a ação coletiva em sua trajetória. A partir de sua experiência, algumes forneceram reflexões sobre o que significa se definir como ativista.

Eu não gosto muito do termo “ativista”. Creio que cada uma de nós tem a capacidade e um espaço específico para avançar em nosso campo de interesse, seja ele qual for. Eu poderia ser pesquisadora, especialista em psicologia, assistente social, advogada, posso ser qualquer coisa e fazer o meu melhor, mas não existe um trabalho chamado “ativista”. Estou fazendo meu trabalho e meu trabalho faz parte de um círculo maior de muitas coisas que podem ser mudadas e eu estou tentando fazer parte desse círculo.

—Anônima.

Também foi toda uma jornada (...) Trabalhando no lugar onde estive nos últimos dez anos, que é uma organização global, internacional, feminista, mas muitas vezes, bem (...) eu não sou a defensora, aquela que está lá na frente. Não estou na comunidade, não trabalho diariamente com as bases, estou fazendo incidência nos espaços globais, regionais (...) Então em algum momento nós entendemos o direito de defender direitos, não é mesmo? E sempre temos também uma prática pessoal (...) Estamos apoiando causas diferentes em nossa militância pessoal (...) E penso que a partir dessa reflexão assumi que eu também era uma defensora, não uma daquelas que estão lá na frente, mas sim [dessas] que simplifica[m] os processos (...) Portanto, foi também uma forma de me assumir como ativista, uma defensora. (Verónica Vidal Degiorgis. Uruguai-México).

—Verónica Vidal Degiorgis. Uruguai-México.

QUEM SÃO ESTAS PESSOAS ATIVISTAS?

Como es ativistas se definem? A resposta depende da trajetória política e, em alguns casos, do momento pessoal. **As identidades são múltiplas e para algumas pessoas elas não são fixas;** elas mudam ao longo da vida e são influenciadas pelo processo individual.

Entrevistadora: Como você se define em termos de raça e gênero?

Entrevistade: Gênero, neste momento estou pensando que talvez eu seja trans, é por isso que não uso o nome do meu registro de identidade. E sou branca.

—María Pierna Sabei - Pipi. Argentina.

Em termos de identidade, a identidade é algo muito fluido. É assim que eu me defino. É uma coisa fluida, flexível. Sim, e agora eu me sinto fortemente identificada como uma mulher árabe que vive todos os dias passando por desafios. E tenha em mente que há muito racismo acontecendo neste momento. E obviamente sou percebida como muito branca. Mas quando as pessoas falam comigo, elas sabem que eu não sou daqui. Portanto, elas precisam... basicamente precisam da questão da raça, de como eu me identifico. Certo, sou uma mulher árabe e gosto de dizer queer. É uma identificação poderosa e feminista para mim.

—Anônima.

As **palavras para se definir em relação ao gênero** são limitadas em todos os idiomas. *Femme, woman, gens non binaire, sexe féminin, a cis woman, female, trans, travesti, mujer, pessoa trans, mulher cis, pessoa não binária, trans and queer, transgender woman, nonconforming, gender queer, trans nonbinary:* todas elas foram respostas a esta pergunta aberta. Quando perguntamos sobre gênero, quase nunca encontramos respostas hesitantes; é uma definição que marca a identidade no cotidiano.

Algumas ativistas que se identificam como mulheres enfatizam que não são mulheres de uma forma tradicional, mas mulheres fora dos estereótipos. São pessoas que refletiram e se tornaram conscientes da dominação sexual e racial, e que não ignoram os papéis de gênero socialmente impostos.

Minha identidade de gênero é feminina, e é a partir daí que eu também milito, certo? Podendo falar de lugares tão diversos, respeitando as transições, respeitando o não binarismo, respeitando todas as expressões de gênero. Mas eu me vejo a partir do feminino, não hegemônico obviamente.

—**Tef Piñeros**, Colectiva Yerbateras. Colômbia.

Entrevistada: Eu acho que sou mãe e pai e tudo mais. Na minha casa temos as tarefas divididas. Nos respeitamos, temos uma divisão do trabalho (risos). Meu marido também respeita minhas escolhas, mas às vezes brigamos.

Entrevistadora: Existe outra identidade com a qual você se sinta conectada?

Entrevistada: Eu sou uma mulher trabalhadora, meu trabalho é pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras. Eu sou uma mulher que carrega muitas bananas, eu sou uma mulher que pode embalar bananas.

—**Emma**, Human rights defenders/activist. Mindanao.



O lugar da afirmação de gênero influencia o uso das palavras e da linguagem. A linguagem torna-se um lugar para afirmar a feminilidade, masculinidade ou existência fora destas categorias.

As palavras que usamos para nos nomearmos e relacionarmos nossas experiências estão enraizadas em cada contexto e têm um universo de significado, dependendo da língua em que são expressas. Embora nesta pesquisa tenhamos conversado em russo, inglês, espanhol, português, francês e árabe, a língua materna das pessoas entrevistadas poderia ser chinês, nepalês, saporá, quéchua, tacana, quiché, croata, sérvio, tailandês, entre outras. Entendemos que é inevitável que parte da profundidade de significado que as palavras têm em cada idioma se perca na tradução. Por exemplo, o uso de pronomes ocorre em muitos destes idiomas, entretanto, no trabalho de campo a pergunta “Quais são seus pronomes?” era frequentemente mais familiar para ativistas de língua inglesa do que para aqueles que vivem em outros países com outros idiomas, onde aparentemente não é uma pergunta comum.

Sou uma pessoa não binária e é por isso que uso os pronomes they/them [original em inglês].

—**Aizhan Kadralieva.** Quirguistão.

Tais respostas não foram dadas em outras línguas, seja porque os pronomes não existem gramaticalmente ou porque este uso da língua ainda não foi reivindicado. Em espanhol, esta reflexão não foi explicitada, mas duas das pessoas entrevistadas mudaram as terminações de gênero “a(s)” e “o(s)” para “e(s)”, a fim de incluir todos os gêneros, ou falar a partir de um gênero neutro.

O tema da **orientação sexual** é algo que surgiu espontaneamente na questão aberta das identidades em mais da metade das entrevistas. Aquelas que queriam compartilhá-lo eram, em sua maioria, pessoas que não se identificam com a heterossexualidade. Chamar-se de lésbica, bissexual ou queer ganha maior relevância porque é sabido que é diferente em uma sociedade que educa na heteronormatividade. E neste campo – junto com os movimentos – os termos e as elaborações mudaram e continuarão se transformando.

Bem, eu me identifico como uma respeitável senhora lésbica, esta é minha identidade: uma respeitável senhora lésbica. Eu sempre digo que se eu tivesse 20 anos, eu talvez seria uma pessoa não binária, pansexual; mas é tarde demais para mim, já sou uma senhora e pronto (...) Se eu fosse mais jovem eu me veria de uma perspectiva diferente; mas não, eu não tenho vontade de mudar neste ponto.

—**Rosa Posa Guinea.** Paraguai.

A questão da identidade **em relação à raça foi muito mais difícil de responder.** Neste caso, se declarar de uma maneira é diferente de uma região para outra, e diversas ativistas explicaram que só tiveram que pensar nisso quando saíram do país, ou quando a questão veio com categorias “globais” – por exemplo, aquelas utilizadas em registros administrativos, em instituições de migração, classificações de políticas internacionais – que são definidas a partir de um legado colonial ao invés de serem acordadas e baseadas nas identidades de pessoas e comunidades.

Em relação à raça, percebi que, em diferentes partes do mundo, a raça era categorizada de formas muito diferentes, e por isso não havia nenhuma situação na Croácia onde eu tivesse que me classificar em

termos raciais. Sim, temos um problema racial e tivemos nossa guerra sobre este tema nos anos 90, que me afetou. Mas quando chego nos Estados Unidos, ali sim eu marco a caixa caucasiana.

—Jelene Postic. Croácia.

Eu sou indiana, o que eu acho que em linguagem global seria sul-asiática.

—Pramada Menon. Índia.

Entrevistadora: Então você acha que a questão da raça é uma questão “americana”?

Entrevistada: É, ou seja, acontece que frequentemente somos classificadas com uma série de categorias, quando isso não deveria acontecer. Às vezes as categorias que existem e são identificáveis no sistema não são realmente representativas da realidade de nossas identidades ou nossas experiências. Por exemplo, nos Estados Unidos, as pessoas libanesas são consideradas brancas nos censos.

—Anônima.



A identidade racial é manifestada como um apelo ao reconhecimento desta desigualdade e como um lugar de afirmação política. No entanto, o raciocínio de raça pode ser simplista quando o que se quer construir como “diferente” é racializado, buscando justificar o domínio de um grupo sobre os outros.

Quando questionadas sobre identidade, as ativistas reivindicaram sua identidade étnica (que engloba as características culturais e não as características físicas que compartilham), contaram suas diferentes origens familiares e histórias de migração. A fim de reconhecer suas palavras, nós as coletamos em seus próprios termos. É importante elucidar que esse não é o número total de grupos étnicos nas regiões e corresponde apenas às pessoas entrevistadas que participaram desta pesquisa.

África: *black African woman, black woman/femme noire, African, black female, Kenyan woman, Liberian, a woman of African descent, black, from the Bantu tribe, ivoirienne and partie du groupe ethnique Senofo.*

Ásia e Pacífico: *mixed race, Indian, Indian-Fijian, racial minority in Fiji, Filipino, indigenous people, ethnic minority, Chinese, minority Chinese ethnic group (which is called straits Chinese and Cambodian).*

América Latina: *mujer étnicamente negra, blanca/branca, indígena uchupiamona, mapuche, latina, mestiza, maya quiché, de origen miskita, afroindia, negra, mestiça asiática, mestiça, preta y descendência árabe.*

Europa do Leste: *Kurdish woman, an Albanian from Kosovo, white, white person from Eastern Europe and “I don’t identify with ethnicity”.*

Oriente Médio: *Arab, Palestinian, Arab-Palestinian and Middle Eastern Arab.*

Estados Unidos (EUA): *Vietnamese, African living in the United States, Asian American, South Asian.*

Estas palavras de **autoidentificação se referem, em alguns casos, às características físicas, mas também às representações e estereótipos ao redor delas.** Quando a ênfase está na migração, as pessoas entrevistadas falam sobre os choques que sofrem quando são visibilizadas e até mesmo apontadas como diferentes, ou homogeneizadas com outras pessoas. Uma defensora brasileira destaca a diferença nas categorias quando quer descrever a cor da pele e quando referencia a marginalização histórica.

Preto é a minha cor. Se o IBGE vier aqui e perguntar “Qual é a sua cor?”, eu vou dizer que sou negra (...) Se a polícia vier me matar, eu vou dizer “Sou negra”. Agora, me tornar negra é considerar que eu faço parte de um grupo. Um grupo que tem história, que tem tradição e um grupo que é atravessado por essa história e pelo racismo produzido historicamente e que o lugar que eu ocupo pode ser explicado através disso.

—Maria Lúcia da Silva. Brasil.



O ativismo reivindica estas identidades no espaço público. Ao mesmo tempo em que as identidades falam de uma construção pessoal, elas lembram uma experiência histórica coletiva. Es ativistas situam-se frente à raça e ao gênero em um contexto político que varia de uma região para outra, mas que continua sendo racista, sexista, classista, heteronormativo, etc.



Muites des ativistas falaram publicamente sobre suas identidades pessoais e coletivas. A celebração de sua identidade está presente nos nomes de suas organizações, na forma como convocam para eventos, em suas peças de comunicação e na reflexão teórica da academia. Elas também se reivindicam em suas formas organizacionais, em suas práticas diárias, em suas linguagens e expressões artísticas, na luta pelo direito à não discriminação e em disputas para serem reconhecidas, também do ponto de vista jurídico.

Eu faço política como uma mulher negra.

— **Phumi Mtetwa**, *Just Associates- JASS África do Sul*. (*Africa_08_PM_South Africa*).

Por outro lado, na narrativa de sua trajetória de vida, **es ativistas com deficiências** que entrevistamos, identificaram momentos de mudança que es levaram a se envolver dinamicamente no ativismo, momentos relacionados ao encontro com outras pessoas com deficiências e à participação em coletividades e espaços de reflexão política sobre diversas questões, que marcaram a forma como elus se definem hoje.

Eu tenho uma deficiência. Uso cadeira de rodas e isso é uma grande parte da minha identidade (...) Eu uso a cadeira desde muito nova, desde os 3 ou 4 anos de idade, é algo com o qual vivi e passei toda a minha vida, e acho que faz uma grande diferença.

— **Luna Irazábal**, *Colectivo Ovejas Negras*. Uruguai.



TRAJETÓRIAS PARTICULARES E ENTRELAÇADAS

Cada ativista tem uma história, trajetória e condições particulares em seu trabalho de defesa dos direitos, que influencia seu lugar de afirmação no presente. Este lugar é moldado por múltiplas identidades.

A **escola ou universidade, a família e os grupos feministas** foram alguns dos espaços que marcaram a trajetória des ativistas. Em suas experiências de vida há **diferentes momentos de mudança**, desde pontos de inflexão sutis nos quais elus “tomaram consciência” do gênero, classe, raça e outras variáveis da desigualdade, até momentos drásticos de mudança de vida devido à violência, doença ou uma situação de crise.

O **papel da família é fundamental**. Este espaço de socialização desde a infância foi uma inspiração para algumes.

Nasci em uma família muito politizada, por isso a resistência é uma das coisas que não escolhi; mas ela me escolheu em razão de onde eu estava e da forma como fui educada.

—**Anônima.**

O **papel das mães e avós** foi reivindicado repetidas vezes como uma influência; ter outros exemplos perto que permitissem transgredir o “dever ser” feminino teve um impacto que gerou consciência do que significa ser mulher neste mundo e como é possível se reinventar.

Portanto, para mim, quando eu era muito nova, minha mãe, que era assistente social, foi a fonte de toda essa inspiração, nunca canso de falar isso. Minha mãe me encorajou a fazer muito trabalho voluntário quando eu era mais jovem. Assim, em cada temporada de férias eu era colocada em algum tipo de instituição de assistência social para doar meu tempo.

—**Yah Parwon.** Libéria.

Bem, eu acho que esta frase “minha mãe era feminista e nunca soube” realmente é aplicável. (...) Minha avó foi a primeira, quase o primeiro casal a se divorciar [sic] na cidade onde nasci, em Ibarra, e bem, isso foi

muito (...) Minha avó, acho que ela era uma mulher pioneira para seu tempo, relativizando o tempo e o contexto, porque ela podia se sustentar, progredir, trabalhar e administrar sua própria terra, e naquela época a maioria dos que faziam isso eram homens.

— **Amparo Peñaherrera Sandoval**, *Federación de Mujeres de Sucumbíos*, Equador.

Minha mãe é meu maior apoio e ela tem estado no centro de todo o meu ativismo. Outro dia, estávamos falando sobre como ela costumava vir a todos os nossos eventos. Hoje ela não vem porque é muito velha e não consegue andar bem. Ela me disse: “Você tem sido uma inspiração para todes, o trabalho que faz e como o faz tem sido uma inspiração, me sinto muito orgulhosa de você”. E isso é tudo; é uma coisa muito boa de se ouvir.

— **Rosanna Flamer-Caldera**. Sri Lanka.

Em outros casos foram os **pais e avôs ou toda a família** que influenciaram o ativismo, não apenas como exemplo, mas também como espaço de reflexão sobre o significado coletivo e individual do ativismo.

Cresci com meu avô, ele era um homem idealista que participou da revolução mexicana; com ele aprendi o senso de justiça, de sua busca por um mundo melhor e isso, quando eu era muito jovem, me marcou. Lembro que eu costumava me deitar no chão, em um tapete ao lado de sua cama, ele já era um homem velho e passava muito tempo deitado. Sempre gostei que ele me falasse sobre a revolução, sobre suas aventuras e seus pensamentos. Portanto, lembro que isto era importante para mim.

— **Ana María Hernández Cárdenas**, *Consortio Oaxaca*, México.

Em outros casos, ativistas aprenderam em **primeira mão** sobre os riscos envolvidos neste trabalho através das histórias de seus familiares.

Nasci em uma família de militantes ativistas. Assim, durante o período da guerra, nos anos 90, eu acompanhava minha família a protestos e fugíamos juntos nos escondendo da polícia; bem, eles queriam espancar, esmagar qualquer dissidência. Naquela época eu acho que tinha 12 ou 13 anos, ou menos.

— **Jelena Dordevic**, *Coletivo Feminista de Autocuidado e Cuidado entre Defensoras de Direitos Humanos*. Sérvia/Brasil.

No entanto, nem todos eles tiveram esse apoio. **Em outros casos, a família era um espaço de violência, um lugar onde a desigualdade e a injustiça se tornaram evidentes.** Várias pessoas relataram como a raiva se tornou uma motivação e uma força motriz para transformar sua experiência, porque eles convidou a agir.

Eu sei que a raiva impulsiona mudanças. Portanto, eu nunca pude me abster dessa fonte de raiva. Começou dentro da família. Sim. Testemunhar o desequilíbrio de poder entre minha mãe e meu pai e toda a relação de abuso que eles têm. Portanto, desde cedo, acho que isso me deixou muito irritada, mas não só irritada contra essa injustiça, mas também contra toda a máquina.

—Anônima. Líbano.

Acho que sou ativista desde o dia em que meu pai tentou bater na minha mãe e eu o empurrei para longe. Este foi o dia em que me tornei feminista. Penso que nossas mães e nossas avós são feministas sem se definirem como tal. Elas são feministas porque têm muitas histórias para contar.

—Anônima. Jordânia.

A experiência de violência - seja em contextos de guerra, choques intracomunitários causados por grupos armados, conflitos tribais ou desigualdades estruturais que geram injustiças - não gera necessariamente sua replicação, mas o desejo de acabar com ela. Em suas narrativas, as experiências pessoais (ou de pessoas próximas) de violência contam a história da hostilidade generalizada com que muitas ativistas tiveram que crescer. É esta experiência, tanto a delas como a de outras, que as conduz a defender os direitos, para garantir que outras não tenham que passar pelo que elas passaram.

Tornei-me ativista por conta de uma experiência pela qual tive que passar. A aldeia de meu marido esteve em conflito por mais de oito anos e nós perdemos tudo no conflito tribal. Em nosso contexto, você se casa e pertence ao marido, sua terra e seu povo pertencem a você. O conflito tribal durou mais de sete anos e nós perdemos tudo. Agora estou deslocada internamente, mas estou instalada em um novo lar (...) Há cerca de treze anos, meu marido me deixou por uma mulher mais jovem. E dali comecei meu trabalho como ativista (...) Meu pai e minha mãe nunca viram violência em suas casas, mas depois vi muita violência dentro de minha família. Tudo isso me ajudou a fundar a organização. Comecei a ajudar essas pessoas, especialmente as mulheres afetadas

por violências e conflitos. Foram todas as questões que me afetaram pessoalmente que me ajudaram a me tornar uma ativista aqui.

—**Lilly Be' Soer.** Papua-Nova Guiné.

Para mim ativismo significa libertação, justiça, liberdade, e eu escolhi o ativismo por uma razão pessoal (...) Quando eu tinha 14 anos, tornei-me mãe adolescente e estando na Libéria, sendo uma criança, eu fui culpada; culpada e envergonhada, e ninguém sentiu que eu estava sendo abusada, que eu precisava de ajuda. Passei pelo inferno sozinha, e então foi com o apoio de minha mãe que pelo menos eu pude ter uma educação e pude dar uma retribuição. Foi assim que, como uma contribuição e adotando uma posição resiliente diante do que me aconteceu, me dediquei aos direitos das meninas que não têm voz, às pessoas que têm agência mas não têm plataformas, de modo a ampliar os temas para que obtenham justiça, e também para ajudar a estabelecer mecanismos para que as coisas que me aconteceram ou estão acontecendo com esta geração não aconteçam com a próxima.

—**Naomi Tulay-Solanke.** Libéria.

Em que momento nos tornamos conscientes da desigualdade, da injustiça, em que momento sentimos os sistemas de opressão? Para algumas pessoas entrevistadas, foi na infância quando se perguntaram pela primeira vez: **por que as coisas são desse jeito?**

Esta é uma história muito longa para mim. Nesta parte da Turquia, enfrentamos muitas dificuldades que começam quando você nasce nesta área, nesta parte da Turquia. Isso aconteceu comigo quando eu tinha 7 anos de idade. Eu sabia que havia uma diferença entre meninas e meninos, mas não entendia porquê. Assim, durante dois anos agi como menino e tive os mesmos direitos. Mas então eu percebi que mesmo que eu agisse como menino, eu não tinha estes direitos.

—**Anônima.**

Gradualmente, esta questão se transforma em: **será que as coisas podem ser diferentes?** E uma motivação para o ativismo. Nesta jornada, cada ativista identifica formas de opressão ou privilégio, em momentos diferentes e de acordo com sua história.

Eu vim de uma posição de privilégio, dinheiro, casta, religião, então essa não foi a parte difícil. Foi precisamente este privilégio que reagiu

à desigualdade entre os sexos. O privilégio masculino foi a primeira barreira e esta foi a razão para lutar.

—Meena Seshu. Índia.

Outro espaço de socialização onde o ativismo precoce tomou forma foi a escola, e a segregação sexual que destaca os papéis de gênero culturalmente impostos. A escola era um local de questionamento desde cedo.

Eu sempre fui a melhor aluna da minha turma (...) Na turma havia meninas e meninos. Os professores sempre disseram aos meninos que eles eram caras de pau, preguiçosos, que eles se deixavam arrastar pelas meninas, e assim por diante. Foi quando comecei a fazer perguntas: é ruim ser menina? Por que acham que uma menina não pode? (...) Perguntas que fiz especialmente ao meu pai porque era com ele que eu vivia, e ele sempre me respondeu ensinando que uma garota pode estar no primeiro lugar e até se tornar uma líder.

—Djingarey Ibrahim Maïga, *Femmes et Droits Humains.* Mali.

Desde minha infância sempre me perguntei e questionei certas coisas relacionadas com o motivo pelo qual meu irmão ganhou uma bicicleta e eu não; por que as meninas não podem brincar com meninos e por que há uma diferença na maneira como somos tratadas e muitas coisas do tipo.

—Ayat Osman, *Ganoubia hora.* Egito.

Para algumas ativistas, ir à escola era uma transgressão. Por exemplo, a busca de educação e conhecimento trouxe autonomia. Querer estudar significava migrar para áreas urbanas, longe de sua comunidade, ou trabalhar desde a infância para ganhar dinheiro para se sustentar. Duas histórias de ativistas na Bolívia e no Kuwait falam sobre isso. Uma mulher indígena Uchupiamona da Amazônia boliviana, defensora da natureza e do território, falou-nos de sua experiência:

Então eu não queria desistir, e procurei uma maneira de sair da minha comunidade, (...) para descobrir como continuar estudando (...) fiz parte da escola em San Buenaventura, que é uma cidade maior (...) e de lá fui para La Paz, para terminar a escola, trabalhando. Trabalhei como empregada doméstica em La Paz para terminar o ensino médio. E isso significou que eu fui a primeira mulher bachelor, que é o nome que tem na Bolívia; então eu fui a primeira mulher do meu povoado a terminar o colégio. E depois de muitas coisas terem acontecido, entre elas que

minha mãe morreu e eu fiquei com meus irmãos e tive que ajudá-los, comecei também a estudar administração de empresas na faculdade, coisa que eu fiz muito lentamente, pois tive minha filha, me casei e fui morar em Santa Cruz, onde terminei meu curso aos 35 anos de idade.

—Ruth Alipaz Cuqui, indígena Uchupiamona. Defensora dos direitos indígenas, dos direitos humanos e dos direitos da natureza. Membro da Mancomunidad de Comunidades Indígenas de los Ríos Beni, Tuichi y Quiquibey e Coordenadora Geral da CONTIOCAP. Bolívia.

Uma fotojornalista e documentarista palestina, que cresceu no Kuwait, defende os direitos da mulher através de sua fotografia:

A única coisa que me afetou foi quando terminei a escola e meu pai não me permitiu ir para o Líbano para continuar meus estudos. Ele nem sequer tinha dinheiro para me enviar. Naquela época não havia universidades privadas no Kuwait (...) Eu trabalhava como recepcionista e, ao mesmo tempo, uma amiga minha no Líbano me ajudou a me inscrever na Universidade Libanesa para estudar Ciências Sociais. O comparecimento não era obrigatório naquela época. Eu estava trabalhando na escola e minha amiga me mandava as notas das palestras e, no final do ano, eu viajava para o Líbano para as provas finais (...) Na mesma época, eu comecei a estudar fotografia por correspondência. Não havia universidades on-line naquela época, em 1996 ou 1997. Fiz um estágio com um fotógrafo de estúdio no Kuwait, mas senti que estava me sufocando porque saía de casa para o estúdio para tirar fotos de mulheres com seus véus que preferiam a mim, porque queriam que uma mulher tirasse suas fotos. Eu senti que não queria fazer isto. Durante esse terceiro ano (...) guardei algum dinheiro para terminar meus estudos e sair do Kuwait. Eu disse a meus pais que frequentar a universidade havia se tornado obrigatório. Eu menti para eles.

—Anônima.

Para ativistas que fizeram **faculdade**, este cenário se tornou uma oportunidade para o trabalho coletivo, organizacional e de mobilização social.

Eu estava fazendo ativismo estudantil. Eles [colegas estudantes] queriam sair, sabe? Apenas para descontrair, se divertir, fazer as coisas que os jovens fazem. Eles achavam que esta ideia de pressionar por uma resposta do Zimbábue, como quer que você chame, era chata. Era pesado demais para a idade deles. Assim, acabei não tendo muitos amigos, muitas amigas. A maioria dos meus amigos eram homens.

E acho que depois da universidade, foi quando comecei a ter amigas mulheres, mas elas também eram ativistas e pessoas da mesma área. Pessoas com a mesma paixão, que entendem o trabalho que eu faço.

—**Maureen Kademaunga**, Zimbábue.

Em 2006 ingressei na faculdade. A universidade era conhecida por seus encontros sindicais, reuniões e manifestações da Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais na Tunísia. Naquela época eu tinha medo e não entendia o propósito destes protestos; não entendia quais eram as exigências, era difícil assimilar o conceito. Entretanto, depois de entrar para a Associação Tunisiana de Mulheres Democráticas, comecei a entender o significado do ativismo e o que significa fazer parte de um movimento com o qual você se sente à vontade para lutar lado a lado. Quando eu lutava sozinha, eu estava assustada.

—**Nadia Benzertini**. Tunísia.

Para outres, os ativismos ocorrem paralelamente a outros processos de construção de identidade: ir à cidade para estudar sendo de uma comunidade rural onde as mulheres só trabalham em casa; ser feminista em uma comunidade indígena onde o feminismo é desaprovado; identificar-se como uma pessoa **trans** e começar a transição de gênero; declarar publicamente ser lésbica, bissexual ou queer.

Nos meus 20 anos, saí de casa e me tornei uma trabalhadora do sexo. Ouvi falar de uma organização que estava trabalhando com questões LGBT e ajudei a organização preparando seminários e treinamentos. Mais tarde, fundei minha própria organização para ajudar as pessoas transgênero.

—**Lilit Martirosyan**, ativista trans, ONG Right Side Human Rights Defenders. Armênia.

Durante as entrevistas conduzidas para esta pesquisa, ouvimos relatos poderosos que mostram as satisfações dos ativistas em seu trabalho. As lutas se tornam momentos concretos, narrados com emoção, porque os ativismos também são conquistas e alegrias que passam pelo corpo.

JH em Gana menciona o acampamento para fortalecer o movimento dos ativistas queer na África Oriental como um momento importante. Na Índia, MS recorda uma conferência nacional de dois dias da qual participaram mais de dozentas trabalhadoras do sexo para discutir sexualidade, mídia, sindicatos e o movimento das mulheres. Do outro lado do Oceano

Atlântico, no Peru, ML observa que conseguiram obter a primeira política de identidade de gênero para pessoas **trans** discutida no Congresso. Mais ao norte, no México, AH menciona o acompanhamento de defensoras que estão passando por circunstâncias difíceis e que chegam ao programa de dez dias de sanação, descanso e reflexão, relembrando momentos satisfatórios de ver a transformação des ativistas.

L, no Kuwait, conta as mensagens que recebeu de meninas que se inspiraram em sua palestra sobre o projeto de educação de mulheres árabes “Eu leio, eu escrevo”. Ao sul, no Quênia, WK destaca os casos que conseguiram justiça entre 760 sobreviventes de violência sexual e de gênero que sua fundação acompanhou. Viajando para o Pacífico, JK, das Ilhas Fiji, disse-nos como se sentiu feliz no Dia Internacional da Mulher durante a marcha, exigindo espaços públicos seguros para as mulheres. Enquanto isso, na Ucrânia, YT é movida pela memória de grandes manifestações contra a violência sexual. E do outro lado do mundo, nos Estados Unidos, DP conta como conseguiu que seiscentas pessoas doassem 90 mil dólares em seis semanas, permitindo-lhes comprar as instalações para organizações comunitárias.

O QUE O FEMINISMO SIGNIFICA PARA ES ATIVISTAS?

Embora nem todas as pessoas que entrevistamos se identifiquem como feministas, muitas o fazem e destacam o momento de conhecer o **feminismo como um ponto de inflexão** em suas vidas, o que possibilitou liberdades e novas perspectivas.

A palavra **feminismo** ainda assusta muitas pessoas. Há resistência, “**má fama**” e pouca compreensão do que se refere, e isto é devido em grande parte à estigmatização do movimento feminista por grupos opostos. A resistência ao termo pode ter origem dentro da família ou mesmo na própria ativista, dependendo do que significa ser uma feminista em seu ambiente. Em alguns contextos do Sul Global, o feminismo pode

ser associado à “branquitude” pela sociedade em geral, e até mesmo por alguns ativistas. Portanto, criar alternativas, incluindo interpretações ou ressignificações dos feminismos, é também outro caminho que as ativistas têm tomado.

Comecei a trabalhar como jornalista de rádio (...) A primeira vez que fiz um programa sobre negociação de sexo seguro, houve um contratempo para o qual eu não estava preparada e, pela primeira vez, ouvi alguém me chamar de “feminista”. Eu não estava familiarizada com essa palavra, não era uma palavra que eu usasse para me descrever (...) Havia esses rótulos de “Você foi branqueada”, “Você está trazendo realidades dos homens brancos para o nosso contexto africano, o feminismo é europeu” e eu dizia “Eu não sei se sou feminista” (...) Era difícil me definir, mas os adjetivos vinham de outras pessoas (...) Foi útil para mim ler sobre outras feministas africanas (...) outras ativistas e defensoras na África (...) Então, percebi que este era apenas o patriarcado tentando me calar quando me diziam “Isto não é africano”, porque, afinal, o que não seria africano de contar nossas histórias? Até minha avó costumava me contar histórias sobre suas experiências todas as noites. Eu estava apenas levando as histórias para o rádio e então tomei posse disto e disse “Ok, sou uma feminista, sem dúvida” (...) E isso é o que meu feminismo significa. Apenas igualdade para homens e mulheres e apenas ter um espaço para as mulheres poderem ter uma voz e viver melhor.

— **Comfort Mussa**, *Sisterspeak237*. Camarões.

E eu também sou feminista. Uma das identidades que tenho é que sou uma feminista comunitária, um feminismo que não é imposto, um feminismo que não é eurocêntrico, não é europeu, mas sim um feminismo que vem do territorial, da luta contra múltiplas opressões e assim por diante. Essa é a minha expressão de identidade.

— **Anônima**.

○ **feminismo entrou em suas vidas a partir da teoria ou do relacionamento com outras mulheres, *trans* ou pessoas dissidentes de gênero. Chegou através de oficinas, espaços feministas, conversas com amigas**, e isso foi uma porta para muitas outras reflexões, para outras formas de entender e estar no mundo.

Quando eu tinha 20 anos de idade, durante a faculdade, eu conheci o feminismo no papel, porque num seminário eu simplesmente conheci o

feminismo. Isso me fez pensar que eu podia ver um mundo diferente. Percebi que, se eu pudesse analisar usando uma lente feminista, isso explicava muitos dos problemas que eu tinha encontrado quando era jovem.

—**Jing Xiong**, *Feminist Voices*. China.

Eu gosto de dizer que o feminismo me salvou... me salvou de muitas coisas. Então, nesse processo, digamos, de revolução, conheci as feministas porque acho que o feminismo é encarnado. Eu não comecei com livros ou teoria, eu comecei com outras mulheres.

—**María Teresa Blandón Gadea**, *Movimiento Feminista de Nicaragua*, Nicarágua.

O feminismo contribui **para o processo de geração de consciência de nossa experiência de vida.**

O feminismo me deu vida. Depois de conhecer o feminismo, senti como se tivesse nascido uma segunda vez. Ele me transformou em uma pessoa mais humana, me tornou uma pessoa mais consciente.

— **Tef Piñeros**, *Colectiva Yerbateras*. Colômbia.

Ele nos **dá sentido, força e razões para continuar o ativismo.**

Eu também me considero uma feminista e tenho orgulho disso. Porque me permite incorporar todas as identidades que são marginalizadas pela sociedade, mas é a minha força para lutar e me permite encontrar o terreno comum pelo que estou lutando. Luto por grupos étnicos, grupos indígenas, direitos das mulheres, luto para acabar com a opressão, e também luto pelas famílias diversas, porque eu também sou mãe.

— **Matcha Phorn-in**. Tailândia.

O feminismo situa e politiza **nossas histórias pessoais.**

O feminismo me permitiu começar a valorizar mais a biografia (...) Além disso, também me reconciliei mais com minha própria classe, com a história da minha família, com o meu analfabetismo e o da minha mãe. Ou seja, eu estava mais ligada a esta visão de que o ativismo também deve ser da classe, ligado à luta de classes.

— **Claudia Rodríguez**, *Fondo Alquimia*. Chile.

Então minha grande pergunta é sobre micropolítica, sobre intimidade, mas sabendo que isso não acontece isoladamente, mas que (...) nós também aprendemos (...) É a ideia e a convicção radical de que começamos a desmontar e desconstruir o patriarcado partindo da nossa intimidade. Quando começamos a abrir espaço para nossas emoções, por exemplo, para nomear nossa tristeza, nossos conflitos emocionais, para pensar e sentir nossas diferentes formas de ligação, afetivamente, familiarmente, em suma, estamos colapsando aquele princípio do patriarcado que diz que a razão é mais importante, que também é uma herança da modernidade.

— **Marcela Bohórquez**, Puenteras. Colômbia.

Permite-nos imaginar **novos mundos**.

Sei que a liberdade que nos permitimos como feministas para imaginar de forma diferente, mesmo que não possamos executá-la completamente, mas a plenitude de ser tudo é completamente libertadora (...) Porque acho que não somos loucas. Isso me confirma que quando as mulheres se sentam juntas e compartilham suas experiências, elas chegam a um lugar onde observam as semelhanças que existem entre as experiências e fazem a conexão com estruturas de opressão, etc. E elas percebem que isto está errado, que isto não é decretado pelas deusas e portanto pode mudar.

— **Khwezilomso Mbandazayo**. África do Sul.

Lembra-nos que **não estamos sós nesta resistência...**

Eu estive na Índia por um ano e foi uma experiência diferente. Foi aqui que minha vida como feminista começou. Você vive em uma sociedade onde há democracia; é um forte movimento feminista, tem espaços que você não encontrará em seu país para se expressar, para aprender a entender mais e ver o que convém e o que não convém (...) Eu senti que não estava sozinha, e que pela primeira vez aprendi a construir uma família fora da família biológica que conheço, e aprendi a ter uma família alternativa e trabalhei com colegas com as mesmas ideias, pessoas que dão amor, respeito e estima todos os dias.

— **Fahima Hashim**, Salmah Women's Centre. Sudão.

...e que há mais de nós a cada dia, e que a juntança está crescendo.

Penso que [um dos momentos memoráveis] foi o Dia Internacional da Mulher. Foi uma marcha pública. Fomos para as ruas, marchamos e exigimos espaços seguros para as mulheres na vida pública. Isso me fez sentir mais forte, e me deu mais propósito no sentido de que muitas outras pessoas estão se juntando ao movimento e assumindo essa bandeira. Há um bom grupo de pessoas em minha organização que também estão dispostas a impulsionar o movimento. Portanto, é bom ver que cada vez mais mulheres estão fazendo este trabalho e se identificando como feministas.

— **Jasmine Kaur.** Fiji.

É uma aposta na **transformação permanente.**



CONVITE

Desenhe uma espiral do tempo de sua vida até o presente e coloque sobre ela aqueles momentos que são importantes para a afirmação das identidades que você tem ou teve. Você pode incluir desenhos ou símbolos para lembrar dos pontos de inflexão. Você pode fazer o exercício individualmente ou com outras pessoas. Se quiser, reflita sobre estas questões:

- ✦ **Como você se definiu ao longo da vida?**
- ✦ **Que elementos influenciaram você para se definir desta maneira?**
- ✦ **Como suas identidades se cruzam, mudam ou se redefinem?**
- ✦ **Como você se posiciona hoje e como isso faz você se sentir?**

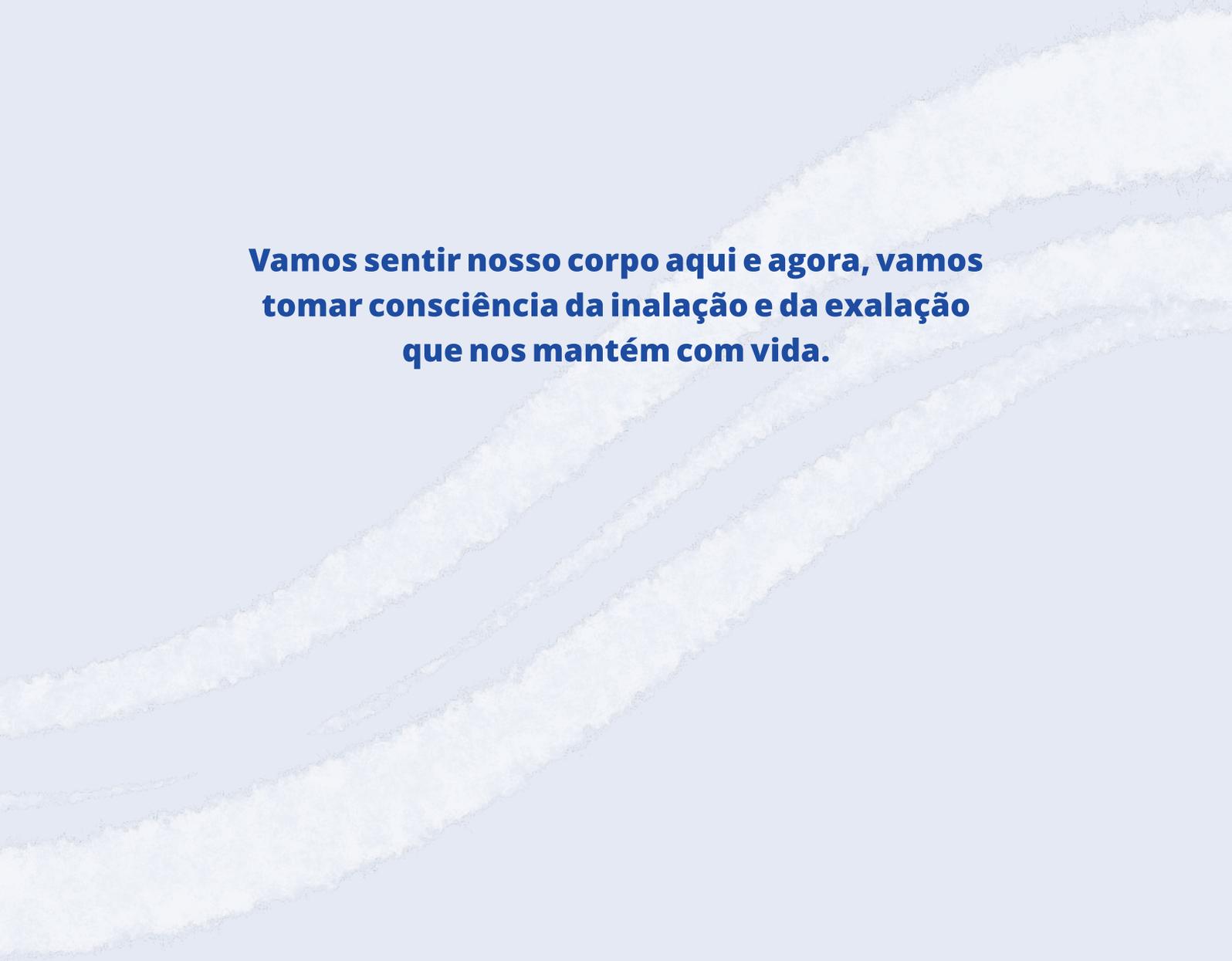


Conversar

O alarme, o e-mail, o WhatsApp, a música, o trabalho, o trabalho virtual, o jornal, o café com sua amiga, o telefone, o Facebook, a comunicação, outra vídeochamada, a reunião do grupo, o comercial no rádio, o jantar, o mercado, a escola da filha, o artigo que foi enviado, a série, as notícias de última hora, a chamada urgente, a mensagem, a leitura do jornal, o meme.... palavras que circulam todos os dias, o tempo todo, a um ritmo tal que não conseguimos ouvir ou ler tudo, não podemos ouvir, pausar ou viver no nosso próprio ritmo.

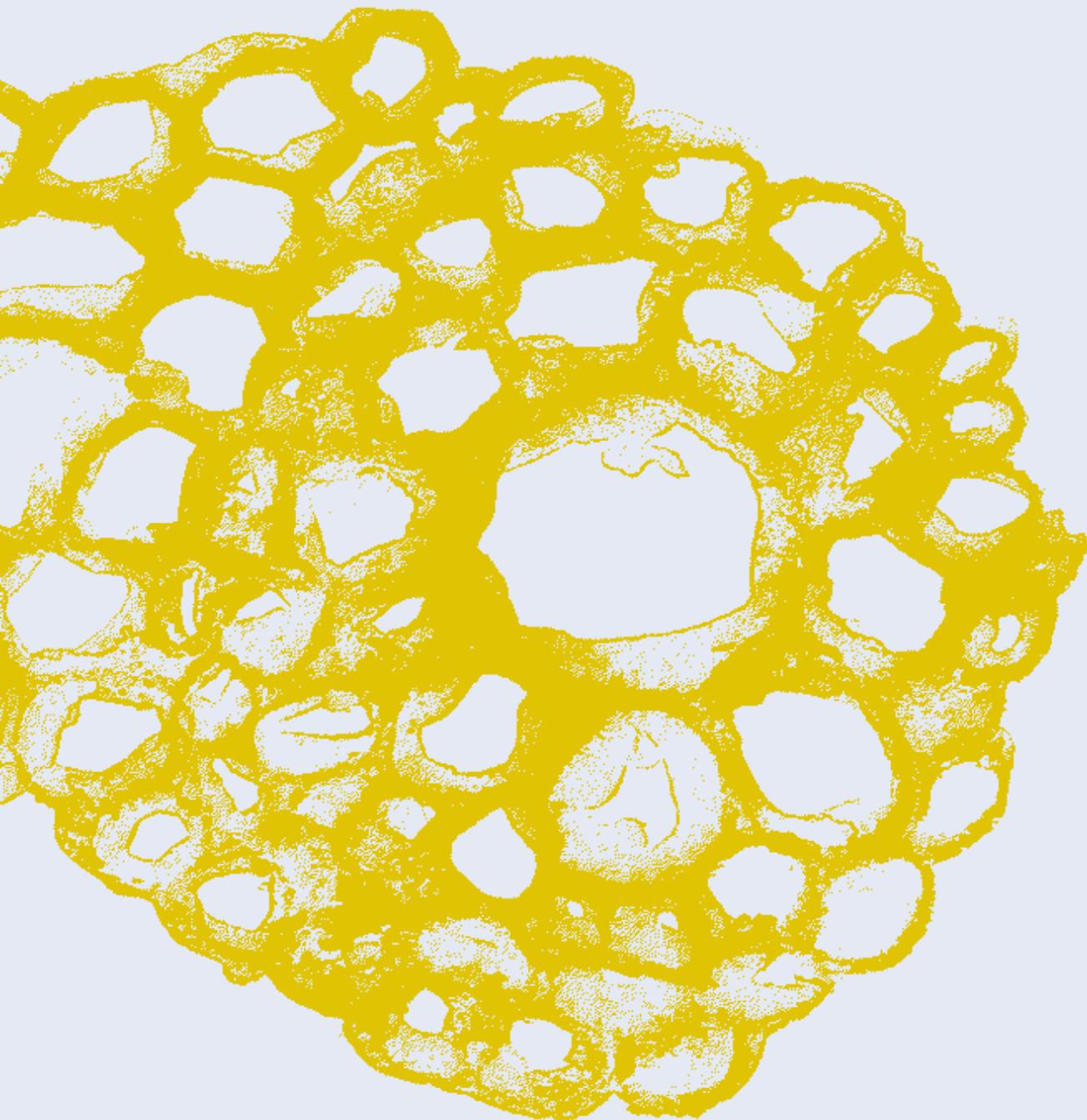
Vamos parar um momento.

Vamos respirar.



**Vamos sentir nosso corpo aqui e agora, vamos
tomar consciência da inalação e da exalação
que nos mantém com vida.**

**AGORA SIM,
VAMOS CONVERSAR!**



Como você está, como você se sente?

O que é o cuidado para você?

Como nos enraizar no cuidado e dançar a revolução?

Ao longo deste processo de pesquisa, reafirmamos o quanto é importante conversar. Precisamos de tempo para conversar, para nos ouvirmos, para aprendermos juntas e para dar um sentido ao que vivemos e experimentamos. Falar acalma, acompanha, às vezes também cura, e requer vontade, tempo e tranquilidade.

No processo de elaboração do livro *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?* perguntamos a uma centena de ativistas: “Como você está?”. Durante esta pesquisa, retomamos a questão e a abordamos com profundidade em cada conversa que tivemos.

Quando falamos da importância da conversa, estamos nos referindo a conversas honestas e sinceras que procuram responder sentindo as perguntas: como você está? Como você se sente atualmente em relação ao seu ativismo diário acerca do seu corpo, sua mente, suas emoções, sua voz e seu espírito? Cada pessoa entrevistada, por sua vez, nos respondeu e nós escutamos atentamente. Depois passamos para conversas sobre cuidados, tentando ver no que implica, como é nomeado, o que significa no cotidiano e no ativismo. Foram momentos de risos e lágrimas, sustentados por gestos e olhares. Momentos valiosos de conversa através da escuta e sorrisos de cumplicidade entre duas pessoas, em alguns casos estranhas.

O cuidado se adapta à mudança. Cada uma tem sua própria visão de como deve ser e não temos que concordar. A conversa pode se tornar um espaço para o surgimento de novas ideias, descobrir e reafirmar as próprias opiniões; um espaço que nos permite situar-nos em relação ao que pensamos e ao que queremos transformar.

A intenção é colocar em diálogo todas as pessoas que participaram do processo, **para que vocês (que estão lendo) possam conversar com elas, entre vocês, conosco, com vocês mesmos, e que esta conversa se torne muitos diálogos que enriquecem e prosperam.**

Não é “o livro como um roteiro”, mas o livro como uma desculpa para termos estas conversas que às vezes não temos a coragem de ter.

—Geórgia Nicolau. Brasil.

SENTIPENSAMENTOS EM TORNO DO CUIDADO E DA PROTEÇÃO

Como mencionamos no início deste livro, a pandemia da Covid-19 e todas as transformações que ela gerou, com nuances em cada contexto, mobilizou reflexões e conversas em torno dos cuidados, talvez como nunca antes. O cuidado, a partir de diferentes concepções, intenções e escopos, começou a assumir uma relevância crescente na vida cotidiana no plano pessoal, familiar, profissional e comunitário, e em relação ao modo como pensamos sobre nós mesmos como humanidade e em conexão com a natureza. Hoje ouvimos muitas vezes por dia a palavra **cuidado**.

Te cuida, diz a neta para a avó em uma videochamada.

São tempos para nos cuidarmos, diz o presidente, falando para todo o país.

Ficando em casa, você se cuida e cuida dos outros, diz o comercial na rádio.

A pausa forçada e o confinamento do corpo diante de um risco comum colocaram o cuidado e a proteção no centro de muitas reflexões. Embora as conversas que relatamos neste capítulo tenham ocorrido antes da pandemia, elas nos dão perspectivas para o momento presente. Vejamos como o cuidado e a proteção são algo que nos une e como as formas pelas quais ambos os conceitos são vistos como condições centrais para a vida e o ativismo variam.

As entrevistas aconteceram em um espaço aberto de escuta do que as ativistas entendem por cuidado e proteção. Uma ativista do Quênia disse que a conversa a convidava a aprofundar seus pensamentos e experiências. Quando lhe foi pedido um possível título para a entrevista, ela respondeu:

Eu diria que você está realmente abrindo e cavando fundo em sua alma porque esta conversa me fez cavar fundo em mim mesma. Eu a chamaria de uma espécie de “mergulho profundo”, mas eu estaria usando as palavras de outras pessoas. Porque você está expondo sua alma e nos convidando a compartilhar (...) sinto a responsabilidade de ser franca, de ser aberta, de me expor e dar meu ponto de vista.

—**Peninah Wanchikomongi**. Quênia.

Es ativistas expressaram **diferentes entendimentos sobre os conceitos de cuidado e proteção, e a relação entre eles.**

O cuidado no ativismo tem diferentes níveis e tipos. Penso que há um cuidado dentro do movimento, dentro da organização, de você mesma, mas também externamente, por parte da sua família

—**Senda Ben Jebara.** Tunísia.

Vamos começar pelo **nível individual.** A maioria dos ativistas associou o cuidado com o cuidado próprio, e muitas vezes o chamou de “autocuidado”. O autocuidado pode ser conectado a diferentes dimensões.

O autocuidado pode ser se conhecer a si mesmo e se tornar consciente de como vive.

As coisas que você faz para se conhecer, para aprofundar dentro de si mesma... Seu mapeamento corporal, sua varredura corporal, até mesmo a meditação (...) Fazer as coisas de forma consciente (...) Viver de forma consciente, você sabe? É autocuidado. E assim, uma vez que você sabe disso, o que significa ter boa comida? E quando você sai e come, então você está ciente do que está comendo. Portanto, é realmente sobre o cotidiano.

—**Lin Chew.** Jakarta, Indonésia.

A ideia de prestar atenção nos efeitos das práticas cotidianas foi frequentemente expressa, inclusive a respeito de identificação de impactos negativos e incorporação de ações preventivas na rotina. Para muitas ativistas, então, o autocuidado é **um processo de reflexão sobre o qual as decisões são tomadas.**

Meu pensamento. Uma maneira de cuidar de mim é tomar consciência de meu pensamento e transformá-lo em positivo, em esperança, em possibilidade.

—**Claudia Rodríguez,** Fondo Alquimia. Chile.

O cuidado, no âmbito da prevenção, está ligado à conscientização antes da ação política e está relacionado às possibilidades de agir no contexto. Alguns dos riscos podem ser mitigados, mas outros são muito difíceis de controlar, então o cuidado é sobre como nos situamos diante de fatores externos que não podemos mudar e que decisões tomamos individual e coletivamente para melhorar como estamos nessa situação.

Tomar decisões diárias e estar no mundo de forma consciente: é isso que o cuidado implica. Nem tudo depende do exterior, mas temos agência feminista e capacidade criativa. Nesse sentido, **o cuidado é profundamente político.**

Afinal, que tipo de vida você quer ter? Estamos buscando uma vida amarga, doente e triste? Por que fazemos este tipo de trabalho? Isto é, se a felicidade motiva você, é isso que você está procurando e é político nesse sentido, porque estão tentando despojar você de sua agência e tirar sua energia. Uma maneira de resistir é ser feliz e saudável.

—Yara Sallam. Egito.

É um caminho que pode levar a questionar e confrontar as próprias ideias e a mobilizar mudanças profundas.

Para mim, o autocuidado é se curar também. Cuidar de si, resolver-se; é uma decisão. Para mim, pensar [o] cuidado na própria vida é uma decisão e, portanto, implica assumir a responsabilidade, o que não é fácil, não é uma tarefa fácil. É uma tarefa que exige muita energia. E não é um caminho de rosas e não é somente gozo e prazer; é também confrontante [sic], é doloroso; é muito doloroso quando você reconhece que não está cuidando de si mesma.

—Diana Pulido. Colômbia.

O ativismo requer condições materiais, saúde física, mental, emocional e espiritual para sustentar es ativistas e seus movimentos.

Fazemos muito trabalho de ativismo como defensoras dos direitos humanos e às vezes esquecemos de nós mesmas. Esquecemos do nosso bem-estar mental, do nosso bem-estar físico. Porque continuamos o trabalho de outros. Portanto, quando falamos de autocuidado e proteção, estamos falando do seguinte: estamos falando de bem-estar mental. Estamos falando de que, se você for atacada por causa de seu ativismo, existe um tipo de proteção (...) se você for presa, você pode ter acesso à assistência jurídica. Por exemplo, as mulheres que estavam protestando em Uganda em algum momento foram agredidas e algumas tiveram problemas médicos. Deveria haver recursos para fornecer esse tipo de apoio caso as defensoras precisem de assistência médica. Quando falo de autocuidado e bem-estar, falo também do fato de que às vezes nos esgotamos como mulheres defensoras dos direitos humanos, enfrentamos desafios que exigem cuidados psicossociais (...)

O autocuidado e o bem-estar nos ajudarão a cultivar, a sustentar nosso ativismo. O que está faltando no momento em relação ao autocuidado é que nós não o reconhecemos realmente. Como mulheres ativistas, devo dizer, como eu, que às vezes esquecemos o autocuidado e por isso o vejo como um mecanismo de proteção que nos ajudará a sustentar não só os movimentos, mas também nossas vidas.

—Brenda Kugonza, Women Human Rights Defenders Network. Uganda.

O cuidado vai além do pessoal. Ele é relacional, transcende a organização, a comunidade e o social. Ele se estende até mesmo além da dimensão humana e se relaciona com a vida em todas as suas manifestações. Neste sentido, a prática do cuidado pode desestabilizar as estruturas de poder, questionar e transformar várias opressões que as ativistas enfrentam em sua vida diária e no seu trabalho.

O autocuidado é um ato radical... Não é algo que devemos tratar como uma reflexão secundária (...) Eu acho que desde o início eu comentava que, como mulher, eu preciso estar alinhada em meu corpo, minha mente e minha alma a fim de estar presente de forma saudável e não me tornar tóxica para meus filhos, meu marido, meus amigos, minha família, para o trabalho ao qual vou todos os dias. Portanto, para mim é algo que deveria ser priorizado (...) Deveria tornar-se uma guerra, uma guerra de vida ou morte. Porque se isso não acontecer, vamos nos perder e no final vamos fraturar nosso movimento; vamos fraturar nosso processo de organização, não vamos avançar para nenhum lugar. Teremos perdido a nós mesmas tentando trabalhar, trabalhar, trabalhar e não cuidar dos corpos, das mentes, das almas e das comunidades que fazem o trabalho.

—Grace Ruvimbo Chirenje. Zimbábue.

Muitas das pessoas entrevistadas reconheceram a dimensão coletiva do cuidado onde os vínculos são fortalecidos para transformar os movimentos, destacando também as diferenças entre o Norte Global e o Sul Global em relação a esta dimensão.

Somos seres complexos e nossos movimentos também são complexos, e têm muitas formas de recipientes e conectores e seres. Então, penso em sua complexidade: ainda estamos tendo uma conversa sobre o conceito? É como se o autocuidado fosse extremamente egoísta, então o que dizer do coletivo? Tem realmente muito a ver com o contexto, não é mesmo? No contexto ou em sociedades que são difíceis, o coletivo é uma forma de cuidado. Você sabe que para elas [as defensoras] esta não é uma

conversa teórica. É realmente uma questão de vida. E em sociedades profundamente individualistas como o Norte Global, e nas organizações e [para] ativistas sediadas no Norte Global, é principalmente individualista. Como nos mobilizamos lá? Como vemos o espectro? Não há uma única opção. Todas nos movemos nesse espectro. Como criar essas relações que são transformadoras, que existem para transformar nossos movimentos?

—Sandra Ljubinkovic, Consultora de Transformação Somática, Sérvia/
Holanda.

Várias vezes surgiu o cuidado coletivo referindo-se a limites e acordos de trabalho e como as tensões são gerenciadas, dando primazia à uniformidade; surgiu também referindo-se a pensar em sue colega, parceire, constantemente, apertando as mãos e lembrando ume a outre da possibilidade de compartilhar o trabalho.

Acho importante que as pessoas se preocupem umas com as outras e se entendam, que possam olhar além de certas discordâncias, acho que isso é uma parte muito importante do cuidado dentro do movimento. Podermos nos unir naquilo que concordamos, poder discutir longamente quando discordamos sobre algo. O cuidado dentro da organização é poder implementar ações de autocuidado e boas práticas, poder ir até uma pessoa com quem você trabalha e dizer: “Escute, você está muito sobrecarregada, eu posso tomar conta a partir de agora, apenas vá e descanse um pouco, faça algo divertido, faça algo que você gosta e eu estarei aqui para você”.

—Senda Ben Jebara. Tunísia.

O cuidado tem efeitos sobre nosso ambiente, incluindo o trabalho. É muito importante, portanto, estabelecer limites e criar acordos. Nas conversas que tivemos, o cuidado coletivo se encarna na forma como construímos o trabalho em grupo, na forma como ouvimos os sentimentos e necessidades das pessoas ao nosso redor, aspectos que vão além da organização das tarefas. Entretanto, continuamos observando que em muitas ocasiões isto permanece no nível das responsabilidades individuais e não transcende em políticas ou acordos organizacionais e coletivos.

O cuidado é como nos certificamos de que cada uma de nós está prestando atenção à equipe e às pessoas com as quais estamos trabalhando.

—Ativista. Camboja.

Neste sentido, algumas ativistas mencionaram uma mudança em seu entendimento do cuidado e da proteção.

No início, cuidado e proteção para mim significava basicamente ter um tempo livre: estamos nos esgotando, descansamos para cuidar de nós mesmas, cuidamos da família e tudo mais. Isso ainda é válido para mim. Mas também acho que cuidado e proteção são algo estratégico, que tem a ver com seu ambiente pessoal, seu ambiente profissional, tudo o que você faz. Você escreve suas metas, por exemplo, você tem sua meta semanal, sua meta organizacional. Para mim, cuidado e proteção significam pensar na maneira como trabalhamos, nas pessoas para as quais trabalhamos, como nos certificamos de que elas sejam protegidas e cuidadas.

—**Yah Parwon.** Libéria.

Por outro lado, **a importância de estar bem para poder ajudar outras pessoas** foi mencionada em vários momentos.

Sobre o cuidado, uso o exemplo dos voos, quando a comissária de bordo diz: “Em caso de emergência, coloque sua máscara de oxigênio antes de ajudar a criança”. Portanto, utilizo isto como meu tipo de ideia acerca do cuidado, em relação ao que tenho que fazer por mim mesma para poder realizar o trabalho de forma contínua com os distritos nos quais trabalho, mas também com os colegas com quem trabalho, tanto no âmbito organizacional quanto de parcerias e de movimento.

—**Ikal Ang’elei.** Quênia.

A coletivização do trabalho de cuidado aparece como uma alternativa de cuidado coletivo, desafiando a imposição do trabalho de cuidado como um mandato para as mulheres na esfera privada. Surgiram experiências que falam de outras formas de assumir na comunidade aquelas tarefas que as ativistas devem resolver em sua vida diária e dentro de suas casas.

E assim como desafiamos o patriarcado, assim como questionamos o casamento, assim como criticamos a cultura, a identidade étnica em nossas próprias casas, temos que fazê-lo ao mesmo tempo em que apoiamos esses papéis que as mulheres desempenham em sua vida diária, tornando-se ativistas feministas. Portanto, trata-se de amar também esses papéis (...) Para mim é uma importante forma

de conscientização, também uma importante forma consciente de trabalho político feminista – nos apoiarmos mutuamente em nosso relacionamento diário e no trabalho de cuidado que todas nós temos.

—**Sarala Emmanuel.** Sri Lanka.

O cuidado abrange as dimensões emocional, espiritual, física, mental e digital. As formas pelas quais estas dimensões são compreendidas e ligadas entre si são diversas de acordo com os contextos e experiências específicas des ativistas e de suas comunidades.

Portanto, é algo de que falamos na Rede de Segurança e Cuidado [Web of Safety and Care]. Não é apenas físico. É também o estado emocional e mental da pessoa. No final do dia, pelo menos na minha organização, tendemos a nos concentrar no aspecto físico, nos certificamos de que exista um sistema de amigas, até mesmo a segurança digital para não sermos seguidas, temos protocolos que garantem que estejamos fisicamente protegidas de sermos presas ou feridas, etc.

—**Geri Cerillo.** Filipinas.

Ao falar em “estar atentas” a colegas e a dinâmicas coletivas, es ativistas deram ênfase especial ao cuidado com as cargas de trabalho para evitar afetar a saúde física e emocional, e ao atendimento de crises quando as questões de saúde mental são reconhecidas.

Não queremos perder ativistas por causa de sua saúde [física] e mental. Todos estes anos, sinto que muitas pessoas partiram, não apenas por sua saúde [física] e mental, mas também por outras coisas. Também acho importante que sintamos que somos parte de uma comunidade e que temos o apoio de outras na comunidade. Caso contrário, parece que estamos fazendo as coisas sós. Sinto que minha luta, meu trabalho, é o meu próprio prazer. Eu sinto que é importante se sentir parte do movimento. Você sente que sua saúde não é apenas uma parte de você, mas um tesouro para o movimento. É importante unir as pessoas, unir a luta para ver que todas nós estamos conectadas. Ver que o valor de seu corpo e mente faz parte do movimento.

—**Xiaopei He,** *Pink space.* China.

Algumes ciberativistas feministas que entrevistamos diferenciam *segurança, proteção e cuidado*, tornando explícita e consciente a **relação intrínseca entre a esfera digital e nossos corpos**, compreendidos em





sua integralidade física, espiritual, mental e emocional. Isto toma a forma de consciência de nossas práticas digitais e corresponsabilidade no uso das tecnologias, como ações diárias de cuidado.

Para nós, a afirmação disto é política, é muito político dizê-lo da maneira como queremos, em relação à segurança. A segurança digital está relacionada ao crime cibernético, está associada com os militares, com o terrorismo. A proteção está mais associada às práticas. O cuidado está mais associado a não enlouquecer com as tecnologias, como o desengajamento digital [questionar e limitar as táticas de certos aplicativos para fazer os usuários sentirem a necessidade de estar permanentemente olhando para eles]... é uma prática de cuidado.

—**Selene Yang**. Paraguai.

Várias ativistas reconhecem a **importância dos espaços criativos** coletivos que podem gerar condições para o reconhecimento de traumas e **mobilizar processos de sanção**, tanto pessoal quanto coletivamente. Elas veem a cura como um processo interno e como parte de suas práticas de cuidado.

Os espaços de sanção são muito importantes, a cocriação nos espaços é essencial e às vezes este é um tipo de libertação e liberdade que procuro quando estou vivendo a resistência e a luta diária em questões feministas. Porque éramos tão inatas, tão vivas, tão reais. E não foi o construído, você sabe, não foi um processo que veio de fora, mas foi algo que floresceu de dentro.

—**Elvira Meliksetian**. Armênia.

O cuidado nos conecta com a comunidade, o território e a natureza.

O cuidado da água, da terra e do território foi mencionado na América Latina como uma forma de cuidar da comunidade.

Bom, olha, para mim “cuidado” é que, dentro de mim, o tecido no qual nós estamos caminhando e a luta que estamos fazendo todos os dias, e os planos, os desafios, as projeções, o horizonte, nossa caminhada está entrelaçada com amor, com justiça, liberdade e dignidade. Isso está entrelaçado em nosso ser e esse cuidado deve decorrer de nosso território-corpo, reconhecendo que esse cuidado vai no nosso corpo, na nossa mente, como um coletivo, não [de] forma individual. Em outras palavras, você pode estar bem, mas se sua companheira, se outra defensora estiver mal, você não vai estar bem; em outras palavras, você está bem desde que a outra

também esteja bem. É como em comunidade, um cuidado comunitário, um cuidado no qual se você se cura, eu me curo, e se as outras se curam, nós nos curamos coletivamente e temos poder (...) Mas não só cuidamos do próprio corpo, mas cuidamos da terra. Se nós estivermos cuidadas e a terra for invadida por empresas mineradoras, hidrelétricas ou outras, não há um cuidado coletivo. Os feminismos devem entender que não é apenas contra o patriarcado que vamos lutar, temos que lutar contra o neoliberalismo e contra a invasão de territórios, porque o cuidado também significa comunidade e territorialidade.

—Anônima.

Muitas das ativistas nos lembraram que **o cuidado também é com as condições materiais e econômicas**. Portanto, sustentar a vida des ativistas significa exigir e desfrutar dos direitos que materializam condições de vida dignas.

*Nós não temos aposentadoria. Porque minha aposentadoria é gasta em pagamentos de seguros de saúde. Tenho 70 anos de idade, não tenho herança. Eu tenho que viver, então eu tenho que trabalhar. Não posso dizer “Ah, eu não quero mais. Vamos passear”. (...) **Portanto, o cuidado também está ligado a uma condição material de existência.***

—Maria Lúcia da Silva. Brasil.

Outras entrevistas também nos convidaram a refletir sobre cuidados e proteção **para além dos privilégios**.

A proteção e o cuidado são agora sentidos como algo privilegiado e incomum para as pessoas no terreno. Penso que a capacidade de nos protegermos e nos cuidarmos deveria ser realmente algo básico que toda pessoa deveria ter.

—Aizhan Kadralieva. Quirguistão.

Esta discussão em torno das condições e recursos materiais também é entendida como uma **dimensão política de cuidado e proteção**.

Para mim, a frase “política de cuidado e proteção” significa duas coisas: uma, torná-lo público, ou seja que não podemos manter o cansaço em silêncio; não podemos manter o conflito e a tensão em silêncio. A outra coisa são os recursos, sejam eles quais forem: habilidades pessoais, recursos financeiros, investimentos, o que quer que seja (...) Para mim a política de cuidado e proteção envolve estratégias públicas (...), também

melhores relações públicas e conversas com a mídia, assim como mais e mais alocação deliberada de recursos.

—**Dra. Njoki Ngumi**, *The Nest Collective*. Quênia.

Outras ideias em torno da **política do cuidado** nos lembram que o cuidado é um elemento-chave na construção de **outros mundos possíveis**.

Bom, para mim o cuidado é político no sentido de que se não nos percebemos como seres humanas – e isto é corpo, mente, sensação, sentimento – como vamos construir outro mundo? Como vamos construir outro mundo, se eu não consigo nem entender quais são as minhas necessidades? Descobri um economista chileno que fala das necessidades básicas; que uma coisa não elimina a outra: o fato de que você precisa comer para sobreviver não significa que você não precisa de saúde mental para sobreviver. Uma coisa não compete com a outra. Não é verdade que estes sejam apenas “problemas de brancos”; há muitas pesquisas que mostram que a pobreza tem um grande impacto na saúde mental.

—**Anônima**.

Por outro lado, **a idade e a etapa da vida** em que cada geração se encontra emergiram como aspectos importantes na reflexão sobre o cuidado. Neste sentido, encontramos **diferentes perspectivas sobre o que mudou** entre as diferentes gerações, que por sua vez revelam os desafios específicos que ambas as gerações continuam atravessando.

Acredito que as gerações mais jovens agora têm acesso a outras formas apenas porque estamos falando de autocuidado, em comparação com o que costumávamos dizer. Geralmente as mulheres ativistas, as gerações mais velhas, eu vejo isso aqui na Libéria, nós sempre dizemos que elas não tinham um plano de aposentadoria para si mesmas e não é como se você pudesse se aposentar do ativismo, mas é apenas a percepção. Acho que às vezes é por isso que elas são facilmente cooptadas para algo assim, acho que elas precisam de uma chance para descansar. Portanto, é fácil se sentar e de repente dizer “Não temos que falar sobre os temas x, y ou z porque já passamos por esse caminho”. Também a sua saúde e bem-estar, ninguém estava falando sobre segurança pessoal. Era tomar as ruas e se mobilizar. Aquelas que fundaram suas próprias organizações ainda estão procurando financiamento, se perguntando o que fazer, como continuar, ainda estão por aí.

—**Lakshmi N. Moore**, *Integrante do Fórum Feminista Liberiano, Diretora Nacional - ActionAid, Libéria*.

Algumas acham que **agora há maior consciência e abertura** e, por sua vez, maior disponibilidade de opções, informações e ferramentas.

A questão é que o cuidado ainda não é uma prática que todas as pessoas possuem. Portanto, não posso afirmar a diferença. Quero dizer que não posso fazer esse tipo de comparação porque acredito que há muito poucas pessoas que o praticam. Mas acredito que a geração mais jovem está mais aberta aos cuidados, elas percebem mais que precisam disso e que tomarão medidas para fazê-lo, ou até já fazem coisas, como ir a aulas de ioga, ou até mesmo de meditação. Penso que agora também há mais possibilidades disponíveis, elas já são populares. Portanto, já há um começo, pelo menos fazendo algo de forma pessoal. Antes não existia isso. Portanto, é mais difícil trazer as feministas de gerações mais antigas para estas práticas, quando dizem não, nós não precisávamos de todas estas coisas antes. Elas se perguntam por que as mulheres jovens precisam dessas práticas. Às vezes as ouvimos dizer “Elas não são fortes o suficiente”, “Poderíamos conseguir sem tudo isso”. Mas não estavam disponíveis antes, não era a cultura. Portanto, as feministas mais velhas têm muito mais trabalho a fazer para desbravar seu caminho, precisamos deste tipo de socialização para cuidar umas das outras e não apenas de nós mesmas.

—**Lin Chew. Jakarta**, Indonésia.

Acho que as mulheres jovens definem os cuidados de forma muito diferente. Quero dizer, pelo menos como tenho percebido aqui, [o cuidado] sempre [foi entendido] como religião, espiritualidade, terapia, não sei o que... e sinto que as jovens feministas o veem como um modo de vida, não como uma atividade que eu tenho, um hobby ou algo que faço para me curar, e para estar bem novamente, mas também faço porque é minha prática.

—**Ledys San Juan**. Colômbia.

Outres ativistas **não viram uma mudança drástica** na forma como os cuidados são assumidos no ativismo e reconheceram **dificuldades em exercer os cuidados como uma pessoa jovem** nestes tempos.

Também pode ser o contrário, a geração mais jovem também pode estar sobrecarregada de trabalho. Elas podem ser um tipo de (...) vítima do sistema capitalista. Pensar que seu valor é medido pela quantidade de horas que você trabalha e, nesse sentido, trabalhar demais significa que você é uma boa funcionária e, portanto, será melhor apreciada. Essa é uma tendência muito perigosa. Portanto, não posso dizer

com certeza que existe esta diferença entre a geração mais jovem e a geração mais velha, mesmo quando vejo que há alguns riscos.

—**Salome Chagelishvili**, *Women's Fund in Georgia*. Geórgia.

Também surgiram ideias que questionam **divisões geracionais de uma perspectiva político anticapitalista**.

Creio que o sistema está apostando em uma divisão estúpida, desculpe a palavra, que está sendo alimentada entre as gerações (...) as novas são novas, vamos dizer assim, e trazem todas as ideias criativas e as outras já são história. Não é verdade! Essa é uma história absolutamente patriarcal, neoliberal, capitalista, de desperdício e consumo. Então, hoje eu tenho um produto novo e eu compro porque é melhor do que o anterior, certo? Mas acontece que as pessoas não são um produto, nem a história é um produto consumível e... reconhecer o que temos, e se hoje as mulheres jovens podem e têm essas condições, é ótimo porque encontramos o caminho para outras e é fantástico que elas consigam e que estejam avançando, mas devemos nos entender juntas.

—**Lucía Lagunes Huertas**. México.

Finalmente, muitas pessoas apontaram que espaços de **diálogo e construção intergeracional** são necessários e possíveis para aprender mutuamente.

Acho que o movimento havia de alguma forma interrompido o diálogo com as gerações mais jovens. Elas simplesmente não sabiam como se aproximar delas. Elas simplesmente não sabiam como envolvê-las e engajá-las. Foi nesse momento que parei tudo e comecei a trabalhar com mulheres jovens, fazendo apresentações artísticas e as convidando para participar de protestos, de passeatas e conhecer ativistas.

—**Zana Hoxha**, *Artpolis-Art e Centro Comunitário*. República do Kosovo.

FALAR EM PROTEÇÃO

Em nossa pesquisa, quisemos investigar as concepções que as ativistas têm sobre proteção e como elas se relacionam ou não com o cuidado. Várias das pessoas entrevistadas **associaram-na a uma resposta aos riscos externos.**

Quando você é ativista camaronês, a proteção é primordial e para mim significa evitar situações que podem me colocar em risco e colocar outras pessoas em risco. Devemos evitar nos expor onde não podemos garantir completamente a segurança e, acima de tudo, pensar em medidas de segurança, evitar apressar as coisas.

—**Renée Nwoes**, *Women in Front*, Camarões.

A proteção está geralmente associada a fatores contextuais externos, mas também envolve olhar para dentro, refletindo sobre o que pode acontecer e **o que podemos fazer para prevenir riscos.**

Se você se olha, se reconhece na situação em que se encontra, reconhece quais podem ser os possíveis riscos... e a proteção é o que vem depois de se olhar, sendo capaz de incorporar ações preventivas. "Se eu continuar assim, vou ter um efeito negativo." Então, posso incorporar algumas ações que me farão mudar um pouco essa situação.

—**Amparo Peñaherrera Sandoval**, *Federación de Mujeres de Sucumbíos*, Equador.

A proteção tende a estar ligada à segurança física e, neste sentido, ela difere e pode ser complementar aos cuidados.

Cuido de minha casa, mantendo-a limpa, arrumando-a, criando condições, deixando ela bonita, colocando flores vivas, muitas coisas. Mas eu protejo minha casa colocando uma câmera de segurança e uma cerca.

—**Selene Yang**. Paraguai.

Por outro lado, algumas ativistas viram a proteção como transcendendo a segurança, e a relacionaram com o cuidado pela vida.



A proteção não se trata apenas de salvar vidas e compartilhar segurança, mas também da dignidade e do cuidado que sustenta isso.

—**Shawna Wakefield**, *Root.Rise.Pollinate!* Estados Unidos.

A inter-relação entre cuidado e proteção também se tornou evidente, e foram mencionados aspectos como o **z** – contribuições de ativistas da diáspora africana e migração latina nos Estados Unidos – ampliando a dimensão do cuidado como uma aposta e necessidade coletiva, e uma alternativa antisistêmica.

Acho que o cuidado e a proteção são inseparáveis. E são: a ideia de que a segurança está ligada a uma autonomia corporal ou a uma compreensão de como cuidamos de nós mesmas coletivamente. Eu acolho a ideia de interdependência (...) O que precisamos individualmente ou para nossas famílias é marcadamente nosso, mas está relacionado ao cosmos ou à cosmologia do que precisamos de e com cada uma (...) Ou seja, se não estamos pensando em traumas geracionais, penso no cuidado e na proteção como uma geração. Se não houvesse um mapa mundial, eu preferiria uma constelação de estratégias de cuidado e proteção que nos sustentem, que protejam nosso modo de ser, que valorizem nosso modo de vida, e que nos permitam estar conectadas às nossas memórias.

—**Cara Page**. Estados Unidos.

Outres ativistas compartilharam conosco um pouco de sua jornada e como ao longo de sua história, sua percepção de segurança, proteção e cuidado mudou.

*Realmente meu interesse depois do livro [**Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?**, que ela escreveu] era a segurança, não era o autocuidado. Acho que depois comecei a me expressar cada vez mais através desta forma, porque [o cuidado] é vida pura. Pensar em segurança é pensar o tempo todo em intersecções, em defesa, isso é exaustivo. O cuidado traz muita vida, muita beleza, muita sanção... e a segurança sempre traz muita ansiedade.*

—Jelena Dordevic, Coletivo Feminista de Autocuidado e Cuidado entre Defensoras de Direitos Humanos. Sérvia/Brasil.



OS DESAFIOS COTIDIANOS DO ATIVISMO

Falar de cuidado no ativismo é também **falar sobre o que significa ativismo na vida cotidiana.**

Es ativistas nos falaram sobre o ativismo e como ele transforma a relação com a família. Para muitas, o ativismo significa instabilidade econômica e não há pleno apoio familiar para estas escolhas de vida.

Uma das primeiras coisas que surgiram da minha família foi apoio, mas também um pouco de ceticismo. Minha irmã está trabalhando em uma agência internacional e recebe um salário decente e estável. E, com o ativismo, eu estava basicamente tentando pagar as contas mês a mês, no final do mês eu não tinha um cheque e havia esse fardo.

—**Ikal Ang'elei.** Quênia.

O ativismo é **uma escolha de vida que tem implicações em seus relacionamentos e laços emocionais**, por exemplo, com os parceiros. A este respeito, variam os desafios que enfrentaram e as decisões que tiveram que tomar quando esta escolha não é compartilhada ou apoiada.

Eu desmanchei meu noivado em razão de minhas crenças políticas e ativismo. Meu noivo não estava disposto a casar com alguém que tivesse tensão/más relações com o Estado, e que o Estado pudesse prender ou intimidar, ou [alguém] que recebesse uma chamada à noite de uma vítima de violência e saísse para ajudá-la. Não vejo isso como um sacrifício, vejo isso como um dever, é o meu dever.

—**FC.** Tunísia.

Outros ativistas pensam nas **implicações para o uso do tempo e do dinheiro**, por exemplo, se decidirem ter filhos ou outros entes que dependam exclusivamente deles, porque muitas têm ativismos que consomem tempo e recursos financeiros limitados.

Ela me perguntou se eu planejo ter uma família. E eu respondi que sim, eu planejo ter dois filhos, porque isso é o máximo que minha capacidade econômica me permite. E então ela disse: “E o seu ativismo?” E então meu companheiro interveio: “Isso não vai ser um problema. Nós vamos dividir”,

disse ele. “Eu farei o trabalho doméstico e ela vai trabalhar”. E nós rimos. E então eu disse: “Não, tudo bem, nossos filhos também serão ativistas”.

—**Ativista.** Filipinas.

O ativismo diário pode se tornar uma **atividade exigente** com muitas viagens e eventos, sem tempo para a família, **mas pode tomar outras formas se as práticas de cuidado forem incorporadas.** Uma das ativistas, que tem cinco filhas, relatou como sua vida diária mudou quando ela começou a dar importância aos cuidados.

Aprendi sobre a proposta do Fundo de Ação Urgente, do Ativismo Sustentável, do autocuidado (...) e a verdade é que sou grata à vida e a elas, porque se não fosse assim, não estaria contando esta história agora (...) Comecei um processo de sanção, de cuidados, de me proteger, de proteger minhas filhas e, sobretudo, de proteger as companheiras da minha organização, porque isso também ajudou todas nós a refletir, porque estávamos desgastadas como mulheres e ao mesmo tempo como mães, e mãe de muitas (...) Passo mais tempo com elas, agora elas vão à escola normalmente, e vão como meninas normais, dizem elas, porque vão à escola todos os dias. Mas antes não, porque antes eu costumava sair e viajar, porque onde quer que eu estivesse eu sempre as levava comigo, porque era uma militância feminista (...) Você sabe que o que nós queremos é que as meninas cresçam em um tipo diferente de transformação de vida, que elas não vivam coisas que você tenha vivido, nem careçam das ferramentas que você não teve na vida. Então é muito diferente porque eu, por exemplo, agora eu vou, eu as vejo no teatro, na dança, eu as acompanho na escola, eu vou a atividades que antes, por estar em reuniões e ocupada, não podia.

—**Yelis Vegonza.** Venezuela.

Sobre o **uso das tecnologias de informação e comunicação**, uma ativista do Brasil nos disse como ela tem dificuldade de se desligar das preocupações devido à segurança de outras pessoas, o que a leva a estar em constante comunicação.

Existe isso da urgência eletrônica, então onde quer que eu vá, independentemente do que estiver fazendo, mesmo que seja um intervalo, tenho esta sensação de que tenho que estar conectada o tempo todo, porque se algo acontecer eu saberei e serei capaz de agir. Este senso de novidade. O senso de urgência está na vida, então a psique... Por um lado, eu me sinto calma quando sei que as pessoas estão bem protegidas fisicamente. Por

outro, a cabeça anda pensando e pronta 24 horas por dia, 7 dias por semana. Penso que esta urgência de estar sempre pronta caso algo aconteça, bom ou ruim, significa estar pronta para agir e obter ajuda de alguma forma. Então a cabeça está sempre pensando em milhares de coisas.

—**Lana Souza**, *Coletivo Papo Reto*, Brasil.

As histórias que ouvimos, as pessoas e comunidades com as quais trabalhamos, estar em **contato com a violência e a injustiça pode levar a um momento de crise e afetar a saúde.**

Na semana passada, tive um ataque de ansiedade e angústia, que não desapareceu. Chorei por seis dias corridos, não dormi, não comi, não conseguia respirar. Foi feio, feio mesmo. E até agora estou superando isso um pouco.

—**Anônima.**

Na mesma linha, uma repórter independente que trabalha pelos direitos das mulheres e pela justiça, que coordena uma organização feminista cujo lema é “Se não contarmos nossas histórias, quem vai contá-las?” procura, através da comunicação, ampliar as vozes das mulheres e dos grupos minoritários em Camarões. Ela disse:

Em algum momento, lembro que sofri um esgotamento [burnout] muito grave, por ouvir constantemente as histórias de mulheres estupradas (...) E por volta de novembro de 2016, lembro que eu estava viajando, não conseguia respirar e tiveram que me levar para o hospital. Os médicos me examinaram, fizeram tudo e me disseram que eu estava terrivelmente exausta e sofrendo de burnout. Fui aconselhada a não denunciar incidentes traumáticos por pelo menos três meses (...) Era carga demais para mim, e descansei por um tempo. Eu não fiz reportagens, tomei a medicação e descobri o autocuidado porque comecei a ler sobre isso e como me proteger, especialmente do público, e como me manter saudável como ativista quando ouvimos tantas coisas e quando escrevemos estas histórias e lutamos pela justiça. Às vezes você não percebe como isso afeta sua saúde, mas em 2016, esse incidente foi para mim um ponto de inflexão.

—**Comfort Mussa**, *Sisterspeak237*. Camarões.

Também ouvimos apelos para reconhecer a importância da **estabilidade emocional** em meio a contextos de mudança.

A política é instável, é dinâmica e muda muito. Meu estado psicológico depende do contexto político e do ambiente. Portanto, quero conectar meu estado psicológico com algo mais estável do que a política.

—**Samar Tilili**, Tunísia.

Outro desafio que foi mencionado é que, mesmo quando há reflexões e práticas de cuidado, as ativistas não estão isentas de **se sentirem culpadas**, devido à ideia de **que é necessário cuidar de tudo**, o que também aumenta sua frustração.

Há coisas que nos afetam muito, há coisas que nos causam inquietação, nos deixam impacientes e às vezes até nos fazem sentir culpa por não podermos resolver as coisas imediatamente, certo?

—**Miluska Luzquiños**, Organización Feminista por los DDHH de las personas Trans. Peru.

Elas também nos falaram sobre o **cansaço e as expectativas relacionadas com o esquecimento de si mesmas**.

Hoje estou muito cansada. Mas quando penso em todas as conquistas, todas as mudanças que vejo acontecendo na vida das famílias e das mulheres, então meu cansaço desaparece. Mas devo dizer que estou cansada, estou sempre doente, às vezes até mesmo quando participo de certas atividades... Você pode ver que hoje estou um pouco doente. Houve momentos em que eu realmente me esqueci de mim mesma. Esqueci de mim porque não pensava mais em mim e me dizia que eu era a única que podia cuidar das minhas irmãs. Então, eu esqueci da minha saúde, de mim mesma e de muitas outras coisas. Eu parei de pensar em mim e só pensava nisso.

—**Djingarey Ibrahim Maïga**, Femmes et Droits Humains. Mali.

Da tristeza, depressão e exaustão.

Senti momentos em que não estava bem, estava desmotivada para continuar fazendo meu trabalho. E lembro de épocas em que eu estava tão exausta que estava deprimida por tudo e pelo mundo ao meu redor e cheguei ao ponto de não poder mais fazer nada devido à minha exaustão.

—**Anônima**.

Do estresse e do ressurgimento da dor pelas experiências vividas.

Quanto mais o tempo passa, mais estressada eu me sinto. Paranoia, especialmente sobre o perfilamento digital do governo egípcio. Quando eu mandava e-mails, eu verificava o endereço nove, sete vezes e me sentia paranoica e ansiosa no momento de enviá-los porque tinha medo de enviá-los para a pessoa errada. Tudo isso inclui pesadelos de prisão, violência, eventos do tempo da revolução... meu subconsciente fica confuso. Não é fácil processar todos estes anos.

—Amal Elmohandes. Egito.

O medo e a desconfiança.

Ah, sim, tínhamos muito medo (...) também pelas mulheres que vivem com você, pelas pessoas de sua casa, de sua família etc. Portanto, o medo está sempre presente à noite, mantendo você acordada

—Shamima Ali. Fiji.

Como abraçamos estes sentimentos?

Como nos permitimos senti-los e dar-lhes espaço?

Como é que você faz isso?



O QUE MANTÉM O ATIVISMO?: “EU NÃO POSSO DEIXAR ESTE MEDO ME ATERRORIZAR”

Em muitas das conversas, a frustração, a tristeza e o pranto estavam presentes. Porém, quando questionades sobre momentos de felicidade, os olhos dos ativistas brilhavam, os risos prevaleceram e, após um momento de silêncio, as histórias de esperanças voltaram. Agora vamos falar sobre motivações e alegrias, sobre o que mantém os ativismos, apesar de tudo.

Tudo começa reconhecendo o medo, mas não deixando ele paralisar você.

Os sentimentos ainda são sentimentos humanos: há momentos em que nos sentimos fracas, nos sentimos sós, mas eu gosto da maneira como me sinto sempre que tenho medo. Por exemplo, quando tenho medo, eu me digo: sim, tenho medo, mas se desistir, vou cair na mesma tristeza em que estava antes de começar esta luta e então não teria conseguido nada. Todos os meus esforços, todas estas apreensões, todas estas intimidações... tudo isso teria sido em vão. Não tenho escolha a não ser continuar e isto me fortalece, me consola. Digo a mim mesma que o amor que tenho pelo meu país, o amor que tenho pela minha sociedade é mais forte do que este medo e, portanto, não posso deixar este medo me aterrorizar.

—**Grace Kabera Amani**, *LUCHA*. República Democrática do Congo.

As satisfações são lembradas e o fato de ser ativista é reafirmado.

Ser ativista é o mais gratificante. É difícil, particularmente na China neste momento... muito difícil agora... Mas nada se compara à empolgação e à satisfação de ser ativista. Portanto, não me arrependo de forma alguma. Eu só preciso sobreviver e sustentar meu ativismo e continuar sendo uma ativista ativa.

—**Jing Xiong**, *Feminist Voices*. China.

Encontrar cúmplices...

Eu disse que as coisas boas que funcionaram para mim são os momentos felizes que recebi. Agora, o fato de termos algumas feministas em Uganda que são muito ativas, e juntas podem denunciar certas violações dos direitos humanos das defensoras... você experimenta um sentimento de irmandade. Portanto, para mim, interagir com feministas próximas em Uganda tem sido meu momento mais feliz.

—**Brenda Kugonza**, *Women Human Rights Defenders Network*. Uganda.

As mobilizações nas ruas; as muitas bandeiras que se reúnem em todo o mundo nas datas dos movimentos feministas, com novas pessoas chegando cada vez mais e continuando a resistência.

Entrevistadora: Você pode nos falar sobre um evento ou ocasião, ou conversa que fez você se sentir feliz e realizada como ativista?

Entrevistada: Acho que seria o Dia Internacional da Mulher. Foi uma marcha pública. Saímos às ruas, marchamos e exigimos espaços seguros para as mulheres nos espaços públicos. E isto me fez sentir mais empoderada, me deu um propósito no sentido de que muitas outras pessoas estão se unindo ao movimento e carregando a tocha. Isso me dá um senso de pertencer a uma organização que tem integrantes que estão dispostas a levar o movimento adiante também. Portanto, é bom ver que cada vez mais mulheres estão fazendo este trabalho e se tornando feministas.

—**Jasmine Kaur**. Fiji.

A alegria quando as mobilizações conseguem o que desejavam.

Em novembro de 2016 fizemos uma vigília de doze dias e bloqueamos o Estrecho de Bala, que é onde eles querem construir as mega barragens hidrelétricas de Chepete – El Bala, e nós trancamos, botamos arame farpado (...) então não deixamos passar nenhum barco da empresa SERVICONS subcontratada pela GEODATA, que estava realizando estudos, e após doze dias eles decidiram partir, e aquele momento foi um momento de grande alegria por termos conseguido parar a continuidade; pelo menos sentir isso naquele momento, porque não concordamos com este megaprojeto que afetaria nossas vidas. Portanto, ver (...) o sacrifício do povo que estava na vigília teve aquele momento de alegria, de sentir uma pequena batalha vencida na defesa da vida.

—**Ruth Alipaz Cuqui** – indígena uchupiamona da Bolívia. Defensora dos direitos indígenas, dos direitos humanos e dos direitos da natureza.

Membra da Mancomunidad de Comunidades Indígenas de los Ríos Beni, Tuichi y Quiquibey e Coordenadora Geral da CONTIOCAP na Bolívia).

A satisfação quando há avanços ou as leis discriminatórias são interrompidas.

Desde o início, quando cheguei [ao meu local de trabalho], foi a luta contra a proposta da lei de “propaganda gay” no Quirguistão que eles plagiaram da Rússia e a apresentaram no Parlamento em 2014. Entrei no mundo do ativismo com isto, com a luta contra este projeto de lei e minha satisfação foi que o projeto de lei foi interrompido após sua segunda leitura no Parlamento. Recentemente estava bloqueada e não se moveu mais. Foi um sucesso importante, porque nos deu a sensação [de que] podemos parar algo que não era para nós e que mina a igualdade ou a discrimina.

—Aizhan Kadralieva. Quirguistão.

É lindo, sabe? Eu choro, sou uma pessoa emotiva. Quando eles [os ativistas que defendi como advogada] foram libertados da prisão, eu fiquei muito feliz, mas eles também são todos homens e não posso abraçá-los por causa da sociedade conservadora. Não sei como lidar com isso porque sou de um ambiente muito aberto e olho para eles e penso: “Será que vamos realmente apenas apertar a mão... depois de tudo isso? Mas vale a pena. Só para ver suas famílias felizes e eles felizes também (...) É raro que sejam libertados, mas quando isso acontece, sou a pessoa mais feliz do mundo. E, na verdade, levo toda a minha família comigo. Eu penso: “Minha mãe vai ficar entusiasmada com o que vai sair hoje”.

—Anônima.

A recompensa quando o trabalho realizado faz a diferença para as pessoas e é reconhecido.

Perceber também que o trabalho que estou fazendo está sendo bem recebido e (...) pode ajudar a construir coisas, isto também me ajuda. Quando é reconhecido. Quando você vê que seu trabalho é reconhecido, isto também dá força.

—Fershira. Brasil.

É muito importante a **gratidão quando você sente este reconhecimento.**

O momento mais feliz, eu acho [que é] quando as pessoas me agradecem. Para mim é suficiente, e me deixa feliz.

—Anônima.

A gratidão é muito importante e nos motiva: **como podemos incentivá-la, como podemos reconhecer o trabalho de outras pessoas? Agradecendo a nós mesmos, nos abraçando, celebrando realizações, lembrando os momentos que aquecem nossas almas e possibilitando novos momentos que nos trazem alegria e prazer.**

CONVERSAR COMIGO MESME

Às vezes pode ser difícil nos dar tempo e espaço para sentir, para expressar nossas emoções, para ouvir e mostrar o que nosso corpo e nosso coração estão sentindo.

- ✦ **É difícil para você?**
- ✦ **Você acha que ainda é difícil para nós como movimento?**
- ✦ **Como você se sente atualmente em relação ao seu ativismo diário no que diz respeito ao seu corpo, mente, emoções e espírito?** Foi uma das perguntas iniciais nas entrevistas que realizamos.

Diversas **respostas** surgiram. O ar poderia estar impregnado de tristeza, de cansaço, de muitas emoções ao mesmo tempo. Compartilhamos algumas delas com vocês para recordar nossa humanidade e porque, talvez, alguém possa estar se sentindo assim agora mesmo.

Eu não estou bem, quero dizer, em muitos níveis... Há tanta tristeza, tanto fracasso e tanta frustração. Nada está mudando e o sistema contra o qual lutamos triunfou. E todos o aplaudem.

—Anônima

No entanto, **há persistência mesmo no cansaço.**

Neste momento meu coração está feliz; meu corpo está um pouco cansado, o ambiente é tóxico, mas minha mente está concentrada. É persistente com o que eu quero fazer, a mudança que eu quero. Minha mente sabe que estou trabalhando por mudanças.

—**Naomi Tulay-Solanke**. Libéria.

O **equilíbrio** e o **reconhecimento da mudança** também estão presentes.

Bem, hoje, felizmente com esta oportunidade que me dei para cuidar de mim mesma, me sinto bem. Estou calma, estou ciente do risco que tenho, estou me esforçando para que [este risco] não se torne uma limitação para viver a vida que tanto defendo, para desfrutar a vida que tanto defendo.

—**Danelly Estupiñán Valencia**. Colômbia.

É óbvio que existe a mistura de emoções, porque o sentimento muitas vezes não é unívoco nem linear, depende do contexto e do momento em que se responde à pergunta. É uma oportunidade de olhar para dentro de cada uma de nós ou de olhar para nós mesmas coletivamente e recuperar nossas forças.

Mais de uma década após o livro *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?*, as histórias des ativistas revelam que ainda hoje é difícil falar a partir de e sobre nós mesmas, pensar, sentir e exteriorizar o “como estamos?” Muitas vezes não encontramos tempo e espaço para falar sobre isso, ou não abrimos o tempo e o espaço para falarmos nós mesmas sobre isso. Porém, houve mudanças neste sentido, por isso elas se sentem esperançosas.

Obrigada por esta pergunta! Sinceramente, sempre tento encorajar as mulheres a falar sobre suas experiências, mas acontece que quando é preciso compartilhar minha experiência, também tenho muito trabalho a fazer, porque é sempre mais fácil falar sobre o trabalho que faço do que responder à pergunta pessoal “como eu estou?”. Eu me sinto pessimista e otimista ao mesmo tempo. Do lado otimista, eu diria que o movimento feminista está ficando mais forte; vejo muitos rostos novos e também tenho o privilégio de encontrar ativistas ao redor do mundo, por isso me sinto fortalecida e não me sinto sozinha. Eu sei que o trabalho que fazemos é significativo. É algo que está transformando a sociedade. Isto é realmente inspirador. É algo que me faz continuar.

—**Salome Chagelishvili**, *Georgian Women's Fund*, Geórgia.

CONVITE

Um momento para você

A resposta honesta à pergunta “como você está?” às vezes pode ser difícil de compartilhar, então o convite aqui é para se fazer a pergunta, conversar consigo mesmo, expressar o que você sente aqui e agora, e trazer à tona o que está dentro de você.

Há muitas maneiras possíveis, você pode se escrever uma carta, criar uma mensagem ou colagem, desenhar, dançar ou contemplar sua condição, como um ato de amor próprio que pode ser profundamente libertador.

CAPÍTULO 5

Compartilhar as práticas



O que você faz quando está cansado?

**Você se lembra de ter feito alguma coisa hoje
para se cuidar?**



Já revisamos os contextos e os riscos enfrentados pelos movimentos, o poder transformador dos feminismos e a força dos ativismos. Também examinamos as diferentes reflexões sobre cuidados e proteção. Agora convidamos você a explorar as seguintes questões: **como o cuidado se manifesta, como es ativistas em diferentes cantos do mundo vivem o cuidado diariamente, quais são as práticas de cuidado e proteção na diversidade de ativistas feministas, mulheres, trans e pessoas não binárias?**

A forma como muitos ativistas nos falavam dos cuidados era justamente mencionando práticas ou ações cotidianas que lhes trazem bem-estar, prazer ou proteção. Estas ações emergem de seus contextos e experiências específicas, de modo que não são lineares nem repetem fórmulas.

Como no caso da proteção, no cuidado es ativistas identificaram **práticas que são decididas individualmente e outras que são decididas de forma coletiva.**

*Para mim, cuidado não se trata (...) de uma lista [de práticas concretas], mas de entender que você precisa de certas coisas, e que você pode ter ferramentas para permitir que essas necessidades sejam atendidas de alguma forma. Então para mim o primeiro exercício é tentar ouvir o que eu preciso, certo? (...) Tenho uma frase para mim que é **“eu me escuto e eu me obedeço”**.*

—**Diana Pulido.** Colômbia.

Há algo que ajudou você naquelas ocasiões em que sentiu insegurança, dificuldades e negligência em seu ativismo? Quais são as motivações e desafios para manter aquelas práticas que sustentam você? Você tem práticas relacionadas à espiritualidade? Estas foram algumas das perguntas que fizemos para iniciar a conversa.

As reflexões compartilhadas aqui mostram como as práticas se relacionam não apenas com a identidade e o contexto, mas também com as experiências de vida. Elas revelam as múltiplas concepções de cuidado e proteção que emanam destas práticas, e mostram como estes elementos estão interligados no que es ativistas fazem diariamente e nas formas de nomeá-lo. Isto, por sua vez, revela como as práticas e concepções estão ligadas, já que nomear o cuidado e a proteção não é um exercício intelectual nem estritamente racional, mas faz parte da experiência **corporificada.**

Várias ativistas entrevistadas referiram-se à forma como elas respondem **aos riscos que enfrentam e à possibilidade de prevenir situações que poderiam prejudicá-las**. Neste sentido, as ativistas mencionaram, como práticas de cuidado e proteção, medidas específicas que aplicam diariamente.

Memorizei os números de telefone de pessoas para as quais posso contar sobre minha situação. Quando eu pergunto a um militar ou policial o nome deles, eles ficam surpresos, tipo: “Por que você precisa do meu nome?” Esse tipo de coisas que podem lhe dar mais informações podem dissuadir a polícia de abusar de você, porque eles sabem que você está procurando um nome para poder responsabilizar alguém.

—**Ativista**. Filipinas.

Em todas as regiões, diferentes ativistas reivindicaram a importância das amizades e da família. Elas tecem grandes amizades que se tornam redes de afeto e apoio.

Minhas amigas me dão energias positivas. Eu não posso mais tolerar negatividade na minha vida. Eu tenho grandes amigas. Eu posso me apoiar nelas. Nossas ideologias estão alinhadas.

—**Anônima**.

Algumas têm uma **rede de apoio que lhes dá confiança** para falar quando a agitação da vida cotidiana as sobrecarrega, redes que são vitais para sustentá-las. Estas redes podem ser formadas por outras ativistas, aliadas ou mesmo familiares e amigos.

Quando me sinto estressada, emocionalmente exausta, desgastada, ou quando sinto que estou ficando louca etc., sei que não é necessariamente o melhor hábito, mas tenho uma rede de apoio de amigas com quem vivo. Ou com meu marido, posso simplesmente falar com ele.

—**Ativista**. Filipinas.

Às vezes **socializar, fazer atividades coletivas** com a família, colegas ou amigos é uma prática que melhora a vida e ajuda a sustentar o ativismo. Algumas falavam disso como uma forma de contenção.

No meu caso pessoal, a verdade é que a minha contenção é minha família, minhas irmãs, que são extremamente importantes, então eu me junto a elas. Fazer uma refeição familiar, rir, cantar e dançar é muito terapêutico para mim.

—**Lucía Lagunes Huertas**. México.

Passar o tempo com... meu gato.

—**Loan Tran**, Estados Unidos

Bem, meu cão também faz parte do meu autocuidado, desse espaço... de desfrutar. Eu digo que não há um amor mais incondicional do que o dos cães, os seres sencientes que você tem ao seu lado, porque sim, eu também gosto muito disso.

—**Amparo Peñaherrera Sandoval**, Federación de Mujeres de Sucumbíos, Equador.

Outras **ações diárias de cuidado** estão diretamente relacionadas ao bem-estar físico, que por sua vez têm um impacto nas dimensões emocional, mental e espiritual. Por exemplo, **dormir bem**.

Outra estratégia que tenho é apenas dormir o suficiente, porque, quando comecei, dormia três ou quatro horas no máximo (...) [pensei] que assim conseguiria fazer mais. Eu estava on-line, escrevia mais naquela época. Mas então percebi que, no final, eu não era tão produtiva quanto eu queria ser. Portanto, hoje eu durmo mais... é a minha segunda estratégia, porque sinto o frescor da manhã quando somos só eu e o mundo, antes que as pessoas acordem e [isso] me ajuda.

—**Ikal Ang'elei**. Quênia.

Dedicar tempo para **comer e se hidratar**.

Tenho um pouco de dificuldade com a disciplina, principalmente por causa da minha vida, mas posso contar coisas que me fazem bem quando as pratico: ioga, natação, correr, estar perto da natureza. Dormir bem é essencial para mim; ter tempo, acordar e beber café; espaço, beber água e comer. Quando já estou comendo muito "lixo", vejo que estou ficando apenas com carboidratos, minha pele muda, eu mudo, meu humor muda, meu intestino muda, vai por aí.

—**Anônima**.

Fazer **exercício físico**.

Todos os dias tenho que arranjar tempo para me exercitar, para correr.

—**Matcha Phorn-in**. Tailândia.

Para poder ouvir e prestar atenção ao que cada pessoa precisa, para destinar tempo a cada uma e ter tempo para descanso e autocuidado, é muito importante – nos disseram as ativistas – conhecer os próprios limites e defini-los quando estamos em situações exigentes. Isto é fundamental, especialmente em circunstâncias onde há grandes expectativas, tanto nossas quanto do meio ambiente, de nossa capacidade de resposta. Estes limites são necessários para evitar que o cuidado seja experimentado como um mandato ou um sacrifício.

Descobri que, por exemplo, aprender a dizer “não” é uma grande ajuda.

—**Millaray Garrido**. Chile.

Parar no momento certo pode ser preventivo, ajuda a continuar e a se manter. **Parar, descansar, fixar limites e ficar bem com isso é um aprendizado**. Por exemplo, encontrar um espaço de relaxamento quando você sente pressão ou respeitar os dias de descanso.

Entendi que se eu não parar agora, se não me ouvir e não entender minhas limitações, eu vou me esgotar. É também uma conversa interessante que estou tendo comigo mesma. Por um lado, eu entendo que não quero me esgotar. Por outro lado, minha motivação para não me desgastar é alimentada pelo fato de estar conectada a outras ativistas. Se eu não me esgotar, posso ficar mais tempo, posso fazer mais trabalho.

—**Salome Chagelishvili**, *Georgian Women’s Fund*, Geórgia.

Pela primeira vez tento dedicar mais tempo e atenção ao meu relacionamento, e separar meu trabalho e ativismo da minha vida pessoal. Antes eu estava totalmente envolvida no ativismo e não podia ver nenhum outro aspecto da minha vida, porque isso não me parecia importante. Mas agora eu tento dar um pouco do meu tempo ao meu relacionamento, a mim mesma, para ter tempo para fazer ioga, para escrever sobre meus sentimentos, se eu tiver sentimentos sobre os quais escrever. Também cozinho muito e experimento muitas receitas novas.

—**Aizhan Kadrallieva**. Quirguistão.

Às vezes, quando me sinto realmente sobrecarregada, vou sozinha a algum lugar para ouvir música e tomar uma cerveja.

—**Credo Ahodi.** Benim.

Da mesma forma, surgiu como uma prática recorrente: fazer **coisas que permitem ter um distanciamento momentâneo do ativismo.**

Sim, a fim de manter o ativismo, o que sempre tento fazer é algo fora do ativismo. Algo que eu goste. Ou ir a... não sei, uma oficina de escrita ou ir a uma aula de dança e em algum momento, até mesmo ir à terapia... estas são coisas que também têm me ajudado a sustentar meu ativismo.

—**María Pierna Sabei - Pipi.** Argentina.

Também pensar em outra coisa, **descansar os pensamentos dos problemas ou situações difíceis.**

Eu saio e passo tempo com minhas amigadas. Eu saio para ver filmes loucos e bobos de Bollywood e rio das coisas mais agradáveis. Algo que eu tenho feito é parar de assistir filmes deprimentes ou de falar sobre meu trabalho. Acho que não preciso ficar mais deprimida. Acho que é também uma maneira de cuidar de mim, não quero ver histórias horríveis.

—**Pramada Menon.** Índia.



Há algo confortante em assistir a séries bobas. Às vezes penso: “Bom, eu só preciso de dois neurônios”. E eu não preciso mais do que isso. Não quero pensar muito. Na verdade, não quero pensar em nada.

—Anônima.

Em algumas conversas, surgiu a ideia de **descansar do virtual**: desligar o celular, desativar as notificações ou mudar hábitos de uso das redes sociais. Além de identificar os riscos no espaço virtual, as ativistas falaram sobre as formas como elas se cuidam neste cenário.

*Esta parte do autocuidado, penso que é entender que **esta extensão de nossos dados digitais também faz parte de nós**. Portanto, é também cuidar de nós mesmas quando cuidamos de nossas senhas, quando nos cuidamos e pensamos onde fazer uma postagem ou quem é que estamos aceitando como amigas nas redes sociais (...) Às vezes parece que o digital não é um problema, não vai influir em mim, não vai me machucar fisicamente, então eu faço qualquer coisa. Mas não, vemos impactos muito explícitos nisso.*

—Fershira. Brasil.

No entanto, reconhecemos que às vezes **aprendemos a parar após uma crise** ou após períodos de exaustão.

Eu tinha três coletivas, eu trabalhava feito uma louca, eu tinha esse relacionamento, então eu não tinha tempo para “merda” nenhuma, ou seja, para mim mesma. Eu não sabia o que me machucava, o que não, se eu estava triste (...) era realmente um nível muito forte de escapismo de mim mesma, do qual eu não estava muito consciente (...) [Eu estava conversando com um amigo] e era tipo: como isso é forte, isso é um limite, isso não é normal (...) Ali mesmo eu pedi consulta para a professora [reikista]. Tive uma primeira sessão na qual concluí que tinha que deixar muitas coisas, pensei: “Tenho que sair de casa (...) tenho que parar”.

—Diana Pulido. Colômbia.

Nestes últimos meses, descansei mais em comparação com os anos anteriores, que foram exaustivos. Neste ano eu mesma percebi que fiz mais pausas. Fui para casa em fevereiro, março e junho... isso é bastante. Em anos anteriores eu costumava ir para casa apenas no Natal (...) Mas neste ano, não sei o que mudou. Talvez eu esteja fazendo uma pausa

ou sendo proativa nos meus descansos. Acho que agora me sinto mais calma, muito mais... Agora posso respirar melhor. Meu humor melhorou. Eu tenho mais iniciativa. Estou mais feliz.

—**Ativista**. Filipinas.

Assim como **nesses momentos encontramos também outras possibilidades que nos ajudam.**

Eu ainda estou trabalhando, mas tenho várias doenças no meu corpo. Tudo isso está relacionado ao estresse, eu sei. Eu me sinto especialmente mal hoje em dia. Muitas coisas estão acontecendo. Pensei até mesmo no suicídio. Mas eu medito e esta prática me ajudou.

—**Renu Adhikari**, ativista, Aliança Nacional das Mulheres Defensoras dos Direitos Humanos. Nepal.

Entretanto, em muitos contextos, a sustentação destas práticas torna-se um desafio contínuo.

O autocuidado com a situação em nossos países, especialmente em meu país, que é um país difícil e estamos passando por conflitos intracomunitários causados por grupos armados (...) A proteção é um pouco... bom... eu tento fazer um esforço, é a única solução. Por exemplo, no momento, a situação está piorando no Congo. Temos que sair, ir para um lugar que seja tranquilo, tirar umas férias. Não temos recursos para isso, para pagar as férias, por exemplo, e então não podemos deixar a área... tudo isso é um problema.

—**Gegê Katana**. República Democrática do Congo.

Há também aquelas pessoas para as quais estar bem é um desafio diário, e nos lembraram que os desafios fazem parte da vida e nos mobilizam.

Sempre pensamos em nosso bem-estar como um desafio. Eu também acredito que minha vida não é a falta de qualquer desafio, que é algo que eu tive que aprender, porque sempre que você tem um desafio, no trabalho ou no âmbito pessoal, é um risco ou desafio ao seu bem-estar, mas agora [eu tenho] a capacidade de enfrentar estes desafios sem desfalecer.

—**Yah Parwon**. Libéria.

Nas conversas, apareceu a alegria ao falar sobre aquelas coisas que podem surgir do nada. Ter uma ideia e materializá-la, criar com suas mãos, com seu corpo, transformar materiais, aprender novas técnicas e tecnologias, ou simplesmente apreciar e incluir criatividade, genialidade e arte em sua vida diária.



VAMOS CELEBRAR A ARTE EM NOSSAS VIDAS!

Eu amo tudo que tem a ver com o processo criativo e sei que ele me cura, que me alimenta. Portanto, para mim, meus momentos de autocuidado têm a ver com coisas que eu crio. Descobri que adoro costurar, eu adoro!

—Amparo Peñaherrera Sandoval, *Federación de Mujeres de Sucumbíos*, Equador.

Nos descobrir criando...

Por exemplo, colorir, oficinas de argila, que é... como uma meditação ativa. Você não precisa manter uma certa forma de respirar... mas às vezes fazer algo de arte ajuda você a se conectar consigo mesma, e voltar a ser.

—Itzel Guzmán, *Consortio para el Diálogo Parlamentario y la Equidad Oaxaca*. México.

O encontro com a poesia...

Por um tempo fiz algo chamado “Uma Noite de Poesia” para apoiar um grupo de poesia. Para mim, que sou introvertida-extrovertida, passar tempo com amigos, fazer coisas com elus é como consigo algum suporte.

—Lakshmi N. Moore, Membro, *Liberia Feminist Forum*. Libéria.

As viagens através dos livros...

Eu também leio muito, ouço música. Acho que a melhor maneira de lidar com essas coisas é ler romances, que não tem nada a ver com minha vida, mas é divertido saber que outras pessoas se apaixonam e fazem bom sexo.

—Pramada Menon. Índia.

A dança, o movimento...

É um hobby e também uma forma de me conectar com meu corpo e minha pele. E a dança do ventre ajuda a mover seus quadris, sua pelve, toda

essa área que foi oprimida por séculos. Não é a coisa mais fácil, então eu realmente gosto disso. É muito libertador.

—Anônima.

O alívio encontrado na música...

Eu botava música e só ouvia as canções e, antes que eu percebesse, eu me sentia calma e podia seguir em frente. A música revive a alma, não importa quais sejam as circunstâncias.

—Emb. Daintowon Domah Pay-Bayee, *Coordinator of the Young Women Leadership and Knowledge Institute Liberia - YOWLI and Secretary General for the Political Affairs Department of the Coalition of Political Parties Women in Liberia - COPPWIL.* Libéria.

Para se conectar e reativar, **a natureza desempenha um papel fundamental**, independentemente da região. Es ativistas buscam ar fresco para respirar, mergulhar na água, no mar ou no rio para se encher de seus poderes curativos.

Eu tento passar tempo na natureza. Eu amo o verde, eu amo o rio. Sempre que tenho a oportunidade de ir, sinto-me renovada e cheia de energia, e sei que posso, que você pode manter sua energia e pode ressoar com você mesma mais uma vez.

—Pisey LY. Camboja.

Penso nos tempos difíceis e meu impulso sempre foi ir visitar a praia. Então eu vou para a praia e é bom me sentir tão pequena, tão minúscula, como um pequeno e insignificante grão no grande esquema das coisas; é muito reconfortante.

—Loan Tran. Estados Unidos.

Também ajuda ir ao parque ou a um jardim, e se você não conseguir sair de casa, basta voltar a entrar em contato com os elementos que nos sustentam, ver a lua e as estrelas, afastar-se das telas, tomar sol ou um bom banho, sentir a imensidão do universo. Outros encontram a conexão fazendo meditação, ioga e muitos concordam que isto ajuda a se sentirem bem.

Eu faço ioga. Tento ser disciplinada, embora às vezes não possa fazer porque viajo muito.

—**Kunthea Chan**, Camboja.

Antes de ir dormir, passo pelo processo de soltar o que aconteceu durante o dia. E quando acordo, sem falta, começo meu dia com meditação. Isto me mantém conectada. Isso me dá uma sensação de conexão com o que sinto e o que penso. E isso me ajuda de várias maneiras não só a ficar bem, mas a compreender plenamente minhas emoções, frustrações, raiva e também o que vou fazer a respeito.

—**Phumi Mtetwa**, *Just Associates-JASS*. África do Sul.

Ou fazer algo que aprendemos de outra cultura e incorporamos regularmente.

Bom, outra coisa que eu também faço é um pouco de meditação, respiração, um pouco de oxigenação do meu cérebro, também do meu corpo. Então, estas são práticas que estou aprendendo a fazer. A outra coisa é obviamente parte de minha espiritualidade e de minha própria cultura. Mas esta meditação é algo que estou praticando e que agora estou fazendo mais regularmente, e me faz sentir bem.

—**Anônima**.

Estes exercícios coincidem com a perspectiva do cuidado como uma forma de tomar consciência e de se conectar com o próprio ser, de escutar as próprias necessidades a cada momento. Por exemplo, a **conexão e o apoio são encontrados na realização de atividades coletivas**.

Toda terça-feira de manhã eu pratico ioga com minhas colegas de trabalho. É incrível como isso muda. Isto muda muito nosso relacionamento.

—**Georgia Nicolau**, *Instituto Procomum*, Brasil.

Outras ativistas nos lembram que quando se trata de colocar as coisas coletivamente, **não há receitas predeterminadas que funcionem para todas as organizações e para todas as pessoas**.

Tivemos uma sessão de meditação com a equipe, e todos me olharam como se eu estivesse maluca. Estamos em um país budista, onde todos devem meditar, mas minha equipe achou entediante.

—Rosanna Flamer-Caldera. Sri Lanka.

*Não precisa ser ioga, por que as pessoas pensam imediatamente que tem que ser ioga? Funciona para algumas pessoas, definitivamente não para muitas (...) mas é algo que pode ajudá-las, particularmente as pessoas com trauma, algo que as ajuda a superar o trauma. Também, como um convite para algumas pessoas cujas estratégias são fumar, fazer sexo, beber, e todas elas são estratégias de confrontação, e não há julgamento quanto a isso. Fumar, seja o que for, é minha forma de autocuidado. Sim. E não há ninguém que possa dizer: “Isto está errado”. **Bom, é a sua maneira. E para mim é importante reconhecer diferentes estratégias, diferentes mecanismos e também práticas de confrontação.***

—Sandra Ljubinkovic, consultora de transformação somática. Sérvia/
Holanda.

Também ouvimos falar da **terapia** como algo que ajuda: psicoterapia, terapias alternativas ou acompanhamento para **curar o corpo e o espírito**, a partir de diferentes conhecimentos e tradições, que são utilizados em tempos de crise ou como uma prática regular de cuidado.

Eu também faço terapia. Eu entretenho muito meu terapeuta.

—Anônima.

Tenho terapeuta pessoal, que é o que eu sempre tenho. Faço isto há muitos anos, muitos, muitos anos. É quem conhece minha formação e encontramos os ritmos do que é útil para mim, em geral, o que eu acho importante.

—Celeste Mayorga, RUDA mujeres+territorio. Guatemala.

Da mesma forma, a espiritualidade aparece como uma parte importante de seus cuidados, de sua conexão e foco.

A espiritualidade me permite estabilizar, me compor e pensar sobre o significado do que vou fazer. Em primeiro lugar, preciso estar focada. Focada no coração, no corpo e na alma, no ser físico (...) Eu me centralizo através da espiritualidade. E é através da espiritualidade que sei que estou

conectada... o universo e o tipo de energia que eu emito vai afetar meu trabalho e todos ao meu redor, porque estamos todos conectados.

—**Hope Chigudu**, *HopeAfrica*. Zimbábue/Uganda.

Nesta relação pessoal com o espiritual, descobrimos que algumas pessoas se conectam com a religião. Por exemplo, diferentes religiões têm um lugar importante nas diferentes vozes de ativistas na África.

Quando leio o Alcorão ou jejuo, sinto-me confortável e calma, não me sinto sozinha, Deus está ao meu lado. Mas eu não posso forçar ninguém a fazer estas práticas. Estas são decisões muito pessoais.

—**Fahima Hashim**, *Salmah Women's Centre*, Sudão.

Para outres, **a espiritualidade é diferente da religião.**

Sim, eu sou inspirada pela espiritualidade, mas não pela religião, porque quando eu era criança eu via como a religião era sexista. Eu cresci sendo budista e vi o quanto era opressivo. Eu tinha que encontrar a espiritualidade que é comum para as mulheres. Então você fecha os olhos e olha para você mesma, acredita no que sente, em nossa força e no poder que temos dentro de nós. É assim que nos fundamentamos, e a espiritualidade que nos permite expressar nossa sexualidade, nossa identidade. E estamos conectadas com a natureza, com a Mãe Terra, com pessoas que se preocupam e praticam a paz, tudo isso para mim é uma espiritualidade crescente que nos faz sentir que temos algo muito forte dentro de nós, e é a nossa força.

—**Matcha Phorn-in**. Tailândia.

Na América Latina, **os conhecimentos e práticas que surgem das cosmovisões ancestrais indígenas foram reivindicados.**

Sinto que o que me ajuda é confiar na dualidade do universo; há luz e sombra, e a luz é sempre mais forte e é nisso que eu me seguro. É por isso que eu amo a cosmovisão maia, porque há energias que nos guiam e nos mostram o negativo e o positivo, e você decide onde estar.

—**Flor de María Álvarez Medrano**, Guatemala.

Sim, de fato, venho de uma família de curandeiros, de xamãs ou como quer que sejam chamados em outros lugares. Meu bisavô foi um dos

pajés, um dos guias espirituais mais fortes da minha aldeia, e bom, nós fazíamos rituais na minha aldeia, duas vezes por ano (...) Cresci com isso, faz parte da minha crença, da minha cultura, da minha espiritualidade e nós a praticamos. Eu faço parte disso e acho que isso também é algo que fortalece.

—Anônima.

Além de ser evidente a presença das tradições da **diáspora africana e da espiritualidade negra**.

Sempre que posso eu me junto a algumas amigas que têm muita mais experiência do que eu em toda a questão da espiritualidade negra (...) Fazemos alguns rituais de gratidão à terra, de gratidão aos recursos naturais, às nossas ancestrais, alguns rituais que elas sabem fazer e nos quais me incluem quando estou lá.

—Carolín Lizardo, Colectiva Mujer y Salud. República Dominicana.

É a minha fé. Sou filha de Oxum, tenho uma guia e muitas vezes recorro a ela, minha guia Oxum (...) Além disso, há cerca de cinco anos eu visito um Pai de Santo e ele é muito importante na minha vida. Várias vezes penso nele, lembro-me dele e ele me dá força (...) Eu diria que tenho uma conexão mais forte com ele do que com o próprio candomblé (...) Eu não me considero praticante, mas me considero simpatizante do candomblé, e especificamente com os ensinamentos que ele me traz.

—Anônima. Brasil.

Compreender e se conectar com os ciclos próprios e os da vida através da **astrologia e do tarô** também são caminhos espirituais escolhidos por algumas ativistas.

Minhas principais práticas espirituais incluem... pratico astrologia formalmente há cerca de doze anos ou mais. Mas quando eu era jovem eu sempre olhava para a lua, para as estrelas. Eu achava estranho, mas aparentemente não é. É uma prática real que faço de uma forma religiosa, porque é uma forma de entender os ciclos. É uma forma de estar conectada aos ciclos e também saber trabalhar com o que está acontecendo energeticamente em vez de combatê-lo.

—Erica Woodland, National Queer e Trans Therapists of Color Network. Estados Unidos.

Outres veem o **espiritual em cada elemento de seu cotidiano** como um fio que conecta as múltiplas dimensões de seu ser com outros seres e com seu ambiente.

As práticas de Capacitar [uma rede à qual pertença e que ensina práticas de bem-estar], todas elas me conectam, corpo-mente-emoções-espírito, ou ioga também, ir à praia com minhas amigas também, caminhar com minha namorada na chuva em um parque natural. E muitas outras coisas. Para mim a espiritualidade é o que conecta quem eu sou, o que sinto, o que penso, o que me dá coerência, o que me faz sentir bem e o que me conecta com o planeta, com a Terra, com todos os seus elementos e com as muitas pessoas que estão fazendo coisas ao redor do mundo para se curarem e para curar o mundo. Esta é minha prática espiritual.

—**Alibel Pizarro**. Panamá.

Enquanto para outres, a espiritualidade não faz parte de seu ativismo ou de sua vida.

Entrevistadora: Você acha que a espiritualidade influencia seu ativismo?

Não.

Entrevistadora: Você não se considera uma pessoa espiritual?

Não.

—**Jasmine Kaur**. Fiji.

Uma das entrevistadas compartilhou conosco uma reflexão sobre o que ela chama de “sistemas de autocuidado”, que além das ações esporádicas de alívio momentâneo que podemos ter para nos cuidarmos, envolvem a consciência destes hábitos, decisões diárias e práticas constantes, que de forma articulada nos permitem estar bem pessoal e coletivamente.

Acredito que o que as pessoas fazem em seus próprios contextos para criar seus sistemas de cuidados no plano pessoal e coletivo é realmente importante, o que você faz regularmente como prática, e como isso se conecta com seu dia. Portanto, não são coisas separadas. Isto é, “Tomei banho! É autocuidado!”. Não é esta a questão. Ajuda você a se sentir melhor por um momento, mas o que fazemos todos os dias é o que nos torna resilientes. Estas são práticas de cuidado que devem nos ajudar

a construir resiliência para retornar à comunidade, relacionamentos e trabalho com uma sensação de dignidade e bem-estar.

—**Shawna Wakefield**, *Root.Rise.Pollinate!* Estados Unidos.

O CUIDADO NA ESFERA COLETIVA

Muitas vozes **enfatizaram a necessidade de fortalecer e aprofundar o cuidado coletivo**. A reflexão neste sentido está emergindo, as práticas estão se tornando cada vez mais visíveis e mais diversas; no entanto, ainda há muito a ser feito e discutido. Vale notar que uma das conclusões é que muitas ativistas falam exclusivamente de “autocuidado”, mesmo quando se referem a práticas coletivas.

Sinceramente, em todas as organizações em Honduras não existe uma prática de cuidado coletivo, porque em todos os projetos, as organizações concentram suas atividades no desenvolvimento dos projetos e nada mais. Nunca tínhamos ouvido e nunca tínhamos entendido que as mulheres líderes, que as pessoas que lideram organizações, que as pessoas que compõem organizações, que as mulheres que fazem parte das organizações precisam de cuidados, de autocuidado. Mas descobrimos isso como resultado de uma graduação que eu fiz. Descobri que o autocuidado era necessário para as mulheres líderes e para todas as pessoas que realizam este tipo de trabalho. Foi aí que começamos a mencionar o autocuidado na organização. O tempo foi muito curto, mas acho que agora está se tornando parte das organizações.

—**Opasta**, Honduras.

O cuidado e a proteção nas organizações podem ser deliberadamente expressos em **espaços cotidianos onde são compartilhadas as experiências pessoais e como nós estamos**, entendendo que o trabalho não representa tudo na vida. Alguns destes espaços são possíveis no âmbito das reuniões.

Sempre verificamos como estamos nos sentindo nas reuniões. Certificamos que todas se sintam seguras, que estejam bem. Quando nos encontramos, não falamos apenas do trabalho. Antes disso compartilhamos sobre nossas vidas, nossos amores, nossas famílias, se ficamos doentes, sempre conversamos. Porque não trabalhamos juntas em um escritório, a maior parte é feita on-line. Usamos a Internet para nos conectarmos e verificar como estamos indo. Quando nos encontramos pessoalmente, passamos mais tempo juntas e nos perguntamos o que está acontecendo em nossas vidas.

—**Ativista.** Camboja.

Os círculos de diálogo e de escuta são comuns.

Nós realmente apreciamos os “círculos de intercâmbio”, onde simplesmente damos espaço para compartilhar o que está acontecendo, e usamos abordagens de comunicação não violenta e de escuta empática. Isto nos ajuda a conhecer realmente a história. E estamos com a pessoa, sentimos a presença da outra.

—**Elvira Meliksetian.** Armênia.

Surgem estratégias para resolver tensões.

Eu lembro de um trabalho onde começou a haver tensão na equipe, e o que decidimos fazer foi abrir um espaço seguro. Pedimos a toda a equipe para comparecer e explicamos que todas iriam ouvir coisas que nem sempre gostamos de ouvir sobre nós mesmas, sobre nosso trabalho, mas é uma forma de melhorar o trabalho. Não estamos criticando você como pessoa, estamos apenas tentando ter uma conversa sobre como certas coisas podem ser melhoradas.

—**Senda Ben Jebara.** Tunísia.

E são oferecidos espaços para **compartilhar as emoções.**

Rir!

Tem sido muito importante ter momentos de conversa para desabafar. Para falar sobre o que pensamos, temos momentos... ultimamente não são tão frequentes, mas também temos momentos para rir... para contar coisas engraçadas, até mesmo para rir de nós mesmas. E nos momentos mais difíceis desta crise, reconhecemos que tivemos

*algumas sessões, sem intenção, vamos dizer, algumas **sessões de terapia do riso**.*

—María Teresa Blandón Gadea, *Movimiento Feminista de Nicaragua*, Nicarágua.

E às vezes tenho vontade de chorar, me mantenho forte, faço brincadeiras, faço piadas, e eu mudo, não é mesmo? De qualquer forma... E estou bem lá, como bem e minhas companheiras também me apoiam.

—Gloria Ushigua, *Asociación de Mujeres Sápara*. Equador.

Chorar!

Então, nos encontramos para chorar [risos]. E parecia uma loucura, mas um dia todas nós estávamos assim, com lágrimas nos olhos, e todas segurando e ninguém chorava, mas todas com lágrimas nos olhos, e um dia falamos: “Bom, por que não nos encontramos e choramos, choramos como um grupo?” Nós falamos: “Sim, que lindo”, não é? Sim, porque eu quero chorar, eu também, eu também [risos]. Nós nos conhecemos e foi muito agradável. Bom, e foi meio doido. Convidamos outra amiga e realmente nos divertimos muito, choramos, conversamos, nos olhamos, nos abraçamos e continuamos. Depois disso, resolvemos ter uma “reunião para chorar coletivamente”.

—Danelly Estupiñán Valencia. Colômbia.



A noção de coletivo também está presente em **atividades conjuntas que acontecem fora do trabalho ou do ativismo**: festas, refeições, retiros na natureza e filmes.

Para o cuidado coletivo da equipe, temos um jantar mensal. Toda a equipe vai a um restaurante, jantamos, relaxamos, podemos sentar, conversar, nos encontrar e outras coisas.

—**Aizhan Kadralieva**. Quirguistão.

Na minha organização, na hora do almoço, havia algumas colegas que tinham uma regra: “Na hora do almoço, não se fala em trabalho”.

—**Lucía Lagunes Huertas**. México.

O trabalho formal geralmente tem horários de expediente fixos. Entretanto, algumas organizações propuseram alternativas, mesmo antes da pandemia, optando pelo trabalho virtual, **ou tornando os tempos, ritmos e espaços mais flexíveis de acordo com as necessidades de cada pessoa**.

Você tem que trabalhar das 08:00 às 17:30 todos os dias, mas não precisa fazer isso porque não é criativo ou inovador. Você pode trabalhar em cafeterias, em universidades, sob a sombra de uma árvore. Só precisa ter disciplina e informar sua equipe para onde você vai. Pode trabalhar sozinha ou em uma grande equipe. Você gasta um dólar em uma xícara de café e para ser criativa, por que não? Não precisa ficar no escritório. Às vezes saímos às quatro horas e vamos a um bar para beber uma cerveja. Precisa ler ou escrever, então faça isso. Não precisamos de mais equipes de ONGs tradicionais e convencionais. Manter seus recursos humanos é ter um sistema não burocrático. Não são muitas ONGs que fazem isso, nas equipes... você é como uma máquina e não fala a não ser com seu laptop. Eu vejo meu pessoal tão livre e muito responsável. Invista nas pessoas. Você não muda as pessoas ficando em um escritório oito ou dez horas por dia.

—**Pisey LY**. Camboja.

Podem tirar dias de folga, trabalhar de casa se quiserem. Fazemos retiros e às vezes treinamentos, mas também para rever o que estamos fazendo, dar às mulheres tempo livre para cuidar de seus filhos, dar-lhes mais licença maternidade. O objetivo é fazer com que elas se sintam bem cuidadas.

—**Shamima Ali**. Fiji.



E ficamos com as perguntas: como estamos desafiando a lógica da produtividade em nossas organizações e coletivas? Quanto estamos invertendo ou reforçando a dinâmica do capitalismo na era do trabalho virtual? Algumas organizações têm políticas de bem-estar ou cuidados e as chamam deste modo.

No orçamento organizacional do ano passado tentamos algumas coisas, conseguimos financiar o custo de uma academia e piscina para toda a equipe. Podiam ir à academia e à piscina o ano inteiro (...) Tentamos incluir no orçamento o jantar mensal que fazemos, e também o apoio psicológico e o tratamento para as pessoas da equipe. Às vezes o salário não é suficiente para pagar certos tratamentos médicos ou psicológicos, então tentamos incluir recursos para isso nos orçamentos do projeto.

—Aizhan Kadralieva. Quirguistão.

Quando incluo na minha estratégia e no plano estratégico desde o início que o bem-estar das pessoas é um objetivo, o trabalho que elas produzem é muito diferente e eficiente. Além disso, criar políticas que garantam que as pessoas, por exemplo, não vejam mais de três casos por dia, que usem todos os seus dias de férias, que haja um sistema de supervisão, horário de trabalho flexível, licença maternidade e paternidade. Todas estas coisas deveriam estar nas políticas, porque somos muito informais e tendemos a não aderir ao que existe legalmente no país. Deve haver uma política e estratégia para o bem-estar no trabalho.

—Farah Shash. Egito.

Nos últimos três anos, a coletiva vem implementando o autocuidado. E como implementamos o autocuidado? Vendo o que gostamos de fazer e o que nos dá paz (...) Nos sentamos para pensar sobre o que o grupo coletivamente gosta de fazer, o que poderíamos fazer, como e quando, porque nem sempre temos o espaço, o tempo, o dinheiro. Mas sempre separávamos aquele momentinho.

—Carolin Lizardo, *Colectiva Mujer y Salud*, República Dominicana.

Algumas pessoas adotam **formas menos hierárquicas de organização.**

Penso que a questão das relações de poder gera um sistema injusto e que existe em todos os lugares, embora estejamos tentando evitá-lo

usando uma abordagem participativa em nossos programas e gestão. Isto significa que normalmente, se não tivermos consciência disso, aquele que tem mais poder tem o privilégio de decidir, por exemplo. No entanto, quando tentamos abordar esta questão através de consultas ou tomadas de decisão adequadas, isso leva a uma discussão muito boa entre três de nós. É assim que tentamos abordar a questão em nossa fundação. Nos comunicamos entre as três.

—**Matcha Phorn-in.** Tailândia.

Outras incentivam o **apoio terapêutico individual ou em retiros de grupo.**

[Em situações estressantes] precisamos da ajuda de uma psicóloga. A iniciativa conta com duas psicólogas que estão sempre disponíveis para ajudar a qualquer momento. E para a organização, elas fazem exercícios de trabalho em equipe duas ou três vezes por ano. Sempre preferimos que elas levem o grupo para outro país para trabalhar com as especialistas, porque sair do país e ir para um país livre parece ajudar um pouco as pessoas.

—**Ativista.** Uzbequistão.

Além disso, mencionaram **protocolos, medidas de proteção e de segurança organizacional** como parte das práticas de cuidado para prevenir e responder aos riscos.

Nosso grupo tem uma política de segurança e confidencialidade que atualizamos a cada ano.

—**Ativista.** Uzbequistão.

Construímos um protocolo de proteção, construímos um protocolo de prevenção, cuidado e contingência.

—**Danelly Estupiñán Valencia,** Colômbia.

Com relação ao uso de telecomunicações, foram mencionados **acordos sobre horários e meios para falar sobre trabalho** como uma forma de cuidar dos limites e do espaço pessoal das pessoas da equipe.

Falar para a pessoa que está escrevendo “Eu respondo às 10 horas quando chegar no escritório, são 8 horas, eu não vou responder agora.” é uma prática que também usamos para nos cuidarmos. Ou também

não escrever no grupo nos finais de semana. A não ser, por exemplo, que quisermos enviar um meme engraçado, tudo bem, mas se enviarmos algo como “Quem já verificou isso ou aquilo”, nós nunca fazemos.

—**Selene Yang**, Paraguai.

Em tempos de crise, se no âmbito pessoal recorremos às amizades, no âmbito organizacional também. **Redes locais e internacionais salvam vidas e mantêm a solidariedade através das fronteiras.**

Todos os amigos de diferentes países sempre me apoiam, seja com palavras ou com dinheiro, muito obrigada.

—**Gloria Ushigua**, Asociación de Mujeres Sápara, Equador.

Eu ainda acredito no poder das redes. Tendo minhas companheiras feministas... para mim, estas redes têm sido protetoras. Eu considero isso muito poderoso. Apenas por terem redes, organizações de mulheres e colegas que fazem um trabalho semelhante ao meu, enfrentam os mesmos desafios. Normalmente nos sentamos e falamos sobre os riscos, as ameaças, e para mim tem sido muito protetor.

—**Brenda Kugonza**, Women Human Rights Defenders Network, Uganda.

Na América Central, algumas ativistas usam o conceito de **acorpamento** – que vem do feminismo comunitário – para se referir às ações coletivas que lhes permitem sustentar, apoiar outres com seus corpos físicos, virtuais ou energéticos. É uma forma de compreender o acompanhamento, a solidariedade e o apoio entre ativistas, e mobilizar a força coletiva.

Acredito que, em contextos adversos para as defensoras, os acorpamentos territoriais feministas são muito importantes. Isto tem me dado muita força. O acorpamento, e um acorpamento que surge de uma necessidade sentida por outras, ou seja, não é como se você estivesse sendo mimada e alguém falasse “Oh, pobre mulherzinha índia muda, ela precisa do apoio de uma ONG”, não. Eu já recebi acorpamento de companheiras. É dizer: “Olha, eu acredito em você, a sua luta é a minha luta, olha, vamos caminhar juntas, tranquilas”. Elas me dão conselhos, ou seja, isso me ajudou, um apoio feminista territorial muito profundo, que vai além do institucionalismo, que não é tão... como os códigos do Estado. Não tem códigos de governo, mas códigos de vida.

—**Anônima**.

Outra prática é se **apoiar coletivamente entre ativistas no trabalho do cuidado.**

Eu acho que poucas de nós são privilegiadas para ter dinheiro suficiente para pagar por esse tipo de trabalho [de cuidado], que precisamos até mesmo desafiar porque é outra mulher fazendo esse trabalho... o resto de nós tem que fazer isso. E apoiar-nos mutuamente nesses papéis de cuidado como parte de nosso ativismo feminista é importante.

—Sarala Emmanuel. Sri Lanka.

Nas perspectivas das pessoas entrevistadas, há múltiplos desafios para a implementação de práticas de cuidados. Es ativistas citam a falta de propriedade coletiva ou organizacional dos cuidados, a falta de tempo designado para isso, saturação do trabalho, iniciativas que não são necessariamente úteis ou que não são adaptadas às necessidades de todas as pessoas da organização. Além disso, tensões decorrentes de hierarquias e relações de poder. Da mesma forma, apontam que a falta de financiamento é um desafio, dado que muitas organizações frequentemente priorizam outras atividades e colocam seus próprios cuidados em último lugar, porque não possuem recursos suficientes.

Estávamos procurando financiamento para programas-chave que não poderíamos terminar nem parar, pois isso significaria que as mulheres ficariam sem apoio. Portanto, esta era nossa maior preocupação. E não podíamos realmente pensar em obter recursos para o cuidado, talvez porque achávamos que era um luxo em comparação com os outros programas que administrávamos.

—Anônima.

Também acreditam que nem todas as práticas e ações que possibilitam o cuidado requerem recursos financeiros.

Horário flexível, local de trabalho flexível, mais férias, compreensão do estresse, tudo isso pode ser feito sem dinheiro. É uma decisão gerencial. É também uma parte do bem-estar que as pessoas sintam que se desenvolvem com a organização, uma avaliação constante de seu trabalho, mais oportunidades para fortalecer suas capacidades e habilidades. Uma organização pode estar financeiramente limitada, mas ainda proporcionar outras formas de bem-estar a seu pessoal.

—Anônima.

A diversidade de práticas e contextos que compartilhamos nos motiva a continuar refletindo sobre o que queremos, precisamos e podemos fazer para nos sustentar como ativistas e movimentos. Também nos convida a nos perguntar: Do que precisamos para fortalecer e transformar as práticas que já temos, e incorporar outras?



CONVITE

Como você pratica o cuidado coletivo?

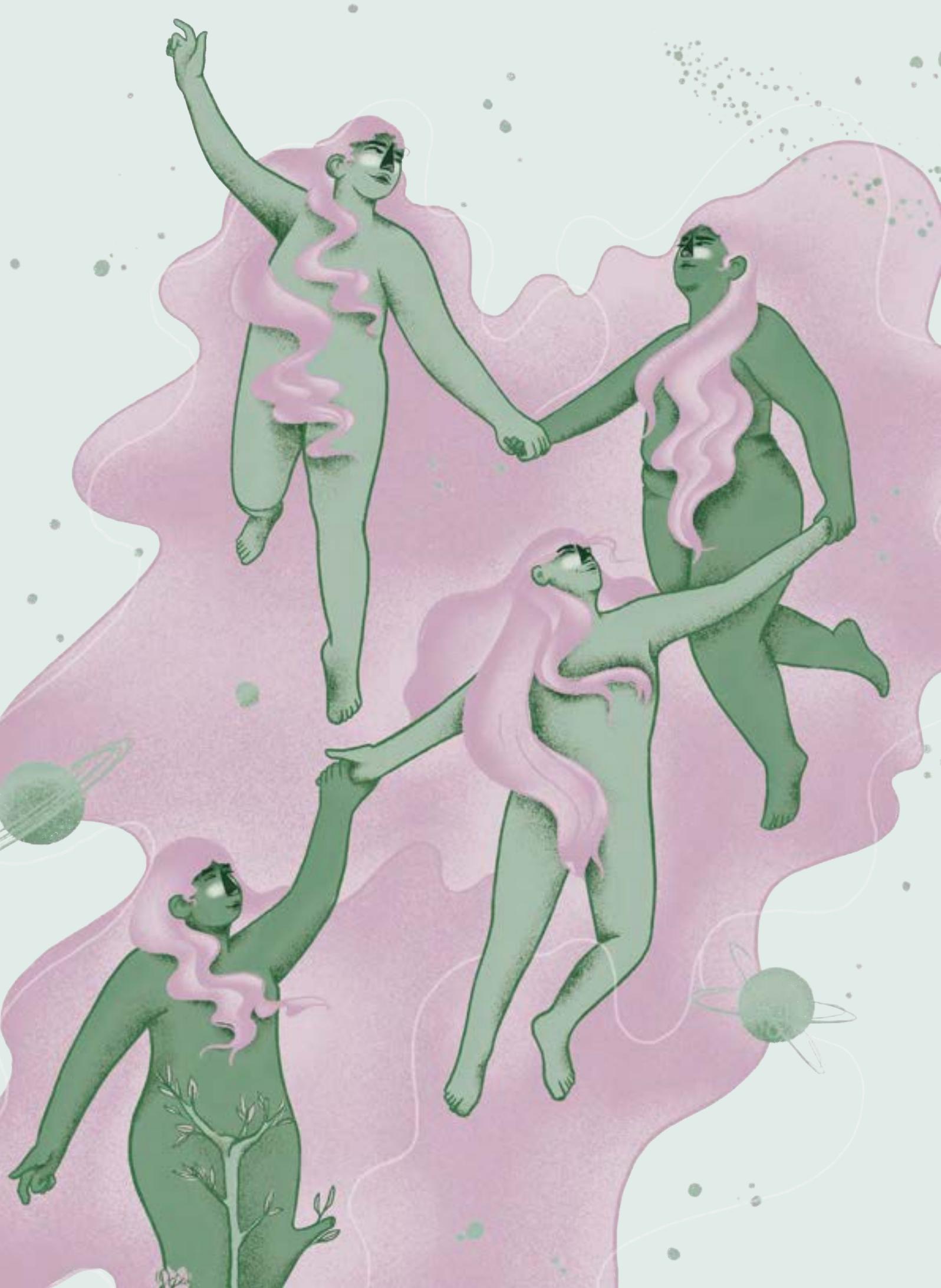
De todas as práticas de cuidado detalhadas neste capítulo, **descreva de forma criativa aquela que mais chamou sua atenção e que se relaciona com a realidade de sua organização ou coletiva.**



Transformar o financiamento juntas

**Quantas conversas sobre cuidados ocorrem
entre doadores e ativistas?**

**Como sentimos as relações de poder em torno
do dinheiro?**



Os movimentos **surgiram e permaneceram autônomos ao longo do tempo**. Sua permanência é um cruzamento entre diferentes motivações e condições que os tornam possíveis, como, por exemplo, o contexto, os efeitos presentes nas histórias de vida des ativistas, o nível de consciência coletiva, a disponibilidade de recursos econômicos, ou a transformação e os impactos que mobilizam nas esferas pessoal, coletiva e social. Em outras palavras, as resistências das pessoas existem por si mesmas e não dependem de financiamento externo. Portanto, nosso principal objetivo foi **compreender melhor o papel atual dos doadores**¹² e explicitar as necessidades e interesses dos movimentos, a fim de abrir conversas sobre cuidados e proteção a partir de uma perspectiva de **corresponsabilidade**.

A maioria das conversas sobre cuidados e proteção **envolviam inevitavelmente condições socioeconômicas, e como sustentar ativismos**, movimentos e organizações, pois compartilhamos globalmente um contexto no qual o dinheiro e os recursos materiais desempenham um papel importante na vida das pessoas. De uma perspectiva do cuidado, é vital considerar a interdependência entre financiamento e movimentos para a proteção e defesa dos direitos humanos. Neste sentido, a estreita relação e o engajamento entre os fundos feministas e os movimentos feministas reforçou e ampliou estas reflexões em outros setores da filantropia.

Acho que o interesse pelo cuidado e a proteção está crescendo. Não significa que seja perfeito, mas temos que reconhecer que as financiadoras feministas particularmente, não apenas os fundos de mulheres, estão realmente discutindo e explorando melhores maneiras de apoiar e cuidar de feministas e ativistas. Fiquei muito esperançosa com algumas de nossas irmãs feministas que trabalham em agências doadoras, que estão pensando no desgaste das mulheres ativistas, das mulheres líderes.

—**Phumi Mtetwa**, *Just Associates* - JASS. África do Sul.

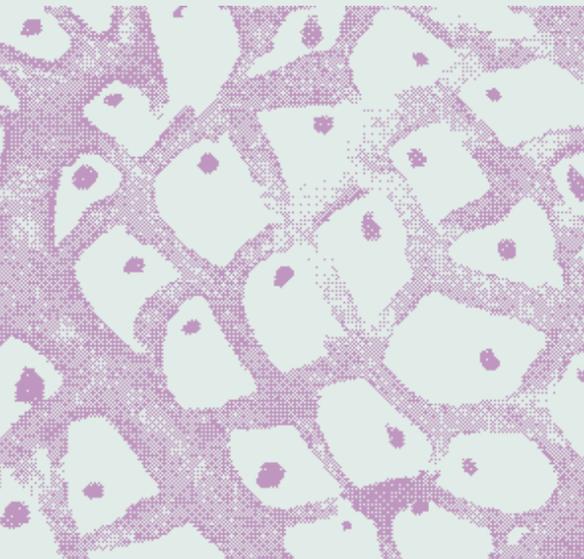
Como parte do ecossistema de fundos feministas e de mulheres no mundo, os **Fundos de Ação Urgente promovem estas conversas sobre financiamento, entendendo-nos como uma ponte**

¹² Entrevistamos nove doadores, perguntando-lhes como se relacionam pessoalmente com o cuidado e a proteção, e qual é ou deveria ser seu papel. Algumas das conclusões destas entrevistas foram utilizadas para estruturar este capítulo e são compartilhadas em um documento on-line complementar.

entre ativistas e filantropia, conectando, influenciando e conscientizando para que mais e melhores recursos sejam direcionados aos movimentos de mulheres, feministas ou transfeministas. Em nosso trabalho, nos vemos como uma parte ativa da resistência nas diferentes regiões onde atuamos, e propomos outras formas de financiamento e apoio direto aos movimentos.

Reconhecemos as transformações que a filantropia trouxe nos últimos tempos e a existência de maior consciência sobre o assunto. **Partimos do pressuposto de que há espaço e vontade de pensar, criar e manter formas (mais) agradáveis, sustentáveis e seguras de ativismo, e que es doadories desempenham ou poderiam desempenhar um papel neste sentido.** O que ouvimos validou esta suposição e confirmou que doadories podem tomar medidas muito concretas para contribuir para isso.

O que poderiam continuar fazendo, o que poderiam começar a fazer, o que poderiam parar de fazer? Estas foram as principais perguntas que fizemos a doadories que entrevistamos. Os diálogos surgiram a partir de suas respostas. Algumas delas nos permitiram identificar descobertas e tendências e, por sua vez, geraram novas questões.



Sem dúvida, há doadories que desempenham um papel importante na promoção de práticas de cuidado e proteção. A maioria dos ativistas que ouvimos, sente que muitas das práticas atuais de doação detalhadas neste capítulo não respondem adequadamente às suas necessidades ou mesmo as afetam negativamente. Também sentem que está ao seu alcance – e é seu dever – mudar estas práticas. Algumas pessoas entrevistadas também expressaram que há nuances e diversidades, portanto é necessário evitar fazer generalizações sobre doadories, e em suas avaliações, embora todas as vezes concordem que é crucial que os movimentos contêm com elus como verdadeiros aliados.

Na minha opinião, es doadories também podem desempenhar algum tipo de papel de aliados. O apoio financeiro é sempre muito importante, mas seria muito melhor se tivéssemos uma aliança. Isto lhes permitiria realmente escutar nossa experiência e conhecimento.

—Olga Karatch. Bielorrússia.

PODER E DINHEIRO: A NECESSIDADE DE UMA CONVERSA ABERTA E HONESTA

É difícil falar sobre dinheiro e financiamento? Pode até ser doloroso abrir conversas sobre relações de poder com doadores? Qual é a melhor forma de incentivar estas conversas?

Ao definir o roteiro da entrevista, discutimos estas questões com o grupo de pesquisadoras e as pessoas responsáveis pela pesquisa em cada um dos Fundos Irmãos. Algunes de nós sentimos que não tínhamos legitimidade para perguntar a ativistas sobre “temas tão sensíveis e íntimos”, como disse uma pesquisadora. Outres sugeriram que em seus países ou regiões isto seria considerado um “assunto tabu”, e as ativistas prefeririam não responder tais perguntas.

Permitindo este intercâmbio na equipe de pesquisa e nos apoiando mutuamente para que todes nos sentíssemos à vontade para fazer estas perguntas, avançamos. **Ficamos prazerosamente surpreses com a abertura e a disposição dos ativistas para compartilhar suas experiências e desejos sobre estas questões.**



A maioria dos ativistas expressou de forma explícita que suas condições socioeconômicas, tanto pessoais quanto organizacionais, são muito importantes para seu cuidado e proteção, e que mais apoio financeiro dos doadores é crucial. A necessidade de subsídios maiores e mais flexíveis, que permita às organizações ter melhores salários, direitos trabalhistas garantidos e maiores benefícios relacionados à saúde, foi amplamente ouvida. Também salientaram que isto deveria ser acompanhado por uma ampla conversa sobre as relações de poder e sobre a mudança dos procedimentos e processos de concessão de subsídios. A qualidade do apoio que oferecem e as relações que constroem com ativistas é tão importante quanto o número de subsídios ou o montante de dinheiro oferecido.

Es entrevistades pertencem a uma variedade de organizações com diferentes fontes de financiamento. Para algunes, a palavra “doadorie” está associada a ativistas ou fundos de proteção; para outres, está associada a financiadores internacionais com que elas se candidatam para projetos regulares. Algunes se relacionam com organizações maiores que, por sua vez, recebem financiamento de doadories maiores, e em outros contextos, a filantropia privada toma o centro das atenções. Em todos estes casos, a conversa está principalmente associada à captação de recursos e a formatos, requisitos e relatórios sobre o uso do dinheiro.

Houve uma opinião majoritária de que as **relações de poder** em torno do dinheiro e das condições socioeconômicas são fundamentais para este debate, pois estão enraizadas nas múltiplas opressões e experiências de vida des ativistas.

Há um aspecto do poder. Com o dinheiro vem o poder e frequentemente abusam deste poder. Quem doa possui objetivos que precisam ser atingidos e não vai pedir desculpas por atingir estes objetivos em detrimento daqueles que supostamente devem proteger. Eles querem que façamos certas coisas que não fazem sentido em nosso contexto, mas quer saber? Eles têm seus próprios objetivos, assim como as políticas externas dos países de onde vêm. Eles têm prazos, têm que preencher estruturas lógicas; nós só temos que caber nestes espaços desconfortáveis e, muito raramente, como organizações de mulheres, dizemos a eles para irem para o inferno, porque também precisamos do dinheiro. E falo da política do Sul Global / Norte Global em termos de quem tem mais dinheiro e quem não tem.

—**Grace Ruvimbo Chirenje**. Zimbábue.

Na interdependência entre os movimentos e o financiamento, o cuidado e a proteção des ativistas está ligado, entre outras coisas, **ao aumento da confiança como base para transformar tais relações de poder.**

Aqui na favela dependemos de doações de pessoas, baseadas na confiança, para comprar materiais de construção e terminar a casa onde nossa sede está localizada. Houve confiança e tivemos o cuidado de sempre encontrar o material mais barato. E isto é uma coisa que não temos a liberdade de fazer no financiamento de fundações. Porque tudo precisa estar dentro de uma autorização. Algumas fundações poderiam melhorar a estratégia de prestação de contas, porque muita complexidade dificulta o desenvolvimento. Porque isto é o que garante a vida. O dia a dia, o cuidado e a segurança da ativista, da comunicadora, da militante. Nós, que temos pouco dinheiro, sabemos muito bem como utilizá-lo.

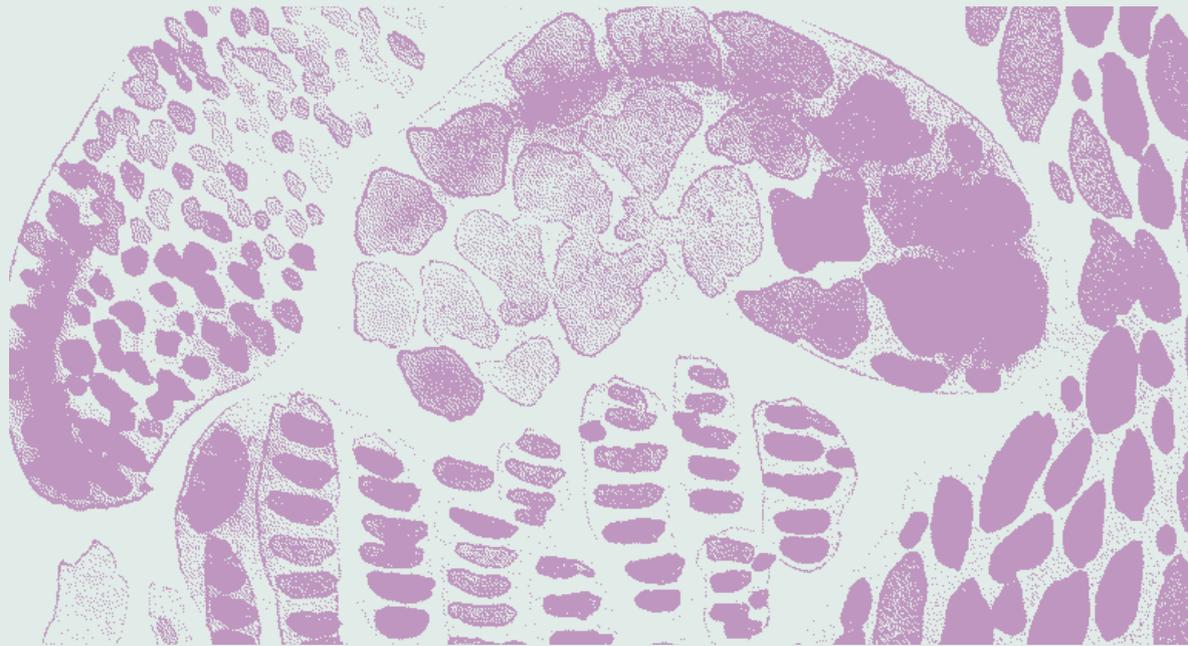
Economizar para usar o dinheiro da melhor maneira possível. Creio que os doadores precisam aprender mais sobre isso, confiar, transformar o cotidiano do ativismo, especialmente nas favelas.

—**Lana Souza**. Brasil.

A dinâmica do poder pode ser um obstáculo para conversas abertas e honestas. Também pode desempenhar um papel negativo na forma como as ativistas experimentam os cuidados e a proteção. Algumas ativistas foram mais longe e expressaram que lidar com doadores **é a parte mais desafiadora e frustrante de seu ativismo**. A crença de que as relações tensas e as exigências de doadores desempenham um papel importante no problema, e que isso expõe as ativistas e suas organizações à insegurança e ao esgotamento, foi acompanhada de exemplos de altos níveis de estresse, frustração, insônia e até mesmo doenças.

Não acho tão estressante cuidar das mulheres quanto administrar recursos. Isso realmente me tira o sono! (...) Porque você fica desesperada tentando fazer essa parte. No projeto anterior eu fiquei doente, fiquei muito doente, muito, muito doente. Eu sentia que minha saúde se deteriorava ostensivamente. Meus pés estavam inchados porque eu nem





sentava, e no final do projeto eu estava tão tensa que não dormia, meus pés estavam inchados, eu não comia sem estar trabalhando, porque eu tinha que aproveitar meu tempo ao máximo, porque isto não faz parte e não tem cabimento... Isso é preocupante!

—**Antonia Fuentes.** Colômbia.

Reconhecer e abordar estas dinâmicas de poder é um passo necessário se realmente queremos progredir no debate e na transformação das práticas de financiamento. Um ponto de partida poderia ser perguntar, ouvir e garantir que as exigências não afetem a dinâmica interna das organizações ou coletivas.

Acho que es doadories poderiam até perguntar e verificar se a organização ou grupo tem uma política de autocuidado e também como ela funciona quanto à dinâmica de poder interno. Para que isto não crie muita interferência interna na organização, deveria haver mais discussão coletiva sobre autocuidado e proteção com a beneficiária. Talvez até mesmo consultas coletivas com as beneficiárias.

—**Ativista.** Camboja.

Uma boa conversa é aquela em que há **uma vontade genuína de ouvir e de transformar práticas e perspectivas com base no que ouvimos.** Este é o convite que fazemos ao longo deste livro, e neste capítulo este convite é estendido às pessoas que estão na posição de doadories hoje.

HÁ RAZÕES PARA TER ESPERANÇA E TAMBÉM HÁ URGÊNCIA PARA CONTINUAR A TRANSFORMAÇÃO



Uma notícia encorajadora é que algumas ativistas nos disseram que sentem que existe um movimento crescente entre doadoras para desempenhar um papel mais positivo no cuidado e na proteção. Elas apontaram que há uma abertura para ouvir, para compreender as ativistas e para aprender mais sobre as diversas experiências e realidades que enfrentam como parte fundamental deste esforço. Nos exemplos que ouvimos, as doações com enfoques feministas ou fundos feministas foram mencionadas muitas vezes.

Percebi que na filantropia privada existe uma enorme variedade e, mais uma vez, depende apenas de onde vem o dinheiro, quem o administra e como é feito.... Há doadoras que são muito ativistas nesta questão e estão mostrando o caminho, às vezes realmente interessadas nas questões e ativamente interessadas em apoiá-las... e criarão recursos e darão espaço. E outras nem tanto. Mas eu acho que o financiamento para isto é limitado no contexto dos fundos para mulheres. Não gosto de generalizar sobre doadoras, acho importante olhar para as diferentes comunidades dentro da comunidade doadora e quais são algumas de suas pressões e o que molda a maneira como pensam e o que esperam.

—Jessica Horn. Uganda/Inglaterra.

Outre ativiste destacou o papel de conscientização que algumas doadoras estão tendo.

Aprendemos sobre a relevância do cuidado com um dos nossos financiadores. Eles vieram nos falar sobre a importância do autocuidado, por exemplo, sobre a importância da terapia. Há algumas coisas que estamos

tentando fazer, mesmo que a carga de trabalho às vezes seja desafiadora.

—**Lilly Be' Soer**. Papua-Nova Guiné.

Uma pessoa ativista da Nicarágua destacou a **flexibilidade** des doadorias diante da crise sociopolítica em seu país desde abril de 2018, quando os protestos sociais começaram e foram fortemente reprimidos, e depois disso múltiplas violações dos direitos humanos foram documentadas, levando ao exílio de muitas pessoas defensoras dos direitos humanos.

Neste momento de crise nacional, bom, eu acho que mudou. Eu acho que tem havido uma... uma maior consciência das agências que nos apoiam e acho que tem havido muito mais flexibilidade e muito mais compreensão. Houve uma boa leitura da crise.

—**María Teresa Blandón Gadea**, *Movimiento Feminista de Nicaragua*, Nicarágua.

Quem financia organizações sociais tem acesso a inúmeros contatos, meios de comunicação e espaços de relacionamento que oferecem uma boa oportunidade para promover cuidados e proteção a partir de diferentes perspectivas. Duas ações que se destacaram como positivas foram a troca de experiências e a divulgação de informações por parte de quem doa.

Es doadorias podem desempenhar um papel positivo na promoção. Popularizar as lições aprendidas sobre a justiça restaurativa [que vem de ativistas, não de doadorias], torná-la disponível para outres e encorajar outres doadorias a apoiar este trabalho vital.

—**Shawna Wakefield**, *Root.Rise.Pollinate!* Estados Unidos.

Alguns **fundos promovem ativamente práticas de cuidado** e respeitam as necessidades da organização, ao mesmo tempo em que perguntam como elas são incorporadas ao projeto que será financiado. Isto é muito valorizado por ativistas.

Com [nome do fundo] a experiência tem sido maravilhosa (...) Elas respeitam muito o nosso tempo, nossos espaços, o que queremos fazer, mas elas também têm opções para pensar em ações específicas dentro da organização. Então, nós submetemos um projeto onde colocamos a questão do autocuidado.

—**Diana Pulido**. Colômbia.

Apesar do reconhecimento destas boas práticas, as ativistas identificam alguns obstáculos, por exemplo, que a **própria estrutura e sistemas das organizações doadoras às vezes impedem a prestação de apoio.**

Es doadories também têm dificuldades com suas próprias estruturas. Não sabem onde distribuir esse orçamento e o triste é que (...) o bem-estar é o trabalho, mas é visto como um complemento ou algo opcional [para os orçamentos que entregam]. Poucos doadores têm consciência política e aqueles que têm estão limitados por seus sistemas e estruturas.

—**Hope Chigudu**, *HopeAfrica*. Zimbábue/Uganda.

Observaram também que isto é agravado pela preocupação generalizada no mundo filantrópico de pensar **mais em atividades e resultados do que nas pessoas que estão trabalhando para alcançá-los.**

Acho que temos alguns doadores muito bons, que entendem o processo político, social e cultural das organizações para as quais estão doando fundos, e eu acho que isso é algo bom. Mas se eles chegam com toda a visão colonialista, muito tradicional, do que precisam é apenas da execução. E realmente não entendem por que estamos executando.

—**Selene Yang**. Paraguai.

Muitas vezes, es doadories pensam mais nos resultados obtidos do que nas pessoas que realizaram as atividades que lhes permitiram obter esses resultados, especialmente em termos de direitos das mulheres. Isto significa que elus pensam menos em nós, as mulheres que lhes permitiram alcançar os resultados que estavam procurando.

—**Fatoumata Sangare**. Mali.

Também foram ouvidas críticas sobre a **lógica de exploração** em que estamos inseridas como parte do sistema capitalista e que **afeta a dinâmica da filantropia.**

A cooperação nacional e internacional capitaliza e nós [somos] deixadas com o trabalho. Eles não nos pagam decentemente e muitas mulheres não recebem [dinheiro] pelos projetos que têm que fazer. Isso porque eles sabem que nós mulheres fazemos muitas coisas com poucos recursos. Sempre fizemos isso, mesmo para proteger nossa casa, nossa organização. Com nada, fazemos muito. Nós mulheres fazemos isso. E a cooperação nacional e

internacional explora exatamente isto: a capacidade produtiva e reprodutiva das mulheres para fazer muito com poucos recursos. Quase sem exceção.

—**Maria Lucia da Silva.** Brasil.

Muites des ativistas que ouvimos consideram que **dar mais importância ao cuidado e à proteção é fundamental** a fim de evitar o aumento do risco para as organizações e pessoas apoiadas, e contribuir para sua saúde e sustentabilidade, entendida de forma integral.

Trata-se de fundos [que doam], mas as organizações estão fazendo o trabalho: se não cuidarmos [as pessoas das organizações], es doadories também serão afetades. Acho que deveria ser um problema para elus.

—**Yah Parwon.** Libéria.

Penso que es doadories poderiam desempenhar um papel realmente importante na popularização dos cuidados e do bem-estar em geral. As exigências de quem doa às vezes são demais para es ativistas. Menos dinheiro e mais trabalho não significa necessariamente que o projeto será bem-sucedido. É importante não esgotar a ativista e, portanto, não colocá-la em perigo. Portanto, acho que es doadories também são realmente responsáveis pela forma como todas nós nos sentimos cuidadas e protegidas.

—**Anônima.**

Para a sustentabilidade das mulheres defensoras dos direitos humanos, precisamos que es doadories deem dinheiro às organizações, não apenas falando sobre o projeto, executando a atividade: “Eu dei o dinheiro, você tem que executar esta atividade”, mas como tornar a organização saudável em relação às pessoas que fazem parte da organização. Isto realmente nos ajudaria a nos tornarmos mais saudáveis, eu me tornaria mais saudável. Isto também tem um impacto na sustentabilidade e nos resultados da organização.

—**Yuli Rustinawati,** Arus Pelangi. Indonésia.

O reconhecimento e a transformação da interação entre doadories e movimentos envolve e compromete a todes. Portanto, nosso convite é para nos tornarmos corresponsáveis nesta dinâmica, para estarmos

conscientes do papel que cada pessoa desempenha e do trabalho que nos corresponde, assim como para compreendermos a interdependência que nos une em um projeto comum.

CAMINHOS A SEGUIR

As perspectivas dos ativistas esboçam possíveis caminhos para aprofundar os avanços, mudar práticas que afetam negativamente os movimentos e continuar fortalecendo o papel dos doadores como aliados na proteção e cuidado em todo o mundo.

✦ RESPEITO, CONFIANÇA E RESPONSABILIDADE

Ouvimos uma percepção generalizada de que as relações entre ativistas e doadores devem ser baseadas na confiança e no respeito. **Empatia e solidariedade** também são necessárias para compreender os efeitos que algumas práticas e abordagens nocivas têm em ativistas. Quem doa deve assegurar que suas ações, desde o provimento de recursos, incluindo respaldos e consultas a terceiros, convites para eventos, até abordagens para avaliar atividades, não aumentem o risco para parceiros e aliados, e **priorizem seu cuidado.**

Quando fundos ou doadores que não estão sediados aqui na África querem fazer sua “diligência prévia”, eles solicitam informações de outras organizações; esses são mecanismos criados para evitar fraudes e apropriação indevida de fundos. Isto é bom a priori, mas depende de para quem eles pedem as informações; por exemplo, se eles consultarem alguém ou uma organização que fornece um relatório tendencioso com informações que não podem provar, este relatório prejudicará a organização sobre a qual está sendo coletada informação. Eu tive que trabalhar na desconstrução deste tipo de coisas.

—**Massan d’ALMEIDA.** Togo.

Também foi mencionada a necessidade dos doadores **começarem a ver os ativistas como pessoas e organizações constituídas por seres humanos e não por máquinas.**

O autocuidado das pessoas não deveria ser um objetivo. É uma necessidade e é uma obrigação, como um direito. Antes de mais nada, antes que me peçam resultados, pensar na outra pessoa, do ponto de vista do cuidado, não é mesmo? Do ponto de vista do cuidado mútuo.

—**Celeste Mayorga**, *RUDA mulheres+território*. Guatemala.

Diante destas dificuldades, são propostas **abordagens feministas, interseccionais e interculturais para avaliar as transformações, além da lógica produtivista.**

Quero que es doadories se mantenham fora desse ambiente. Eu só quero que financiem o trabalho. Não quero que forcem as sanadoras a medir seu impacto. Quero que as pessoas que financiam acreditem e saibam que o trauma geracional está acontecendo e que não se pode medir, não se pode medir o que estamos conseguindo na transformação do trauma geracional. Basta confiar que estamos fazendo isso. Temos que sair das ferramentas tradicionais de medição que es financiadories utilizam, que estão enraizadas na estrutura supremacista branca. Não quero que nos peçam para contar-lhes nossas histórias, nossa prática e depois elus as contem fora do contexto. Isso é perigoso. Quero que es financiadories participem de uma forma autêntica e genuína, conscientes de seu poder e seu papel de dar dinheiro, recursos e mais tempo para que as sanadoras, os organizadores e as praticantes se reúnam através das fronteiras e imaginem juntas.

—**Cara Page**. Estados Unidos.

✦ **ABRAÇAR A DIVERSIDADE DE ABORDAGENS, PARTICULARIDADES E NECESSIDADES.**

Reconhecer e apoiar esta diversidade de perspectivas e abordagens de cuidado e proteção não só é necessário, mas também fundamental para o desenvolvimento de qualquer iniciativa, **respeitando a autonomia dos ativistas e de suas organizações.**

Ser mulher e ativista em uma sociedade onde a mulher não tem status já é bastante difícil. Se es doadories realmente querem que sejamos mais ouvidas, que sejamos mais produtivas, terão que pensar em criar componentes que nos permitam nos cuidar e nos proteger. Para isso, devem levar em conta a diversidade das defensoras dos direitos

das mulheres, de acordo com os países e as mulheres.

—**Fatoumata Sangare.** Mali.

Para isso, é essencial reconhecer nossos privilégios e como os sistemas de opressão operam em diferentes contextos a fim de realizar esta transformação, que deve pelo menos começar não replicando **discriminações históricas baseadas em raça, deficiências ou qualquer outra condição.**

Acredito que es doadories poderiam expandir os programas [relacionados a cuidados e proteção] para que as pessoas com deficiência possam participar desses programas. No ano passado, apenas duas mulheres participaram de um programa semelhante.

—**Ukei Muratalieva.** Quirguizistão.

Além disso, é necessário mudar a ideia de que existem modelos universais, pois eles reforçam as concepções coloniais, ocidentais e capitalistas do que constitui cuidado e proteção hoje. **Não há um caminho único, nem fórmulas absolutas.**

A questão é como [es doadories apoiam o cuidado e a proteção] nos seus próprios termos ou da maneira que nós queremos? O que funciona na Palestina pode não funcionar na Tunísia. O que funciona no Líbano não funcionará no Marrocos. Es doadories veem todas nós como uma entidade única, 100%. Isto tem uma certa arrogância e é muito generalizado. Acho que devem confiar nas organizações de todas as regiões sobre o que e como podem ser o cuidado e a proteção.

—**Angelique Abboud.** Palestina.

É uma luta constante com es doadories entre compreender plenamente o contexto em que uma organização opera e o que ela tem que alcançar no final do projeto. E às vezes não há abertura para reconhecer como a mudança de contexto pode nos fazer ficar fora da lógica do projeto. Precisamos que tenham uma abordagem orientada a processos que considerem isso.

—**Phumi Mtetwa,** Just Associates - JASS. África do Sul.

Gostaria também de pedir que tenham a capacidade de se conectar pessoalmente com os grupos, de compreender melhor seu contexto,

de descobrir que tipo de trabalho estão fazendo, de compreender seus desafios e de ser capazes de apoiar o autocuidado e as boas práticas, e de criar uma relação mais estreita, em vez de apenas uma relação entre doadores e beneficiários.

—**Senda Ben Jebara**. Tunísia.

✦ **PROMOVER A GARANTIA DOS DIREITOS TRABALHISTAS**

Muites des ativistas enfatizaram a importância do papel des doadores na **promoção de sua dignidade e autonomia, incluindo seus direitos trabalhistas e sustentabilidade**. Neste sentido, apontaram uma **falsa dicotomia** entre o financiamento dos **“aspectos externos”** do trabalho (tais como as atividades e projetos específicos) e os **“aspectos internos”** que garantem que o trabalho possa ser feito em condições dignas, que apoiam o fortalecimento e a sustentabilidade des ativistas e de suas organizações.

Que o cuidado das equipes não deve ser visto como uma moda, como um gasto supérfluo; mas é muito importante que es doadores entendam que é importante investir no trabalho por fora e também por dentro. Falo do exterior das organizações, do motivo, do objetivo para o qual elas surgem, pode ser a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos, da terra e do território, contra a violência, todas as questões nas quais trabalhamos. É muito necessário que destinem recursos para isso. Ao mesmo tempo, é muito importante que destinem recursos para as pessoas que estão nas organizações e coletivos e que tornam possível este trabalho de defesa e acompanhamento. Precisamos estar em boas condições, acerca de bem-estar, direitos trabalhistas, descanso, cuidado e sanção dos impactos da violência.

—**Ana María Hernández Cárdenas**, Consorcio Oaxaca, México.

Um aspecto fundamental desta abordagem mais abrangente para sustentar quem defende os direitos humanos é **permitir e apoiar melhores salários**.

Nós trabalhamos, sim! Mas não temos segurança social, não temos bons salários. Não é o que merecemos por todo o trabalho que fazemos. Hoje, se eu parasse de trabalhar, isso significaria que eu não poderia pagar um médico, pagar a comida até o final da minha vida. Esta é a maior preocupação des ativistas. Damos tudo pelos outros, mas por

nós mesmas não há ninguém que se preocupe. A maioria dos doadores financiam apenas as atividades, apenas o trabalho, apenas por um ano, apenas por seis meses. Ai! Se ao menos pudéssemos ter certeza de que ao envelhecermos poderemos viver felizes um dia, e que meus filhos não terão falta de atendimento médico e terão o pouco que é necessário para viver.

—**Julienne Lusenge**, República Democrática do Congo.

O fato de algumas organizações confiarem no **trabalho voluntário** também é um desafio no que se refere a promoção de cuidados e proteção

Gostaria que nos dessem um fundo maior para dar salários, e que o pessoal estivesse em tempo integral em vez de ter dois empregos todos os dias para poder cobrir suas próprias despesas pessoais. Creio que, se isso acontecesse, teríamos nosso próprio escritório, teríamos uma filial no Cairo. Isto me permitiria ter um salário e não ter uma pressão financeira. Em termos de incentivos pessoais, acho que todas nós temos o entusiasmo e os motivos para continuar com nosso ativismo, mas se torna difícil quando você precisa de dois empregos.

—**A. Osman**.

Várias ativistas mencionaram que trabalhar para proteger direitos sem **ter sua própria segurança social, direitos trabalhistas e de saúde cobertos é uma contradição e um obstáculo aos seus cuidados e proteção.**

Muitos doadores não apoiam com dinheiro para pagamentos à previdência social, então como você vai ter uma pessoa trabalhando pelos direitos e não permitir que ela tenha o direito a uma saúde digna? Sem segurança social aqui, nós que somos pobres morremos mais rápido. Embora seja verdade que trabalhamos pelo amor às causas, devido à dor que sentimos quando vemos essas coisas acontecerem, também é verdade que somos mulheres, que somos humanas, que temos famílias que dependem de nós. E a maioria das pessoas que doam oferecem salários precários.

—**Carolin Lizardo**, Colectiva Mujer y Salud, República Dominicana.

Outro aspecto do trabalho em prol dos direitos da mulher, especialmente quando trabalhamos para uma organização da sociedade civil, é que a assistência social, a segurança social, não existe porque não somos funcionárias públicas. O convênio médico é muito caro, mesmo para ter acesso a atendimento médico em caso de doença. Hesitamos em buscar tratamento porque se formos ao hospital, nos perguntamos se poderemos

pagar os custos dos exames, ou pior, os custos de outras intervenções.

—**Djingarey Ibrahim Maïga**, *Femmes et Droits Humains*. Mali.

Isto também está associado a melhores condições não apenas individuais para ativistas, mas também para suas famílias, **e à possibilidade de segurança social agora e no futuro.**

Hoje, já fizemos alguns progressos nesta área. Portanto, o que estamos fazendo é um trabalho de incidência política. E neste sentido (...) muito do que estamos exigindo com as agendas de autocuidado e bem-estar é que os direitos que temos como defensoras dos direitos humanos sejam reconhecidos, porque muitas vezes tem a ver com as condições de seu trabalho; ter acesso à previdência social, ter acesso à aposentadoria, não é? A um fundo de pensão, certo? À saúde de sua família, à educação, não é? Estas são condições básicas de trabalho das mulheres defensoras dos direitos humanos.

—**Verónica Vidal Degiorgis**. Uruguai-México.

Ter recursos para os custos do pessoal e para garantir benefícios ou direitos à saúde pode significar a **diferença entre vida e morte**, como ilustrado em muitos casos de ameaças à vida.

Quando N foi atacada, se não tivéssemos tido os recursos para pagar sua passagem para a África do Sul, ou se não tivéssemos um convênio de saúde, N teria morrido naquele dia porque tinha sido espancada na cabeça, estava perdendo sangue, estava inconsciente, ia morrer. Mas como tínhamos convênio médico, as passagens aéreas foram pagas para levá-la com colegas que a acompanharam primeiro para Kampala e depois para a África do Sul, até ela se recuperar e voltar. Cuidamos de seu marido e filho que haviam sido agredidos e procuramos outra casa em outro bairro para abrigá-los até que pudéssemos encontrar outros meios. Se uma organização não tem recursos, isso é fatal. Portanto, é extremamente importante que es doadores, o movimento no âmbito internacional, possam pensar em como nos proteger.

—**Julienne Lusenge**, República Democrática do Congo.

Ouvimos também que es doadores devem participar de forma ativa na eliminação das **desigualdades entre as organizações internacionais, nacionais e locais.**

Eu disse que es doadores precisam confiar em nós, nos dar recursos suficientes, meios e financiamento que nos permitam fazer bem o nosso trabalho e destinar os fundos onde eles são necessários. Porque elus repassam o dinheiro através de ONGs internacionais. Quando nos dão dinheiro através de ONGs internacionais, somos colocadas numa situação de escravidão, desculpem o termo. Elus nos dão migalhas para fazer o trabalho pelo qual nunca receberemos um salário, onde nunca saberemos como poupar para uma aposentadoria digna. Você trabalha e trabalha e, no final, morre de fome. Há uma colega que morreu de fome após mais de trinta anos de trabalho como ativista. Porque sua organização não tinha recursos suficientes, apenas para atividades (...) Finalmente, quando ela envelheceu, não tinha casa, não tinha comida, não podia ir ao médico, era uma mulher solteira, sem filhos.

—**Julienne Lusenge**, República Democrática do Congo.

Olha, eu acredito que o fato de serem poucos doadores que acompanham no cuidado e proteção já diz tudo, não é mesmo? O fato de haver doadores que não olham para quem vão dar seu dinheiro e dão dinheiro a pessoas que não fazem o trabalho (...) E [a] nós que fazemos o trabalho, não querem nos apoiar porque dizem que não temos uma estrutura forte. Entretanto, eles dão dinheiro a grandes corporações, eu as chamo de grandes corporações de direitos humanos, que finalmente acabam terceirizando nossos serviços. Então por que não damos o dinheiro para quem realmente trabalha? (...) Acho que essa é uma das limitações, embora cada doador dê seu dinheiro a quem quiser.

—**Rosanna Marzan**, Diretora Executiva, Diversidad Dominicana.
República Dominicana.

Isto não significa necessariamente não dar recursos a grandes organizações, mas garantir que elas **também deem dinheiro a organizações locais, respeitando sua autonomia e territórios.**

Estamos fazendo tudo para proteger este espaço territorial onde há muitas coisas, informações de DNA, informações biológicas, plantas medicinais, animais e milhões e milhões de seres que nem sequer conhecemos. Para os doadores interessados, se quiserem conservar estas informações, temos que explicar que estão em nossos territórios. Se quiserem fazer programas sociais e continuar trabalhando com grandes organizações, façam isso. Mas também reservem uma parte para trabalhar conosco, a partir de nossa própria visão do que queremos fazer em nosso território.

—**Ruth Alipaz Cuqui** - mulher indígena uchupiamona da Bolívia. Defensora dos direitos indígenas, dos direitos humanos e dos direitos da natureza. Membro da Mancomunidad de Comunidades Indígenas de los Ríos Beni, Tuichi y Quiquibey e Coordenadora Geral da CONTIOCAP na Bolívia. Bolívia.

✦ MELHORAR A QUALIDADE E A FLEXIBILIDADE DO FINANCIAMENTO, AUMENTANDO A AUTONOMIA E REDUZINDO A BUROCRACIA.

Durante a pesquisa, ouvimos reiteradamente preocupações bem conhecidas sobre a **qualidade do financiamento**. Como eles contribuem para reduzir a precariedade estrutural e construir relações mais equitativas, **o financiamento central e a flexibilidade** são componentes-chave do cuidado, proteção e sustentabilidade dos movimentos.

A este respeito, ouvimos, por exemplo, que as ativistas e suas organizações se beneficiariam com a criação de um **orçamento independente para cuidados e proteção**.

Acredito que as doadoras deveriam ter um orçamento separado, ou um item no orçamento para cada projeto, que inclua componentes de segurança e cuidado. Isto seria realmente importante para estabelecer uma cultura de cuidado e também motivaria e inspiraria outras doadoras, embora eu pense que este processo deveria acontecer nas organizações de base.

— **Anônima**.

É importante aprovar um orçamento para as mulheres defensoras dos direitos humanos cuidarem de si mesmas. No momento, cabe à defensora definir o atendimento que ela poderia receber. Eu, por exemplo, se eu recebesse um orçamento para cuidados, talvez incluiria a massagem corporal e o esporte que eu faria porque muitas vezes é necessário pagar por isso.

—**Pedan Marthe Coulibaly**. Côte d'Ivoire.

Embora haja uma diversidade de pontos de vista sobre a necessidade de uma atribuição orçamentária específica ou aumento do financiamento principal, a chave para isso é permitir maior **autonomia e flexibilidade no uso do financiamento**.

A flexibilidade dos doadores economiza muito para nossa organização. Deve haver alguma solidariedade, irmandade, compreensão. Nós somos as que vivemos nesta situação, somos as que vivemos neste país, neste desastre. Às vezes estamos completamente fora das autorizações orçamentárias do projeto, mas algo tem que mudar. Ela [uma financiadora] entende, por isso eu estou muito grata.

—**Ukei Muratalieva.** Quirguistão.

Pequenas mudanças podem ir muito longe. **Menos burocracia e menos tramitações** também são fundamentais para a qualidade do financiamento e, portanto, poderiam ter um impacto concreto no alívio da carga diária da vida dos ativistas.

Estamos trabalhando em uma solicitação para um doador há quatro ou cinco meses. Fomos escolhidas para este financiamento e elas querem três cotações e um currículo de outra pessoa, e isso e aquilo. Meu pessoal tem trabalhado sem parar e nós ainda não temos os fundos. Parece que não percebem o esforço que isso está nos exigindo porque temos todo tipo de outras coisas que estamos fazendo também. Portanto, acho que elas não se importam muito com nosso bem-estar. Só estão preenchendo suas listas.

—**Rosanna Flamer-Caldera.** Sri Lanka.

Eu adoraria ter menos burocracia e menos tramitações. E em relação ao autocuidado e também aos cuidados coletivos, a autonomia é muito importante porque dá às organizações a capacidade de escolher quais são suas necessidades urgentes e as formas em que elas sentem que querem operar. Penso que a redução dos problemas relacionados à burocracia e às tramitações tornaria mais fácil nos focar nisso e no conteúdo. Também permitiria que os ativistas tivessem mais tempo para cuidar de si mesmas.

—**Elvira Meliksetian.** Armênia.

Outro tema recorrente em nossas discussões foi relacionado aos limites impostos pelos **ciclos de projetos e contratos de curto prazo, e seu impacto na capacidade de planejar em longo prazo** e alcançar mudanças duradouras.

Os doadores só querem financiar um projeto específico, que dura um ou dois anos, e então você tem que começar tudo de novo. É esse ciclo que acaba com a gente. Portanto, não é possível pensar em longo prazo,

porque não podemos planejar contratos com um prazo tão curto. É uma situação comum no movimento e algo que é necessário pensar com relação a esta questão do autocuidado. Somos obrigadas a fazer as coisas dessa maneira para poder nos manter dentro de nossos orçamentos... aliás, quando existe um orçamento.

—Massan d'ALMEIDA, *Présidente de XOESE, Le Fonds pour les Femmes Francophones. Togo.*

✦ **APOIAR PRÁTICAS E ABORDAGENS BASEADAS NO COMUNITÁRIO E INTEGRA.**

Discutimos também a necessidade de construir sobre o progresso que já foi feito para uma **maior abertura às concepções e práticas comunitárias, incluindo as tradições culturais e as diversas espiritualidades dos ativistas e suas comunidades.**

Nenhum fundo jamais olhou para essa parte antes, eu sempre dizia: por que eles nunca consideram isso? Eu quero ir a uma curandeira, com um mamo [autoridade espiritual do povo Kogui] para receber um ritual de sanção.



Por que alguém não pode financiá-lo para mim? Penso que a cada dia estão entendendo mais as dimensões deste cuidado e pondo em prática o que significa uma abordagem diferencial. Normalmente se fala de uma abordagem diferenciada como “apoiamos uma centena de mulheres negras”. Sim, mas não apoiaram na sua parte espiritual, em seu autocuidado, que é a sua forma de fazer isso, então não há nenhuma abordagem ali. Estão começando a entender que as pessoas têm suas próprias estratégias, as comunidades estão as potencializando, porque não estão inventando nada novo. O que estão fazendo é fortalecer o que as pessoas vêm fazendo historicamente, sem tantas condições. Isso multiplica, coletiviza, além disso, porque é algo transcendental.

—Danelly Estupiñán Valencia. Colômbia.

Ver “seu corpo e mente como parte do movimento” foi a descrição poderosa usada por uma entrevistada para explicar a **necessidade de mais apoio à saúde mental**, incluindo financiamento para terapias e fortalecimento de redes de sanadoras, terapeutas e profissionais da psicologia.

Definitivamente, deveria haver mais apoio e financiamento para as sessões de terapia. A esse respeito, estamos muito feridas e precisamos de ajuda real.

—Anônima.

Precisam investir realmente na saúde mental, porque estamos perdendo mulheres defensoras dos direitos humanos todos os dias, porque as pessoas não conseguem lidar com alguns dos problemas que estão enfrentando; porque, dependendo do problema com o que você está lidando, isso sempre acaba afetando a família, sua família. Você está constantemente tentando lidar com as responsabilidades de sua família e tentando lidar com o problema.

—Wangu Kanja, Wangu Kanja Foundation-The Survivors of Sexual Violence in Kenya Network. Quênia.

Além do apoio específico, foi reiterada a necessidade de estruturas mais permanentes ou **“casas de repouso” e apoio para retiros organizados pelas pessoas ativistas.**

Eu adoraria ver organizações e redes de doadorias apoiarem retiros baseados em práticas próprias, na sabedoria que conhecemos. Em vez do doador organizá-lo, decidindo quem irá ou não, ter organizadores enraizados na justiça restaurativa e na justiça da deficiência. Precisamos dos malditos retiros. Precisamos deles regularmente. Sem resultados, sem expectativas. É apenas sanação, apenas construir relacionamentos.

E direi que os retiros fazem um trabalho mais reparador do que quase tudo o que vi nos movimentos sociais.

—**Devi Peacock**, *Peacock Rebellion*. Estados Unidos.

Também acredito que algo muito importante é criarmos espaços de atendimento mais permanentes, como a casa feminista no México, a Casa La Serena.

—**Ledys San Juan**. Colômbia

✦ APOIAR PRÁTICAS E ABORDAGENS BASEADAS NO COMUNITÁRIO E INTEGRA.

Quando falamos de doadorias, não estamos falando apenas de dinheiro. O trabalho que realizam lhes dá acesso a outros recursos e ações que promovem o cuidado e a proteção. Algunes ativistas expressaram que as doadorias podem desempenhar o papel de ponte para **conectá-les com seus pares em outros países e apoiar mais intercâmbios em torno destas questões.**

Além do dinheiro, podemos também adquirir conhecimentos sobre autocuidado e bem-estar que podem ser utilizados em trabalhos de grupo ou sessões de terapia. Não é algo com o qual estejamos familiarizadas. Precisamos desse tipo de conhecimento para que nós mesmas possamos fazer esse tipo de trabalho. Isto poderia ser alcançado se as doadorias nos conectassem com ativistas de outros países para trocar informações e compartilhar experiências. Isto nos ajudaria a encontrar força nas outras e a saber o que está acontecendo em outro lugar. É gratificante. Isso me dá ideias e dicas sobre o que posso fazer na China.

—**Jing Xiong**, *Feminist Voices*. China.

A questão é proporcionar espaço e oportunidades para que ativistas locais cresçam e lhes sejam apresentadas novas oportunidades e novas regiões. Por exemplo, aprendi muito sobre resiliência com ativistas e artistas no Camboja. Precisamos criar esses espaços que impulsionem a mobilidade das ativistas e criem oportunidades de intercâmbio entre um país e outro.

—**Zana Hoxha**, *Artpolis-Art e Community Center*. República do Kosovo.

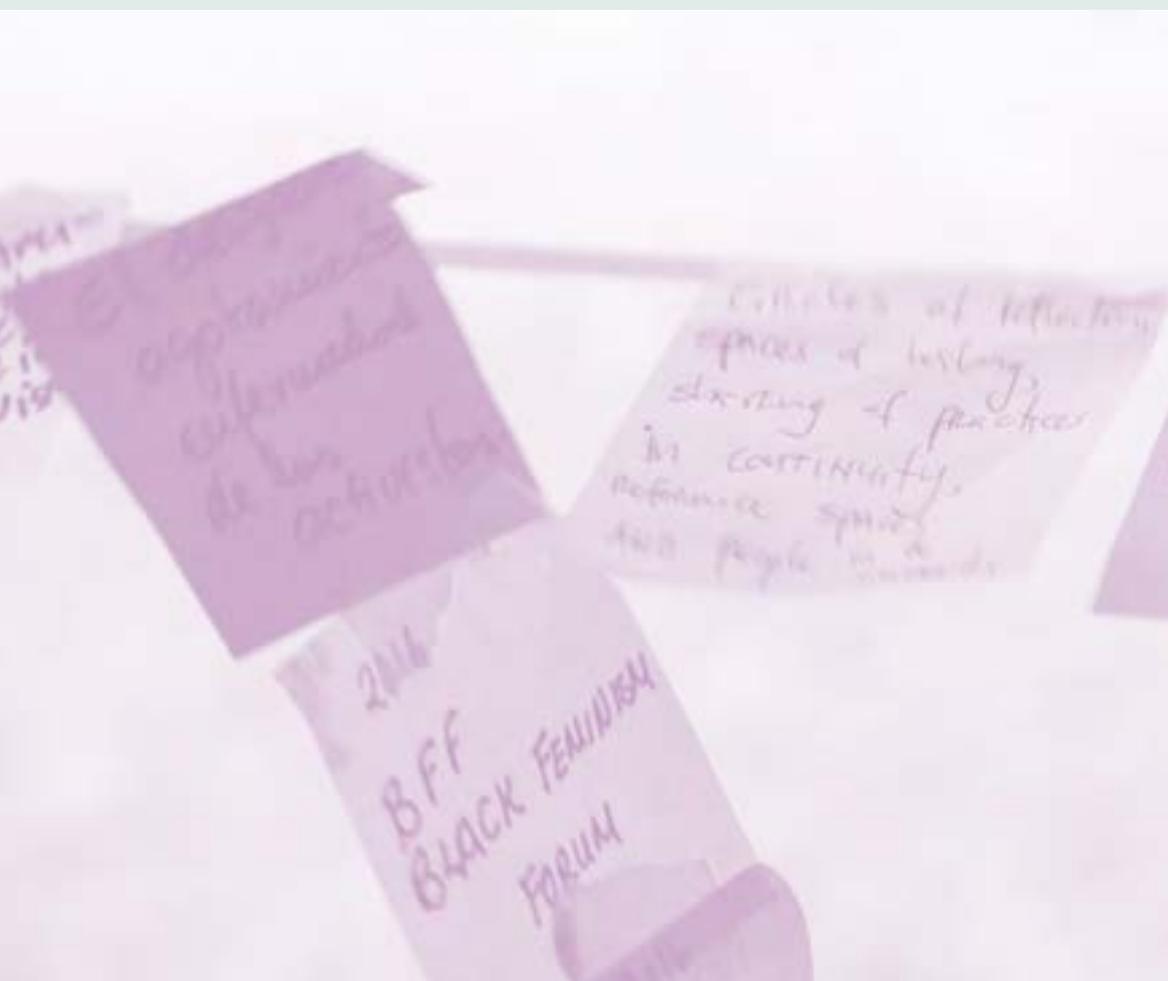
Também foi mencionada a importância do **apoio a pesquisas e campanhas, assim como a relevância da assistência jurídica e administrativa.**

Acredito que os doadores também podem contribuir destinando fundos para fazer pesquisas, estudos sobre os impactos do ativismo em nossas vidas. Investir, apoiar e fornecer recursos para estudos sobre como promover a saúde mental e psicoemocional de ativistas e defensoras com que estamos trabalhando é importante. Também acredito que é importante promover campanhas para reconhecer o trabalho, para validar o trabalho que está sendo feito.

—Ana María Hernández Cárdenas, Consorcio Oaxaca, México.

Às vezes, quando é necessário algum tipo de realocação de emergência (...) Fornecer não apenas assistência financeira, mas também assistência em questões administrativas, como assistência com vistos, campanhas públicas. [Seria bom] se es doadores tivessem alguma possibilidade de intervir ali, dependendo do que possam fazer, e ajudar apenas em termos administrativos para acelerar esta realocação.

—Milana Bakhaeva. Chechênia/Rússia.



O QUE DIZER DO AUTOCUIDADO E DO CUIDADO COLETIVO DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES DOADORAS?

Neste capítulo não tratamos das práticas de cuidado e proteção dentro das organizações doadoras, pois queríamos tornar visíveis particularmente as perspectivas des ativistes. Entretanto, gostaríamos de ressaltar a importância desta reflexão, que atualmente está avançando.



Como você se cuida como parte de um fundo, fundação ou instituição que financia ativistas feministas e dos direitos humanos? Vocês se cuidam coletivamente? Vocês têm tempo suficiente para descansar? Para se alimentar? Para pensar e agir sobre como seu trabalho pode afetar vocês de maneira emocional e física?

A fim de contribuir e estimular a mudança na proteção e no cuidado, é vital nos reconhecermos na humanidade que nos conecta a partir do que somos, do que fazemos e das causas que defendemos em conjunto. É essencial iniciar a transformação a partir de dentro, da própria experiência; refletir sobre as próprias práticas e concepções. Transformá-las.

É necessário revisar a culpabilidade associada à noção de privilégio pelo papel ocupado no campo da defesa dos direitos humanos; prestar atenção ao que pode ser fomentado nes ativistas, mas é negado para si mesma e para a organização como um todo. É também essencial examinar o que, talvez por ser naturalizado internamente (como cargas de trabalho excessivas e lógica produtivista), é naturalizado e exigido externamente daqueles que (paradoxalmente) são apoiades para contribuir para o seu bem-estar.



Como você gostaria de se cuidar e quais obstáculos você enfrenta para fazê-lo? Você tem suas próprias práticas que gostaria de compartilhar? Que conversas e intercâmbios entre doadories e ativistas estão acontecendo agora? Quais você gostaria de mobilizar?

CONVITE

O que pode contribuir para a fluidez dessas conversas?

Se você tem uma pessoa que acompanhe você, **experimente fazer um jogo de encenação onde uma é ativista e a outra uma doadora**. imagine uma conversa sobre dinheiro e poder. Imagine-se tentando alcançar seu objetivo na conversa. Depois troquem os papéis e façam o exercício novamente para experimentar os dois lados.

**Se não tiver ninguém para acompanhar você no momento, uma alternativa a este exercício é colocar uma cadeira vazia na sua frente e alternar seu desempenho em ambos os papéis.*

- ✦ **Como o seu coração se sentiu?**
- ✦ **Como o seu corpo se sentiu?**
- ✦ **Há algo que dificulte sua expressão?**
- ✦ **Há algo que facilite sua expressão?**
- ✦ **Que aprendizagens você identificou para futuras conversas sobre dinheiro e poder?**



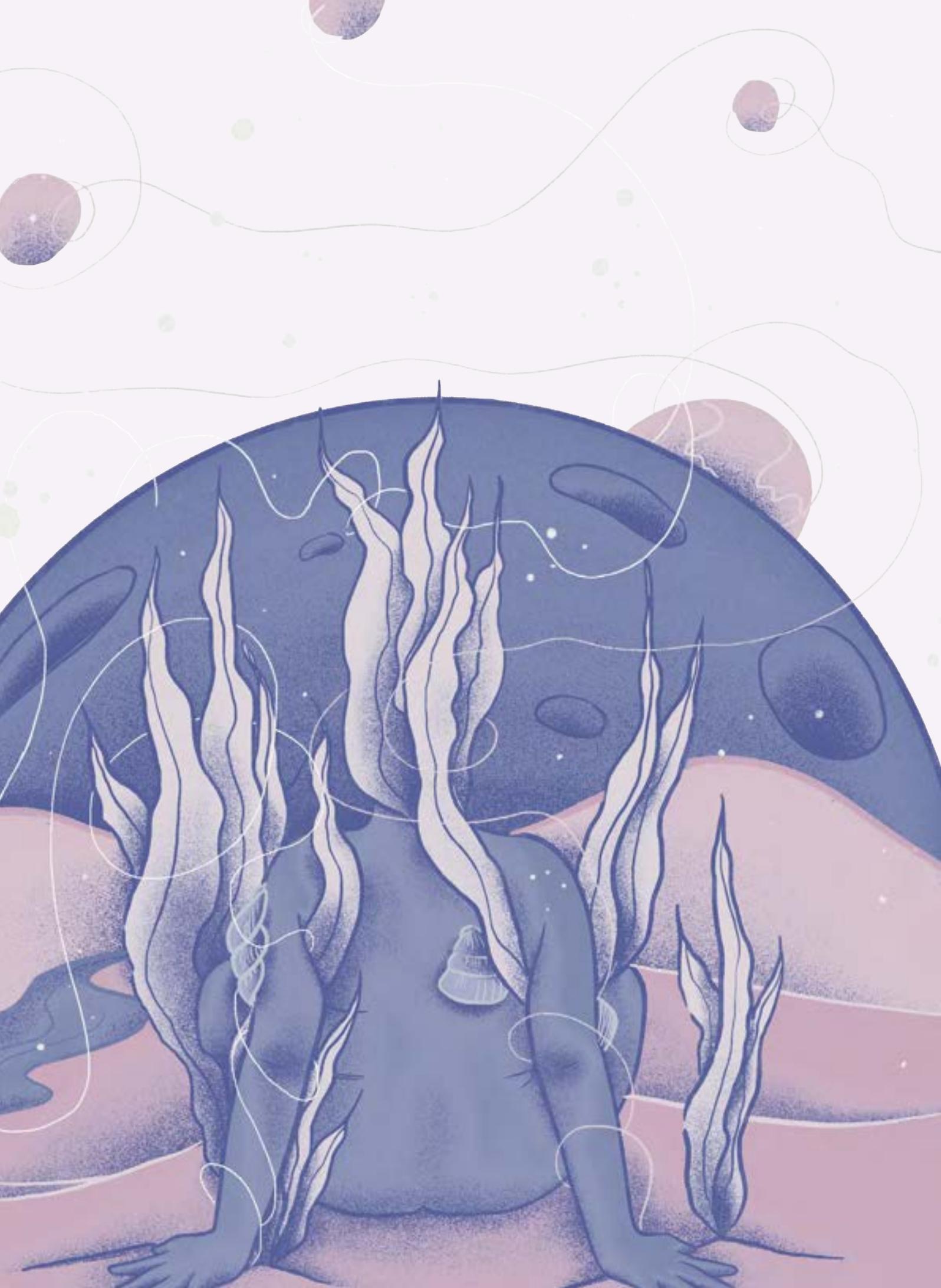
CAPÍTULO 7

Enraizar os ativismos futuros

**Como serão nossos activismos
no futuro?**

**Nossa relação com o cuidado
e a proteção mudará?**





As raízes estão em constante movimento, sempre em inter-relação com o meio ambiente, nutridas e alimentadas, entrelaçadas com outras raízes. Por esta razão, enraizar-nos envolve movimento e mudança permanente para nós.

Em todos esses anos, desde que o livro *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?* nos abalou, às vezes pode parecer que a paisagem não mudou. No entanto, mesmo que não percebamos, nossas raízes caminham debaixo da terra. Os ativismos se transformaram, agora estamos mais interligadas do que nunca, as conversas sobre cuidados e proteção passaram a ser mais intensas. Muitos desafios permanecem, temos perguntas a aprofundar, conversas que estão apenas começando, e ainda assim é vital celebrar e honrar o progresso que fizemos, como nos lembra a ativista, vedette, vloguere, educadore e Hip Hopper mexicana, Nany Guerrerx, “um pé na festa e o outro no protesto”.

Apostamos na vida, em continuar cultivando nossas raízes para florescer e para brotar novas sementes. Acreditamos em continuar nos entrelaçando para tecer juntas os ativismos com os quais sonhamos e, para isso, sabemos que é necessário lembrar, passar pelo coração novamente. Precisamos oferecer e agradecer à terra, reconhecer a experiência das nossas ancestrais e antepassadas que nos guiaram até aqui. Também precisamos ampliar os diálogos e cultivar a confiança com as pessoas que abriram o caminho para compreendermos este presente e, ao mesmo tempo, acolher aquelas que chegaram recentemente, celebrando juntas que estamos mais diversificadas a cada dia.

Portanto, vamos celebrar **os diálogos e a diversidade de abordagens de cuidado e proteção.**

Algo que também mudou é a perspectiva feminista, que dez anos atrás estava completamente ausente ou muito limitada nas organizações que trabalhavam com proteção, e explodiu graças ao trabalho das organizações e redes feministas, tornando a compreensão da violência mais complexa, construindo uma visão de proteção que aborda mais as causas estruturais, incorporando áreas de proteção que também têm a ver com sanção, com recuperação, com lidar com o desgaste, e bem, isso tem sido algo muito lindo de se ver, como essa visão tem tomado conta, embora ainda esteja muito longe de ser entendida em sua profundidade, mas agora é algo muito mais presente.

—Marusia López Cruz, JASS/IM-Defensoras. México - Estado Espanhol.



Celebramos a possibilidade de **nos reconhecemos enraizadas, com história e memória para continuar aprofundando os diálogos intergeracionais e interculturais, e para recuperar, construir ou aprender com outras práticas.**

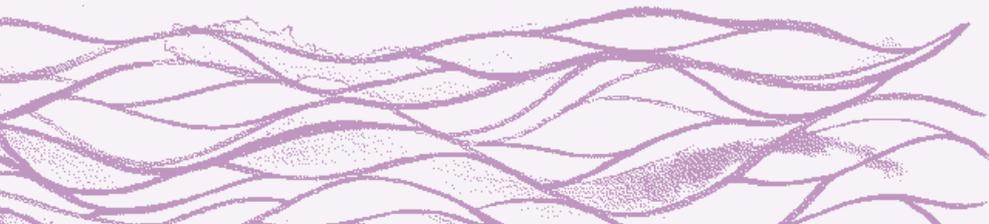
Acredito que há outro elemento quando penso em minha geração, sobre o conhecimento indígena e as formas indígenas de fazer cuidado e proteção. Minha geração os deprecia e todas as formas pelas quais adotamos abordagens ocidentais. E, neste momento, uma coisa importante é voltar atrás e recuperar os conhecimentos ancestrais. Isso é o primeiro passo. O segundo ponto não é necessariamente desprezar as abordagens ocidentais, mas reconhecer que algumas delas não são projetadas de forma a falar, por assim dizer, à nossa indigenidade. Eu não sei se isso é uma palavra. Temos que continuar encontrando maneiras de não descartar tão rapidamente perspectivas diferentes por causa de sua origem, mas explorar se elas podem nos servir. E se elas não funcionarem, então nós já as exploramos. Mas se elas funcionarem, então reconhecemos e celebramos de onde elas vêm.

—**Phumi Mtetwa**, *Just Associates-JASS*. África do Sul.

Celebremos também que temos encontrado **maneiras de nos enraizar no cuidado e na conexão com outres** para compartilhar experiências, práticas e aprofundar coletivamente o que isto significa.

A política de cuidado é bastante nova no mundo do ativismo em geral (...) Acredito que foi uma consequência de não ter tido o cuidado adequado. E penso que, com o tempo, as coisas vão mudar, porque, em comparação, dez anos atrás eu raramente ouvia algo relacionado ao cuidado no ativismo. Sempre era dar, fazer, reagir, e agora estamos começando a ouvir cada vez mais sobre práticas de cuidados, sobre politização de cuidados, sobre inclusão de cuidados em estratégias padrão da organização, e sobre ter consultoras ou apoio integral de segurança e bem-estar para fornecer formas sustentáveis de ativismo.

—**Elvira Meliksetian**, Armênia.



Há espaço para conversar, vontade e ideias. Vamos nos sentar e compartilhar como tornar outros ativismos possíveis.

Por exemplo, **reconhecendo e abordando os desafios que ainda enfrentamos.**

Acredito que grande parte dos desafios residem na construção de novas narrativas e práticas de ativismo, como transformar crenças que nos obstaculizam, trabalhando no âmbito pessoal e coletivo para desenvolver um ativismo muito mais alegre, menos culpabilizante e mais satisfatório para todas.

—**Ana María Hernández Cárdenas**, *Consortio Oaxaca*. México.

Transformando as relações e expandindo a **confiança intergeracional.**

O que eu gostaria de mudar é a maneira como as mulheres mais velhas tratam as jovens que se envolvem no ativismo, para que a idade seja apenas um número e todas as mulheres se sintam reconhecidas pelo trabalho que fazem, independentemente de sua idade. Para mim isto seria ideal, me permitiria desenvolver habilidades e poder me beneficiar da ajuda ou do acompanhamento de mentoras que podem então compartilhar seus conhecimentos com as gerações futuras. O trabalho intergeracional teria mais impacto e motivaria as jovens ativistas femininas. É isso que eu gostaria.

—**Renée Nwoes**, *Women in Front*, Camarões.

Fortalecer os **laços de solidariedade, apoio mútuo, e continuarmos nos acompanhando.**

Gostaria de dar uma mensagem global, neste contexto, de que nós mulheres estamos colocando nosso corpo, e não apenas nosso corpo, mas também nosso espírito e tudo o que temos que enfrentar em diferentes conflitos, seja na defesa da terra, da água ou na defesa das mulheres que foram violentadas. Porque quantas mulheres são vítimas de represálias por parte dos agressores de outras mulheres. Então, lhes digo: não vamos nos calar, continuemos todo o trabalho que temos como mulheres, porque temos que cuidar de nós mesmas, nos proteger e continuar todo esse ativismo em comunidade, fazendo

tudo de uma forma em que não tenha apenas uma, mas todas nós de mãos dadas. Que possamos tornar esses fardos que carregamos dentro de nós mesmas, torná-los mais suportáveis.

—**María Témpora**. Peru.

Soltar para tornar o caminho mais leve e **criar** coletivamente.

Se superarmos esta ideia, será mais fácil conseguir, porque acho que nos sobrecarregamos com responsabilidade e expectativas excessivas, e é impossível cumprir estas expectativas, o que gera ainda mais frustração e ansiedade em nossas vidas. Eu adoraria deixar isso para trás. Somos um montão de ativistas reunidas. Vamos criar algo, é incrível!

—**Elvira Meliksetian**, Armênia.

E também revisar as **práticas baseadas no “dever ser”, expresso em julgamentos e comparações entre ativistas.**

O que eu adoraria que mudasse é o senso de crítica que temos entre nós. Porque às vezes o ambiente ativista não é o ambiente mais seguro, porque há o mesmo julgamento, a mesma crítica sobre as que não são verdadeiras ativistas ou ativistas “certas”

—**Anônima**.

Abraçar as diferentes emoções que nos atravessam, **reconhecemo-nos em tudo o que somos** e, a partir daí, dinamizar o poder do que fazemos.

Às vezes somos movidas pela dor, às vezes somos movidas pela alegria, mas geralmente quando ficamos em apenas uma emocionalidade, essa vida já não é tão mais agradável para nós. Portanto, manter essas emoções (...) especialmente positivas, é uma opção para poder sustentar nossa luta, sustentar nossa liderança, sustentar nosso movimento e sustentar nossa força de vida. É a única maneira de conseguir isto.

—**Danelly Estupiñán Valencia**. Colômbia.

E assim manter uma **conexão permanente e diária** com tudo o que existe como uma das muitas formas de viver a **espiritualidade**, o que também nos permite sustentar o cuidado pessoal e coletivo.

Cuidados e proteção, segurança, bem-estar, os sentimentos, estratégias que não são discriminatórias para pessoas com deficiências, que não pressupõem uma forma estática e única de ser, podem e têm centrado a espiritualidade, têm centrado as pessoas para entender sua relação com o planeta, com as ancestrais, com as tradições antigas, com as deusas e deuses, com o que qualquer coisa que faça as pessoas saírem da cama pela manhã, o que nos faz continuar. E acho que as práticas do que nos conecta com nossa intenção, o que nos conecta com nossa linhagem, nosso canto, nossas tradições é o que sustenta nosso bem-estar pessoal e coletivo.

—**Cara Page.** Estados Unidos.

Será que tudo isso ampliará nossa **noção do que entendemos como trabalho político?**

Onde também tenha espaço para sentir e falar abertamente sobre amor e romance. Onde tenha espaços para celebrar nossas relações, onde possamos viver livremente nossas vidas interpessoais. Que mesmo em nossas próprias comunidades e nos espaços que criamos, todas as pessoas estejam seguras. Isto também inclui espaço para expressão e cuidado físico e criatividade, juntamente com as outras formas de trabalho político que realizamos. Isso é o que eu imagino. E também [um futuro] conectado ou enraizado na natureza, porque essa não é uma conexão comum no nosso trabalho político. Ela está aí, mas não estamos conscientes de nos concentrarmos o suficiente nela, quando se trata de jardinagem coletiva, comer o alimento que cultivamos, cozinhar juntas. Isto é fácil trabalhando em comunidades porque é a vida diária das mulheres com as quais estamos conectadas, mas não vemos isso como parte de nosso trabalho político. Eu gostaria de ver mais isso.

—**Sarala Emmanuel.** Sri Lanka.

E QUAL É O FUTURO QUE VOCÊ QUER CRIAR?

A partir de uma rede de múltiplas vozes e territórios, oferecemos uma constelação de experiências, ideias, perguntas, desafios e alternativas em torno de cuidados e proteção, onde ativistas e defensoras compartilham experiências, de sua dimensão pessoal, e como parte vital dos movimentos.

Levamos em conta contextos, geografias, culturas, identidades; situando condições de vida particulares, ambientes e diversas possibilidades, para materializar uma vida digna.

Desta forma, analisamos o cuidado e a proteção como uma ação política que, embora enraizada de maneiras diferentes, tem como elemento comum ser o que sustenta os movimentos. Convocamos mais diálogos que visem ações pessoais e coletivas transformadoras e, ao mesmo tempo, financiamento flexível e redistribuição de recursos para responder efetivamente às necessidades e promover práticas que cuidem e protejam a vida em todas as suas manifestações.

Muitas conversas permanecem abertas e, sobretudo, há um apelo permanente para criar e celebrar aquelas ações, processos e reflexões que já existem. Há uma convocatória para reivindicar as práticas cotidianas, continuar questionando diariamente nossas ações na esfera pessoal, coletiva e comunitária, o que desestabiliza o poder e transforma as opressões. É imperativo reconhecer que a violência continuará ocorrendo enquanto os ativismos expuserem os diversos interesses sobre os quais a ordem do mundo é (in)sustentável. Portanto, a corresponsabilidade e a consciência da interdependência da própria vida com a vida ao nosso redor é urgente.



CONVITE

Vamos continuar a conversa!

Explore outros conteúdos relacionados e compartilhe seus sentimentos após a leitura do livro em [rootingcare.com](https://www.rootingcare.com)





CAPÍTULO 8

Perspectivas, trajetórias e práticas do consórcio de fundos de ação urgente





Ao reconhecer que o aprendizado e a transformação em torno do cuidado e da proteção são processos contínuos e inacabados, compartilhamos nesta seção uma pequena reflexão sobre as trajetórias, reflexões, abordagens, estratégias programáticas e práticas internas dos Fundos Irmãos de Ação Urgente, atualizadas no início de 2021. A fim de dar destaque às perspectivas e ações dos ativistas que entrevistamos, decidimos apresentar nosso trabalho e abordagens em um capítulo à parte, e também separadamente para cada Fundo Irmão, de forma a tornar visível a diversidade entre nós como um Consórcio.

1. Fundo de Ação Urgente para os Direitos Humanos das Mulheres (Urgent Action Fund for Women's Human Rights, UAF-WHR).

História e trajetória

Desde que foi criado em 1997, o Fundo de Ação Urgente para os Direitos Humanos das Mulheres (UAF-WHR) concedeu mais de 2.000 Apoios de Segurança para sustentar o trabalho de ativistas feministas mulheres, pessoas trans e não binárias. Estes Apoios de Resposta Rápida (ARRs) refletem a gravidade das ameaças que elas enfrentam, bem como a diversidade de suas estratégias, coragem, resiliência e criatividade. As doações incluíam realocações urgentes que salvaram vidas, apoio às famílias para aproximá-las do local da prisão onde a defensora dos direitos humanos foi mantida, auditorias de segurança digital e capacitação, além de apoio psicossocial.

Em 2007, o UAF-WHR publicou o livro *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?* como uma compilação pioneira de relatos de mais de cem ativistas de todo o mundo sobre a sustentabilidade de seu ativismo. Es ativistes compartilharam suas experiências e reflexões sobre seus medos, esperanças, fadiga, dor, exaustão, desafios de financiamento e também a importância do humor em suas lutas. Fizeram também sugestões de financiamento para os movimentos feministas e de mulheres. O livro desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do conceito de *sustaining activism* (sustentar o ativismo)

do Fundo de Ação Urgente e ajudou a chamar a atenção para esta questão crítica, tanto nos círculos de doadores como de ativistas. Este livro continua sendo um guia para informar e aprofundar nossa compreensão das necessidades dos ativistas, e para influenciar os espaços de financiamento e os cenários políticos.

Abordagem aplicada às estratégias organizacionais

O cuidado e a proteção não podem ser separados em categorias isoladas, pois estão totalmente interligados social, econômica e politicamente. Tratam-se de práticas, comportamentos e crenças (como o reconhecimento do valor dos seres humanos), tratam-se de acesso à recursos (financiamento, exposição a iniquidades estruturais) e abrangem a politização do trabalho (como estão ligados à nossa política e à base de nosso trabalho, subsistência e bem-estar como seres humanos vulneráveis).

Acreditamos que o autocuidado e a proteção são valores organizacionais necessários que devem ser reconhecidos, discutidos e apoiados como práticas essenciais, adequadamente financiados e praticados como uma norma social. Eles também devem ser incluídos em todas as nossas políticas para proteger as mulheres defensoras e ativistas feministas não binários dos direitos humanos.

O cuidado e a proteção estão profundamente enraizados no coração das práticas culturais e indígenas, e devem ser parte integrante de nosso aprendizado e crescimento para apoiar os ativistas. As experiências vividas, lições aprendidas, práticas e estratégias das pessoas que vivem e trabalham em diversas regiões e países, inclusive em regimes repressivos, devem ser incorporadas na forma como os cuidados e a proteção são considerados e esquematizados no entorno. Devemos manter espaços seguros para o cuidado e a proteção coletiva e individual como uma estratégia vital para a construção de movimentos.

O UAF-WHR garante que o processo de fornecimento de apoio seja o mais acessível, simples e desburocratizado possível. O objetivo é aumentar o acesso a recursos essenciais para a segurança e o bem-estar dos ativistas, e minimizar a carga, o estresse e a ansiedade de lidar com doadores.

Para conseguir isto, o UAF-WHR fornece apoio personalizado a cada solicitante com base em suas necessidades, prioridades e circunstâncias, tanto no processo de candidatura como durante a implementação de suas ações e a apresentação de relatórios. Isto é refletido na linguagem

utilizada, na flexibilidade dos meios de recebimento de solicitações, na remoção de quaisquer barreiras que impeçam ou dificultem a solicitação e o recebimento do apoio que necessitam. Como estamos comprometidos em apoiar as comunidades marginalizadas e sub-representadas, entendemos a importância de uma abordagem inclusiva para a concessão de subvenções. Isto também é refletido no acesso melhorado a recursos urgentes que as ativistas LGBTQ+ e com deficiências têm atualmente. Em nosso trabalho de concessão de Apoios de Resposta Rápida, permanecemos fiéis aos nossos sete pilares de princípios, que são:

- ✦ **Justiça.** Trabalhamos por um mundo no qual todos os direitos humanos, incluindo os direitos das mulheres e das pessoas *trans** sejam respeitados e considerados iguais. Vemos todos os aspectos de nosso trabalho por uma perspectiva de direitos humanos e justiça social, concentramo-nos em grupos particularmente marginalizados (por exemplo, ativistas *trans**) e analisamos criticamente estruturas de poder desiguais e a maneira como elas operam.
- ✦ **Feminismos.** Reconhecemos e respeitamos uma multiplicidade de tradições feministas e afirmamos abordagens diversas. Honramos a sabedoria local e o ativismo autônomo. Comprometemo-nos a abordar os desafios enfrentados pelos movimentos feministas e ativistas feministas não binários, e mantemos aberto o espaço para a aprendizagem coletiva.
- ✦ **Coragem.** Apoiamos com orgulho as ativistas que levantam questões críticas e trabalham para desmantelar agendas patriarcais, racistas, capitalistas, entre outras opressões. Unimos nossas vozes às delas em filantropia, incidência e outras plataformas, e respondemos imediatamente às suas necessidades urgentes.
- ✦ **Integridade.** Adotamos práticas de transparência, honestidade, confiabilidade e responsabilidade, especialmente em tempos difíceis. Pensamos de forma crítica e ouvimos ativamente todas as atrizes e atores com quem construímos relações baseadas no respeito mútuo e na confiança.
- ✦ **Compromisso consciente.** Diante da história de exploração e da realidade atual de acumulação de recursos, financiamos ativistas feministas não binários, e conectamos aos recursos de forma a mudar as dinâmicas tradicionais de poder (em vez de reforçá-las) e fortalecer as vozes marginalizadas. Contamos com a liderança de ativistas locais e sua resiliência.

✦ **Bem-estar.** Promovemos o cuidado holístico dentro de nossa instituição e em espaços ativistas. Entendemos que o autocuidado é uma ferramenta política importante em nossa capacidade de lutar pela justiça. Para nós, a prática do bem-estar, tanto individual quanto coletivo, é um princípio central que sustenta os movimentos feministas.

A maioria das subvenções aprovadas pelo UAF-WHR – sejam de Segurança ou Incidência – incluem elementos de bem-estar e apoio psicológico para ativistas, suas famílias e organizações. Também entendemos a importância de uma abordagem coletiva e integral de longo prazo para o cuidado e proteção dos ativistas e movimentos, utilizando a experiência destes em nossas análises e avaliações. Não impomos nossa visão de como devem ser as estratégias de segurança e proteção. Escutamos, compreendemos, respondemos rapidamente e expressamos publicamente nossa solidariedade com sua resistência.

O UAF-WHR possui um acúmulo significativo de conhecimentos sobre mecanismos de proteção em todo o mundo. Como parte de seu esforço para buscar e melhorar as práticas coletivas em torno das necessidades de segurança das organizações, redes e movimentos, o Fundo começou uma iniciativa piloto a partir de 2015, com o objetivo de ajudar a atender as necessidades de segurança em longo prazo dos ativistas, de forma complementar aos Apoios de Resposta Rápida. A flexibilidade da iniciativa permitiu definir, juntamente com os parceiros, o que significa a abordagem coletiva e quais atividades são relevantes para seus contextos.

Com relação à filantropia, vemos que as doações estão gradualmente se tornando mais abertas para ouvir atentamente as comunidades que servem e para tornar seus modelos de doação mais flexíveis. Entretanto, há necessidade de adaptar ainda mais a lente da justiça racial e de gênero, e aumentar a conscientização sobre a justiça da deficiência (*disability justice*), e destinar mais e melhores recursos para organizações de base/primeira linha, comunidades raciais não brancas e ativistas com deficiências ou diversidades funcionais. Em última análise, existe a necessidade de diversificar a equipe e membros dos conselhos; o UAF-WHR é pioneiro neste trabalho.

A filantropia não está realmente pensando no trauma histórico, na colonização e em como os sistemas, as políticas, a justiça linguística afetam a comunidade, ao contrário, continua focada no aqui e no agora. Nossa esperança é que a filantropia considere o contexto histórico, que transforme a maneira como ela financia e apoia as comunidades, e que possa fazê-lo em um ritmo mais acelerado.

Práticas organizacionais de cuidado

Todas as pessoas praticam o cuidado de maneiras diferentes, e isso nem sempre é visível. O cuidado coletivo, ou se sentir cuidado, é diferente para cada pessoa. Não temos uma ideia unificada sobre isto e o conceito varia de uma organização para outra. Queremos que as pessoas saibam que honramos com sinceridade os cuidados pessoais e o tempo para nós mesmos. É algo que sentimos no âmbito individual e continuamos incentivando no organizacional. Como instituí-lo sinceramente dentro da organização? No trabalho de serviço direto, devemos honrar as atividades, uma abordagem que nos permita desacelerar e cuidar umas des outras. Os benefícios específicos do UAF-WHR que criam cuidados são aqueles que servem e protegem as crianças na época da Covid-19, é o acesso ao *Wellness Bank*, ter convênio médico e benefícios FSA e HRA¹³ que vão além do mínimo necessário. Mas vale ressaltar que estes benefícios são um direito humano, não um privilégio. O pessoal é político e, a partir desta afirmação, nossa organização não vê suas integrantes apenas como números. Queremos reconhecer que fazer perguntas sobre o cuidado é uma forma de demonstrá-lo.

2. Fundo de Ação Urgente da África (Urgent Action Fund Africa, UAF-A).

História e trajetória

Os Fundos Irmãos de Ação Urgente sempre estiveram cientes das questões relativas aos cuidados e proteção. Embora o UAF-A não tenha publicado o livro *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?*, ele faz parte da identidade de pertencer a qualquer Fundo de Ação Urgente. Temos orgulho desta publicação histórica e a ela nos referimos com frequência em nossas discussões internas. Não houve nenhum momento em que as questões de cuidado e proteção “começaram” a ser importantes: elas sempre foram.

Uma lição importante que continuamos aprendendo des ativistas feministas é que as questões de proteção e cuidado não podem ser

¹³ São benefícios de planos de seguros de saúde nos Estados Unidos.

periféricas ao ativismo ou pensadas após o trabalho: elas são o trabalho, porque quando o cuidado e a proteção estão no centro de nosso ativismo, eles sustentam e fortalecem nossos movimentos.

É importante reconhecer o trabalho de Hope Chigudu, uma ativista feminista que contribuiu muito para nossa compreensão e prática de cuidado coletivo. Seu trabalho sobre o bem-estar organizacional é especialmente significativo, pois ela enfatizou a importância de construir estruturas feministas que não sejam espaços tóxicos, mas espaços que representem valores feministas e que se preocupem com o bem-estar de suas integrantes.

O UAF-A reconhece que proteção e bem-estar estão interligados: a proteção é reforçada não apenas quando as ativistas feministas podem fazer seu trabalho com segurança (física, emocional, cultural e digital), mas também quando pensamos na segurança coletiva e no cuidado mútuo necessário entre ativistas, famílias, organizações e comunidades, para sustentar suas vidas e seu trabalho de longo prazo, para alcançar mudanças. Desta forma, a proteção não se trata apenas de se sentir fisicamente segura (sem descartar o quanto este sentimento é crítico), mas também de conseguir o bem-estar dos grupos (sem culturas tóxicas e tensões/divisões internas que são uma importante fonte de vulnerabilidade, e que facilitam que atores externos possam se aproveitar de organizações e comunidades). A preocupação com o bem-estar e o cuidado é, portanto, fundamental quando se pensa em questões de proteção e na capacidade dos grupos para continuar seu ativismo.

As redes são essenciais para a proteção; são uma resposta ao isolamento das ativistas feministas e não binárias, e à falta de apoio de suas próprias famílias e organizações. Nas redes, as respostas são desenvolvidas e lideradas pelas próprias mulheres ou pessoas trans, e elas podem aproveitar seu conhecimento para suprir necessidades específicas. Em relação às necessidades de bem-estar, as redes podem fornecer abrigo para ativistas feministas ou não binárias necessitadas e ativar profissionais para apoiar o autocuidado e o cuidado coletivo. Elas também contrariam a abordagem individualista que caracteriza a maioria dos mecanismos de proteção.

Uma abordagem em rede fortalece a comunidade, não apenas as ativistas em risco. O foco nas redes implica no desenvolvimento da liderança do movimento (não de lideranças individuais) para consolidar as habilidades políticas e o poder coletivo das ativistas, o que contribui para a sustentabilidade e segurança dos movimentos em longo prazo.

Finalmente, o foco nas redes e na coletividade ajuda a combater as abordagens capitalistas para entender e praticar o cuidado: não se trata de seguir uma dieta particular ou fazer ioga, mas de questionar as formas pelas quais o ativismo é atualmente praticado e imaginar diferentes formas de organização.

Abordagem aplicada às estratégias organizacionais

Hoje em dia pensamos no cuidado como parte integrante de nossos suportes de proteção. Costumávamos abordar amplamente estas subvenções como aquelas através das quais apoiamos defensoras/grupos feministas para elaborar planos de proteção, melhorar a segurança física de seus escritórios, sua segurança digital, ou estratégias de realocação. Agora estas subvenções também incluem o apoio ao bem-estar coletivo dos grupos como parte integrante do fortalecimento dos movimentos feministas.

Há anos o UAF-A vem refletindo sobre o contexto e os desafios que es ativistas enfrentam, assim como sobre as oportunidades que elus possuem. Uma das tendências que vemos é que estão trabalhando cada vez mais na criação de novas culturas de ativismo em torno do cuidado coletivo e do bem-estar. Também observamos lacunas no suporte de proteção tradicional, por exemplo, no que diz respeito ao fato de ser em grande parte individualista, não funciona para muitas pessoas defensoras dos direitos humanos e ativistas feministas e não bináries que também estão engajades no cuidado primário e, portanto, não podem usar mecanismos de proteção que não lhes permitam ficar perto de sues filhas. As táticas de aumento da visibilidade proporcionam apoio de curto prazo, mas muitas vezes levam à vulnerabilidade em longo prazo des ativistas e de suas comunidades, entre outras lacunas. Com base nestas reflexões, o UAF-A lançou a plataforma das Defensoras Africanas dos Direitos Humanos (também conhecida como *República Feminista*, *Feminist Republik*) para reimaginar outras formas de apoiar os movimentos feministas e as culturas do ativismo feminista. O UAF-A certamente quer ser lembrado por seus esforços para estabelecer esta plataforma e trilhar este caminho junto com muitas aliades.

Aprendemos que é essencial fornecer Apoios de Resposta Rápida para iniciativas de cuidado coletivo, a fim de sustentar os movimentos feministas. No futuro, esperamos que o apoio de proteção des ativistas, oferecido por doadories e facilitado pelas organizações que trabalham com o tema, seja fornecido através de uma abordagem feminista coletiva, ou seja, que responda ao empoderamento coletivo e não isole es ativistas de suas comunidades.

As práticas organizacionais de cuidado do UAF-A

O UAF-A tem diversas práticas de cuidado organizacional, uma delas é a reunião mensal da equipe para compartilhar como estamos nos desenvolvendo pessoal, profissional e politicamente. Este é um espaço onde podemos ouvir como as integrantes da equipe estão e com o que estão lidando. Temos também nossos retiros anuais: espaços para nos conectarmos como equipe, para nos unirmos e descontraíremos.

Encorajamos a equipe a tirar dias de folga. É vital parar e fazer outras coisas além do trabalho. Para as funcionárias que precisam (por exemplo, aquelas que estão em contato constante com ativistas que enfrentaram violações graves, etc.), o UAF-A cobre os custos das sessões de consulta psicológica.

Atualmente, o UAF-A está trabalhando na contratação de uma especialista em apoio psicossocial para fornecer a ajuda necessária às integrantes da equipe. Esta ideia foi considerada há algum tempo e, no contexto da crise gerada pela Covid-19, tornou-se uma necessidade incondicional.



3. Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe (FAU-AL)

História e trajetória

A ética política do cuidado é central para o trabalho do FAU-AL, portanto, os processos de formação e a reflexão coletiva com as organizações também têm sido uma estratégia preventiva, complementar o financiamento de emergência. Organicamente, entendemos os Apoios de Resposta Rápida como a coluna vertebral do FAU-AL e o cuidado como o nosso coração. Foi assim que nossa vontade política foi expressa e levada às práticas institucionais.

Esta mudança na cultura organizacional e no seu dia a dia também envolveu uma reflexão sobre o cuidado e o poder coletivo. Promovemos encontros com ativistas como espaços seguros, alimentados por práticas feministas e outras abordagens de acompanhamento que permitiram que estas reflexões passassem pelo corpo-território.

Criar este caminho que nos ocupa hoje implicou em tomar consciência do cuidado do eu e do coletivo, reconhecer o legado feminista e nossas raízes indígenas, afrodescendentes e mestiças de conhecimentos e cosmogonias em torno da Teia da Vida, as interações e interdependências com tudo o que existe, a importância da sanção e da espiritualidade, que têm contribuído para manter o tecido da vida e dos movimentos. Neste sentido, vale destacar que o FAU-AL tem trabalhado a partir deste compromisso político de cuidado e proteção tanto internamente quanto nos vínculos estabelecidos com outres, tanto na América Latina e no Caribe quanto com doadores e aliadas em diferentes partes do mundo.

Nossa abordagem, nossa perspectiva, e como elas se aplicam às nossas estratégias como FAU-AL

Uma das principais abordagens do nosso trabalho tem sido partir da afirmação feminista de que as questões pessoais são políticas, a fim de compreender a sustentabilidade dos ativistas e suas organizações, e o que isto implica em relação ao cuidado. Assumir esta dimensão política do pessoal levou a resignificá-lo. Reafirmar que a atividade política que se inscreve na esfera pública tem uma dimensão privada, que também é política. Esta atividade política para fora é tão importante quanto para dentro, na vida pessoal. Portanto, é justamente aí que o cuidado é central.

Por esta razão, entendemos que **o cuidado, mesmo que seja de nós mesmos** (autocuidado/cuidado próprio), é sempre relacional. E é entendido em relação às pessoas, à natureza e à vida em todas as suas manifestações. Embora seja uma decisão pessoal e um ato de consciência, pressupõe condições e possibilidades de tempo, relacionamentos, redes de apoio e recursos que envolvem outros seres. O cuidado é potencializado no relacionamento.

É por isso que insistir na dimensão coletiva do cuidado tem sido uma das contribuições mais importantes do FAU-AL. Fomos o primeiro fundo a colocar esta dimensão no centro da reflexão sobre cuidado, proteção e sustentabilidade dos ativistas e seus movimentos. Enquanto os discursos sobre o cuidado decorriam de uma lógica consumista e individualista, focalizada exclusivamente no autocuidado, já estávamos afirmando: **o cuidado é coletivo.**

Propusemos então três níveis de cuidados: autocuidado, cuidados coletivos e **para uma sociedade do cuidado.**¹⁴ Esta última nasce da memória dos povos ancestrais, de seus modos de cuidar da vida, porque é exatamente isso que temos de seu legado: o tecido de cuidados que foi nomeado em todos os povos de Abya Yala (por exemplo, **sumak kawsay** ou **Bom Viver**, um dos mais conhecidos entre eles), que vai além do conceito de bem-estar individual, e que se refere a uma boa vida, a uma boa forma de convivência entre todas as manifestações da vida. É uma sociedade de cuidados enraizada na ética¹⁵, que atravessa as relações humanas com outros seres vivos e com o entorno. Da mesma forma, em nossa abordagem é vital entender o cuidado em relação ao corpo, como o primeiro território, território como lugar, como cultura, raiz e espaço que sustenta a vida.

¹⁴ Carosio, A. (2007). "La ética feminista: Más allá de la justicia". Publicado na Revista Venezolana de Estudios de la Mujer v.12 n.28. Caracas. Disponível em: http://www.scielo.org.ve/scielo.php?pid=S1316-37012007000100009&script=sci_arttext.

¹⁵ "O cuidado é proposto como uma responsabilidade social e não como uma mera escolha individual. Uma ética do cuidado é proposta como um valor público para a construção da cidadania. O norte da mudança ética será a construção de uma "sociedade do cuidado". Nela, os membros da comunidade não só devem gozar de direitos, mas também assumir obrigações para o bem-estar coletivo. A preocupação com o cuidado dos outros, transformados em valores universais e, portanto, esperados e desejáveis no comportamento de ambos os gêneros, é uma premissa ética inevitável para a geração de novos e melhores modelos de sociedade." (Carosio, 2007).

Por outro lado, insistimos que o cuidado é baseado nas condições materiais para torná-lo eficaz. Nas organizações de direitos humanos, os direitos trabalhistas devem ser a base para definir as condições mínimas para que os cuidados sejam possíveis. No entanto, sabemos que, além destas condições necessárias, é essencial construir acordos coletivos, práticas e estratégias que façam dos cuidados uma atividade diária e sustentável.

Também demos lugar à espiritualidade, não apenas como afirmação dos elementos ou dimensões do cuidado, mas também como uma prática cultural enraizada nos povos ancestrais que dá sentido à vida e possibilita a constante conexão entre os seres humanos e as energias protetoras que os sustentam.

Nesta perspectiva, o cuidado é o nosso compromisso ético-político. Em outras palavras, o cuidado é uma prática diária que atravessa nosso trabalho institucional, tanto interna quanto externamente. É a forma como nos relacionamos com ativistas e organizações que apoiamos. Prestar atenção a como elus se sentem e como são vitais em cada uma das ações e processos que realizamos, porque entendemos que cuidar de seu bem-estar faz parte de nossa responsabilidade. Não são apenas os recursos que fornecemos que contribuem para a sustentabilidade das organizações; para nós, o objetivo de fornecer estes recursos e como os fornecemos é fundamental. A relação que estabelecemos com es ativistas é importante: escutar, acompanhar suas solicitações e também levar em conta suas necessidades quando convidamos elus a participar de eventos e processos, sejam presenciais ou virtuais.

No mesmo sentido, afirmamos que o cuidado está no centro do que fazemos, o que implica torná-lo parte fundamental da visão e da vida diária de nosso trabalho. É, portanto, a base através da qual contribuimos para a sustentabilidade dos movimentos. Isto se reflete no fato de que cada apoio que fornecemos inclui recursos específicos destinados a fortalecer as propostas das organizações para o cuidado coletivo, e também é evidente no fato de que, além de fornecer recursos, realizamos processos de treinamento e conscientização sobre o cuidado e a proteção integral como estratégia preventiva e complementar. Também se reflete no acompanhamento das organizações para que o cuidado se torne uma prática organizacional, inseparável da proteção e da segurança. Por esta razão, é prioritário para nós apoiarmos es ativistas para que possam manter e fortalecer práticas que não só reduzam os riscos que enfrentam, mas também lhes permitam curar e fortalecer sua ação política e vidas.

Insistimos que as formas culturais de proteção e cuidado devem ser respeitadas. Nossa perspectiva inclui uma compreensão intercultural, pois

há múltiplas maneiras das culturas, povos e comunidades compreenderem e experimentarem a proteção e o cuidado. Em nossos contextos, isto significou defender a validação das práticas de proteção coletiva dos povos de nossa região e tornar visível que a proteção individual não é o único caminho, nem a melhor opção. Também significou até mesmo entender que a realocação como proteção individual precisa ser entendida integralmente, levando em conta a rede de relações de que precisa para ser eficaz e considerando, ao mesmo tempo, o impacto coletivo que ela gera na organização, família e comunidade da pessoa que está sendo realocada.

Colocar o cuidado no centro também significou incluí-lo na dimensão digital, a partir do *corpo digital*¹⁶ des ativistas, sem reduzir a compreensão da segurança digital para o uso de plataformas e ferramentas seguras. Também implicou ter a determinação e a vontade política de fazer as mudanças necessárias na cultura organizacional para que o cuidado e a sustentabilidade atravessem a nossa equipe. Neste sentido, o Ativismo Sustentável evoluiu de uma iniciativa colaborativa para um programa. Fora o apoio psicossocial des integrantes da equipe de Apoios de Resposta Rápida (para lidar com a sobrecarga emocional e afetiva de ouvir as realidades e necessidades des ativistas), agora também temos um Fundo de Atendimento Coletivo que garante o bem-estar e o cuidado de todas as pessoas da equipe. Constantemente prestamos atenção não apenas no modo como as crises na região afetam es ativistas, mas também no fato de que responder às exigências do contexto tem efeitos dentro da equipe. Finalmente, toda atividade que realizamos tem esta perspectiva de cuidado e inclui a atenção ao corpo e às emoções, de modo que não é apenas a razão que guia nosso trabalho.

Nossas práticas internas de cuidados

Ao longo do caminho, percebemos que trabalhar em um espaço feminista envolve a vontade de olhar para as próprias práticas, a vontade de se curar e transformar para poder acompanhar outres. Aprendemos também

¹⁶ *O corpo digital é uma categoria que desenvolvemos em diálogo com ativistas da região. Esta categoria é entendida como o conjunto da memória e informações sobre nós mesmas ou sobre as coletividades das quais fazemos parte, que criamos para ter uma presença no espaço virtual, em estreita conexão com nosso corpo físico e com a noção de território-corpo, presente em muitas culturas latino-americanas. O corpo digital está interligado com os diferentes corpos e territórios que habitamos e que são, por um lado, vulneráveis a riscos e, ao mesmo tempo, cenários de proteção, cuidado e resistência.*

que o cuidado é um tecido de diferentes tonalidades e texturas que nós construímos juntas através do trabalho coletivo e que, ao fazê-lo, enriquecemos nossa perspectiva e nossas atividades.

Como mencionado acima, o autocuidado e o cuidado coletivo são interdependentes. A partir desta certeza, procuramos juntas as formas mais eficazes de nos cuidarmos como equipe. Não é possível nos denominarmos um fundo feminista que acompanha o movimento de mulheres e ativistas feministas trans e não binárias da região se não nos acompanharmos internamente.

Neste caminho, politizamos diariamente a linguagem, a partir da certeza de que o português e o espanhol são originalmente línguas coloniais. Portanto, abraçamos a descoberta e substituição da palavra **acompanhar** por palavras que estão enraizadas em nossas visões de mundo ou que falam a partir de um significado mais amplo e profundo. Palavras que traduzem “conectar a alma com outra pessoa”, “conectar o coração com o coração de outra pessoa diferente de você” a partir da ternura radical. Assim, nos sentimos mais confortáveis quando falamos também de: **proteger/cuidar, acorpar/encorpar, apapachar/mimar/paparicar.**

Este radicalismo na linguagem evoca a raiz, porque no ritmo frenético da produção capitalista priorizamos a necessidade **de nos paparicarmos, de nos acorparmos, de nos mimarnos, de nos cuidarmos.** Não temos (nem queremos) todas as respostas, mas temos a vontade ética e política de descobri-las juntas. Assim, ao apoiar a equipe que recebe constantemente pedidos de apoio, acreditamos necessário destinar recursos para o apoio terapêutico. **Acorpar** os processos individuais de cada integrante também significou dar espaço diariamente para saber **como estamos**, por exemplo, incorporando metodologias de outras latitudes¹⁷ em reuniões da equipe. É vital, então, ter cenários de acompanhamento entre coordenações durante as crises para saber como cada pessoa está respondendo ao seu contexto particular e do que precisa, adaptando-nos flexivelmente aos cenários de mudança da vida, e às emoções e medos que isto implica.

Percorrer o caminho dos últimos dois anos para ser uma equipe virtual nos confrontou com a responsabilidade de manter o espírito que tínhamos no escritório físico e nos levou a reflexões profundas sobre nossas residências digitais, que não queríamos desconectar da vida. Encontramos

¹⁷ Os “3Ps” aplicados por nossas irmãs no UAF-A: nas reuniões perguntamos como cada pessoa da equipe está com relação ao aspecto Pessoal, Político (em relação ao contexto) e Profissional.

sobreposições entre nossas práticas de cuidado emocional e as dimensões de proteção na esfera virtual, que denominamos “cuidado digital”. Agora temos grupos em plataformas de mensagens criptografadas apenas para expressar nosso afeto, compartilhar piadas, falar sobre nossos trajetos em cada viagem, relatar experiências em aeroportos (que para as pessoas latinas não são fáceis), lembranças e gostos. Tudo isso sem ignorar as reuniões presenciais e destinando tempo e recursos para torná-las possíveis, porque ver os olhos umes dos outros e abraçar-nos permite manter nossa energia como uma equipe em meio à virtualidade.

Como podemos celebrar dez anos de existência na região sem celebrar a existência das pessoas que tornaram isto possível? Este tipo de pergunta propõe reflexões e exercícios diários para dar espaço à celebração e à gratidão como uma prática interna. A festa é necessária, a música nos acalma, o ritmo de cada integrante é respeitado, entendendo o ritmo em todas as suas áreas. Vale ressaltar que, no que diz respeito ao ritmo de trabalho, encorajamos a todos a explicitarem quando precisarem parar. Também acolhemos os diversos ritmos de nossas próprias sonoridades e corporeidades, e nos encorajamos mutuamente a nos conectarmos com o corpo, a confiar na própria voz, a compartilhar exercícios corporais pessoais de diferentes culturas para os espaços de pausa. Respeitar estes ritmos particulares é também reconhecer a importância dos ritmos de vida e os tempos necessários para alimentar, descansar e cuidar de nós mesmos e daqueles ao nosso redor, especialmente em tempos pandêmicos.



Cuidar umes des outres significa reconhecer e agradecer a cada integrante da equipe por seu trabalho diário, levando em conta que todo o trabalho é valioso e necessário. Finalmente, uma de nossas práticas internas é que cada integrante possui uma ou várias “comadres” dentro da equipe. A comadre é uma companheira, uma confidente, alguém a quem você pode contar o que está acontecendo, o que você está sentindo, alguém em quem você pode se apoiar de uma forma confidencial e informal. Aprendemos esta prática com a Rede Mariposas de Alas Nuevas, uma organização afroColômbiana que participou do processo de formação em Ativismo Sustentável.

4. Fundo de Ação Urgente para a Ásia e o Pacífico (Urgent Action Fund for Asia and Pacific, UAF-A&P).

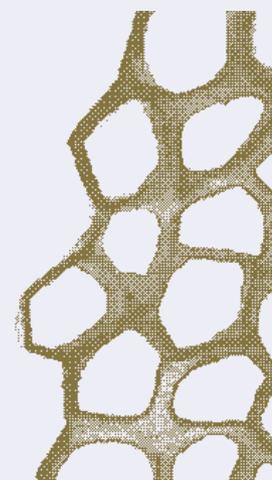
História e trajetória

O UAF-A&P foi criado em 2017 e começou a fazer doações na Ásia e no Pacífico em 2018. Durante o primeiro ano, concedemos 37 Apoios de Resposta Rápida a ativistas feministas e não binários em 11 países da região e, no segundo ano, o número de apoios aumentou para 53 em 18 países.

Como o mais jovem dos Fundos Irmãos, tivemos a vantagem de aprender com as experiências dos outros três. Uma das aprendizagens é que os conceitos de “proteção” e “segurança” têm interpretações diferentes para as ativistas. O que significa sentir segurança só pode ser definido por cada ativista, dependendo de seu contexto individual. A segurança das ativistas feministas não binárias não se trata apenas da pessoa, mas também está intrinsecamente ligada à segurança de suas famílias e comunidades.

Abordagem aplicada às estratégias organizacionais

O programa de Apoios do UAF-A&P foi concebido com base em uma relação empática com as organizações que apoiamos. Estamos cientes da relação de poder desigual entre financiadoras e organizações beneficiárias. Este reconhecimento nos convidou a sermos intencionais na definição de nossos papéis como facilitadoras, a apoiar o fortalecimento de seus conhecimentos e habilidades para nos tornarmos comunidades resilientes de ativistas capazes de lidar com riscos e ameaças imprevistas.



Entendemos que o contexto de cada ativista é diferente e que elus estão na melhor posição para conhecer as medidas apropriadas para garantir sua própria segurança. Com base nas necessidades expressas por elus, estendemos subsídios apropriados e conectamos a redes e aconselhamento no território com o potencial de oferecer acompanhamento e apoio.

A abordagem feminista entende segurança e cuidado como proteção física, que reconhecemos como parte integrante da sustentabilidade dos movimentos feministas ativistas, e acreditamos que estruturas integradas de segurança e cuidado de longo prazo nas comunidades fortalecem a resiliência des ativistas e a sustentabilidade de seus movimentos. Aprendemos também com es ativistas a importância da segurança individual e coletiva, e que o cuidado e o bem-estar, sendo uma parte intrínseca de nossos movimentos, não podem ser separados. Através de nosso programa de Apoios de Resposta Rápida, bem como do Programa de Capacitação de Defensoras (*Enabling Defenders Program*), estamos colocando esta consciência política de segurança e cuidado integral no centro. Nossa esperança é provocar uma mudança fundamental na forma como o ativismo é feito: onde o cuidado individual e coletivo, a segurança, o bem-estar e a proteção são priorizadas como estratégias para a construção de movimentos de longa duração.

Formas nas quais praticamos o cuidado e a empatia na implementação de nossos programas:



- ✦ Esforçamo-nos para minimizar o tempo de processamento do financiamento e manter uma boa comunicação para que es candidates se sintam ouvides;
- ✦ Respeitamos a situação de risco des candidates e mantemos elus atualizadas sobre o processo de apoio, especialmente quando ele leva mais tempo do que o esperado;
- ✦ Envolvemos elus no desenvolvimento de programas desde o início, e procuramos garantir que tenham participação igualitária na definição de agendas;
- ✦ Respeitamos seus conhecimentos e experiência, e a reconhecemos em seus contextos.

Nossa abertura e flexibilidade nos permite ajustar nossos horários e programas para atender às suas necessidades e realidades em mudança, e nos esforçamos para reduzir a disparidade entre nós e elus, por exemplo,

assegurando que haja igualdade em nossas políticas de despesas de viagens durante os eventos.

Iniciativas e experimentos do UAF-A&P na região

Desde o início, junto com ativistas e pessoas conselheiras, nos perguntamos constantemente o que significa “resiliência” e “recursos” nos movimentos e no ativismo. Estes últimos são definidos como mais do que fundos e dinheiro, e resiliência significa ter um forte ecossistema de movimento onde as ativistas estão no centro. Nossos programas são guiados por estas lições. O programa ARRs inclui duas partes: financiamento de segurança e bem-estar que incorpora a saúde mental e emocional como parte do cuidado das ativistas que enfrentam um risco imediato, e Apoios de Recursos de Resiliência, que permitem às ativistas, suas organizações e redes serem proativas no estabelecimento de sistemas de proteção contra riscos previstos. Com este tipo de apoio, temos ajudado ativistas a criar um fundo médico, a fornecer apoio prolongado em momentos de necessidade e a reunir ativistas feministas, trans e não binárias a criar uma rede de apoio para momentos de risco.

Para além do apoio urgente através dos ARRs, reconhecemos que é importante criar estruturas para segurança e cuidados em longo prazo. Estamos colaborando com ativistas e defensoras, transformando suas redes e comunidades em “redes de segurança e cuidados”, idealizadas como um sistema enraizado que atende de forma abrangente suas necessidades e as do movimento, reconhecendo os múltiplos papéis que desempenham e as relações que mantêm (além de seu ativismo) que poderiam ser aproveitadas como parte da sua estratégia de proteção. Na região do Pacífico, estamos explorando possibilidades de fortalecer os movimentos através de iniciativas de subsistência sustentável, e procurando outros recursos que possam ser mobilizados para melhorar sua proteção, por exemplo, ligando comunidades a empresas sociais e redes empresariais.

Nesses anos de trabalho, aprendemos que precisamos responder à comunidade ativista e não apenas a pessoas e organizações. Precisamos continuar respondendo rapidamente a emergências e ao mesmo tempo capacitar ativistas para criar sistemas sustentáveis para e com suas comunidades. Neste mundo pandêmico e pós-pandêmico, devemos encontrar maneiras para que nossos programas de defesa reforcem nosso compromisso de empatia com aliadas, parceiros, com as preocupações ambientais e com a nossa própria segurança e bem-estar.

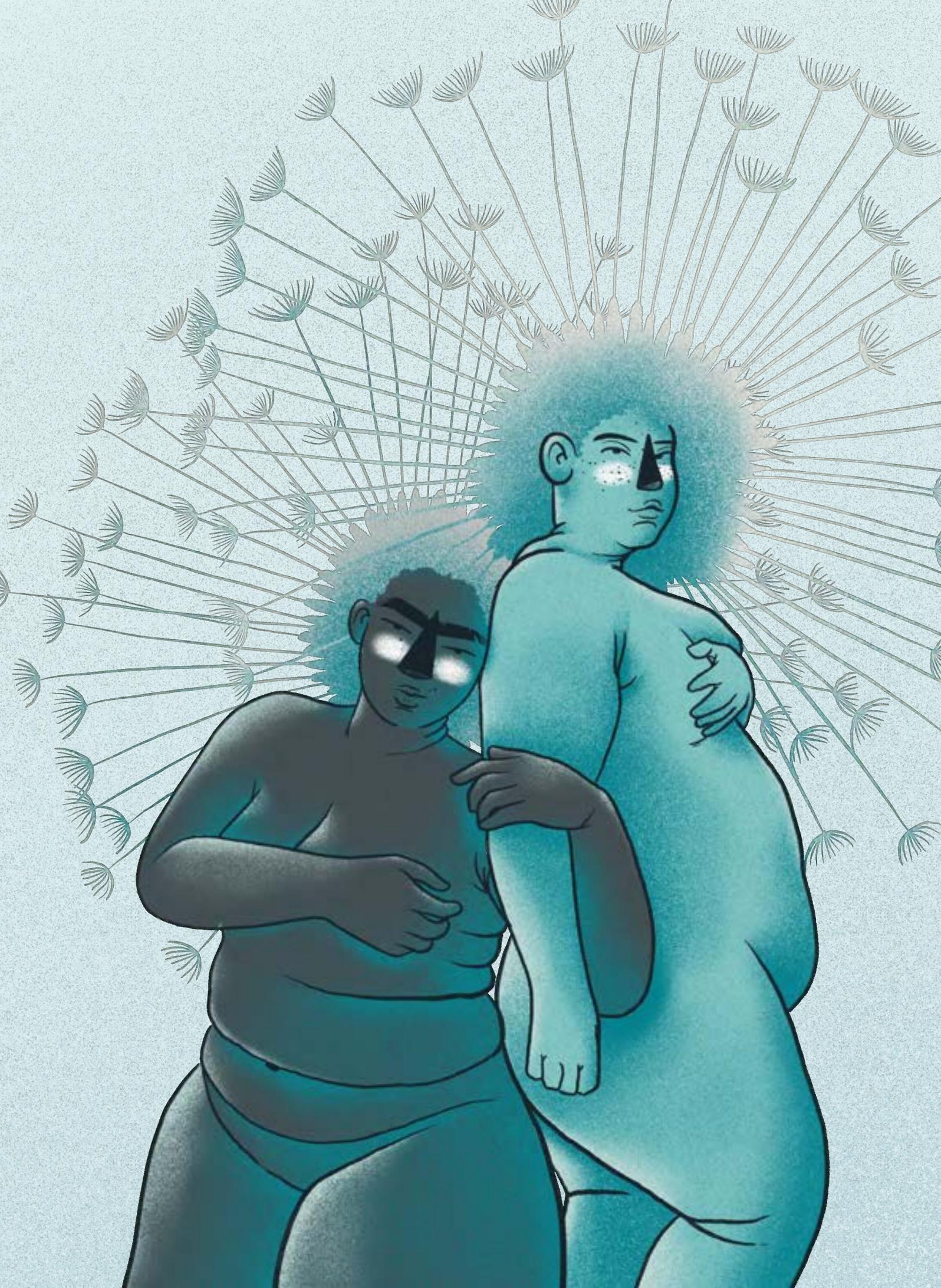
As práticas organizacionais do UAF-A&P para o autocuidado e o cuidado coletivo da equipe

A abordagem de empatia e cuidado feminista também é praticado dentro de nossos processos e operações internas. Adotamos um modelo de coliderança que não depende por padrão das hierarquias tradicionais, mas pratica a corresponsabilidade. Incentivamos as integrantes da equipe a terem um foco em cuidar de si mesmas enquanto cuidam de outres, e fazemos o mesmo nas interações externas. Nossa adoção da Estrutura de Aprendizagem Emergente, em vez de uma ferramenta tradicional de monitoramento e avaliação, nos ajudou a inovar, refletir e melhorar as práticas de cuidados coletivos: queríamos definir a responsabilidade além da simples prestação de contas a doadorias, para incluir a prestação de contas a pares e parceiros, a fim de fortalecer nossas próprias práticas de prestação de contas dentro da equipe. Procuramos saber se, implementando práticas de aprendizagem reflexiva, podemos fortalecer nossas relações e avançar nosso aprendizado individual/coletivo, ajudando a nos tornarmos um fundo mais responsável, adaptável e receptivo.

Esta mesma empatia e cuidado são aplicados dentro da equipe onde a corresponsabilidade é praticada entre todas as integrantes. Por exemplo, há um compromisso de assegurar um fluxo simplificado de Apoios de Resposta Rápida, garantindo a saúde emocional, física e o bem-estar de cada integrante, proporcionando tempo de descanso e direcionando recursos para apoiar onde for necessário. No ambiente virtual, nossa visão é criar uma organização que pratique uma cultura feminista de compartilhamento e cuidado. Isto tem sido refletido nas formas como fomos capazes de continuar nosso programa enquanto cuidamos de nossa equipe durante esta situação pandêmica global sem precedentes.

Algumas das práticas sistemáticas que contribuíram para a cultura da nossa organização são as reuniões semanais da equipe nas Filipinas, do mesmo modo que as reuniões mensais com todo o grupo, que começam com um tempo dedicado a compartilhar preocupações pessoais e questões políticas antes de discutir atualizações profissionais, uma prática adotada a partir dos Fundos de Ação Urgente. Da mesma forma, fazemos retiros bianuais presenciais, onde tentamos ter espaço suficiente para nos conectarmos informalmente, e não apenas em momentos formais. Sempre realizamos um esforço honesto para tornar estes espaços mais abertos e seguros para que a equipe possa se fazer ouvir. Para manter viva a constante interação e troca que ocorre em um espaço de trabalho físico, criamos espaços online para intercâmbio social, que são cada vez mais utilizados para nos conectarmos além de nossas funções específicas de trabalho.

Como uma organização que está sempre aprendendo, criamos sessões formais para refletir sobre desenvolvimentos de programas específicos, e também para compartilhar reflexões pessoais como mulheres. Buscamos mais que resultados: nos encorajamos a valorizar o processo e os aprendizados.



CAPÍTULO 9

Visões de contextos Regionais do consórcio de Fundos de Ação Urgente

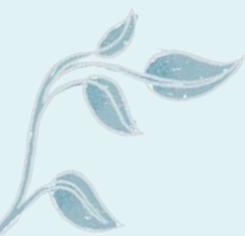


Desafios e oportunidades para fortalecer o cuidado, a proteção e a sustentabilidade dos movimentos feministas e de mulheres.

Apesar de responder a diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e até ambientais, os Fundos de Ação Urgente nas diferentes regiões experimentam obstáculos muito semelhantes que afetam severamente as ativistas feministas, não binárias e os movimentos de mulheres. Referimo-nos à expansão da extrema direita, que levou ao retrocesso de direitos e leis, à usurpação e exploração de territórios, utilizando a criminalização das comunidades indígenas, afro e camponesas, à militarização excessiva como forma de repressão e controle, e à violência no espaço digital, que assumiu maior importância agora, no contexto da pandemia da Covid-19, aplicando estratégias de vigilância e censura.

Abaixo, cada fundo detalha os contextos, desafios e oportunidades para os movimentos nas regiões onde trabalham, sempre tendo no centro o bem-estar, a sustentabilidade e o cuidado de quem defende os direitos humanos, os direitos das mulheres e todas as lutas decorrentes deste trabalho.

1. Contexto do Fundo de Ação Urgente para os Direitos das Mulheres (Urgent Action Fund for Women's Human Rights, UAF-WHR).



Desafios

Nos últimos anos, houve um aumento significativo da hostilidade e das reações contra a igualdade de gênero e o feminismo, e contra um mundo livre de violências, igualitário e justo que pretendemos criar. Como evidenciado globalmente, esta tendência pode estar intimamente ligada ao aumento geral das forças populistas de direita e extrema direita, e é exacerbada pela combinação catastrófica e duradoura do patriarcado, do racismo e da homofobia. Tanto a misoginia quanto a defesa dos modelos tradicionais e hierárquicos de gênero – e, não menos importante, a rejeição da homossexualidade, da diversidade sexual e de gênero – têm sido, até hoje, elementos centrais do pensamento nacionalista.

Nos Estados Unidos, sob a última administração Trump, as políticas regressivas que afetam os direitos humanos, os direitos civis e políticos básicos vêm piorando progressivamente. Isto teve um duplo impacto negativo no trabalho e na vida des ativistas mulheres, *trans**¹⁸ e não binários/dissidentes de gênero. Seu trabalho tornou-se muito mais intenso e exigente e, ao mesmo tempo, os ataques contra eles aumentaram, tanto pelo Estado através de políticas governamentais regressivas, militarismo, vigilância excessiva, maior aplicação da lei, quanto por atores não estatais, incluindo extremistas de direita, fascistas, supremacistas brancos, misóginos, fundamentalistas religiosos e xenófobos. Para complicar, há crescentes restrições aos protestos sociais e qualquer esforço para responsabilizar o governo, as corporações e aqueles em posições de poder têm sido criminalizados.

Comunidades de cor¹⁹, minorias sexuais e minorias religiosas vêm sofrendo há muito tempo traumas intergeracionais, racismo (além de todos os -ismos); o que foi exacerbado pela administração Trump. Como resultado, as ativistas destas comunidades são ainda mais vulneráveis e expostas a níveis significativos de ameaça atualmente. As corporações conspiram com o governo, especialmente nas indústrias extrativas, para explorar e causar danos a muitas comunidades de cor, populações de baixa renda e com educação limitada.²⁰

As ativistas ambientais que trabalham nestas comunidades enfrentam múltiplas ameaças físicas (violência de gênero, violência contra as mulheres, incluindo agressão sexual, sequestro e assassinato), bem como ameaças digitais e psicoemocionais de perpetradores estatais e não estatais em seu trabalho e ativismo.

¹⁸ Usando o termo **trans***, referimo-nos às identidades e expressões transexuais, transgênero, travestis e outras que desafiam o binário feminino/masculino e variam entre gerações e contextos.

¹⁹ Referimo-nos de modo geral às comunidades negras, de raça mista, indígenas, imigrantes, refugiadas e indocumentadas.

²⁰ Um dos muitos exemplos deste conluio foi visto no ano passado nos Estados Unidos, quando Energy Transfer Partners (ETP) e Dakota Access Pipeline cometeram abusos de direitos humanos contra o grupo Water Protector. A ETP e suas forças de segurança privadas são conhecidas por colaborar com as forças policiais locais, incluindo os departamentos do xerife da Louisiana, que se deslocaram para Dakota do Norte para apoiar o xerife do condado e as forças de segurança privadas em Standing Rock.

Semelhante ao que foi experimentado nos Estados Unidos, uma retórica anti-imigrante, **anti-black** e **anti-brown**²¹ está ganhando força na Europa Ocidental e Central, agravada por e profundamente ligada a uma onda de reações violentas contra os direitos humanos das mulheres. Na França, movimentos e coalizões feministas muçulmanos estão sendo abertamente atacados por autoridades estatais locais. Os direitos reprodutivos das mulheres na Polônia estão por um fio com o aumento do discurso de direita e a crescente repressão à liberdade de expressão e ao acesso ao aborto. O etnonacionalismo na Europa Ocidental e Central continua crescendo. Neonazistas, movimentos de extrema direita e grupos religiosos extremistas, antes na sombra, voltaram a emergir na esfera pública. Estranhos aliados, como nacionalistas, políticos conservadores e igrejas, estão aproveitando estes tempos turbulentos e trabalhando juntos para reverter os avanços nos direitos humanos e na justiça social. Alguns políticos estão justificando sua hostilidade contra as pessoas migrantes – especialmente muçulmanes – sugerindo que estas comunidades querem replicar a opressão das mulheres e das pessoas LGBTQ+ vista em seus próprios países. No entanto, os políticos estão usando esta retórica para fomentar o sentimento antimuçulmano, exarcebando as opressões mencionadas.

Na Rússia, na Europa Oriental e no Cáucaso do Sul, os movimentos de mulheres e pessoas LGBTQ+ enfrentam reações violentas de grupos fundamentalistas. Existe a tendência a uma criminalização generalizada dos protestos e qualquer ação que se oponha à crescente violência contra ativistas (em particular quem defende direitos), à descriminalização da violência doméstica e às críticas ao autoritarismo que está aumentando em todos os países. É preocupante que estes movimentos conservadores e de extrema direita estejam ganhando posições políticas importantes em países que estão passando por importantes reformas democráticas.

Na Turquia, o governo cada vez mais ditatorial de Erdoğan tem mostrado menos tolerância para quem desafia seus planos e não segue a linha oficial. Houve uma escalada do discurso de ódio contra a comunidade LGBTQ+. Políticos, organizações conservadoras radicais da mídia e instituições governamentais colocam na mira e ameaçam abertamente as comunidades LGBTQ+. Isto levou a altos níveis de estresse, ansiedade, depressão e trauma nes ativistas.

²¹ *Expressões racistas contra pessoas negras e de cor, não brancas.*





Neste contexto, es ativistas enfrentam múltiplas barreiras para ter acesso a cuidados e proteção, para se manter a si mesmas e entre elus, para sustentar seu trabalho e ativismo, e enfrentam circunstâncias extremas. Nas reflexões e trajetórias de quem defende os direitos humanos e LGBTIQ+, há traumas que são transmitidos de geração para geração,²² assim como traumas pessoais agudos e indiretos, que informam, motivam e, ao mesmo tempo, afetam seu ativismo. Entretanto, faltam espaços para explorar estes traumas e até mesmo para iniciar qualquer tipo de processo de sanação. É possível que muitos não estejam cientes do significado dos termos cuidado e proteção em seu trabalho, pois podem não ter sido reconhecidos, usados ou articulados como prioridades em seus movimentos. Portanto, é necessário destinar tempo, recursos e espaços seguros para trabalhar com os traumas e a cura coletiva.

Há necessidade de aumentar a conscientização, criar espaços para se expressar, compartilhar experiências, histórias e estratégias entre espaços e geografias, e assim construir comunidades de cuidados, a fim de apoiar a resiliência umas des outres para a sustentabilidade e adaptação. Permanece uma filosofia perigosa ou mito de que es ativistas se sacrificam e visam mudar a sociedade, que elus têm a casca dura e podem suportar muito, porque assumem este trabalho voluntariamente, e não são concebidas como pessoas com necessidades e desejos básicos que também devem ser atendidos e protegidos. Seu tempo é valioso e deve haver compensação e reconhecimento; seus direitos civis e políticos devem ser protegidos.

Oportunidades

Um dos destaques que vimos recentemente é o movimento **#MeToo**, que brilhou ao redor do mundo e ecoou em muitos cantos do globo. Milhões de mulheres e pessoas *trans** falaram e revelaram questões que tinham sido tabus por séculos em suas comunidades. Graças ao impacto deste movimento em lugares como a Geórgia, o assédio sexual é agora legalmente classificado como uma forma de discriminação. Antes de maio de 2019, o assédio sexual no local de trabalho não era punido. Existe a esperança de que a Geórgia influenciará positivamente os países do Cáucaso do Sul e da Ásia Central. O UAF-WHR acompanha esta questão de perto e está pronto para apoiar os movimentos feministas e LGBTIQ+ nestas regiões.

²² *Trauma relacionado a opressões estruturais como racismo, sexismo, guerra, ditaduras, ascensão do fascismo, regimes autoritários, movimentos antigênero, violência de gênero, incluindo violência doméstica, violações dos direitos civis, políticos e humanos, entre outros.*

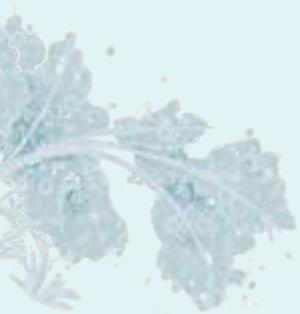
Temos visto o aumento da visibilidade dos grupos de direitos das pessoas com deficiências em todas as regiões e conseguimos contribuir com esta luta. Graças ao nosso apoio direto, um grupo russo que trabalha com lésbicas com deficiências conseguiu criar um website acessível para pessoas com deficiências, gerando uma oportunidade de aumentar a visibilidade desta comunidade.

As organizações de direitos humanos na Polônia lutaram vigorosamente por anos para defender o direito de escolha das mulheres e seu acesso aos serviços de saúde, desafiando as leis restritivas do aborto. Temos sido capazes de apoiar seu trabalho com subsídios de Oportunidades para estratégias de conscientização, utilizando narrações e fotografias para ilustrar as formas pelas quais as mulheres têm resistido e feito escolhas legítimas para si mesmas. No Oriente Médio, os Apoios de Resposta Rápida têm ajudado cada vez mais a apoiar a realocação de ativistas LGBTQ+ do Iêmen e da Síria, onde a intimidação de grupos armados e comunidades conservadoras unem forças para ameaçá-les e difamá-les. Também apoiamos grupos feministas que vivem e trabalham em uma sociedade muçulmana altamente patriarcal no norte do Cáucaso russo.

2. Contexto do Fundo de Ação Urgente da África (Urgent Action Fund - Africa UAF-A).

Desafios

Há uma série de desafios que colocam as tendências a que frequentemente nos referimos quando falamos do “fechamento de espaços para a sociedade civil”. Eles incluem um contexto regional caracterizado pelo crescente militarismo em alguns países africanos, como Nigéria, Guiné, Côte D’Ivoire, Marrocos, Zimbábue, Gâmbia, Argélia, Eritreia e Egito. As experiências de ativistas feministas e não binários variam no contexto da Libéria – onde a resposta militarizada à doença do vírus Ebola impactou a segurança das mulheres nas comunidades afetadas e as reações públicas, pois a presença militar evocou memórias de guerra civil e conflitos, e levantou questões sobre a confiança pública no governo e seu tratamento da propagação da doença – até o leste da República Democrática do Congo, uma região a partir da qual vários grupos rebeldes operam e cometem crimes contra as mulheres.



Por outro lado, existem diferentes formas de fundamentalismo, que variam de acordo com o contexto. O fundamentalismo religioso inclui o aumento do poder das igrejas pentecostais e sua capacidade de reproduzir discursos heteronormativos homofóbicos que tiveram um impacto direto nas políticas públicas. Um exemplo deste poder é a Lei Anti-Homossexualidade de Uganda de 2014, que, embora proposta localmente, foi motivada por fundamentalistas cristãos estadunidenses de direita. Para criminalizar a homossexualidade, os Estados trabalham em conjunto com atores não estatais em ações de controle, sob o pretexto da cultura e da religião.

Também temos visto o surgimento do fundamentalismo cultural, evidenciado em alguns contextos por esforços de moralização dos espaços públicos, violando os direitos e liberdades pessoais. No Burundi, por exemplo, uma lei assinada pelo presidente Nkurunziza instruiu todos os casais a legalizar seus relacionamentos até o final de 2017, com o objetivo de criar uma “sociedade burundiana mais moral”.

A criminalização do ativismo realizado por mulheres defensoras dos direitos humanos é outra tendência preocupante, e se manifesta de diversas maneiras. Ela é expressa em leis e ações administrativas que dificultam o trabalho das mulheres ativistas. Por exemplo, leis que restringem o financiamento estrangeiro ou legislação vaga que pretende proteger “a moral” ou “valores tradicionais” são usadas para atacar a defesa dos direitos, especialmente os direitos sexuais e reprodutivos. A criminalização também se manifesta em processos de deslegitimação e estigmatização com o objetivo de prejudicar a imagem pública das defensoras e normalizar o ataque contra elas. As defensoras têm sido constantemente chamadas de “mães ruins” ou “putas” que procuram destruir a moralidade da sociedade, com o objetivo de silenciá-las e legitimar a perseguição contra elas.

Vemos também o aumento da violência on-line. Como a internet tem sido uma ferramenta importante para as ativistas feministas e não binárias disseminarem informações, defenderem, mobilizarem, organizarem e promoverem os direitos humanos, elas têm enfrentado uma violência em constante evolução: desde o *trolling* e a perseguição, à pornografia de vingança e manipulação de imagem, até o recebimento de ameaças on-line, e inclusive o uso constante de novas ferramentas destinadas à vigilância e à censura. Os governos podem agora usar táticas diferentes para produzir em massa seu próprio conteúdo, a fim de distorcer o cenário digital a seu favor, sem tornar explícita a natureza patrocinada de tal conteúdo.

Há atores não estatais (como as empresas) que abordam mais as questões de direitos da mulher através do uso de estruturas técnicas, tais como

impacto social, empreendedorismo e investimentos nos direitos da mulher. Fazendo isso, eles tratam sintomas em vez de problemas estruturais, o que dilui os argumentos feministas e de justiça social. Com relação a isto, temos visto o aumento da cooptação corporativa na África, a apropriação de terras para mineração e agronegócios por empresas multinacionais.

A pandemia da Covid-19 trouxe inúmeros desafios para a sociedade civil. Por exemplo, envolveu a implementação de severas restrições ao direito de reunião e à liberdade de expressão. Vários governos, incluindo Uganda, Camarões, Maláui, Zâmbia, Egito e Argélia utilizaram a pandemia para justificar ataques a jornalistas, ativistas e profissionais da saúde que questionam as respostas do governo. Além disso, foram introduzidas leis vagas criminalizando a disseminação de notícias falsas (*fake news*), e há incerteza sobre as estruturas de vigilância que foram introduzidas neste contexto e como elas afetarão o exercício dos direitos no futuro, bem como implicações para questões como a liberdade na Internet e a violência on-line.

Como todos os atores da sociedade civil, as ativistas feministas foram afetadas pela pandemia. No entanto, enfrentaram desafios adicionais, incluindo a reação e a difamação quando chamam a atenção para os impactos de gênero da pandemia e denunciam como os governos não os consideraram na formação de políticas e no planejamento.

As mulheres ativistas também enfrentaram contextos em que muitos Estados utilizaram as forças armadas para implementar o toque de recolher, distribuir alimentos e kits de higiene, e tomar outras medidas consideradas necessárias para a proteção. O efeito que a militarização das crises sanitárias possui sobre a vida das mulheres raramente é analisado. Em muitos aspectos, a segurança das mulheres foi comprometida. A mobilização das forças armadas foi acompanhada por um discurso de “guerra contra o vírus”, que destacou as lutas para lidar com a pandemia devido ao subfinanciamento dos sistemas de saúde pública e à fragilidade dos sistemas de governança e proteção social que deixaram milhões de pessoas sem apoio.

A pandemia também levantou sérias questões em torno da economia. Ativistas feministas há muito criticam as políticas neoliberais e o enfoque exclusivo no fundamentalismo do desenvolvimento. Na medida que os Estados se afastam dos efeitos econômicos da pandemia, as reivindicações de direitos econômicos provavelmente serão enfrentadas com repressão ou, na melhor das hipóteses, com fortes críticas. A pandemia tem sido, e continua sendo, uma época de grande estresse; isto é somado ao estresse “normal” do ativismo. As ativistas estão lidando com burnout, problemas de saúde mental e física mais do que nunca, que levam a doenças crônicas e até



mesmo ao colapso de suas organizações. Isto nos exige pensar e elaborar estratégias para apoiar es ativistas, especialmente em um contexto que pode envolver futuros desafios de financiamento, dada a possibilidade de uma crise econômica global. O espaço da sociedade civil é volátil e mutável; a terminologia de “fechar espaços” pode ser limitativa, pois transmite uma imagem imprecisa de que o ambiente operacional sempre foi aberto, quando o espaço para ativismo nunca foi propício a ativistas. O espaço muda, abre ou fecha, dependendo de fatores inter-relacionados.

Oportunidades

Além dos desafios, o contexto também revela experiências de resiliência de ativistas que encontram maneiras de colaborar, construir alianças, falar e lidar com lacunas entre diferentes agências governamentais, a fim de encontrar locais para gerar influência. Por exemplo, uma das organizações que apoiamos no Egito, que fazia teatro de rua, estava enfrentando muitas dificuldades para realizar este trabalho, portanto fez uma parceria com cineastas mulheres para aprender com suas experiências de como filmar com segurança nas ruas. Ativistas em Uganda conseguiram impedir o deslocamento de comunidades de suas terras, aproveitando o fato de que o sistema judicial ugandês ainda tem a possibilidade de reparação por violações de direitos, uma vez que o judiciário mantém um nível de independência em relação ao governo.

Também descobrimos que as intervenções apoiadas, frequentemente resultam na formação de novas colaborações ou alianças. Por exemplo, um grupo no Zimbábue que apoiamos para realizar atividades que promoveram e defenderam os direitos das mulheres vendedoras com deficiências durante um período de agitação em Harare e Bulawayo. As mulheres foram treinadas para se protegerem enquanto vendiam, e ao final do período de formação criaram um grupo de segurança nas 2 regiões, onde compartilham dicas e criam alertas s antes que ocorram ameaças à segurança.

Es ativistas feministas e não binárias estão trabalhando cada vez mais para criar novas culturas de ativismo baseadas em práticas de autocuidado e cuidados coletivos, apoio mútuo e bem-estar. Auxiliamos um grupo na Tunísia, por exemplo, para estabelecer um mecanismo de apoio coletivo com elementos que incluem a disponibilidade de sessões psicossociais grupais e individuais para cada integrante do grupo, não apenas para quem está na linha de frente.



A pandemia da Covid-19 demonstrou a criatividade e a capacidade de resposta dos ativistas e grupos feministas que preencheram as lacunas que muitos governos não conseguiram preencher (incluindo a mudança do seu trabalho de projetos de longo prazo para a ajuda emergencial, informando as comunidades sobre o vírus, combatendo os esforços do Estado para estender medidas severas usando a pandemia como desculpa etc.). Tais esforços poderiam ajudar os ativistas feministas a aumentar sua força coletiva e fortalecer sua legitimidade aos olhos do público. É importante pensar nas medidas que podem ser tomadas para ajudar a sociedade civil a estabelecer a narrativa de que seu trabalho foi crítico durante a pandemia, pois poderia afetar o futuro da sociedade civil e do espaço cívico. Há também uma grande oportunidade de apoiar a defesa que os ativistas vêm fazendo há anos para destacar a miopia das políticas neoliberais e um enfoque exclusivo no fundamentalismo do desenvolvimento, já que os efeitos de tais prioridades ficaram dolorosamente evidentes durante a pandemia da Covid-19. Apoiar a documentação destes efeitos e destacar as alternativas feministas é extremamente importante.

Durante a pandemia, os ativistas encontraram diferentes formas de fazer seu ativismo para se adaptar ao “novo normal”, o que também significou um foco mais concentrado na importância do cuidado coletivo, colocando o bem-estar no centro do trabalho. Esta é uma grande oportunidade para ilustrar a importância de apoiar abordagens coletivas dos cuidados como elementos centrais para sustentar os movimentos. Compreendemos, cada vez mais, a importância das redes para o bem-estar dos grupos feministas; nestas redes, as estratégias são desenvolvidas e lideradas pelas próprias mulheres e, portanto, elas são capazes de usar seu conhecimento para responder às necessidades de situações específicas. O foco nas redes deve envolver o desenvolvimento de lideranças de movimento para fortalecer as habilidades políticas e o poder coletivo dos ativistas, ao invés de pressionar pela liderança coletiva, que contribui para a sustentabilidade e segurança dos movimentos de longo prazo. Há uma grande oportunidade para os grupos compartilharem suas abordagens de cuidado coletivo que lhes permitiram se sustentar durante esses tempos difíceis; isto forneceria informações importantes em um momento em que há um maior reconhecimento da importância de apoiar as necessidades de bem-estar dos ativistas.





3. Contexto econômico e sociopolítico do Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe de língua espanhola.

Desafios

A América Latina e o Caribe continuam sendo a região mais perigosa para as pessoas que defendem os direitos humanos. De acordo com a última análise global feita pela *Frontline Defenders*, a Colômbia possui o maior número de ativistas assassinados em 2019 no mundo, seguida por Honduras, México e Brasil. O contexto recente na região foi marcado pelo aumento de múltiplas explosões sociais em países como Equador, Chile, Colômbia e Bolívia, e pela continuação das crises políticas em países como Nicarágua, Argentina, Honduras e Guatemala. A maioria destes surtos – que demonstraram o poder das juventudes e a capacidade dos movimentos para articular múltiplos setores sociais – surgiu em resposta a medidas governamentais específicas, tais como os cortes nos subsídios de combustível no Equador e o aumento no preço do transporte público no Chile. Porém, para além disso, estas explosões respondem às demandas históricas dos movimentos sociais por uma transformação profunda do modelo democrático e socioeconômico, justiça ambiental e construção de uma paz duradoura e sustentável.

Em resposta às mobilizações, os governos aumentaram a militarização, a repressão de protestos sociais com milhares de pessoas feridas, torturadas e mortas, a criminalização da sociedade civil, a vigilância digital e as violações da liberdade de expressão. Em todos os países, estes ataques mostram formas específicas de violência contra indígenas, afrodescendentes, mulheres, **trans** e pessoas dissidentes de gênero. Neste contexto, es ativistas continuam resistindo a violações estruturais que estão embutidas em múltiplos sistemas de opressão e que foram exacerbadas durante as crises políticas enfrentadas pela maioria dos países da região. Em 2020, estas violações históricas e crises anteriores foram agravadas no contexto da pandemia da Covid-19.

Governos de direita, autoritários e conservadores fortaleceram-se na maioria dos países da região nos últimos anos, o que gerou retrocessos nos direitos

já conquistados pela luta dos movimentos sociais e feministas, e promoveu políticas discriminatórias contra povos indígenas, afrodescendentes, camponeses, mulheres e pessoas LGBTQI+. Neste sentido, es ativistas enfrentam uma crescente violência estrutural manifestada através de múltiplos ataques a suas vidas e integridade, incluindo criminalização, estigmatização, assédio, violência sexual e assassinatos.

Os grupos religiosos fundamentalistas e de direita em todos estes países opõem-se à mudança social, promovem o discurso de ódio, exacerbam o racismo estrutural, a xenofobia e protegem corporações e grupos de poder. Eles até desconsideraram a secularidade dos estados, impondo a bíblia, como no caso da Bolívia, durante a instalação de um novo governo ilegítimo. Esses grupos reforçaram o discurso de ódio e as estratégias contra os direitos das mulheres e das pessoas LGBTQI+. Eles não apenas fortaleceram suas alianças, mas também sua participação direta nas estruturas formais de poder no âmbito nacional e local, assumindo discursos messiânicos que demonizam as práticas espirituais ancestrais e alimentam uma religiosidade popular, que valida a prática do governo a partir da religião.

Aquelus que defendem o território e suas comunidades continuam resistindo ao modelo extrativista, que tem um caráter misógino e racista, e que perpetua o colonialismo e a usurpação de territórios, principalmente de comunidades indígenas, negras e camponesas. A América Latina e o Caribe continuam sendo as regiões mais perigosas para a defesa da terra, do território e da natureza; atualmente, ocorrem 70% de assassinatos²³ contra ativistas que trabalham com estas causas. Neste contexto, aqueles que defendem o território enfrentam a criminalização, a estigmatização, o assédio, as tentativas de assassinato e diversas formas de violência por parte de atores estatais e não estatais agindo em conluio. Da mesma forma, sua liderança continua sendo questionada e enfrentam a violência de seus pares em organizações mistas e comunitárias.

Há uma falta geral de medidas de proteção estatal para ativistas, falta de vontade política para reconhecer as causas estruturais da violência contra elus e criar mecanismos para garantir seus direitos fundamentais (especialmente o **direito de defender os direitos**). Também não há acesso à justiça e quase todos os crimes contra elus ficam impunes. Os sistemas de justiça reproduzem a discriminação e operam com estereótipos racistas, sexistas e classistas.

²³ *Front Line Defenders. (2021). Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/en>.*



Hoje, um elemento ainda mais relevante comparado ao contexto em que foi publicado o livro *Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?* é a violência que es ativistas enfrentam no espaço digital, pois esta é uma das áreas em que o ativismo feminista ganhou muita força. Neste sentido, es ativistas correm o risco de enfrentar violência nas mídias sociais, estigmatização e campanhas de difamação (muitas vezes de natureza sexista e racista); devem enfrentar o hackeamento e o fechamento dos websites de suas organizações, vigilância, roubo de dados e outros ataques à sua segurança digital.

Em função das desigualdades sociais estruturais, es ativistas muitas vezes vivem e trabalham em condições precárias. Devido ao fechamento de espaços para as organizações da sociedade civil, es ativistas enfrentam dificuldades crescentes na criação de suas organizações e, em muitos casos, seu status legal e contas bancárias foram cancelados. Assistimos atualmente a uma redução no financiamento dos movimentos na região, uma vez que não está sendo priorizada de forma abrangente por alguns governos e doadorias. A situação é ainda mais complexa agora, devido à crise financeira e socioeconômica durante e após a pandemia da Covid-19

Desafios no contexto da crise gerada pela pandemia da Covid-19

A crise sanitária, social e econômica gerada pela pandemia da Covid-19 trouxe novos desafios para ativistas e movimentos feministas. Este contexto aprofundou os problemas estruturais do modelo socioeconômico e político, e aumentou os riscos para ativistas que já enfrentavam crises políticas ou democráticas, por isso afirmamos que estão vivendo crises simultâneas. A situação mais preocupante é a falta de garantias dos direitos humanos básicos, o colapso de sistemas de saúde que já estavam debilitados, e a inacessibilidade de alimentos, água e eletricidade.

Governos latino-americanos como os da Nicarágua, Colômbia, Guatemala, Honduras e Chile aumentaram a militarização e as restrições às liberdades fundamentais: a polícia e as forças militares cometeram múltiplas violações dos direitos humanos. Além disso, a resposta à pandemia vem sendo usada como desculpa para fortalecer o autoritarismo e a criminalização; es ativistas têm sido alvo, especialmente aqueles pertencentes a comunidades urbanas afrodescendentes, indígenas, marginalizadas e pessoas LGBTQI+. Pessoas **trans** e não binárias enfrentaram a criminalização e a violência por parte das forças policiais, já que sua mobilidade foi limitada pela implementação temporária de medidas restritivas baseadas no gênero, como na Colômbia, no Peru e no Panamá.



Todas as formas de violência e exploração sexual aumentaram durante a pandemia, afetando particularmente as mulheres que enfrentam múltiplos tipos de discriminação. Os mecanismos de prevenção e atenção a estas formas de violência, já precários, entraram em colapso.²⁴ Os ataques contra as pessoas defensoras não cessaram; os altos índices de assassinatos, violência física, sexual e assédio persistem. Da mesma forma, a vigilância, a perseguição e a difamação on-line aumentaram, particularmente contra ativistas feministas que questionam as medidas governamentais por serem excludentes e carentes de uma perspectiva de gênero.

Finalmente, frisamos que as atividades extrativistas não pararam. Alguns projetos que haviam sido paralisados pela resistência comunitária estão sendo reativados legalmente, incentivados pelos governos, ou ilegalmente, através do uso da força. Para mais, alguns países como Argentina²⁵, Equador²⁶ e República Dominicana²⁷ estão planejando aumentar a mineração e o fracking como estratégias de recuperação financeira após a crise da Covid-19.

As injustiças estruturais, associadas a crises simultâneas, geram múltiplos impactos no bem-estar emocional, físico e espiritual des ativistas no âmbito pessoal e coletivo. Com a crise da Covid-19, es ativistas estão sob maior pressão para apoiar e garantir as necessidades básicas de suas famílias, comunidades e organizações, além das próprias. É importante ressaltar que elus agora enfrentam maiores impactos emocionais e físicos: a maioria está lidando com sentimentos de medo, raiva,

²⁴ Na Colômbia, a demanda por serviços de resposta a emergências aumentou 91%, no México 35% e na Argentina 25%. Além disso, as medidas restritivas e a crise nos sistemas de saúde reforçaram as barreiras para garantir os direitos sexuais e reprodutivos, especialmente o acesso ao aborto seguro. Disponível em: <https://www.france24.com/es/20200406-repunte-violencia-machista-cuarentena-coronavirus-mujeres-victimas>; <https://drive.google.com/file/d/1jew7rwBA09ub6dgROme4uFaOwYaF6hHv/edit>; <https://www.unwomen.org/en/digital-library/multimedia/2020/4/infographic-covid19-violence-against-women-and-girls>.

²⁵ AIM. (2020). "El gobierno profundiza su idea de modelo extractivista". Disponível em: <https://www.aimdigital.com.ar/parana/el-gobierno-profundiza-su-idea-de-modelo-extractivista.htm>.

²⁶ El Mercurio. (2020). "Minería, una opción más que disputada para reactivar la economía en Ecuador". Disponível em: <https://ww2.elmercurio.com.ec/2020/05/08/mineria-una-mas-que-disputada-opcion-para-reactivar-la-economia-en-ecuador/>.

²⁷ Front Line Defenders. (2021). Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/en>.



desesperança e ansiedade, sem mencionar a perda de entes queridos e o impacto na sua própria saúde. Fora isso, tiveram que lidar com o aumento da carga de trabalho em suas organizações, casas e comunidades, e enfrentar a sensação de não poder parar em resposta ao contexto. Elus também enfrentaram o desafio de encontrar alternativas para se sustentarem, mantendo-se conectados entre elus, superando as barreiras digitais e de comunicação.

Desafios internos

Há uma maior consciência da importância do cuidado nas organizações, mas ainda é necessário consolidar as práticas de cuidado e proteção – principalmente na esfera coletiva – e ampliar os espaços de reflexão sobre a questão. É essencial continuar aprofundando a reflexão dentro dos movimentos sobre as formas organizacionais, a fim de criar mais espaço para lideranças compartilhadas, horizontais e diversas que fortaleçam o poder comunitário. Da mesma forma, é vital continuar abrindo lugares seguros, incentivar processos cautelosos para discutir tensões e conflitos e buscar a cura pessoal e grupal, com o objetivo de fortalecer a sustentabilidade dos movimentos e sua capacidade de lidar com riscos externos. Finalmente, o progresso valioso na construção de movimentos cada vez mais interseccionais, autocríticos e inclusivos deve ser reconhecido. Devemos continuar transformando práticas e ampliando perspectivas para garantir que nenhuma voz ou experiência seja invisível e discriminada.

Oportunidades

A crise gerada pela pandemia evidenciou mais uma vez a insustentabilidade de um modelo de sociedade e de um sistema socioeconômico que contradiz a vida e coloca o crescimento econômico no centro dos direitos humanos, do bem-estar das pessoas e de uma relação harmoniosa com a natureza. O momento atual nos abalou em todos os sentidos, e nos proporciona oportunidades para repensar e expandir as formas em que entendemos e vivemos a proteção, o cuidado e a sustentabilidade dos movimentos e da própria vida. Ele nos apresentou a possibilidade e a necessidade de construir um “novo normal”, sabendo que o estado anterior à pandemia da Covid-19 não é o mundo no qual queremos e podemos viver. Este momento destacou o poder dos laços e práticas coletivas e comunitárias que sustentam a vida e permitem a proteção coletiva, tanto a respeito da saúde quanto dos



riscos permanentes que foram reconfigurados ou acentuados durante a pandemia. Da mesma forma, a pandemia nos mostrou a relevância das redes de apoio para permitir o cuidado e não apenas para responder às necessidades básicas. A precisão do cuidado recíproco surgiu assim diante dos impactos emocionais da crise.

O momento atual demonstrou a imensa capacidade des ativistas e de suas organizações para se adaptar e criar novas formas de continuar sustentando a si mesmas e seu trabalho, apesar das dificuldades e do distanciamento físico. Isto abre uma oportunidade para reinventar formas organizacionais a partir do coletivo e da comunidade, colocando a saúde e o bem-estar do grupo no centro das prioridades. Neste sentido, acreditamos que haja uma oportunidade de aumentar a multiplicidade de práticas culturais de proteção coletiva, que estão enraizadas em múltiplas cosmovisões, espiritualidades e legados culturais dos povos, e que já são abraçadas e recuperadas por um grande número de ativistas.

Há maior consciência e espaços para reflexão sobre a importância dos cuidados e da proteção, e enorme criatividade em torno das práticas de cuidados, sejam elas novas ou recuperadas (especialmente no âmbito pessoal). Existe um interesse crescente em fortalecer as práticas coletivas, com base no reconhecimento de que a proteção não é algo externo e oferecido inteiramente pelo Estado. Ao destacar poderosas reflexões da região sobre a natureza política do cuidado, articulada e vital para os ativismos feministas e não como algo instrumental, são geradas posições críticas diante da mercantilização do cuidado e das imposições dos discursos baseados no privilégio.

O reconhecimento de uma intenção crescente de aprender, dialogar e trocar experiências em torno de cuidados e proteção, e a documentação destes processos abre caminho para o aprendizado coletivo. Estes diálogos são intergeracionais e interculturais, reúnem a memória e honram a sabedoria daquelas pessoas que abriram caminhos e daquelas que agora os estão construindo a partir de outras realidades e experiências.





4. Contexto do Fundo de Ação Urgente da Ásia e do Pacífico (Urgent Action Fund - Asia and The Pacific UAF-A&P).

Desafios

Durante a última década, experimentamos o fenômeno global da integração da política de extrema direita. Ativistas, particularmente mulheres e pessoas não binárias, enfrentam ataques intersetoriais, decorrentes de estruturas sociais conservadoras e valores patriarcais, governos autoritários e fundamentalismos crescentes. Estas tendências também refletem as realidades da região da Ásia e do Pacífico. Vimos o surgimento de lideranças autoritárias, eleitas para altos cargos em seus países através de processos democráticos, e a consequente erosão dos valores dos direitos humanos e das práticas democráticas. Esta é simultaneamente a causa e a consequência de um ambiente cada vez mais hostil aos direitos humanos, aos direitos das mulheres, à justiça ambiental, climática e a outros valores progressistas.

Ideias populistas, retóricas fundamentalistas e discursos antidireitos se instalaram nos ambientes e ganharam legitimidade à medida que os líderes embarcavam a caminho das vitórias eleitorais nestas plataformas. Por exemplo, as eleições na Tailândia e no Camboja precederam uma eliminação agressiva das práticas democráticas, incluindo a detenção de líderes da oposição, a proibição destes partidos políticos opositores e a captura de ativistas. Atualmente, estamos vendo uma usurpação descarada do poder pela força militar em Mianmar, que desmantelou o governo civil democraticamente eleito e está agora envolvida diariamente em violência contra a população.

As táticas governamentais para suprimir a dissidência compreendem: criminalização, incluindo assédio judicial e prisões ilegais, imposição de encargos administrativos e restrições financeiras, que dificultam o funcionamento das organizações, e o uso de violência direta, para citar alguns. Para legitimar estes ataques, os governos adotaram políticas e leis que perpetuam narrativas como “guerra contra as drogas”, “guerra contra o terrorismo”, “campanhas contra o tráfico de drogas”. Estas narrativas alimentam ainda mais a revitimização daqueles que sofrem desigualdades estruturais.

O espaço já limitado para a sociedade civil e o ativismo na Ásia foi ainda mais reduzido por uma série de leis nacionais rigorosas destinadas a colocar a sociedade civil sob controle estatal e aumentar a repressão contra ativistas, incluindo advogades, jornalistas e também cidadãos comuns que criticam o governo. Vários países introduziram leis e regulamentos vagos, bem como a aplicação discriminatória de leis que já existiam a fim de silenciar pessoas dissidentes. Por exemplo, China, Índia, Camboja e agora Tailândia aprovaram leis que afetam diretamente as operações das ONGs. Da mesma forma, os Estados que se envolvem em violência sistemática contra ativistas es privaram de mecanismos para buscar justiça e reparação por violações de direitos. Além disso, as leis e medidas que regulam a Internet e a segurança cibernética foram ampliadas para limitar a liberdade de expressão e a independência da mídia em vários países.

Os direitos humanos como valores universais estão sendo questionados e desafiados como “valores ocidentais” e como uma imposição contra as culturas orientais. Estas narrativas são perpetuadas direta ou indiretamente por líderes políticos para seu próprio benefício. Ativistas que promovem os direitos da mulher, os direitos sexuais e reprodutivos e a luta contra a violência doméstica são acusades de “promover ideias e valores ocidentais”, ser “antinacionalistas”, “desrespeitar a cultura e religião locais”, entre outros rótulos que es colocam em maior risco.

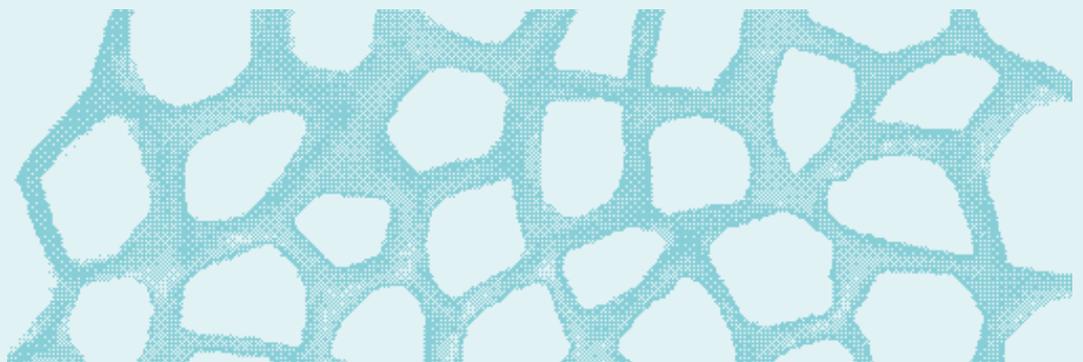
Atualmente, há uma proliferação de narrativas que desacreditam os valores internacionais dos direitos humanos e os questionam como uma imposição ocidental às culturas orientais. Sob esta premissa, es ativistas que os defendem são estigmatizadas, até mesmo acusades de utilizar esse discurso para ganho pessoal e financeiro. Es ativistas feministas e não binárias – especificamente aqueles que trabalham com direitos da mulher, saúde sexual e reprodutiva, violência doméstica e outras questões – foram acusades de promover ideais e valores ocidentais, ou de serem antinacionais e desrespeitoses de sua cultura e religião.

Isto é ainda mais exacerbado em países com um número crescente de fundamentalistas religiosos que ganharam mais poder através das principais políticas eleitorais. Por exemplo, líderes eleitos na Indonésia fizeram ameaças abertas contra as comunidades LGBTQ+, resultando em ataques físicos contra elas e na destruição de suas propriedades e instalações. Em Bangladesh, es ativistas estão preocupades com o aumento dos sinais visíveis que indicam uma gradativa “islamização” do país (por exemplo, a inclusão de lenços de cabeça nos uniformes das meninas). Da mesma forma, na Malásia, es ativistas alertaram sobre o impacto nas mulheres e meninas da divulgação de leis e políticas em conformidade com a Shari’a.

Ademais, as regiões da Ásia e do Pacífico também foram fortemente afetadas pela mudança climática: desde tufões nas Filipinas e países do Pacífico até enchentes nos países do Sul da Ásia. Eles incluem os impactos do aumento do desmatamento e da infraestrutura relacionada ao desenvolvimento que resultaram no deslocamento de comunidades, na crescente insegurança alimentar e na diminuição do acesso à terra e à água para as comunidades indígenas.

Adicionalmente, a crescente influência corporativa resulta na privatização de serviços e bens públicos, desgastando a proteção social e forçando as comunidades a se tornarem ainda mais marginalizadas. Os Estados destas regiões continuam em conluio com empresas de investimento privadas e estrangeiras, intensificando a desapropriação de terras comunitárias e a extração de recursos naturais para projetos de desenvolvimento. Isto tem impactos negativos sobre as terras tribais e indígenas, incluindo o deslocamento dos povos indígenas e a destruição de seus modos de vida. Es ativistas dos direitos da terra e da justiça ambiental são alvo de forma desproporcional tanto por parte de atores estatais e não estatais, empresas privadas, grupos de interesse local, máfias da terra etc., incluindo serem desaparecidos ou mortos.

Os riscos para ativistas mulheres e não binários são aumentados pelas desigualdades de poder existentes e pelas normas socioculturais e políticas patriarcais. Os ataques contra ativistas não binários são personalizados; são exercidos para depreciá-les e desacreditá-les enquanto seres humanos, atacando sua sexualidade, suas famílias e suas comunidades. As normas conservadoras na maioria dos países da região significam que es ativistas muitas vezes não têm o apoio de suas comunidades e famílias quando se engajam em seu ativismo. São acusades de não cumprir seus deveres para com suas famílias e de colocá-las em perigo. A falta de apoio familiar e comunitário aumenta sua vulnerabilidade a riscos e ameaças, incluindo violência de gênero, e afeta sua capacidade de acessar os sistemas de apoio disponíveis.



Além disso, estas normas opressivas também ocorrem dentro da própria comunidade de direitos humanos, onde a violência física e psicológica é perpetrada contra ativistas não binários. Estas violações raramente são documentadas de forma sistemática, pois os perpetradores não são considerados como “os perpetradores habituais”. Também vale a pena notar que denunciar a violência dentro da comunidade pode ser visto como um enfraquecimento dos movimentos sociais.

Este contexto hostil ao ativismo dos direitos humanos e às práticas democráticas foi exacerbado pela pandemia da Covid-19, utilizada como munição para reduzir ainda mais os espaços para a sociedade civil. A intimidação, o assédio e a prisão de ativistas em países como as Filipinas, Índia, Sri Lanka e Bangladesh continuam em meio ao confinamento, juntamente com a consequente insegurança econômica e alimentar enfrentada por milhões de pessoas marginalizadas que não têm acesso à assistência governamental. Os governos têm usado a pandemia como pretexto para consolidar ainda mais seu poder através da imposição de medidas de emergência que supostamente respondem à crise sanitária. A necessidade da saúde pública para suprimir o vírus tem sido explorada pelos governos para restringir as liberdades fundamentais. Es ativistas, muitas vezes subsistindo em meios de vida precários, enfrentam desafios adicionais, tanto no que se refere à sua sobrevivência pessoal quanto à sustentabilidade de seu ativismo.

Oportunidades

A sociedade civil que trabalha para promover os direitos humanos está relativamente bem desenvolvida nas regiões da Ásia e do Pacífico. Há muitas organizações que se ajustam às normas e valores feministas em sua abordagem para o avanço dos direitos humanos. Elas possuem uma rica experiência trabalhando no contexto comunitário, assim como no contexto nacional e internacional, para elevar as agendas feministas. Da mesma forma, existe uma riqueza de conhecimentos e recursos nestes grupos para fortalecer e construir redes e alianças. Alianças mais fortes com as redes existentes e a criação de novas redes criarão oportunidades para explorar conjuntamente sistemas de segurança e cuidado para mulheres, feministas e ativistas não binários em escalas regionais e nacionais.

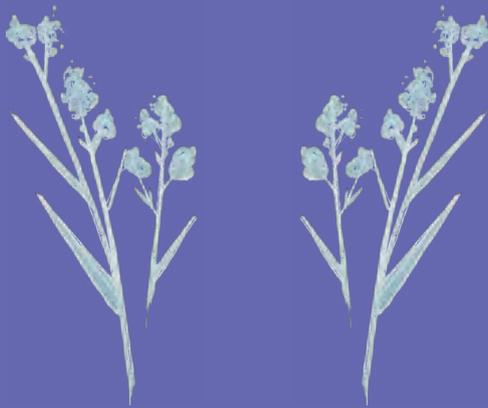
Na esfera digital, o uso da Internet, especialmente das mídias sociais, aumentou exponencialmente na Ásia, devido ao aumento do uso do telefone celular, com 45% dos usuáries de Internet móvel. Embora as forças antidemocráticas e regressivas tenham manipulado as

ferramentas e plataformas, as organizações também utilizaram as ferramentas disponíveis como forma de resistência. Um exemplo convincente foi o uso de plataformas de mídia social por jovens ativistas em Hong Kong, Tailândia e Mianmar.

Na medida em que vemos as plataformas da Internet e as mídias sociais como uma oportunidade para desenvolver o cuidado e a proteção, também estamos cientes dos limites de acesso e exclusão, particularmente a exclusão de ativistas em contextos rurais e comunitários. Isto é ainda mais recorrente no contexto desta pandemia, pois as reuniões presenciais foram limitadas. O aproveitamento da expansão da tecnologia da Internet, incluindo plataformas de redes sociais, deve considerar esta exclusão e melhorar as relações comunitárias que são cultivadas em espaços off-line e com garantias de medidas de segurança digital.

Há outra oportunidade presente no contexto histórico, cultural e social de ambas as regiões que aumenta a segurança comunitária e as redes de cuidado: as culturas e práticas indígenas das regiões que promovem o cuidado coletivo e o compartilhamento, e que enfatizam as relações comunitárias. Apesar do contexto de “direitos religiosos”, “valores familiares” e “preservação das práticas culturais tradicionais” serem explorados por grupos antidireitos, existem práticas indígenas nestas regiões que alimentam a ligação e a resiliência dos ativistas em suas comunidades. Existem oportunidades para reimaginar a segurança e o cuidado com ativistas feministas e não binários, destacando os conceitos destas culturas: compartilhar e cuidar coletivamente através do empoderamento coletivo dos ativistas e suas comunidades minoritárias para reinterpretar, escolher e redesenhar essas práticas, e descartar aquelas que minam e violam seus direitos.

Finalmente, a oportunidade está no advento de fontes de financiamento feministas emergentes na região que procuram quebrar as relações tradicionais doador-parceiro e apoiar atividades de construção de movimento de base, por exemplo, o Fundo de Mulheres da Ásia – no âmbito regional – e o Fundo de Mulheres de Fiji – no âmbito nacional. Esta perspectiva feminista adotada por estas financiadoras e o modelo que elas estão criando incentiva as organizações e redes a se concentrarem também no bem-estar e no cuidado dos ativistas de direitos humanos como elementos centrais de seus movimentos. As relações que cultivamos como fontes feministas de financiamento podem ser ainda mais desenvolvidas para fortalecer de forma colaborativa as redes de segurança e cuidados para os ativistas nestas regiões.



Este livro foi finalizado em 2022, após
dois anos de pandemia.

Visite www.rootingcare.org
e aprofunde-se nesta pesquisa.